



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA - POSLA  
MESTRADO EM LINGUÍSTICA APLICADA**

**IARA DE ALMEIDA PIFFER**

**A VOZ DAS RUAS NA MÍDIA: UMA ANÁLISE BAKHTINIANA DA IDEOLOGIA  
SOBRE AS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2013 EM REPORTAGENS DA  
REVISTA ISTOÉ**

**FORTALEZA – CEARÁ  
2015**

**IARA DE ALMEIDA PIFFER**

**A VOZ DAS RUAS NA MÍDIA: UMA ANÁLISE BAKHTINIANA DA IDEOLOGIA  
SOBRE AS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2013 EM REPORTAGENS DA  
REVISTA ISTOÉ**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada – POSLA do Centro de Ciências Humanas da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Linguística Aplicada.

Área de Concentração: Estudos Críticos da Linguagem

Orientador: Prof. Dr. João Batista Costa Gonçalves

**FORTALEZA – CEARÁ**

**2015**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação**

**Universidade Estadual do Ceará**

**Sistema de Bibliotecas**

Piffer, Iara Almeida.

A voz das ruas na mídia: uma análise bakhtiniana da ideologia sobre as Manifestações de Junho de 2013 em reportagens da revista ISTOÉ./ Iara de Almeida Piffer – 2015

CD - ROM: il. color.; 4 ¾ pol.

CD – ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico com 213 folhas, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm).

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Ceará – Centro de Humanidades – Curso de Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada, Fortaleza, 2015.

Área de Concentração: Linguagem e interação.

Orientação: Prof. Dr. João Batista Costa Gonçalves.

1. Círculo Bakhtiniano. 2. Ideologia 3. Reportagens da ISTOÉ 4. Manifestações de Junho de 2013. I. Título

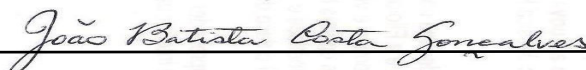
IARA DE ALMEIDA PIFFER

**A VOZ DAS RUAS NA MÍDIA: UMA ANÁLISE BAKHTINIANA DA IDEOLOGIA  
SOBRE AS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2013 EM REPORTAGENS DA  
REVISTA ISTOÉ**

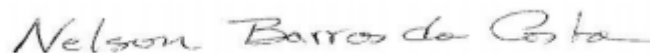
Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada – POSLA do Centro de Ciências Humanas da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Linguística Aplicada. Área de Área de Concentração: Linguagem e interação

Aprovada em: 15/12/2015.

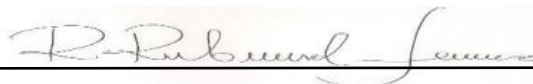
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. João Batista Costa Gonçalves (Orientador)  
Universidade Estadual do Ceará - UECE



Prof. Dr. Nelson Barros da Costa (1º Membro)  
Universidade Federal do Ceará – UFC



Prof. Dr. Raimundo Ruberval Ferreira (2º Membro)  
Universidade Estadual do Ceará – UECE

À minha mãe, Elda Rodrigues de Almeida,  
por ter me mostrado, pacientemente, o  
valor e a importância do conhecimento.

## AGRADECIMENTOS

Esta jornada de quase dois anos de mestrado não foi fácil. Neste período, tive que abdicar dos momentos de lazer, afastei-me de amigos e familiares, tornei-me mais reclusa, para, no fim, concluir um sonho que me acompanhou desde a graduação, ter o meu título de mestre.

Como todo caminho árduo, não teria conseguido enfrentá-lo e atravessá-lo sem a ajuda de pessoas queridas, que, mesmo distantes, estavam ao mesmo lado nas horas difíceis. Por este motivo, esta seção jamais deve ser considerada sem importância, pois ela nos dá a oportunidade de sermos gratos com aqueles que fazem parte da nossa vida.

Começo agradecendo a Deus, por ter me abençoado e proporcionado conquistas maravilhosas desde o dia em que coloquei os meus pés em Fortaleza. Sou grata também por Ele ter me dado força, saúde e determinação para concluir o mestrado.

Agradeço aos meus pais, que tanto amo, por terem acreditado em mim, investindo, sem medir esforços, na minha educação. Afinal, como diz minha mãe, “o conhecimento nos acompanha por toda a nossa vida”.

Agradeço à tia Edna, pelo carinho, apoio e conselhos dados quando eu mais precisei.

Agradeço à Taciana Cavalcanti Batista, pela paciência de ter me escutado nos momentos de fraqueza e cansaço e por suas valiosas dicas; sem ela não teria conseguido.

Agradeço ao Roberto da Costa Vasconcelos, um grande amigo, pelas palavras de carinho e força.

Agradeço às minhas “filhas peludas”, Maggie e Boneca. Só quem tem um animal de estimação, sobretudo cachorro, sabe a sensação de paz, alegria e amor que ele transmite.

Agradeço ao meu orientador, prof. Dr. João Batista, que me acompanhou de perto nesta trajetória, sempre com muita paciência, atenção e sabedoria. Graças a ele, consegui, nestes dois anos de mestrado, ampliar meus conhecimentos e ter, daqui para frente, um referencial de excelente professor e orientador.

“A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 1929/2014, p. 99).

## RESUMO

As manifestações ocorridas em junho de 2013 atraíram a atenção da grande mídia, devido à sua grande mobilização nacional. Tal fato fez com que jornalistas questionassem o papel e o “poder” do povo brasileiro, a atitude dos policiais na contenção dos protestos e o comportamento dos políticos frente à tamanha mobilização social. Diante deste panorama histórico, o presente trabalho analisou o conteúdo verbal e verbo-visual de cinco reportagens publicadas pela revista **ISTOÉ** da edição especial denominada **A voz das ruas**, as quais versam sobre as Manifestações de Junho de 2013. Para tal, utilizamos como aporte teórico as propostas desenvolvidas pelo Círculo Bakhtiniano, tendo como categoria maior de análise a ideologia. Buscamos, neste estudo, analisar como os signos ideológicos “manifestantes”, “policiais” e “políticos” expressaram o posicionamento axiológico dos autores das reportagens da **ISTOÉ**. Este estudo nos mostrou que os manifestantes foram caracterizados, ideologicamente, como cidadãos pacíficos que lutaram por um país mais digno; os policiais foram concebidos como despreparados, brutos e, em alguns momentos, omissos, já os políticos foram vistos como assustados e desorientados. Consideramos que este posicionamento ideológico favorável da **ISTOÉ** às Manifestações de Junho de 2013 e desfavorável aos policiais e aos políticos tem uma orientação mercadológica, que se explica, em parte, pelas críticas dos manifestantes ao foco inicial dado pela grande mídia aos atos de vandalismo que aconteceram durante os movimentos. Diante destes dados, constatamos, primeiramente, o movimento dialógico entre a Ideologia Oficial e a Ideologia do Cotidiano, observando que os signos, os quais refletem e refratam a realidade, apresentam diferentes interpretações a partir de quem os enuncia. Além disso, as reportagens do nosso *corpus* não trazem somente a voz dos autores da **ISTOÉ**, nelas encontramos a voz dos manifestantes, de professores renomados etc.

**Palavras-chave:** Círculo Bakhtiniano; Ideologia; Reportagens da **ISTOÉ**; Manifestações de Junho de 2013.



## ABSTRACT

The protests that occurred in June 2013 drew media attention because of their huge national mobilization. As a result, journalists have started questioning the role and power of Brazilian people and the behavior of police officers and politics during the protests. Considering this historical event, this dissertation analyzed the verbal and verbal-visual elements of five articles published in **ISTOÉ** magazine from a special edition called **A voz das ruas**, which approached June 2013 protests. In the analysis process, we based on Bakhtin Circle theory, using ideology as an analysis category. We aimed, in this research, to analyze how the ideological signs “protesters”, “police officers” and “politics” expressed the authors’ ideological position about them. This study has shown that the protesters were characterized, ideologically, as pacific citizen, who fought for a better country; the police officers were considered unprepared, violent and, sometimes, negligent. On the other hand, the politics were considered scared and disoriented. We notice that this favorable ideological position from **ISTOÉ** about 2013 June protests and the fact that this Magazine was contrary to police officers and politics has a marketing orientation, which is, in part, a result of protesters’ critics against the focus that media gave, in the beginning, to the acts of vandalism that occurred during the protests of this social movement. In face of these datas, we found, firstly, the dialogic relation between “Ideologia Oficial” and “Ideologia do Cotidiano”, observing that the signs, which reflect and refract the reality, present different interpretations. In addition, in the articles from our corpus we found, besides the authors’ voices, other social voices, for example, protesters’ voices, professors’ voices etc.

**Keywords:** Bakhtinian Circle; Ideology; Articles from **ISTOÉ** magazine; June 2013 protests.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Refração da Luz.....	63
Figura 2 –	Refração do signo polícia.....	64
Figura 3 –	Categoria de Análise: ideologia.....	83
Figura 4 –	E ainda nem é primavera.....	95
Figura 5 –	As redes sociais e as Manifestações de Junho de 2013.....	99
Figura 6 –	Cartazes contra a grande mídia brasileira nas Manifestações de Junho de 2013.....	101
Figura 7 –	“Estamos atrapalhando a copa? Desculpem a falta de educação”.....	102
Figura 8 –	“Direita? Esquerda? Eu quero é ir para frente”.....	105
Figura 9 –	As pautas das Manifestações de Junho de 2013.....	106
Figura 10 –	A Folha de S. Paulo e as Manifestações de Junho de 2013.....	109
Figura 11 –	Circulação da revista ISTOÉ.....	112
Figura 12 –	Perfil dos leitores da revista ISTOÉ.....	112
Figura 13 –	Capas da revista Veja sobre as Manifestações de Junho de 2013.....	120
Figura 14 –	Capas da revista ISTOÉ sobre as Manifestações de Junho de 2013.....	120
Figura 15 –	Estrutura do gênero discursivo reportagem.....	129
Figura 16 –	Fotografia 1 da reportagem “Falou, tá falado”.....	142
Figura 17 –	Fotografia 2 da reportagem “Falou, tá falado”.....	142
Figura 18 –	Fotografia 3 da reportagem “Falou, tá falado”.....	143
Figura 19 –	Fotografia 1 da reportagem “Apesar de vocês”.....	152
Figura 20 –	Fotografia 2 da reportagem “Apesar de vocês”.....	154
Figura 21 –	Fotografia da reportagem “O grande líder:#vemprarua”.....	160
Figura 22 –	Fotografia 1 da reportagem “O retrato da covardia”.....	168
Figura 23 –	Fotografia 2 da reportagem “O retrato da covardia”.....	170
Figura 24 –	Fotografia 1 da reportagem “Padrão Fifa”.....	176
Figura 25 –	Fotografia 2 da reportagem “Padrão Fifa”.....	177

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Modos gerais de operação da ideologia.....	34
Quadro 2 –	A Ideologia no campo do discurso.....	41
Quadro 3 –	Obras do Círculo Bakhtiniano.....	43
Quadro 4 –	Informações sobre as obras do Círculo Bakhtiniano.....	45
Quadro 5 –	O freudismo: ensaio crítico (1927/2014).....	46
Quadro 6 –	O método formal nos estudos literários: Introdução crítica a uma poética sociológica (1928/2012).....	52
Quadro 7 –	Marxismo e Filosofia da Linguagem (1929/2014).....	60
Quadro 8 –	A polissemia dos signos “polícia” e “manifestante”.....	71
Quadro 9 –	Problemas da poética de Dostoiévski (1963/2013).....	76
Quadro 10 –	A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais (1965/1999).....	80
Quadro 11 –	Os acontecimentos das Manifestações de Junho de 2013.....	97
Quadro 12 –	As cinco novidades nas manifestações do século XIX.....	107
Quadro 13 –	Perfil dos manifestantes das Manifestações de Junho de 2013.	113
Quadro 14 –	Quantidade de reportagens sobre as Manifestações de Junho de 2013 na ISTOÉ e Veja.....	121
Quadro 15 –	<i>Corpus</i> da pesquisa.....	122
Quadro 16 –	Os gêneros jornalísticos.....	126
Quadro 17 –	Legendas da reportagem “Falou, tá falado”.....	143

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>2</b>	<b>OS MÚLTIPLOS OLHARES SOBRE A CONCEPÇÃO DE IDEOLOGIA NOS ESTUDOS DO DISCURSO.....</b>	<b>18</b>
2.1	O OLHAR DE PÊCHEUX SOBRE IDEOLOGIA.....	19
2.2	O OLHAR DE FAIRCLOUGH SOBRE IDEOLOGIA.....	30
2.3	FAZENDO UM BALANÇO: PARTE 1.....	40
<b>3</b>	<b>O CONCEITO DE IDEOLOGIA PARA O CÍRCULO BAKHTINIANO</b>	<b>43</b>
3.1	A IDEOLOGIA EM “O FREUDISMO”.....	44
3.2	A IDEOLOGIA EM “O MÉTODO FORMAL NOS ESTUDOS LITERÁRIOS”.....	51
3.3	A IDEOLOGIA EM “MARXISMO E FILOSOFIA DA LINGUAGEM”.....	59
3.4	A IDEOLOGIA EM “PROBLEMAS DA POÉTICA DE DOSTOIÉVSKI”.....	75
3.5	A IDEOLOGIA EM “A CULTURA POPULAR NA IDADE MÉDIA E NO RENASCIMENTO: O CONTEXTO DE FRANÇOIS RABELAIS”.....	79
3.6	FAZENDO UM BALANÇO: PARTE 2.....	81
<b>4</b>	<b>AS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2013, A GRANDE MÍDIA E A REVISTA ISTOÉ.....</b>	<b>86</b>
4.1	OS MOVIMENTOS SOCIAIS NO SÉCULO XXI.....	88
4.2	OS PROTESTOS QUE ANTECEDERAM ÀS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2013: A PRIMAVERA ÁRABE, OS INDIGNADOS DA ESPANHA E O OCCUPY WALL STREET.....	91
4.3	“O GIGANTE ACORDOU”: AS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2013.....	95
4.4	A GRANDE MÍDIA E SUAS ESTRATÉGIAS COMUNICATIVAS.....	108
4.5	A REVISTA ISTOÉ.....	111
4.6	FAZENDO UM BALANÇO: PARTE 3.....	113

<b>5</b>	<b>A IDEOLOGIA DA REVISTA ISTOÉ FRENTE ÀS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2013.....</b>	<b>115</b>
5.1	TIPO DE PESQUISA.....	115
5.2	A CONSTITUIÇÃO DO CORPUS.....	119
5.3	PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE.....	123
5.4	O GÊNERO DO DISCURSO REPORTAGEM DE REVISTA.....	125
5.5	ANÁLISE DOS POSICIONAMENTOS IDEOLÓGICOS SOBRE AS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2013.....	132
<b>5.5.1</b>	<b>Reportagem 1: Falou, tá falado.....</b>	<b>132</b>
5.5.1.1	Análise dos elementos verbais da reportagem.....	132
5.5.1.1.1	<i>O título.....</i>	133
5.5.1.1.2	<i>O olho.....</i>	134
5.5.1.1.3	<i>Lead e corpo da reportagem.....</i>	135
5.5.1.2	Análise da verbo-visualidade da reportagem.....	141
<b>5.5.2</b>	<b>Reportagem 2: Apesar de vocês.....</b>	<b>146</b>
5.5.2.1	Análise dos elementos verbais da reportagem.....	147
5.5.2.1.1	<i>O título.....</i>	147
5.5.2.1.2	<i>O Olho.....</i>	148
5.5.2.1.3	<i>Lead e corpo do texto.....</i>	148
5.5.2.2	Análise da verbo-visualidade da reportagem.....	151
<b>5.5.3</b>	<b>Reportagem 3: O grande líder: #vemprarua.....</b>	<b>156</b>
5.5.3.1	Análise dos elementos verbais da reportagem.....	156
5.5.3.1.1	<i>O título.....</i>	156
5.5.3.1.2	<i>O olho.....</i>	157
5.5.3.1.3	<i>Lead e corpo do texto.....</i>	157
5.5.3.2	Análise da verbo-visualidade da reportagem.....	159
<b>5.5.4</b>	<b>Reportagem 4: O retrato da covardia.....</b>	<b>162</b>
5.5.4.1	Análise dos elementos verbais da reportagem.....	163

5.5.4.1.1	<i>O título</i> .....	163
5.5.4.1.2	<i>O olho</i> .....	163
5.5.4.1.3	<i>Lead e corpo do texto</i> .....	163
5.5.4.2	Análise da verbo-visualidade da reportagem.....	168
<b>5.5.5</b>	<b>Reportagem 5: Padrão Fifa</b> .....	<b>171</b>
5.5.5.1	Análise dos elementos verbais da reportagem.....	172
5.5.5.1.1	<i>O título</i> .....	172
5.5.5.1.2	<i>O olho</i> .....	173
5.5.5.1.3	<i>Lead e corpo do texto</i> .....	173
5.5.5.2	Análise da verbo-visualidade da reportagem.....	175
<b>5.6</b>	<b>Fazendo um balanço: parte 4</b> .....	<b>178</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>180</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>182</b>
	<b>ANEXOS</b> .....	<b>190</b>
	ANEXO A.....	191
	ANEXO B.....	204
	ANEXO C.....	207
	ANEXO D.....	210
	ANEXO E.....	212

## 1 INTRODUÇÃO

As Manifestações de Junho de 2013<sup>1</sup> começaram timidamente, com apenas alguns manifestantes do Movimento Passe Livre questionando o aumento das tarifas do transporte público. De repente, com a contribuição das mídias sociais<sup>2</sup>, tais como *Facebook*, *Twitter*, *Youtube* etc., estes protestos ganharam proporções gigantescas, alastraram-se por todo o país e adquiriram novos participantes e pautas, entrando para a história do Brasil, assim como os movimentos “Diretas Já<sup>3</sup>” e “Caras-Pintadas<sup>4</sup>”.

Devido a sua magnitude, as manifestações ocorridas em junho de 2013 não transformaram e ocuparam apenas as ruas das cidades brasileiras, elas também mobilizaram a grande mídia<sup>5</sup>, a qual passou a dar cobertura dos eventos dia e noite, a fim de transmitir informações, mostrar imagens e vídeos sobre os últimos acontecimentos.

Diante desta atenção da grande mídia direcionada aos protestos, surgiram também questionamentos a respeito dos conteúdos que foram divulgados sobre as Manifestações de Junho de 2013, pois as notícias destes fatos, assim como todo enunciado, são carregadas de posicionamentos axiológicos<sup>6</sup>, conforme propõe os pensadores do Círculo Bakhtiniano<sup>7</sup>. Nesse sentido, a grande mídia criou

<sup>1</sup> As Manifestações de Junho de 2013 também foram conhecidas como Jornadas de Junho, Revoltas de Junho e Primavera Brasileira. Esta última denominação faz alusão à onda de protestos dos países árabes e norte africano, a qual foi nomeada de Primavera Árabe.

<sup>2</sup> “Mídias sociais são definidas como tecnologias e práticas on-line usadas por pessoas ou empresas para disseminar conteúdo, provocando o compartilhamento de opiniões, ideias, experiências e perspectivas. Seus diversos formatos, atualmente podem englobar textos, imagens, áudio e vídeos” (SOUSA; AZEVEDO, 2010, p. 4).

<sup>3</sup> O “Diretas Já” foi um movimento político que contou com a participação do povo no ano de 1984, seu objetivo era o de reestabelecer as eleições diretas para presidente no Brasil, pois o país, naquela época, era governado por militares.

<sup>4</sup> De acordo com Sobrinho (2008), “Caras Pintadas” foi o nome dado aos estudantes e jovens que pintaram seus rostos de verde e amarelo durante os meses de agosto e setembro de 1992. As passeatas que ocorreram neste período pediam o impeachment do presidente Fernando Collor de Mello. No dia 2 de outubro de 2012, Collor deixou a presidência.

<sup>5</sup> A grande mídia, segundo Simões (2013), “[...] consiste em um tipo de empresa jornalística que pauta o ato de informar, comunicar e entreter pelo retorno financeiro que obterá. A comunicação é vista como mais uma atividade comercial e tem no lucro seu principal objetivo” (SIMÕES, 2013, p. 3). O já citado autor cita como exemplos de grande mídia os “[...] grandes conglomerados empresariais, tais como: as Organizações Globo, o Grupo Folha, Grupo Abril e Grupo Bandeirantes” (SIMÕES, 2013, p. 3).

<sup>6</sup> Neste trabalho, o termo posicionamento axiológico também pode ser encontrado como equivalente a posicionamento ideológico.

<sup>7</sup> O Círculo de Bakhtin, segundo Faraco (2009), “trata-se de um grupo de intelectuais (boa parte nascida por volta da metade da década de 1890) que se reuniu regularmente de 1919 e 1929 [...]”

uma interpretação destes protestos, divulgando, dessa maneira, os seus juízos de valor, bem como seu ponto de vista acerca do que estava acontecendo no país.

Ao termos como pressuposto a não neutralidade dos enunciados, buscamos, neste estudo, responder as seguintes indagações:

- Como os “manifestantes”, “policiais” e os “políticos” foram retratados no conteúdo verbo-visual<sup>8</sup> das reportagens que selecionamos da revista **ISTOÉ**?
- De que maneira a entonação valorativa<sup>9</sup>, na verbo-visualidade, revela a ideologia contida nas reportagens sobre as Manifestações de Junho de 2013 na revista **ISTOÉ**?

Portanto, esta pesquisa almeja analisar, à luz da teoria do Círculo Bakhtiniano, qual a ideologia dos autores<sup>10</sup> das reportagens selecionadas da **ISTOÉ** sobre os “manifestantes”, “policiais” e “políticos”. Para tal, buscaremos examinar quais estratégias verbais e visuais foram utilizadas para se referir a estes sujeitos, baseando-nos, para isso, na entonação destes enunciados.

Quanto à contribuição e relevância desta pesquisa, esta irá proporcionar a reflexão de como a grande mídia, mas especificamente a revista **ISTOÉ**, reproduziu as manifestações em suas reportagens. Optamos por este meio de comunicação, e não por outros, pela maior quantidade de reportagens veiculadas nesta revista sobre as Manifestações de Junho de 2013.

(FARACO, 2009, p. 13). Salientamos que, nesta dissertação, utilizaremos a nomenclatura Círculo Bakhtiniano. Já Sériot (2015) considera que “[...] a expressão Círculo de Bakhtin” é uma invenção tardia e apócrifa. Pelo simples fato de ser proferida como uma evidência, ela gera a ilusão retrospectiva de que Bakhtin teria sido uma espécie de líder, o chefe carismático de um grupo de estabilidade institucional reconhecida” (SÉRIOT, 2015, p. 28). Apesar de a denominação adotada por nós beneficiar Bakhtin, conforme salienta Sériot (2015), destacamos que o arcabouço teórico do Círculo possui contribuições significativas de outros membros, tais como Volochínov e Medviédev. Portanto, somente adotamos o nome “Círculo Bakhtiniano” por este ser usado com frequência por estudiosos desta vertente.

<sup>8</sup> Ao nos referirmos à análise verbo-visual iremos utilizar os termos “texto” ou “conteúdo”, uma vez que consideraremos que o elemento verbal e visual compõe um único texto. A divisão aqui será feita somente para efeitos didáticos. Além disso, enfatizamos que o termo “verbo-visual” ou “verbo-visualidade” não são encontrados nos escritos do Círculo Bakhtiniano, visto que estas denominações foram criadas por Brait a partir de leituras feitas por ela das obras deste grupo de intelectuais.

<sup>9</sup> O termo “entonação valorativa” também pode ser denominado, nas obras do Círculo Bakhtiniano, de posicionamento axiológico, posicionamento ideológico, entonação, entoação, acento valorativo e acento apreciativo.

<sup>10</sup> Para Bakhtin, o autor é considerado como o “criador de enunciado cuja posição ela expressa” (BAKHTIN, 2002, p. 184).



No que concerne aos estudos acadêmicos já realizados sobre as Manifestações de Junho de 2013, verificamos que muitos estão em processo, devido ao fato de este acontecimento ser recente. Dentre os que já foram concluídos, a maioria destes desenvolveram pesquisas comparativas entre as informações sobre os protestos veiculadas na grande mídia e na mídia alternativa<sup>11</sup>, como pode ser constatado nos artigos: **Mídia Alternativa e Grande Imprensa: As manifestações de junho na ótica do Brasil de Fato e da Folha de S.Paulo** de Simões (2013), **Manifestações populares no Brasil atual: sociedade civil em rede e reivindicações sobre o poder político** de Pujol, Rocha e Sampaio (2014) e **Movimentos sociais, redes virtuais e mídia alternativa no junho em que “o gigante acordou”(?)** de Peruzzo (2013) etc.

Outras pesquisas direcionaram-se ao estudo dos acontecimentos das Manifestações de Junho de 2013, apresentando um caráter sociológico e histórico. Podemos mencionar como exemplo destes trabalhos os livros: **Protesta Brasil: das redes sociais às manifestações de rua** de Fernandes e Roseno (2013), **Cidades Rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil** organizado por Harvey, Maricato, Davis et al (2013), **Jornadas de junho: repercussões e leituras**, organizado por Sousa e Souza (2013) e **Vozes silenciadas**, organizado por Silva (2014).

O estudo que mais se assemelha a nossa pesquisa é o capítulo **Em cartaz, a cara e o corpo da linguagem das ruas**, de Brait e Dugnan (2014), que foi publicado na obra **Dialogismo: teoria e(m) prática**. Neste texto, as autoras analisam alguns cartazes das Manifestações de Junho de 2013, adotando, para isso, assim como o nosso procedimento metodológico, uma abordagem de cunho discursivo, visto que se pauta nos fundamentos dos membros do Círculo Bakhtiniano e uma análise do elemento verbo-visual<sup>12</sup>. Nessa dissertação, porém, o nosso *corpus* é constituído por reportagens da **ISTOÉ**.

---

<sup>11</sup> A mídia alternativa atua “[...] como uma ferramenta para a comunicação no campo popular, sem deixar de lado a militância social, ficando implícito que jornalistas e/ou comunicadores devem estar dentro do conflito, sempre com a clara tendência a democratizar a palavra e a informação” (MORAES, 2009 apud SIMÕES, 2013, p. 5).

<sup>12</sup> Iremos dividir a nossa análise em verbal e verbo-visual por focarmos, em um primeiro momento, nos aspectos lexicais e sintáticos, ou seja, faremos um estudo do conteúdo verbal, e, posteriormente, iremos nos concentrar nas fotos que estão nas reportagens e nos textos que acompanham estas imagens, observando, portanto, o conteúdo verbo-visual.

Em relação à organização desta dissertação, esta foi dividida em quatro capítulos. No primeiro capítulo, iremos discorrer sobre os conceitos do termo ideologia na Análise do Discurso francesa e na Análise do Discurso Crítica, estabelecendo um paralelo com a proposta do Círculo Bakhtiniano. Posteriormente, no segundo capítulo, iremos construir o conceito de ideologia do Círculo, baseando-nos, para isso, na teorização que este grupo de pensadores formulou sobre a ideologia nas obras: **O Freudismo** (1927), **O método formal nos estudos literários** (1928), **Marxismo e filosofia da linguagem** (1929), **Problemas da Poética de Dostoiévski** (1963) e **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento** (1965). No capítulo seguinte, abordaremos o contexto sócio-histórico das Manifestações de Junho de 2013, discutindo as características dos movimentos sociais na atualidade. Logo após, analisaremos as reportagens que compõem nosso *corpus*, tendo como categoria de análise a ideologia. Por fim, terminaremos a última parte com as conclusões a que chegou à pesquisa.

## 2 OS MÚLTIPLOS OLHARES SOBRE A CONCEPÇÃO DE IDEOLOGIA NOS ESTUDOS DO DISCURSO

“Como ideologia é uma palavra ‘maldita’ (pelas incontáveis significações sociais que pode veicular)” (FARACO, 2009, p. 46).

Neste capítulo, mostraremos as múltiplas concepções do termo ideologia nos estudos do discurso. Torna-se salutar dedicarmos este momento da dissertação para essa discussão, tendo em vista que a ideologia, nesta pesquisa, não é abordada apenas como um conceito teórico, mas sim como uma categoria de análise, a qual requer um estudo detalhado e bem delineado teoricamente. Assim sendo, iremos demonstrar como o termo ideologia é concebido nas duas vertentes mais representativas no estudo do discurso, a saber, a Análise do Discurso de Michel Pêcheux e na Análise do Discurso Crítica<sup>13</sup> de Norman Fairclough à luz da perspectiva da Análise Dialógica do Discurso (daqui para frente ADD), a qual se baseia nas ideias do Círculo Bakhtiniano. Portanto, apresentaremos os pontos de convergência e divergência destas perspectivas teóricas sobre a concepção de ideologia a partir dos postulados da ADD.

No que se refere à origem do termo ideologia, Brandão (1996) aponta que este foi criado em 1810 pelo filósofo Destutt de Tracy e era caracterizado como uma atividade mental que buscava analisar a faculdade de pensar. As ideias, nesta visão, eram consideradas fenômenos naturais que exprimiam a relação do meio ambiente com o corpo humano.

Entretanto, foi com Napoleão Bonaparte, segundo Chauí (2008), que a palavra “ideologia” ganhou sentido pejorativo, sendo vista, conforme salienta Brandão (1996), como “[...] uma doutrina irrealista e sectrária, sem fundamento objetivo, e perigosa para a ordem estabelecida” (BRANDÃO, 1996, p. 19).

A partir de então, a “ideologia”, de acordo com Gardiner (2002) passa a ser considerada, por muitos estudiosos, inclusive por Marx e, posteriormente, por Pêcheux e Fairclough, os quais foram influenciados pela proposta marxista, como algo negativo, capaz de deturpar a realidade, mascarando-a com o intuito de

---

<sup>13</sup> Adotaremos aqui a denominação **Análise do Discurso Crítica**, todavia encontramos também o termo **Análise Crítica do Discurso** para se referir à vertente teórica proposta por Norman Fairclough.

dominar. Este fato os distancia da abordagem do Círculo Bakhtiniano, a qual concebe a ideologia como um fenômeno social. Conforme Gardiner (2002) aponta

[...] vale a pena salientar que o Círculo de Bakhtin não usou o termo ideologia em um sentido abertamente pejorativo, como uma categoria epistemológica que denota falsidade ou erro cognitivo. Voloshinov e Medvedev evitaram cuidadosamente qualquer implicação psicológica: ideologia para eles era um fenômeno social irreduzível [...] (GARDINER, 2002, p. 69, tradução nossa)<sup>14</sup>.

Ao partirmos destes diferentes posicionamentos teóricos acerca do termo ideologia, ao longo dos anos, optamos por realizar este estudo comparativo, no primeiro capítulo, para darmos a dimensão de como este conceito basilar, nos estudos do discurso, foi concebido de maneira distinta pelas vertentes da ADD, AD e ADC. Posteriormente, no segundo capítulo, abordaremos, por meio de um mergulho aprofundado nas principais obras que contemplam o arcabouço teórico do Círculo Bakhtiniano, como este grupo de intelectuais concebeu a ideologia.

Para tal, dividimos o capítulo em questão em três partes. Primeiramente, apresentaremos a concepção de ideologia proposta pela Análise do Discurso (AD) de Pêcheux, estabelecendo um paralelo com a teoria do Círculo Bakhtiniano. No segundo momento, faremos um estudo comparativo entre a visão da Análise do Discurso Crítica (ADC) de Fairclough e do Círculo Bakhtiniano sobre ideologia. Por fim, na terceira parte, traremos uma síntese do que foi exposto nos dois tópicos anteriores.

## 2.1 O OLHAR DE PÊCHEUX SOBRE IDEOLOGIA

Antes de abordarmos as diferenças entre o conceito de ideologia para Pêcheux e para o Círculo Bakhtiniano, iremos expor as similaridades destas duas perspectivas teóricas, visto que, apesar de as reflexões da ADD e AD terem sido produzidas com 40 anos de separação, como afirma Indursky (2005), ambas criticam a visão de língua sistêmica proposta pelo estruturalista Saussure, o qual exclui o social.

---

<sup>14</sup> “[...] it is worth stressing that the Bakhtin Circle did not use the term ideology in an overtly pejorative sense, as an epistemological category denoting falsity or cognitive error. Voloshinov and Medvedev studiously avoided any such psychological overtones: ideology for them was an irreducibly social phenomenon [...]” (GARDINER, 2002, p. 69).

A concepção de língua que atrela os aspectos sociais e históricos irá contribuir para o estudo da ideologia nestas duas vertentes teóricas, uma vez que o Círculo Bakhtiniano, ao abordar o signo ideológico, teoria que será exposta no próximo capítulo, considera as relações sociais, bem como interindividuais no processo de significação. Em relação à abordagem de Pêcheux, a qual, além de considerar os aspectos sociais, também assevera que a língua, segundo Orlandi (2010), deve dar conta do histórico, pois a AD, para pensar na ideologia, considera a interpretação, e esta, para fazer sentido, necessita da história.

Outro aspecto que une estas duas vertentes, na visão de Bombonato (2008), diz respeito ao fato de que estes não consideravam a ideologia no nível do espírito dos povos. Para a ADD e a AD, ela é constituída em um processo histórico e dialético, a partir das lutas de classes. A linguagem, desse modo, funciona como a materialização da ideologia.

Sendo assim, estes teóricos acreditavam ser impossível desconsiderar o ideológico e o histórico separadamente ao estudar a linguagem. Portanto, a ideologia não pode derivar da consciência, mas sim das relações sociais. A respeito deste aspecto, Bakhtin/Volochínov<sup>15</sup> (1929/2014)<sup>16</sup>, na obra **O Freudismo**, comentam que

[...] todo o verbal no comportamento do homem (assim como os discursos exterior e interior) de maneira nenhuma pode ser creditado a um sujeito singular tomado isoladamente, pois não pertence a ele, mas sim ao seu grupo social (ao seu ambiente social) (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 1929/2014, p. 86).

Além disso, os pensadores do Círculo Bakhtiniano se distanciam da visão mecanicista de Marx sobre ideologia, a qual expõe que o funcionamento da sociedade está associado às relações que são estabelecidas entre a infraestrutura (forças produtivas e relações de produção) e a superestrutura, sendo que cabe ao

---

<sup>15</sup> Na obra **O Freudismo**, utilizaremos para referência o nome de Bakhtin/Volochínov, embora nas referências conste apenas Bakhtin como autor desta obra. Realizamos tal escolha por acreditarmos que Volochínov foi o autor deste livro. Destacamos ainda que a grafia do nome Volochínov pode ser encontrada de outras duas formas: Voloshinov e Volosinov. Utilizamos, nesta dissertação, a opção Volochínov por esta ser a maneira adotada na versão que consultamos do livro **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Portanto, este nome só irá aparecer, neste trabalho, com grafia diferente a esta quando for escrito em citações diretas de outros autores.

<sup>16</sup> Optamos por colocar duas datas nas obras do Círculo Bakhtiniano, sendo a primeira referente ao ano de publicação e a segunda, a edição consultada.

Estado (Aparelho Repressor), para usarmos uma terminologia althusseriana, o papel de assegurar que as classes dominantes dominem a classe trabalhadora, por meio da extorsão da mais-valia<sup>17</sup>.

Esta visão de ideologia como a “ideia da classe dominante”, de acordo com Thompson (1999), é uma das acepções do termo ideologia na obra **Ideologia Alemã**<sup>18</sup> escrita por Marx e Engels. Neste mesmo livro, os autores também criticam a perspectiva teórica dos “jovens hegelianos” e defendem a concepção de Napoleão, o qual considerava a ideologia como ilusória e enganosa.

Conde (1999) afirma que para Marx a ideologia é abordada a partir de uma consciência e visão de mundo, tendo como característica o seu caráter monopolar, isto é, o fato de a ideologia ser utilizada por apenas uma camada da sociedade, a burguesia. Já em relação à perspectiva do Círculo Bakhtiniano, o termo “ideologia” não se emprega apenas no sentido de classe dominante, “[...] mas também é usado no sentido amplo que o termo assume, sobretudo a partir de Lênin, e que permite aplicá-lo tanto a ‘ideologia burguesa’ como a ‘ideologia proletária’ e a ‘ideologia científica’.” (PONZIO, 2008, p. 115).

Ainda sobre a ideologia da classe dominante, constatamos que, além de o Círculo não apresentar esta visão monopolar, acreditando no uso da ideologia apenas por parte da burguesia, acrescentamos também que os pensadores russos não sugeriram a existência de uma ideologia dominante, mas sim a ideologia como um terreno de conflitos e contestações. Nesse sentido, Gardiner (2002) esclarece que:

[...] eles não sugeriram que a “ideologia dominante” é imposta pela classe dominante em uma massa flexível. Ao invés disso, eles salientam que a

---

<sup>17</sup> De acordo com Marx e Engels, “A mais-valia é produzida pelo emprego da força de trabalho. O capital compra a força de trabalho e paga em troca o salário. Ao trabalhar, o operário produz um novo valor, que não lhe pertence, mas sim ao capitalista. É necessário que trabalhe um certo tempo para restituir, unicamente, o valor do salário. Mas, feito isto, não para e trabalha ainda algumas horas do dia. O novo valor que então produz, e que ultrapassa portanto o montante do salário, chama-se mais-valia” (MARX; ENGELS, 1979, p. 44).

<sup>18</sup> Destacamos que o Círculo Bakhtiniano, Althusser, Pêcheux e Fairclough, ao abordarem Marx em suas teorias, seja para criticá-lo ou para se apropriar de seus conceitos, baseiam-se no livro **Ideologia Alemã** de Marx e Engels. Contudo, vale salientar que, de acordo com Thompson (1999), Marx vai além das acepções presentes nesta obra. O pensador alemão também considera que “ideologia é um sistema de representações que servem para sustentar relações existentes de dominação de classes através da orientação das pessoas para o passado em vez de para o futuro, ou para imagens e ideais que escondem as relações de classe e desviam da busca coletiva de mudança social” (THOMPSON, 1999, p. 58).

ideologia representa o terreno de constatação semiótica e luta. Como Susan Stewart convincentemente escreveu, ideologia é vista pelo o Círculo como uma “arena de conflito” [...] (GARDINER, 2002, p. 77, tradução nossa)<sup>19</sup>.

Sendo assim, Bakhtin/Volochínov (1929/2014) criticam a perspectiva marxista sobre ideologia, uma vez que, para os pensadores do Círculo Bakhtiniano, a concepção de que a infraestrutura determina a ideologia é sustentada por uma relação de “causalidade”, o que é contrário aos fundamentos do marxismo, o qual considera que a infraestrutura e a superestrutura exercem influência entre si, sendo o signo o mediador deste processo. A este respeito, Ponzio (2008) pondera que:

Bakhtin insiste que as estrutura e superestruturas se relacionam de forma dialética, e os signos são o elemento mediador entre ambas. Portanto, podemos dizer que a ideologia, para Bakhtin, não é uma simples “visão de mundo”, mas uma projeção social, no sentido em que define Rossi-Landi: a mesma pode reproduzir a ordem social existente e manter como “definitivas” e “naturais” os sentidos que as coisas têm em um determinado sistema das relações de produção ou, ao contrário, discutir e subverter na prática essas relações e sua articulação sógnico-ideológica, quando impedem o desenvolvimento das forças de produção (PONZIO, 2008, p. 116).

De maneira geral, diante do que foi exposto até o momento, podemos dizer que tanto o Círculo Bakhtiniano quanto Pêcheux buscam entrelaçar ideologia e linguagem. Contudo, eles divergem na maneira como fazem este entrelaçamento. Segundo Indursky (2005), para Bakhtin,<sup>20</sup> a noção de ideologia, no campo do discurso, se dá pelo viés do signo, em Pêcheux, esta relação é realizada pelo viés do sujeito.

Salientamos que, apesar de apresentar uma concepção de ideologia focada no signo, Bakhtin (e o Círculo como um todo), em nenhum momento, descarta o sujeito em sua teoria. Para o pensador russo e os demais membros do Círculo Bakhtiniano, o signo ideológico carrega os juízos de valor de um determinado indivíduo, o qual está inserido em um contexto sócio-histórico-ideológico. Sendo assim, não se é possível conceber o signo ideológico isolado, isto é, sem a presença do sujeito e de seu horizonte social. Portanto, reiteramos que

<sup>19</sup> “[...] they do not suggest that a ‘dominant ideology’ is imposed by the ruling class on a pliant mass. Rather, they stress that ideology represents the terrain of semiotic contestation and struggle. As Susan Stewart has cogently written, ideology is viewed by the Circle ‘as an arena of conflict’ [...]” (GARDINER, 2002, p. 77).

<sup>20</sup> Indurski (2005) menciona apenas Bakhtin em seus escritos. Contudo, pontuamos que a ideologia não foi discutida apenas por Bakhtin. Como veremos no próximo capítulo, outros pensadores do Círculo também contribuíram para este estudo, tais como Volochínov e Medviédev.

Indursky (2005), ao expor que Bakhtin aborda a ideologia pelo viés do signo, não exclui o sujeito e o contexto, ela apenas enfatiza que o signo é visto por Bakhtin como a principal expressão da ideologia. O mesmo ocorre quando a autora em questão menciona Pêcheux e expõe que este se pauta no sujeito. A AD francesa também considera o signo em sua teoria, visto que vê a ideologia como uma materialidade linguística, estando, assim, presente no discurso.

Devido ao fato de a ideologia estar atrelada, na Análise do Discurso francesa (AD), à concepção de sujeito, iremos expor aqui como a AD concebia-o para, posteriormente, abordar mais detalhadamente o conceito de Ideologia nesta vertente.

A Análise do Discurso passou por três fases, cada qual apresentando visões diferenciadas de sujeito. É na primeira fase da Análise do Discurso em que o sujeito é considerado “assujeitado” pelo sistema. Sobre este aspecto, Costa (2005) acentua que “[...] segundo a concepção de sujeito dessa fase, o sujeito mais do que fala, é *falado*.” (COSTA, 2005, p. 18).

Este período foi marcado pelos estudos de Althusser (1996)<sup>21</sup> em **Ideologia e Aparelhos ideológicos de Estado**. Esta obra apresenta uma releitura da proposta de Marx sobre a concepção de estruturação social e ideologia. Vale destacar que o filósofo francês não descarta o pensamento marxista, ele apenas pretende “superá-lo”, complementando-o. Althusser (1996) afirma que a teoria descritiva que Marx apresenta sobre o Estado “[...] representa uma fase na constituição da teoria, a qual exige a ‘superação’ desta fase.” (ALTHUSSER, 1996, p. 112).

Para tal, Althusser (1996) inclui em seu estudo os Aparelhos Ideológicos de Estados (AIES)<sup>22</sup>. Estes mecanismos, assim como o Aparelho Repressivo do Estado objetivam, de acordo como já citado autor, a reprodução de seus valores e mecanismos de coesão. O que os diferencia principalmente é modo de

---

<sup>21</sup> A obra **Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado** foi publicada em abril de 1970. A data desta referência, 1996, refere-se à edição que consultamos. Salientamos ainda que optamos por manter a data original de publicação apenas nos livros produzidos pelo Círculo Bakhtiniano.

<sup>22</sup> Em **Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado**, Althusser (1996) traz como exemplos de Aparelhos Ideológicos do Estado (AIEs): o AIE religioso (o sistema das diferentes Igrejas), o AIE escolar (o sistema das diferentes “escolas”, pública e particulares), o AIE familiar, o AIE jurídico, o AIE político (o sistema político, incluindo os diferentes partidos, o AIE sindical, o AIE da informação (imprensa, rádio e televisão etc) e o AIE cultural (literatura, artes, esportes etc.).



funcionamento: o primeiro age predominantemente pela ideologia e o segundo pela repressão (inclusive pela repressão física).

Vale salientar que Althusser sofreu influências de Gramsci, um filósofo italiano que também fez uma interpretação do pensamento de Marx. Sobre as contribuições de Gramsci na teoria de Althusser, Oliveira (2013) esclarece:

A clareza com que Gramsci viu a importância das instituições para a disseminação de concepções de mundo foi essencial para Althusser elaborar seus conceitos de sobredeterminação, ideologia, aparelhos ideológicos de Estado, aparelhos repressivos de estado e interpelação ideológica, os quais, por sua vez, influenciaram profundamente o pensamento de Pêcheux, fundador da análise do discurso da vertente francesa. (OLIVEIRA, 2013, p. 42).

Tendo como base, portanto, estes conceitos de Althusser e relacionando-os com as teorias de Pêcheux, observamos que o fundador da AD francesa foi influenciado por estas teses sobre ideologia ao expor que o sujeito é “assujeitado” pelo sistema em virtude das ideologias que o interpelam.

Esta interpelação ideológica consiste em fazer com que cada indivíduo (sem que ele tome consciência disso, mas ao contrário, tenha a impressão de que é senhor de sua própria vontade) seja levado a ocupar lugar em um dos grupos ou classes de uma determinada formação social. As classes sociais, assim constituídas mantêm relações que são reproduzidas continuamente e garantidas materialmente pelo que Althusser denominou de AIE. (BRANDÃO, 1996, p. 38).

No que se refere às maneiras de agir de cada Aparelho Ideológico do Estado, Althusser (1996) comenta o modo de funcionamento deste, utilizando para isso exemplos.

O aparelho político, submetendo os indivíduos à ideologia política do Estado, à ideologia “democrática” “indireta” (parlamentar) ou “direta” (plebiscitária ou fascista). O aparelho da informação empurrando cada “cidadão” com doses diárias de nacionalismo, chauvinismo, liberalismo, moralismo etc, através da imprensa, do rádio e da televisão. O mesmo se aplica ao aparelho cultural (o papel do esporte no chauvinismo é de suma importância) etc. O aparelho religioso, lembrando em seus sermões, e nas outras grandes cerimônias do nascimento, casamento e morte, que o homem é apenas cinzas, a menos que ame seu próximo a ponto de dar a outra face a quem quer que bata primeiro. (ALTHUSSER, 1996, p. 121).

Verificamos, neste trecho, o poder que Althusser atribui aos Aparelhos Ideológicos do Estado, ao afirmar que estes moldam o pensamento e

comportamento dos indivíduos. Esta mesma concepção é compartilhada por Pêcheux, ao analisar como os discursos afetam os sujeitos pela ideologia, tornando-os sujeitos ideológicos. Sobre este aspecto, Bombonato (2008) comenta que:

Pêcheux, por sua vez, retoma o conceito de AIEs, para fixar o lugar da ideologia na construção de sua teoria do discurso. Para ele, o Aparelho Ideológico de Estado, não é a expressão da ideologia dominante (burguesa), mas o local e o meio para a realização desta dominação, ou seja, a ideologia dominante é propagada nos discursos das igrejas e escolas com o intuito de interpelar os indivíduos como sujeitos, afim de “mascarar” – no sentido marxista do termo – a “realidade”, e dar continuidade à reprodução das condições de produção. (BOMBONATO, 2008, p. 338).

Já na segunda fase da AD, Pêcheux (2010) defende que o sujeito continua sendo ‘assujeitado’. Soma-se a isto o fato de este novo momento da Análise do Discurso ter introduzido em suas teorias o conceito de “Formação Discursiva (FD)”<sup>23</sup>, utilizado por Foucault e o de “Interdiscurso”<sup>24</sup>. Sobre a subjetividade, Pêcheux (2010) assevera que “[...] o sujeito do discurso continua sendo concebido como puro efeito de assujeitamento à maquinaria da FD com a qual ele se identifica.” (PÊCHEUX, 2010, p. 310).

No que diz respeito ao segundo período da AD, segundo Possenti (1996), citado por Costa (2005), há um esforço da Análise do Discurso em evitar o sujeito cartesiano, o qual possui consciência. É neste contexto em que a releitura de Lacan sobre Freud traz contribuições para a AD. Lacan também acredita em um sujeito dividido entre o consciente e inconsciente, sendo este inconsciente, na visão de Brandão (1996), o discurso do Outro<sup>25</sup>. Sobre este fato, Walsh (2011) afirma que “A psicanálise acrescenta a esse sujeito o inconsciente, que o fragmenta. Além de ser interpelado ideologicamente, ele não é autônomo porque também é constituído por rupturas, equívocos.” (WALSH, 2011, p. 11).

---

<sup>23</sup> De acordo com Orlandi (2010), “a Formação Discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito [...]” (ORLANDI, 2010, p. 43).

<sup>24</sup> Interdiscurso, segundo Orlandi (2010), “[...] é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos.” (ORLANDI, 2010, p. 33).

<sup>25</sup> O “Outro” (grafado com letra maiúscula) é visto por Pêcheux como constituinte do discurso do sujeito, assujeitando-o. Este “Outro”, portanto, é o discurso que está presente no inconsciente do sujeito, diferentemente do “outro” (com letra minúscula) que, na AD, diz respeito ao para quem o discurso está sendo produzido.

Em relação ao inconsciente, Bakhtin/Volochínov (1929/2014), em **O Freudismo**, criticam a concepção freudiana, a qual coloca, por exemplo, simples desejos e sentimentos no campo do inconsciente, como se estes fossem frutos de “mecanismos psíquicos mecânicos”, sem relação ideológica. A respeito do inconsciente, Bakhtin/Volochínov (1929/2014) problematizam

Observemos o trabalho da censura<sup>26</sup>. Freud a considera um “mecanismo” que funciona de modo totalmente inconsciente (como o leitor está lembrado, a consciência, além de não controlar o trabalho da censura, nem chega a suspeitar de sua existência). Mas com que sutileza esse “mecanismo inconsciente” adivinha todos os matizes lógicos dos pensamentos e nuances morais dos sentimentos! A censura revela uma imensa competência ideológica e requinte; produz entre as experiências emocionais uma seleção puramente lógica, ética e estética. Será isso compatível com a sua estrutura inconsciente, mecânica? (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 1929/2014, p. 70).

Ainda sobre o inconsciente, Bakhtin/Volochínov (1929/2014) reiteram que

Esse mesmo caráter sumamente “consciente” e ideológico é revelado por todos os demais “mecanismos psíquicos” de Freud (por exemplo, o mecanismo de transferência<sup>27</sup> que o leitor já conhece); de fato, o que há menos nele é o mecanismo. Não são nada naturais, mas ideológicos. (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 1929/2014, p. 70).

Diante destes apontamentos, observamos que Bakhtin/Volochínov se opõem à teoria do inconsciente proposta pela psicanálise freudiana. Desta forma, “[...] para os membros do Círculo de Bakhtin, consciência (subjetividade, a psique) não é autossuficiente, uma entidade pré-constituída, mas é formada por meio de uma luta dialógica entre ‘vozes’ ou discursos rivais.” (GARDINER, 2002, p. 72, tradução nossa).

Esta perspectiva teórica adotada pelo Círculo diverge da assumida pela Análise do Discurso. O sujeito da AD, segundo Walsh (2011), pensa ter controle sobre o próprio dizer. Contudo, este é constituído discursivamente, ou seja, não tem

---

<sup>26</sup> De acordo com Bakhtin (1929/2014), a censura é uma forma psíquica específica, a qual dirige o recalque. A censura “[...] se situa na fronteira entre os sistemas do inconsciente e da consciência. Tudo o que está na consciência ou pode integrá-la é rigorosamente censurado.” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 1929/2014, p. 33).

<sup>27</sup> Segundo Bakhtin/Volochínov (1929/2014), “O mecanismo de transferência é um elemento muito importante da teoria e da prática psicanalíticas. Por esse mecanismo, Freud entende a transferência inconsciente das paixões recalçadas, principalmente as sexuais, do objeto imediato para outro que o substitui: assim, a paixão pela mãe ou a hostilidade ao pai costumam ser transferidas para o médico durante as sessões de psicanálise e com isto são superadas.” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 1929/2014, p. 40).

origem em si mesmo, estando submetido à língua, à ordem simbólica e à ideologia. Complementando este pensamento, Sériot (2015, p.14) afirma que “a análise do discurso só faz sentido mediante o reconhecimento de que o sujeito é dividido, de que ele não controla a totalidade de seus dizeres, enquanto vive na ilusão de que é o único autor deles.” Em contrapartida, sobre a perspectiva bakhtiniana de sujeito, Sériot (2015) diz que:

O sujeito em Bakhtin é um indivíduo concreto, real, único, ancorado numa situação, que tem a particularidade de estar em “diálogo” permanente com a fala dos outros indivíduos, isto é, de responder ao outro de antecipar sua reação. (SÉRIOT, 2015, p. 15).

Após esta retomada dos postulados da AD sobre a subjetividade e as convergências e divergências da teoria de Pêcheux em relação à proposta do Círculo Bakhtiniano, iremos expor, de agora em diante, a maneira como Pêcheux concebe a ideologia. A respeito deste assunto, Orlandi (2010) enfatiza a relevância que a Análise do Discurso dá à interpretação, uma vez que esta passou a atestar a presença da ideologia, visto que, ao interpretar, o homem produz evidências e coloca-se na relação imaginária com suas condições materiais de existência.

É o gesto de interpretação que realiza essa relação do sujeito com a língua, com a história, com os sentidos. Esta é a marca da subjetivação e, ao mesmo tempo, o traço da relação da língua com a exterioridade: não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia. Ideologia e inconsciente estão materialmente ligados. (ORLANDI, 2010, p. 47).

Orlandi (2010) também assinala que a ideologia, para Pêcheux, não é vista como conjuntos de representações, como ocultamento da realidade ou como visão de mundo. A ideologia, enquanto prática significativa, é efeito da relação necessária do sujeito com a língua e a história para que assim haja sentido.

Este trabalho ideológico, na concepção da já citada autora, é considerado um trabalho da memória e do esquecimento, visto que o dizer só produz seu efeito de literalidade quando passa para o anonimato. “[...] é justamente quando esquecemos quem disse ‘colonização’ quando, onde e porquê, que o sentido de colonização produz seus efeitos.” (ORLANDI, 2010, p. 49).

No que se refere à teoria do Círculo Bakhtiniano sobre ideologia, constatamos, primeiramente, que “não se encontrará ideia alguma de alienação em Bakhtin, Volosinov e Medvedev.” (SÉRIOT, 2015, p. 16). Os estudiosos do Círculo

compreendiam a ideologia como o reflexo e refração da realidade praticada por diferentes grupos sociais. A respeito da definição de ideologia, Sériot (2015) comenta que há somente uma ocasião em que Volochínov (1930) define-a. O pensador russo diz que

Por ideologia compreendemos todo o conjunto de reflexos e de refrações no cérebro humano da realidade social e natural, expresso e fixados por ele sob forma verbal, de desenho, esboço ou sob uma outra forma semiótica (VOLOCHÍNOV<sup>28</sup> citado por SÉRIOT, 2015, p. 16).

Portanto, concluímos que, para o Círculo Bakhtiniano, a ideologia não é pautada em falsa ilusão, assujeitamento e inversão da realidade. Ela baseia-se na significação que determinado grupo dá aos conteúdos da realidade. Esta realidade não é retratada tal como ela é, caso contrário seria considerada um reflexo fiel; ela é, na verdade, uma refração na medida em que representa o posicionamento axiológico de um grupo social. Destacamos também que a citação de Voloshinov deixa claro que estes reflexos e refrações não são expressos apenas pela forma verbal, mas por outras semioses, tais como: imagens, objetos etc. Em outras palavras, o Círculo Bakhtiniano defende a ideia de que estes signos refletem e refratam o mundo e, ao fazerem isso, carregam diversas interpretações e juízos de valor, sendo, portanto, ideológicos.

De acordo com a perspectiva bakhtiniana, portanto, os signos ideológicos não são simples formas vazias ('dead husks') que passivamente convergem a uma representação unitária de uma realidade pré-existente de maneira distorcida ou fiel. (GARDINER, 2002, p. 70, tradução nossa)<sup>29</sup>.

Já Pêcheux interessa-se pelo sujeito, considerando-o interpelado pela ideologia e inscritos em lugares sociais, identificando-se com os saberes da Formação Discursiva em que o seu discurso está inserido.

Além disso, outro aspecto que diferencia o Círculo Bakhtiniano e Pêcheux diz respeito ao fato de o Círculo interessar-se por abordar a noção de indivíduo em suas teorias, observando as relações interindividuais destes socialmente. Nesta

---

<sup>28</sup> Volochínov define ideologia em seu ensaio **Quelle est la langue?** (1930), conforme mencionado por Sériot (2015).

<sup>29</sup> "According to the Bakhtinian perspective, therefore, ideological signs were not simply empty forms ('dead husks') which obligingly conveyed a unitary representation of a pre-existent reality, whether in a distorting or a faithful manner." (GARDINER, 2002, p. 70).

perspectiva, Bakhtin e os estudiosos do Círculo abordam também as diferentes vozes contidas em um enunciado, ou seja, a polifonia<sup>30</sup> e a dialogia<sup>31</sup>. Tal foco é possível ser constatado no livro **Problema da Poética de Dostoiévski**, em que Bakhtin (1963/2013) aponta que a ideia não se origina na consciência individual isolada, ela é constituída por outros discursos.

Dostoiévski conseguiu ver, descobrir e mostrar o verdadeiro campo da vida da ideia. A ideia não vive na consciência individual isolada de um homem: mantendo-se apenas nessa consciência, ela degenera e morre. Somente quando contrai relações dialógicas essenciais com as ideias dos outros é que a ideia começa a ter vida, isto é, formar-se, desenvolver-se, encontrar e renovar sua expressão verbal, gerar novas ideias. O pensamento humano só se torna pensamento autêntico, isto é, ideia, sob as condições de um contato vivo com o pensamento dos outros, materializando na voz dos outros, ou seja, na consciência dos outros expressa na palavra. É no ponto desse contato entre vozes-consciências que nasce e vive a ideia. (BAKHTIN, 1963/2013, p. 98).

Bakhtin com frequência usa a arte, mais especificamente a literatura, para se referir à ideologia, à dialogia, à polifonia, à carnavalização, dentre outros termos. O pensador russo opta por esta abordagem por acreditar que as relações estabelecidas no campo literário se assemelham ao funcionamento da sociedade, podendo, desta forma, detectar, por exemplo, o movimento dialético da ideologia e das diversas vozes que permeiam os enunciados dos personagens.

Após este levantamento teórico sobre Pêcheux e o Círculo acerca da noção de ideologia, concluímos que, apesar de o Círculo Bakhtiniano e Pêcheux negarem a visão estruturalista de Saussure e incluírem em suas teorias o aspecto social, entrelaçando assim a língua com a ideologia, ambos fazem esta relação de maneira distinta. Ao abordar o termo ideologia, o Círculo Bakhtiniano aciona o signo, considerando-o ideológico e estabelecendo a ligação deste com o indivíduo em suas relações interindividuais. Já Pêcheux vê a ideologia pelo viés do sujeito, o qual é interpelado pela ideologia e inconsciente desse assujeitamento.

Estas divergências teóricas, no entanto, não impediram que estes estudiosos trouxessem contribuições para o campo da análise do discurso,

---

<sup>30</sup> Polifonia, na concepção de Bakhtin, de acordo com Barros (2005), caracteriza “[...] um certo tipo de texto, aquele em o dialogismo se deixa ver, aquele em que são percebidas muitas vozes, por oposição aos textos monofônicos, que escondem os diálogos que os constituem.” (BARROS, 2005, p. 34)

<sup>31</sup> Dialogismo, segundo Barros (2005) é “[...] o princípio dialógico constitutivo da linguagem e de todo discurso [...]” (BARROS, 2005, p. 34).

influenciando gerações posteriores de teóricos desta área. A respeito deste assunto, Eagleton (1991) comenta que os trabalhos de Volochínov e Pêcheux foram pioneiros na análise do discurso, uma vez que

Muito deste trabalho examina como a inscrição de poder social dentro da língua pode ser traçada nas estruturas lexicais, sintáticas e gramaticais – de modo que, por exemplo, o uso de um sujeito abstrato, ou a troca de modo ativo para o passivo, pode servir para obscurecer a agência concreta de um evento social de maneira conveniente para os interesses da ideologia dominante. (EAGLETON, 1991, p. 196, tradução nossa)<sup>32</sup>.

No próximo tópico, iremos expor como Fairclough concebe o termo ideologia, observando no que a Análise do Discurso Crítica se aproxima e se distancia da proposta do Círculo Bakhtiniano.

## 2.2 O OLHAR DE FAIRCLOUGH SOBRE IDEOLOGIA

Assim como na AD, na Análise do Discurso Crítica<sup>33</sup>, o conceito de ideologia também se relaciona ao sujeito. Sendo assim, para melhor compreensão deste termo na ADC, torna-se relevante abordarmos como o sujeito é visto pela ADC para, posteriormente, constataremos as implicações teóricas que esta concepção traz para a ideologia nos postulados de Fairclough.

Resumidamente, na AD, como já foi abordado, o sujeito é visto como “assujeitado”<sup>34</sup>, ou seja, interpelado pela ideologia e dividido entre o consciente e o inconsciente. Já na ADC, o sujeito é considerado um agente crítico, capaz de agir e de realizar mudanças sociais. Sobre este aspecto, Fairclough (2001)<sup>35</sup> afirma que

---

<sup>32</sup> “*Much of this work examines how the inscription of social power within language can be traced in lexical, syntactic and grammatical structures – so that, for example, the use of an abstract noun, or a switch of mood from active to passive, may serve to obscure the concrete agency of a social event in ways convenient for ruling ideological interests*” (EAGLETON, 1991, p. 196).

<sup>33</sup> Segundo Resende e Ramalho (2009), o termo Análise do Discurso Crítica foi cunhado pelo linguista britânico Norman Fairclough pela primeira vez em 1985 no periódico *Journal of Pragmatics*.

<sup>34</sup> Salientamos que esta concepção de sujeito “assujeitado” pela ideologia tem mais força na primeira e segunda fase da AD. Já no terceiro período, Pêcheux também aborda a presença do Outro no discurso, passando a discutir, assim, a heterogeneidade enunciativa. Tal característica revela a influência dos estudos do Círculo Bakhtiniano na teoria de Pêcheux.

<sup>35</sup> Na obra **Discurso de Mudança Social**, Fairclough (2001) afirma que os estudos de Volochínov (1973), os quais estão no livro **Marxismo e Filosofia da Linguagem**, contribuíram mais para a teoria da ideologia do que as bases teóricas fornecidas por Althusser.

Aqui também é importante adotar a posição dialética que defendi anteriormente: os sujeitos são posicionados ideologicamente, mas são também capazes de agir criativamente no sentido de realizar suas próprias conexões entre as diversas práticas e ideologias a que são expostos e de reestruturar as práticas e as estruturas posicionadoras. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 121).

Constatamos, neste trecho, uma crítica ao conceito de ideologia defendido por Althusser (1996), o qual afirma que “a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos.” (ALTHUSSER, 1996, p. 131). O linguista britânico, contrário a esta visão, acredita que, apesar de os sujeitos serem interpelados ideologicamente, eles são capazes de se opor a estas práticas.

Ainda sobre este assunto, Oliveira e Carvalho (2013) afirmam que “Althusser esquece que, entre os indivíduos a serem interpelados pela ideologia, há aqueles que resistem a essa interpelação.” (OLIVEIRA; CARVALHO, 2013, p. 300). Portanto, esta crítica ao conceito de ideologia adotado por Althusser revela que para a ADC é possível realizar mudanças nas estruturas sociais, mesmo com a presença da ideologia.

Walsh (2011) ainda ressalta que, apesar das características acima expostas, não se pode dizer que o sujeito na ADC é visto como “senhor do seu dizer”. Oliveira e Carvalho (2013) reforçam que, segundo Fairclough (2001) “não se deve pressupor que as pessoas têm consciência das dimensões ideológicas de sua própria prática.” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 120).

Diante desta afirmação, verificamos que, embora o sujeito seja capaz de realizar mudanças sociais, ao confrontar-se com ideologias hegemônicas, esse não reflete sobre seu próprio discurso, podendo reproduzir valores ideológicos inconscientemente.

Outro estudo que contribui para a constituição teórica do termo ideologia na ADC refere-se ao conceito de Modernidade Tardia de Giddens, adotado por Fairclough. Resende e Ramalho (2009) analisam que atualmente há uma separação de tempo e espaço, devido à globalização. As pessoas são capazes de se interagir mesmo estando separadas temporal e espacialmente. Este fato faz com que os sujeitos tenham acesso a várias informações, culturas etc. Esta característica acarreta na reflexividade da vida social moderna, isto é, os novos conhecimentos vindos de “fora” possibilitam uma revisão intensa dos atores sociais. Desta forma, os



indivíduos, em contato com diferentes culturas, refletem sobre as mesmas, podendo modificar suas tradições. Sobre esta questão, Resende e Ramalho (2009) reforçam

É com base no conceito de reflexividade que Giddens vê as identidades como uma construção reflexiva, em que as pessoas operam escolhas de estilos de vida, ao contrário das sociedades tradicionais, em que as possibilidades de escolha são pré-determinadas pela tradição. (RESENDE; RAMALHO, 2009, p. 32).

Mediante o exposto, percebe-se que a Modernidade Tardia contribui para a construção reflexiva das identidades, uma vez que os sujeitos realizam escolhas, não estando subordinados a um único padrão, ou seja, determinados pela tradição. Observa-se, desta forma, que Fairclough estuda também as identidades em uma perspectiva de luta hegemônica e ideológica, uma vez que os sujeitos são vistos como integrantes de determinados grupos sociais, muitos deles pertencentes a “minorias”<sup>36</sup>.

Além deste caráter reflexivo dos sujeitos quanto as suas identidades na sociedade, a teoria de Fairclough também contempla a capacidade destes indivíduos de realizarem transformações sociais, combatendo, assim, a hegemonia existente em determinada época. Neste aspecto, verificamos, na ADC, as fortes influências dos postulados de Gramsci. De acordo com Oliveira (2013), o filósofo italiano acredita que as transformações sociais ocorrem por meio da adoção de um posicionamento crítico articulado com a prática social. No entendimento de Gramsci, segundo Oliveira (2013)

[...] para que ocorra uma transformação social em que as classes trabalhadoras conquistem a hegemonia política da sociedade, a teoria precisa ser articulada com a prática. Dito de outra forma: as atividades intelectuais, teóricas, típicas das superestruturas (daí falar-se em filosofia), precisam ser articuladas com as ações práticas, que são típicas da estrutura econômica (daí falar-se em práxis). (OLIVEIRA, 2013, p. 25).

Em relação à hegemonia, na visão de Oliveira (2013), Gramsci comenta que esta é sustentada pelo consentimento e coerção. Sendo assim, para um grupo social assegurar o seu poder, ele difunde suas ideias com o intuito de criar um consenso sobre elas. Entretanto, caso este grupo venha perder o seu poder, ele

---

<sup>36</sup> Esta minoria, à qual o texto se refere, diz respeito a grupos sociais que são vítimas de preconceito, não possuindo voz representativa na sociedade.

deverá mantê-lo por meio da força, ou seja, coerção. Contudo, vale salientar que, segundo Gramsci, sem o consentimento o poder não se sustenta por muito tempo.

Diante desta visão teórica de que o consentimento e a coerção são elementos que colaboram para a manutenção da hegemonia, a teoria de Gramsci trouxe contribuições para os analistas dos discursos, como podemos observar na citação a seguir:

As reflexões que Gramsci realizou sobre a hegemonia, sobre as suas bases consensuais e coercivas, mostraram aos analistas do discurso a importância que o discurso tem para a construção das relações de poder. Mostraram-lhe também que o poder simbólico, instaurado por meio do discurso, é, na maioria das vezes, mais importante que o poder do cassetete e do fuzil da nossa contemporaneidade. (OLIVEIRA, 2013, p. 42).

No que se refere à Análise do Discurso Crítica, para Oliveira (2013, p. 43), Fairclough “[...] recorreu ao conceito de hegemonia proposto por Gramsci para explicar as relações de poder e as possibilidades de transformação da sociedade.” Resende e Ramalho (2009) comentam que o linguista britânico

[...] caracteriza ‘hegemonia’ como domínio exercido pelo poder de um grupo sobre os demais, baseado mais no consenso que no uso da força. A dominação, entretanto, sempre está em equilíbrio instável, daí a noção de luta hegemônica como foco de lutas sobre pontos de instabilidade em relações hegemônicas. (RESENDE; RAMALHO, 2009, p. 43).

A partir desta definição, constatamos não só as influências que Gramsci exerceu na Análise do Discurso Crítica de Fairclough, mas também a relação da hegemonia com o conceito de ideologia, pois a hegemonia, segundo Fairclough (2001), não representa apenas liderança, ela também significa dominação econômica, política, cultural e ideológica de uma sociedade.

Ao adotar o conceito de hegemonia em seu estudo como um poder instável, portanto, temporário, Fairclough distancia-se de Pêcheux e aproxima-se do Círculo Bakhtiniano no momento em que considera o sujeito um agente social, capaz de contestar e realizar mudanças sociais. Entretanto, apesar desta visão reflexiva e dialética, Fairclough, pautado no modelo apresentado por Thompson (2002)<sup>37</sup>, considera, diferentemente da posição do Círculo Bakhtiniano, a ideologia

---

<sup>37</sup> Thompson (1999) e Thompson (2002) são a mesma obra, **Ideologia e Cultura Moderna**. Contudo, nas referências desta dissertação, esta consta como Thompson (1999). Esta diferenciação de ano

como uma dimensão negativa, sendo vista, assim como na AD, como forma de dominação e poder.

Seguindo a perspectiva crítica de Thompson (2002a), na ADC “ideologia” é um conceito inerentemente negativo. É um instrumento semiótico de lutas de poder, ou seja, uma das formas de assegurar temporariamente a hegemonia pela disseminação de uma representação particular de mundo como se fosse a única possível e legítima. (RESENDE; RAMALHO, 2011, p. 25).

No que se refere à ideologia, para Fairclough (1989), de acordo com Resende e Ramalho (2011), esta se torna mais eficaz quando sua ação é menos visível, visto que quando há a reprodução acrítica de

[...] um aspecto problemático do sendo comum, a ideologia segue contribuindo para sustentar desigualdades. Se, ao contrário, desvelamos, desnaturalizamos o senso comum, de maneira consciente, existe a possibilidade de coirmos, anularmos seu funcionamento ideológico. (RESENDE; RAMALHO, 2011, p. 25-26).

Diante do que foi apresentado, observamos que na ADC a ideologia é negativa a partir do momento em que corrobora para as relações desiguais de poder. Estes mecanismos de dominação, por meio da ideologia, possuem cinco modos gerais de operação. Tais elementos podem ser vistos, a seguir, em um quadro elaborado por Resende e Ramalho (2011), o qual sintetiza a teoria de Thompson (1999) sobre os modos gerais de operação da ideologia.

**Quadro 1 – Modos gerais de operação da ideologia**

MODOS GERAIS DE OPERAÇÃO DA IDEOLOGIA	ESTRATÉGIAS TÍPICAS DE CONSTRUÇÃO SIMBÓLICA
<b>LEGITIMAÇÃO</b> Relações de dominação são representadas como legítimas	<b>RACIONALIZAÇÃO</b> (uma cadeia de raciocínio procura justificar um conjunto de relações)
	<b>UNIVERSALIZAÇÃO</b> (interesses específicos são apresentados como interesses gerais)
	<b>NARRATIVAÇÃO</b> (exigências de legitimação inseridas em histórias do passado que legitimam o presente)

---

ocorre devido ao fato de Thompson (1999) ter sido a obra consultada por nós e Thompson (2002) ter sido a obra mencionada por Resende e Ramalho (2011) na citação das autoras.

<b>DISSIMULAÇÃO</b> Relações de dominação são ocultadas, negadas ou obscurecidas	<b>DESLOCAMENTO</b> (deslocamento contextual de termos e expressões)
	<b>EUFEMIZAÇÃO</b> (valoração positiva de instituições, ações ou reações)
	<b>TROPO</b> (sinédoque, metonímia, metáfora)
<b>UNIFICAÇÃO</b> Construção simbólica de identidade coletiva	<b>PADRONIZAÇÃO</b> (um referencial padrão proposto como fundamento compartilhado)
	<b>SIMBOLIZAÇÃO DA UNIDADE</b> (construção de símbolos de unidade e identificação coletiva)
<b>FRAGMENTAÇÃO</b> Segmentação de indivíduos e grupos que possam representar ameaça ao grupo dominante	<b>DIFERENCIAÇÃO</b> (ênfase em características que desunem e impedem a constituição de desafio efetivo)
	<b>EXPURGO DO OUTRO</b> (construção simbólica de um inimigo)
<b>REIFICAÇÃO</b> Retratação de uma situação transitória como permanente e natural	<b>NATURALIZAÇÃO</b> (criação social e histórica tratada como acontecimento natural)
	<b>ETERNALIZAÇÃO</b> (fenômenos sócio-históricos apresentados como permanentes)
	<b>NOMINALIZAÇÃO/ PASSIVAÇÃO</b> (concentração da atenção em certos temas em detrimento de outros, com apagamento de atores e ações)

**Fonte:** Resende e Ramalho (2011, p. 27-28).

O primeiro modo de operação da ideologia foi denominado legitimação. Sobre ele, Resende e Ramalho (2011) explicam que as relações de dominação são apresentadas como justas, dignas de serem apoiadas. A legitimação pode ter como base três estratégias de construção: a racionalização, a universalização e a narrativação. Na racionalização, a legitimação se pauta em fundamentos racionais. No que se refere à universalização, esta usa como mecanismo a apresentação de representações parciais como se estas fossem de interesse geral. Já na narrativação, a legitimação é feita com o uso de histórias do passado que procuram legitimar o presente.

Em relação ao modo da dissimulação, segundo as já citadas autoras, este estabelece relações de dominação por meio da negação ou ofuscação. As estratégias usadas para isto são: o deslocamento, a eufemização e o tropo. No deslocamento ocorre uma recontextualização de termos, em que termos referentes a

um determinado campo são usados em referência a outro. Na eufemização, por sua vez, as ações, instituições ou relações sociais são valorizadas positivamente, ocultando, assim, pontos de instabilidade. Podemos aqui estabelecer um paralelo com a perspectiva do Círculo Bakhtiniano sobre a ideologia, tendo em vista que para se realizar a eufemização, é necessário posicionar-se ideologicamente, o que se pode ser feito por meio da entonação<sup>38</sup>. No que refere à terceira estratégia de construção simbólica, o tropo, a linguagem é usada de modo figurativo, com o intuito de apagar relações conflituosas.

O modo da unificação, para Resende e Ramalho (2011), divide-se em padronização e simbolização da unidade. Fairclough entende por padronização a estratégia de criar um padrão para um determinado referencial, o qual será um fundamento compartilhado por um grupo. Já a simbolização da unidade está relacionada à construção de símbolos e unidades que possuem significação específica para os membros de uma comunidade. Novamente, nesta estratégia de operação ideológica, é possível encontrarmos relações com a proposta do Círculo Bakhtiniano, uma vez que para a ADD o signo é, por excelência, ideológico e este pode expressar-se por meio de símbolos<sup>39</sup>.

Na fragmentação, na concepção de Resende e Ramalho (2011), há a fragmentação de indivíduos e grupos para que se possam estabelecer relações de dominação. Este modo de operação apresenta duas estratégias: a diferenciação e o expurgo. Na diferenciação, enfatizam-se as características que impedem e desunem a constituição coesa de um grupo, já no expurgo do outro, representa-se o grupo que possa vir a ser um obstáculo como um inimigo.

O último modo de operação, para Resende e Ramalho (2011), diz respeito à reificação, a qual possui quatro estratégias: naturalização, eternalização, nominalização e passivação. A naturalização consiste em uma criação social

---

<sup>38</sup> A entonação é a expressão da apreciação valorativa de um enunciado concreto em um contexto sócio-histórico-ideológico. Este juízo de valor pode ser detectado por meio da escolha lexical e sintática, no caso do texto verbal e, pela seleção de imagens, cores, focos de câmara etc., no texto visual.

<sup>39</sup> Bakhtin/Volochínov (1929/2014) informam que todo produto tecnológico, de consumo ou natural pode servir como um símbolo e tornar-se signo ideológico. Para ilustrar este posicionamento, os autores em questão comentam que “o pão e o vinho, por exemplo, tornam-se símbolos religiosos no sacramento cristão da comunhão.” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1929/2014, p. 32). No contexto mencionado acima, o pão e o vinho ganham uma significação e valor ideológico para os cristãos que não teriam se fossem vistos apenas como alimentos por um determinado grupo social que desconhece os fundamentos da Igreja.

tratada como natural, independente da ação humana. Na eternalização, os fenômenos históricos são retratados como permanentes. Já a nominalização e passivação possibilitam o apagamento dos atores e ações.

De modo geral, podemos dizer que estes mecanismos sistematizados por Thompson (1999) são utilizados por Fairclough na ADC, contribuem para o estudo da ideologia nos discursos analisados por esta perspectiva teórica, tendo em vista que mostram as maneiras utilizadas no discurso para se garantir a hegemonia e poder.

A partir deste levantamento teórico sobre a concepção de ideologia para a Análise do Discurso Crítica, é possível inferir que o linguista britânico, além de sofrer influências de diversos estudiosos<sup>40</sup>, também se pautou no Círculo Bakhtiniano. Para Resende e Ramalho (2009), os conceitos sobre os gêneros discursivos e o dialogismo, assim como o enfoque discursivo-interacionista bakhtiniano, foram basilares para a constituição da Análise do Discurso Crítica.

Na perspectiva de Chouliaraki e Fairclough (1999), os gêneros discursivos são abordados como forma de ação, estando relacionados ao significado acional/relacional do discurso. Resende e Ramalho (2011) afirmam que os gêneros na ADC são considerados “[...] maneiras particulares de ação e relação – podem legitimar discursos ideológicos, ou seja, maneiras particulares de representar práticas [...]” (RESENDE; RAMALHO, 2011, p. 61).

As já citadas autoras também comentam que Fairclough baseou-se no Círculo Bakhtiniano ao trazer para sua teoria o postulado de que não se pode homogeneizar os gêneros discursivos, nem tampouco estudar somente a composição formal destes. Diante disso, observamos que ADC mostra, em sua teoria, a relevância do conteúdo extraverbal, considerando que, nos gêneros, há a legitimação de discursos ideológicos.

O que diferencia Bakhtin e Fairclough, neste aspecto, refere-se ao método que estes teóricos utilizam para estudar estes gêneros discursivos. A teoria de Fairclough tem como característica a ampla utilização de modelos de análise, como o proposto por Thompson para se estudar a ideologia. Além disso, conta também com a contribuição da Linguística Sistêmica Funcional (LSF) de Halliday, a

---

<sup>40</sup> Resende e Ramalho (2009) mencionam Foucault (1997, 2003) e Bakhtin (1997, 2002) como teóricos que exerceram influência na elaboração da ADC, pois estes intelectuais vincularam, em seus estudos, o discurso e o poder.

qual considera a língua um sistema aberto e que “[...] percebe os textos não só como estruturados no sistema mas também potencialmente inovadores do sistema [...]” (RESENDE; RAMALHO, 2009, p. 56).

Já a teoria do Círculo Bakhtiniano não propõe um método de análise sistematicamente esquematizado, embora haja, na obra **Marxismo e Filosofia da Linguagem**, algumas regras metodológicas de análise do signo linguístico, a saber:

1. Não separar a ideologia da realidade material do signo (colocando-o no campo da “consciência” ou em qualquer outra esfera fugidia e indefinível);
2. Não dissociar o signo das formas concretas da comunicação social (entendendo-se que o signo faz parte de um sistema de comunicação social organizada e que não tem existência fora deste sistema, a não ser como objeto físico);
3. Não dissociar a comunicação e suas formas de sua base material (infra-estrutura) (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 1929/2014, p. 45).

As regras acima conduzem o estudo do signo ideológico. Portanto, a análise pautada nos fundamentos teóricos do Círculo Bakhtiniano não pode ignorar estes passos metodológicos. Ainda sobre os procedimentos de estudo do signo ideológico, destacamos que este, nos postulados do Círculo Bakhtiniano, expressa sua ideologia por meio da entonação dada no momento da enunciação<sup>41</sup>. Esta entonação, carregada de juízos de valor e de posicionamento ideológico do enunciador, é percebida por meio dos elementos sintáticos e lexicais no caso do texto verbal e pelas imagens, foco de câmera, cores etc. no texto visual. Estas escolhas podem ser observadas na citação abaixo, em que Volochínov e Bakhtin (1926)<sup>42</sup> explicitam como se dá o processo de seleção de palavras por parte do poeta.

Julgamentos de valor, antes de tudo, determinam a seleção de palavras do autor e a recepção desta seleção (a co-seleção) pelo ouvinte. O poeta, afinal, seleciona palavras não do dicionário, mas do contexto da vida onde

---

<sup>41</sup> Na interpretação de Brait e Melo (2005), a enunciação é vista como a fronteira entre a vida e o aspecto verbal, ou seja, está relacionada aos aspectos de natureza extraverbal, os quais garantem a significação de um determinado enunciado concreto.

<sup>42</sup> O texto “**O discurso na vida e o discurso na arte: sobre poética sociológica**” foi assinado por Volochínov em 1926 e traduzido do inglês, a partir do livro *Freudism* (1976), por Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza, para fins didáticos. Não informamos, neste caso, o ano da tradução de Faraco, porque este dado não consta na versão em português consultada por nós. Salientamos ainda que, na tradução em português consta a autoria de Volochínov e Bakhtin, por este motivo, creditamos este material aos dois teóricos.

as palavras foram embebidas e se impregnaram de julgamentos de valor (VOLOCHÍNOV; BAKHTIN, 1926, p. 15).

Portanto, constatamos que uma das similaridades da ADD e ADC diz respeito ao exame do material linguístico em correlação com a prática social. Os gêneros discursivos, neste sentido, são compreendidos como modo de ação. O sujeito, tanto para Fairclough como para o Círculo Bakhtiniano, é capaz de resistir à dominação e operar mudanças sociais.

Na concepção do Círculo Bakhtiniano, a ideologia é considerada uma realização dialógica, visto que é o confronto entre a Ideologia do Cotidiano e a Ideologia Oficial. A Ideologia Oficial, na interpretação de Miotello (2005), é relativamente dominante e procura instaurar uma única concepção de produção de mundo. No que se refere à Ideologia do Cotidiano, esta é vista como fruto dos encontros casuais e fortuitos, as quais podem concordar ou discordar com a Ideologia Oficial. Assim, para Bakhtin/Volochínov (1929/2014), “A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais.” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 1929/2014, p. 42).

Retomando os gêneros do discurso, em **Estética da Criação Verbal**, Bakhtin (1952-1953/2011a) indica que há dois tipos de gêneros discursivos, o primário (simples) e o secundário (complexo). Esta diferenciação feita pelo pensador russo associa-os à Ideologia Oficial e à Ideologia do Cotidiano. Os gêneros discursivos primários, por exemplo, são formados em condições de comunicação imediata, apresentando, desta maneira, a Ideologia do Cotidiano, a qual se revela nestes encontros casuais. Já o gênero discursivo secundário, por ser mais complexo, visto que engloba romances, dramas, pesquisas científicas etc., carregam consigo a Ideologia Oficial, que busca ser dominante.

Destacamos também que, ao abordar a Ideologia do Cotidiano, o Círculo Bakhtiniano rompe com a ideia marxista de que o sujeito era dominado pelas estruturas sociais, agindo passivamente. O Círculo Bakhtiniano apresenta, assim, uma visão dialética, a qual permite o movimento entre a estabilidade e a instabilidade, tendo como participante deste processo um sujeito inter-agente.

Apesar de o Círculo Bakhtiniano e Fairclough compartilharem visões semelhantes acerca do caráter ativo do sujeito, a ADD e ADC se distanciam no que se refere à ideologia. Conforme já foi abordado, a ideologia para a ADC possui um



aspecto negativo, pois é considerada uma forma de dominação e poder. Já para o Círculo Bakhtiniano este termo é desprovido de caracterização negativa ou positiva.

A ideologia, para o Círculo Bakhtiniano, de acordo com Faraco (2013), está relacionada às representações que os diferentes grupos constroem do mundo, sendo, desta maneira, apenas um termo descritivo. Ao ter como base este conceito, o Círculo Bakhtiniano traz para o estudo da ideologia a concepção de que os enunciados possuem posicionamento axiológico, ou seja, sempre carregam um tom volitivo-emocional, impregnado de valores e posicionamentos.

### 2.3 FAZENDO UM BALANÇO: PARTE 1

Mostramos, neste capítulo, os desdobramentos teóricos acerca do conceito de ideologia nas principais correntes de estudo do discurso, a saber, **ADD**, **AD** e **ADC**. Esta discussão nos possibilitou ampliarmos a noção de ideologia com o intuito de se constatar que, apesar de ser um termo basilar no segmento do estudo do discurso, a ideologia é concebida de maneira distinta pelos principais teóricos de cada uma destas vertentes. Observamos também que tanto os intelectuais do Círculo Bakhtiniano quanto Pêcheux e Fairclough beberam em uma mesma fonte: as idéias marxistas. Contudo, não se limitaram a simplesmente reproduzirem a proposta de Marx; eles, cada qual com suas influências, fizeram uma releitura do intelectual alemão e construíram o seu próprio conceito de ideologia. A seguir, elaboramos um quadro para ilustrar o que apresentamos sobre a ideologia.

**Quadro 2 – A Ideologia no campo do discurso**

AD	ADC	ADD
Sofre influência da teoria de Althusser sobre ideologia, o qual fez uma releitura da proposta marxista;	É influenciado por Gramsci e Thompson no que se refere ao conceito de hegemonia e ideologia, os quais fizeram uma releitura da teoria de Marx;	Sofre influências do marxismo. Contudo, há elementos de discordância, tais como a concepção de ideologia da classe dominante e a visão mecanicista da relação entre infraestrutura e superestrutura;
A noção de ideologia, no campo do discurso, é dada pelo viés do sujeito;	Para Fairclough, o sujeito é um agente social crítico, sendo capaz de causar mudanças sociais por meio de sua prática discursiva;	A noção de ideologia, no campo do discurso, é dada pelo viés do signo. Portanto, a ideologia é expressa nos signos;
A ideologia interpela os sujeitos, tornando-os sujeitos ideológicos;	A ideologia na ADC é vista como negativa, uma vez que contribui para as relações desiguais de poder;	A ideologia não está presente na consciência individual do sujeito, pois a consciência é social.
O sujeito, na AD, é inconsciente, ou seja, fragmentado, não tendo controle do que pensa ou diz;	Pautando-se em Thompson (2002), Fairclough apresenta cinco modos gerais de operação da ideologia, a saber: legitimação, dissimulação, unificação, fragmentação e reificação.	A ideologia não apresenta conotação negativa;
A ideologia possui um caráter negativo, pois representa dominação e poder;		A ideologia reflete e refrata a realidade;
		A entonação expressa o posicionamento ideológico de um determinado grupo social;
		Há um movimento dialético entre ideologia oficial e ideologia do cotidiano;
		O indivíduo não é “assujeitado” pela ideologia, visto que ele é capaz de operar mudanças sociais.

**Fonte:** Elaborado pela autora

Após esta síntese do conceito de ideologia para **AD**, **ADC** e **ADD**<sup>43</sup> avançaremos para o capítulo seguinte, o qual irá aprofundar-se no conceito do Círculo Bakhtiniano sobre a ideologia. Para tal, nos pautaremos nos escritos de Volochínov, Medviédev<sup>44</sup> e Bakhtin.

---

<sup>43</sup> No quadro 2, colocamos em primeiro lugar a AD por motivos didáticos. Enfatizamos, assim, que a nossa opção pela ordem destas vertentes não se pautou no ano de surgimento destas, visto que os postulados do Círculo Bakhtiniano, aqui denominado de ADD, originaram-se antes da AD e ADC.

<sup>44</sup> Este nome também pode ser encontrado com a grafia Medvedev. Adotamos a forma “Medviédev” por esta ser a utilizada na tradução, em português, da obra **O Método Formal nos Estudos Literários**.

### 3 O CONCEITO DE IDEOLOGIA PARA O CÍRCULO BAKHTINIANO

Por ideologia compreendemos todo o conjunto de reflexos e de refrações no cérebro humano da realidade social e natural, expresso e fixados por ele sob forma verbal, de desenho, esboço ou sob uma outra forma semiótica (VOLOCHÍNOV citado por SÉRIOT, 2015, p. 16).

No capítulo anterior, optamos por abordar o conceito de ideologia em algumas correntes dos estudos do discurso, avaliadas sob o prisma do pensamento do Círculo Bakhtiniano, a fim de construirmos as múltiplas significações deste termo. Neste tópico, por outro lado, iremos contemplar as principais obras do Círculo Bakhtiniano, as quais constam no quadro a seguir, tendo em vista que o conceito de ideologia não se encontra expresso em apenas uma obra destes intelectuais, mas sim diluído nos materiais produzidos pelos seus principais representantes: Volochínov, Medviédev e Bakhtin.

**Quadro 3 – Obras do Círculo Bakhtiniano**

Abreviatura	Título	Assinatura	Publicado
OF	O freudismo: um esboço crítico	Valentin Volochínov (M. Bakhtin)	1927
MFEL	O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica	Pavel Nikolaevich Medviédev (M. Bakhtin)	1928
MFL	Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem	Valentin Volochínov (M. Bakhtin)	1929
PPD	Problemas da Poética de Dostoiévski	Mikhail Mikhailovich Bakhtin	1963
CPIMR	A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de Rabelais	Mikhail Mikhailovich Bakhtin	1965

Fonte: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin e o Círculo**. São Paulo: Contexto, 2015. Adaptado por nós.

Nestas obras, observaremos o movimento de construção teórica dos pensadores do Círculo Bakhtiniano, cujos materiais teóricos dialogam entre si, uma vez que os conteúdos são constantemente retomados e acrescidos de novas informações. Neste sentido, não encontramos o conceito de ideologia pronto em **O freudismo**, por exemplo. Portanto, apenas a leitura desta obra não nos basta para depreendermos o significado do termo ideologia para estes pensadores. Sendo

assim, para que possamos delinear, de forma mais atenta, a acepção do conceito de ideologia para o Círculo Bakhtiniano, precisamos percorrer os livros elencados acima. No que concerne à divisão deste capítulo, optamos em separá-lo de acordo com as obras selecionadas, apresentando-as em ordem de publicação.

### 3.1 A IDEOLOGIA EM “O FREUDISMO”

A obra **O freudismo**: um esboço crítico (1927/2014), como o próprio nome sugere, faz uma crítica à psicanálise freudiana<sup>45</sup>. De acordo com Moura-Vieira (2015), este não foi o primeiro material produzido por Volochínov com esta característica, há também um artigo denominado **A margem do social**: ensaio sobre o Freudismo (1925) que aborda, de forma crítica, os conceitos da psicanálise freudiana.

Moura-Vieira (2015) sublinha que, apesar de parecer estranho, em um primeiro momento, o interesse do Círculo pela psicanálise, não há, neste comportamento, um desvio dos estudos linguísticos. Ao contrário do que se parece, os textos **A margem do social**: ensaio sobre o Freudismo e **O Freudismo** (doravante **OF**) trouxeram contribuições para as teorias do Círculo Bakhtiniano, pois são consideradas um dos pilares do pensamento dialógico. Diante deste aspecto, Moura-Vieira (2015) sugere que

[...] ao se estudar as obras do freudismo, se enfrente o desafio de estabelecer um diálogo possível entre as ideias afeitas ao campo linguístico e aquelas afeitas ao campo psíquico, sem perder o ponto de vista eminentemente sociológico e materialista científico do pensamento do Círculo bakhtiniano. (MOURA-VIEIRA, 2015, p. 70).

Ao partir do pressuposto de que **OF** oferece contribuições para o estudo do discurso, iremos, a partir desta obra, apresentar a visão que Volochínov/Bakhtin (1927/2014) trazem sobre ideologia, mais especificamente sobre a “ideologia do cotidiano”. Porém, para se compreender este conceito, será necessário retomarmos os fundamentos da psicanálise sobre o consciente e o inconsciente a fim de se estabelecer uma conexão entre os “mecanismos psíquicos” e a “ideologia”.

---

<sup>45</sup> Autores como Stam (1992) avaliam que a crítica à teoria psicanalítica freudiana feita em **OF** não contempla toda a complexidade do pensamento de Freud e acaba reduzindo suas concepções sobre os mecanismos psicológicos em acepções puramente biológicas e fisiológicas.

A título de contextualização, **OF** foi publicado em 1927, apresentando como autor Volochínov. Contudo, de acordo com Moura-Vieira (2015), alguns relatos de pessoas próximas a Bakhtin e ao Círculo, por exemplo, Duvakin, confirmaram a participação de Bakhtin na escritura desta obra. Temos aqui, assim como em outros materiais teóricos produzidos pelo Círculo, como **Marxismo e Filosofia da Linguagem**, a polêmica em relação à autoria. Optamos por designá-lo a Bakhtin e Volochínov<sup>46</sup>, apesar de a tradução brasileira mencionar apenas Bakhtin. Mostraremos, a seguir, diferentes traduções do livro **OF**, ao longo dos anos, em outros idiomas. Nosso intuito é o de expor, nesta síntese, como a autoria desta obra é controversa. Ademais, demonstramos também os títulos deste livro, o tradutor e o ano de publicação.

**Quadro 4 – Informações sobre as obras do Círculo Bakhtiniano**

IDIOMA	AUTORIA	TÍTULO	TRADUTOR	ANO
	Voloshinov	<i>Freudianism: a marxist critique</i>	I.R. Titunik	1976
<b>INGLÊS/ RUSSO</b>	Voloshinov	<i>Freudianism: a critical sketch</i>	I.R. Titunik	1987
<b>FRANCÊS/ RUSSO</b>	Bakhtin	<i>Le freudism: essai critique</i>	G. Verret	1980
<b>ESPAÑHOL/INGLÊS</b>	Voloshinov	<i>Freudismo: um bosquejo crítico</i>	Jorge Piatigorsky	1999
<b>PORTUGUÊS/ FRANCÊS</b>	Bakhtin	O freudismo: um esboço crítico	Paulo Bezerra	2014

**Fonte:** MOURA-VIEIRA, M. A. O freudismo: uma crítica à ideologia psiquiátrico-psicanalítica. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin e o Círculo**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 60.

Quanto à sua constituição e conteúdo, **OF** apresenta dez capítulos divididos em três partes. A primeira, denominada **O freudismo e as correntes atuais do pensamento em filosofia e psicologia**, a qual aborda as principais correntes da psicologia da época, a subjetiva<sup>47</sup> e a objetiva<sup>48</sup>, bem como o motivo ideológico da psicanálise. Na segunda parte, **Exposição do freudismo**, tem-se, de maneira didática, os conceitos da psicanálise freudiana. Já em **Crítica ao**

<sup>46</sup> Reiteramos que na lista de referências consta apenas o nome de Bakhtin como autor de **OF**, visto que a tradução feita em português não considera a autoria de Volochínov.

<sup>47</sup> Na psicologia subjetiva, a vida psíquica se apresenta ao homem a partir de sua experiência interior.

<sup>48</sup> Na psicologia objetiva, a vida psíquica se apresenta ao homem por meio de outras pessoas. Pautase, portanto, nas experiências externas deste indivíduo.

**freudismo**, Bakhtin/Volochínov (1927/2014) criticam as teorias freudianas, ao defender um estudo sociológico e dialético do indivíduo. Logo abaixo, para melhor visualização, seguem as divisões e os nomes dos capítulos que compõem este livro.

**Quadro 5 – O freudismo: ensaio crítico (1927/2014)**

<b>Parte I:</b>	<b>O freudismo e as correntes atuais do pensamento em filosofia e psicologia</b>
<b>Cap. 1</b>	O motivo ideológico central do freudismo
<b>Cap. 2</b>	Duas tendências da psicologia atual
<b>Parte II</b>	<b>Exposição do freudismo</b>
<b>Cap. 3</b>	O inconsciente e a dinâmica psíquica
<b>Cap. 4</b>	O conteúdo do inconsciente
<b>Cap. 5</b>	O método psicanalítico
<b>Cap. 6</b>	A filosofia e a cultura em Freud
<b>Parte III</b>	<b>Crítica ao Freudismo</b>
<b>Cap. 7</b>	O freudismo como variedade da psicologia subjetiva
<b>Cap. 8</b>	A dinâmica psíquica como luta de motivos ideológicos
<b>Cap. 9</b>	Conteúdo da consciência como ideologia
<b>Cap. 10</b>	Crítica às apologias marxistas do freudismo

**Fonte:** MOURA-VIEIRA, M. A. O freudismo: uma crítica à ideologia psiquiátrico-psicanalítica. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin e o Círculo**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 66.

Como o foco deste estudo é demonstrar a interlocução entre a psique e a ideologia na visão de Bakhtin/Volochínov (1927/2014), iremos nos ater na terceira parte desta obra, **Crítica ao Freudismo**. Entretanto, antes de nos concentrarmos neste tópico, vamos discutir sobre o “motivo ideológico” da psicanálise, a sexualidade, sob a qual erigiu a teoria psicanalítica freudiana.

Segundo Bakhtin/Volochínov (1927/2014), a abordagem sexualizada do homem foi fator responsável pela ampla difusão da psicanálise freudiana pela Europa, tornando-a tão famosa. Para os pensadores russos, Freud, assim como a concepção científica predominante nos países europeus, concebia o homem a partir de seu aspecto biológico, no caso da psicanálise, agregava-se a esta abordagem o caráter da psique sendo constituída a partir da sexualidade e idade dos indivíduos. As pessoas, desta forma, não eram concebidas pelo papel que exerciam na sociedade e na economia, mas sim pelo viés de sua sexualização.

É sumamente ilustrativo e sumamente interessante um traço do freudismo: a completa sexualização da família e de todas as relações familiares sem exceção (o complexo de Édipo). A família – pilar e esteio do capitalismo, - tornou-se evidentemente pouco compreensível em termos econômicos e sociais e pouco falantes ao coração, razão por que é possível a sua completa sexualização, uma espécie de nova interpretação, um “estranhamento”, como diriam os “formalistas”. O complexo de Édipo é, efetivamente, um excelente estranhamento da célula familiar. O pai não é o

dono da empresa, o filho não é o herdeiro: o pai é apenas o amante da mãe; o filho, o seu rival. (BAKHTIN;VOLOCHÍNOV, 1927/2014, p. 91).

Neste ponto reside a primeira crítica de Bakhtin/Volochínov (1927/2014) à teoria freudiana. Nas obras produzidas pelo Círculo Bakhtiniano, é evidente o foco que estes estudiosos dão ao social e as relações interindividuais. Ao ter estes elementos como pressupostos, não se é possível pensar na formação psíquica de um indivíduo pautando-se apenas nos fatores biológicos, mais precisamente, sexuais. Acerca desta questão, Bakhtin/Volochínov (1927/2014) argumentam:

Efetivamente, não existe o indivíduo biológico abstrato, aquele indivíduo biológico que se tornou o alfa e o ômega da ideologia atual. Não existe o homem fora da sociedade, conseqüentemente, fora das condições socioeconômicas objetivas. Trata-se de uma abstração simplória. O indivíduo humano só se torna historicamente real e culturalmente produtivo como parte do todo social, na classe e através da classe. Para entrar na história é pouco nascer fisicamente: assim nasce o animal, mas ele não entra na história. É necessário algo como um segundo nascimento, um nascimento social. O homem não nasce como um organismo biológico abstrato, mas como fazendeiro ou camponês, burguês ou proletário: isto é o principal. Ele nasce como russo ou francês e, por último, nasce em 1800 ou 1900. Só essa localização social e histórica do homem o torna real e lhe determina o conteúdo da criação da vida e da cultura. Todas as tentativas de evitar esse segundo nascimento – o social – e deduzir tudo das premissas biológicas de existência do organismo são irremediáveis e estão condenadas ao fracasso: nenhum ato do homem integral, nenhuma formação ideológica concreta (o pensamento, a imagem artística, até o conteúdo de um sonho) pode ser explicada e entendida sem que se incorporem as condições socioeconômicas. Além do mais, nem as questões específicas da biologia encontrarão solução definitiva sem que se leve plenamente em conta o espaço social do organismo humano em estudo. Porque “a essência humana não é o abstrato inerente ao indivíduo único. É o conjunto das relações sociais em sua efetividade. (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 1927/2014, p.11).

A psicanálise freudiana, contrariando esta visão social, acredita que os conteúdos recalçados<sup>49</sup> no inconsciente, os quais afetam o comportamento das pessoas, podendo desencadear histerias, medos, psicopatologias etc., são provenientes de um mecanismo exclusivamente psíquico, sem relação com o exterior. Cabe ao psicanalista, portanto, acessar este material censurado, por meio da interpretação que este dá aos sonhos ou aos enunciados verbalizados de seu paciente.

---

<sup>49</sup> De acordo com Bakhtin/Volochínov (1927/2014), denomina-se recalque o processo psíquico de mover para o inconsciente as experiências emocionais que se tornaram ilegais para a consciência.



Nesta abordagem, salientamos dois aspectos que a proposta do Círculo Bakhtiniano discorda com a teoria de Freud. Primeiramente, há uma controvérsia no que diz respeito à maneira orgânica e individual de se conceber o conteúdo do psiquismo na psicanálise. Em segundo lugar, Bakhtin/Volochínov (1927/2014) criticam a concepção freudiana sobre a relação entre médico e paciente.

No que se refere à abordagem subjetiva, de acordo com Bakhtin/Volochínov (1927/2014), o conteúdo recalcado, ou seja, censurado e movido para o inconsciente, não é fruto de um mecanismo psicológico arbitrário, mas sim ideológico, sendo denominado por eles como uma “luta de motivos”. Esta luta é estabelecida, para Bakhtin/Volochínov (1927/2014), entre a consciência oficial (consciência) e a não-oficial (inconsciência), ocorrendo, entre estes dois lugares, a passagem, ou não, do conteúdo do discurso interior<sup>50</sup> para o discurso exterior<sup>51</sup>.

Sobre este processo de exteriorização do discurso interior para o discurso exterior, Bakhtin/Volochínov (1927/2014) afirmam que quanto maior for o distanciamento ideológico entre o conteúdo destas duas consciências (oficial e não-oficial), mais difícil será para o material do discurso interior passar para o discurso exterior.

Quanto mais amplo e mais profundo é o divórcio entre a consciência oficial e não-oficial tanto mais dificuldade têm os motivos do discurso interior para passar ao discurso exterior (falado, escrito, impresso; no círculo social estreito e amplo) e aí ganhar forma, clareza e força. Tais motivos começam a definhir, a perder sua feição verbal e pouco a pouco se transformam em um “corpo estranho” no psiquismo. Por essa via grupos inteiros de manifestações orgânicas podem ser desalojados dos limites do comportamento verbalizado, podem tornar-se a-sociais. Assim se amplia o campo do “animal” no homem, do a-social nele. (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 1927/2014, p. 90).

Estas divergências ideológicas entre os conteúdos da consciência oficial e não-oficial estão relacionadas às diferentes camadas da Ideologia do Cotidiano<sup>52</sup>. Por Ideologia do Cotidiano, Bakhtin/Volochínov (1927/2014) afirmam que esta é

---

<sup>50</sup> O discurso interior, para o Círculo Bakhtiniano, diz respeito ao conteúdo que se encontra na mente do indivíduo, ou seja, não foi exteriorizado.

<sup>51</sup> De acordo com o Círculo Bakhtiniano, o discurso exterior refere ao conteúdo mental que foi exteriorizado pelo indivíduo.

<sup>52</sup> As camadas da ideologia do cotidiano serão abordadas de forma mais detalhada no livro **Marxismo e Filosofia da Linguagem**, porém, para compreensão deste conceito, informamos que estas camadas estão relacionadas com a capacidade de o indivíduo expressar o conteúdo do discurso interior para o exterior. Quanto mais longe estiver de se exteriorizar este conteúdo do discurso interior, mais inferior será esta camada da ideologia do cotidiano.

constituída tanto pelo discurso interior quanto pelo exterior, penetrando assim o comportamento dos indivíduos. Diferentemente da Ideologia Oficial, a qual possui como característica seu caráter relativamente dominante, a Ideologia do Cotidiano, por outro lado, é proveniente das contradições existentes na sociedade; isto explicaria o seu aspecto móvel. É válido ressaltar que, apesar de ser vista como enformada, a Ideologia Oficial pode ser influenciada pela Ideologia do Cotidiano de maneira dialética. Sobre a Ideologia do Cotidiano, Bakhtin/Volochínov (1927/2014) salientam que:

Em certos sentidos, essa ideologia do cotidiano é mais sensível, compreensiva, nervosa e móvel que a ideologia enformada, “oficial”. No seio da ideologia do cotidiano é que se acumulam aquelas contradições que, após atingirem certo limite, acabam explodindo o sistema da ideologia oficial. (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 1927/2014, p. 88).

A respeito da luta existente entre a Ideologia Oficial e a do Cotidiano, Bakhtin/Volochínov (1927/2014) comentam que:

É claro que nem todo campo do comportamento humano pode estar sujeito a um afastamento tão completo em relação à forma ideológica verbalizada porque nem todo motivo, uma vez tendo entrado em contradição com a ideologia oficial, degenera em um obscuro discurso interior e perece: ele pode entrar em luta com a ideologia oficial. Tal motivo, se está fundado na existência econômica de todo um grupo, se não é motivo de um solitário desclassificado, tem um fundo social talvez até vitorioso. Tal motivo não terá quaisquer fundamentos para tornar-se a-social, para abandonar os contatos. Só inicialmente ele irá desenvolver-se em um pequeno meio social, entrará na clandestinidade, mas não em uma clandestinidade psicológica de complexos recalçados e sim em uma clandestinidade política sadia. É assim que se cria a ideologia revolucionária em todos os campos da cultura. (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 1927/2014, p. 90).

Outra crítica que repousa na teoria freudiana refere-se, conforme já foi exposto, à relação estabelecida pelo médico e paciente, em que este relata as suas experiências para que aquele o ajude interpretando-as. De acordo com Freud, as enunciações produzidas pelo paciente são oriundas do psiquismo individual deste. Tal afirmação, segundo Bakhtin/Volochínov (1927/2014), não procede, uma vez que toda enunciação verbalizada é considerada um produto da interação entre os falantes e a situação social em que estes estão inseridos.

Nenhuma enunciação verbalizada pode ser atribuída exclusivamente a quem enunciou: é produto da interação entre falantes e, em termos mais amplos, produto de toda uma situação social em que ela surgiu. Em outra passagem, procuramos mostrar que todo produto da linguagem do homem,

da simples enunciação vital a uma complexa obra literária, em todos os momentos essenciais é determinado não pela vivência subjetiva do falante mas pela situação social em que soa essa enunciação. A linguagem e suas formas são produtos de um longo convívio social de um determinado grupo de linguagem. A enunciação a encontra pronta no aspecto fundamental. Elas são o material da enunciação, o qual lhe restringe as possibilidades. O que caracteriza precisamente uma dada enunciação – a escolha de certas palavras, certa teoria da frase, determinada entonação da enunciação – é a expressão da relação recíproca entre os falantes e todo o complexo ambiente social em que se desenvolve a conversa. (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 1927/2014, p. 79).

Portanto, o paciente não diz tudo ao médico, há, antes desta enunciação verbalizada, uma análise do que pode ser dito naquele contexto, escolhe-se a maneira mais adequada de se expor determinado assunto, as palavras consideradas corretas para aquela ocasião. Por sua vez, o médico também tenta estabelecer a sua autoridade, impondo, na concepção de Bakhtin/Volochínov (1927/2014), o seu posicionamento sobre a doença e os sintomas do paciente. Nesta relação, portanto, verificamos a existência de posicionamentos axiológicos, tanto do médico quanto do paciente, os quais, nem sempre, possuem idades, posição social, dentre outras características, iguais, contribuindo, assim, para a ocorrência da “luta” ideológica entre eles.

Ao ter como base o que foi exposto, constatamos que Bakhtin/Volochínov (1927/2014) apresentam uma concepção de consciência e inconsciência diferente da proposta freudiana, pois incluem, neste processo psíquico, a ideologia. Este fato fica evidente na obra **OF** pela crítica que Bakhtin/Volochínov (1927/2014) fazem ao enfoque que Freud dá aos aspectos biológicos e sexuais na formação da psique dos indivíduos, esquecendo-se que estes não são seres isolados, mas sim sociais, sendo, desta maneira, constituídos pela relação que estabelecem entre si e com o meio externo.

Concluimos, dessa forma, que, dentro da perspectiva teórica contemplada na obra **OF**, fica evidente a postura contrária de Bakhtin/Volochínov (1927/2014) ao sujeito inconsciente, o qual, como discorreremos no primeiro capítulo, é defendido na primeira fase da Análise do Discurso, que se pauta na releitura feita por Lacan sobre as ideias de Freud. Portanto, o livro **OF** não contribui apenas para a noção do conceito de ideologia no entendimento do Círculo Bakhtiniano, vendo-a como um mecanismo de regulação entre os conteúdos do discurso interior e o exterior, sofrendo influências do seu entorno social, ele também revela a concepção de sujeito postulada por estes intelectuais russos.

### 3.2 A IDEOLOGIA EM “O MÉTODO FORMAL NOS ESTUDOS LITERÁRIOS”

O livro **O método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica (doravante **MFEL**) foi publicada em 1928 com a assinatura de Pavel Nikolaevich Medviédev. Apesar de apresentar como autor Medviédev, nesta obra também nos deparamos com controvérsias quanto a sua autoria. Estudiosos do material produzido pelo Círculo, bem como tradutores, de acordo com Grillo (2015), dividem-se em três posições. Uns acreditam que a obra é de Bakhtin, alegando que Medviédev não possuía “calibre intelectual” suficiente para elaborar um texto desta magnitude. Outros defendem a autoria original de Medviédev, uma vez que o livro apresenta vocabulário marxista, diferente das obras bakhtinianas. Por fim, há aqueles que mantêm os dois nomes como autores. Aqui, adotaremos o segundo posicionamento, por acreditarmos que esta obra foi escrita apenas por Medviédev.

Conforme informa Brait (2014) na apresentação de **MFEL**, esta obra foi conhecida pelos brasileiros, primeiramente, a partir das versões em língua inglesa. No prefácio de **MFEL**, Grillo (2012) comenta que a obra foi traduzida recentemente para o português por ela, Sheila Camargo Grillo (falante nativa de português) e Ekaterina Vólkova Américo (teórica da literatura e falante nativa de russo).

No que concerne ao conteúdo de **MFEL**, este livro, embora aborde questões referentes à teoria literária, fazendo uma crítica ao Formalismo e levantando a necessidade de uma perspectiva sociológica neste método, mostra-se relevante no estudo da ideologia por discutir sobre a presença das esferas ideológicas no campo literário.

Observamos, assim, que, ao criticar o Formalismo, Medviédev (1928/2012) corrobora também para o estudo do discurso, pois introduz, neste campo teórico, conceitos que servirão para a análise de gêneros discursivos não relacionados à literatura. Dentre estes conceitos, destacamos a avaliação social e o ideologema<sup>53</sup>.

Sobre a contribuição de **MFEL**, Brait (2014) afirma que, “embora os títulos, da obra e dos capítulos sugiram a ideia de estudos exclusivamente literários,

---

<sup>53</sup> Na obra **O método formal nos estudos literários**, a palavra ideologema é sinônima de produto ideológico.

a discussão passa por questões fundamentais para a compreensão do gênero do discurso de forma geral”<sup>54</sup> (BRAIT, 2014, p. 14), dentre eles a ideologia.

Em relação ao seu conteúdo, **MFEL** traz, ao longo de seus capítulos, de maneira diluída, questionamentos sobre o método formalista de estudo da literatura. Como o nosso objetivo aqui é o de contemplar os momentos em que esta obra discorre sobre a ideologia, não traremos detalhes sobre o Formalismo, tais como surgimento, principais teóricos etc., iremos nos deter somente nos momentos em que Medviédev (1928/2012) sugere a contribuição da Ciência da ideologia no procedimento de análise literária, bem como a capacidade que a literatura tem de retratar a ideologia presente na ciência, religião e moral. Para melhor compreensão da divisão deste livro, trouxemos abaixo os nomes das quatro partes que o compõem e seus respectivos capítulos.

**Quadro 6 – O método formal nos estudos literários: Introdução crítica a uma poética sociológica (1928/2012)**

<b>Primeira parte</b>	<b>Objeto e tarefas dos estudos literários marxistas</b>
Capítulo primeiro	A ciência das ideologias e suas tarefas imediatas
Capítulo segundo	As tarefas imediatas dos estudos literários
<b>Segunda parte</b>	<b>Uma contribuição à história do método formal</b>
Capítulo primeiro	A corrente formal nos estudos da arte da Europa Ocidental
Capítulo segundo	O método formal na Rússia
<b>Terceira parte</b>	<b>O método formal na poética</b>
Capítulo primeiro	A linguagem poética como objeto da poética
Capítulo segundo	O material e o procedimento como componentes da construção poética
Capítulo terceiro	Os elementos da construção artística
<b>Quarta parte</b>	<b>O método formal na história da literatura</b>
Capítulo primeiro	A obra de arte como um dado externo à consciência
Capítulo segundo	A teoria formalista do desenvolvimento histórico da literatura

**Fonte:** Elaborada pela autora.

Nos capítulos **A ciência das ideologias e suas tarefas imediatas** e **As tarefas imediatas dos estudos literários**, os quais se encontram na primeira parte do livro, Medviédev (1928/2012) coloca a literatura como um dos ramos da ciência da ideologia, estando inserida no campo da criação ideológica, juntamente com a ciência, moral e religião.

Ao partir da concepção de que a literatura faz parte do campo da criação ideológica, Medviédev (1928/2012) acredita ser possível estudar a ideologia

---

<sup>54</sup> Esta citação foi retirada da apresentação do livro **O método formal nos estudos literários**, a qual foi escrita por Beth Brait (2012).

presente nas obras literárias. Contudo, o pensador russo aponta que este estudo encontra-se ainda em estado embrionário. Além disso, menciona a cultura idealista<sup>55</sup> e o positivismo nas ciências humanas<sup>56</sup> como exemplos de ramos da ciência da ideologia que se encontram em crise.

Medviédev (1928/2012), contrário a estas vertentes, propõe então a elaboração de uma ciência marxista das ideologias, cujo posicionamento teórico pauta-se no materialismo dialético. Sobre esta proposta, Grillo (2015), baseando-se na obra **MFEL**, reitera que Medviédev, no campo literário, também rejeita a Poética Sociológica de viés marxista, por esta reduzir o conteúdo literário ao reflexo da realidade extraliterária e o Formalismo, uma vez que esta vertente nega a existência da realidade na obra literária.

Por sua vez, Medviédev (1928/2012), no estudo da literatura, tem como principal objetivo criar uma abordagem sociológica que contemple não apenas a obra literária, mas todos os outros campos da criação ideológica (a ciência, moral e religião). Estes produtos ideológicos (ideologema), para Medviédev (1928/2012), fazem parte da realidade material e social que está ao redor do homem.

As concepções de mundo, as crenças e mesmo os instáveis estados de espírito ideológicos também não existem no interior, nas cabeças, nas “almas” das pessoas. Eles tornam-se realidade ideológica quando realizados nas palavras, nas ações, na roupa, nas maneiras, nas organizações das pessoas e dos objetos, em uma palavra, em algum material em forma de um signo. Por meio desse material, eles tornam-se parte da realidade que circunda o homem. (MEDVIÉDEV, 1928/2012, p. 48-49).

Enfatizamos ainda que, na concepção de Medviédev (1928/2012), a comunicação é concebida como o local em que o fenômeno ideológico ganha, pela primeira vez, existência específica, caráter de signo e significado ideológico. A obra de arte, assim como os outros produtos ideológicos, também é objeto de comunicação. Nela, deve-se verificar a interação das pessoas, as relações sociais. Segundo Medviédev (1928/2012)

---

<sup>55</sup> No entendimento de Medviédev (1928/2012), o idealismo possui uma visão de vida ideológica como uma consciência solitária.

<sup>56</sup> Segundo Medviédev (1928/2012), o positivismo nas ciências humanas busca explicar o objeto ideológico a partir de leis mecânicas e naturais.

A literatura insere-se na realidade ideológica circundante como sua parte independente e ocupa nela um lugar especial sob a forma de obras verbais organizadas de determinado modo e com uma estrutura específica própria apenas a elas. Ela, como qualquer estrutura ideológica, refrata à sua maneira a existência socioeconômica em formação. Porém, ao mesmo tempo, a literatura, em seu “conteúdo”, reflete e refrata as reflexões e as refrações de outras esferas ideológicas (ética, cognitiva, doutrinas políticas, religião, e assim por diante), ou seja, a literatura reflete, em seu “conteúdo”, a totalidade desse horizonte ideológico, do qual ela é uma parte. (MEDVIÉDEV, 1928/2012, p. 60).

Nesta citação, constatamos que, de acordo com o teórico russo, a especificidade da literatura é o que Grillo (2015) denomina de “ideologia em grau segundo”, uma vez que a literatura em seu conteúdo não reflete e refrata apenas a realidade, mas também os reflexos e as refrações provenientes de outras esferas ideológicas. Daí a relevância de se propor um método para se estudar as obras literárias, pois a partir dela, podemos depreender a ideologia presente em outros campos da criação ideológica. Ainda a respeito deste reflexo e refração<sup>57</sup>, Medviédev (1928/2012) comenta que

Em qualquer enredo ou motivo que consideremos, havemos de desvendar sempre os valores puramente ideológicos que constituem sua estrutura. Se os concebermos, se colocarmos o homem diretamente no meio material de sua existência produtiva, isto é, se o imaginarmos dentro de uma realidade absolutamente pura, não refratada ideologicamente, não restará nada do enredo ou do motivo. Não um enredo concreto em particular, como o enredo de Édipo rei ou o de Antígona, mas qualquer enredo como tal é uma fórmula de vida refratada ideologicamente. Essa fórmula é constituída pelos conflitos ideológicos, por forças materiais já refratadas ideologicamente. Bem, mal, verdade, crime, dever, morte, amor, proeza etc., fora desses valores ideológicos e de outros semelhantes não há enredo nem motivo. (MEDVIÉDEV, 1928/2012, p.60-61).

Diante do que foi exposto, concluímos que a visão dialética e dialógica de ideologia está presente na literatura exatamente por esta demonstrar os conflitos ideológicos existentes na realidade. Sendo assim, no horizonte ideológico não há apenas uma verdade, um caminho ideológico, mas vários. “O horizonte ideológico está em constante formação, considerando que o homem não estancou em um atoleiro da vida. Tal é a dialética da vida viva.” (MEDVIÉDEV, 1928/2012, p. 63).

---

<sup>57</sup> Iremos nos aprofundar neste processo de reflexo e refração do signo ideológico no próximo tópico, tendo em vista que este assunto é abordado de forma detalhada em **Marxismo e Filosofia da Linguagem**.

Medviédev (1928/2012) ainda enfatiza que, ao se analisar uma obra literária, deve-se levar em consideração a luta de classes existente atrás do horizonte ideológico refletido e o real. Nesta perspectiva, a posição social de uma personagem em um romance, por exemplo, não é a refração desta em sua existência real; ela representa uma refração ideológica da consciência de um determinado grupo sobre esta posição social.

O protagonista do romance, por exemplo, Bazárov, de Turguiênev, fora da estrutura romanesca, não é de modo algum um tipo social no sentido rigoroso desta palavra, mas somente uma refração ideológica de um tipo social determinado. Bazárov não é, de modo algum, um *raznotchínets*<sup>58</sup> em sua existência real, como define a história socioeconômica científica. Bazárov é uma refração ideológica do *raznotchínets* na consciência social de um grupo determinado, que, em Turguiênev, era a nobreza liberal. (MEDVIÉDEV, 1928/2012, p. 65).

O ideograma *raznotchínets*, conforme aponta Medviédev (1928/2012), ao entrar na obra literária, transfere seu significado ideológico extra-artístico para o romance. Contudo, não se pode negar que este, ao ingressar no universo literário, entra em uma nova ligação química, não mecânica, com as particularidades da ideológica artística. Neste sentido, é necessário desenvolver um método de estudo que consiga extrair os ideogramas extra-artísticos presentes nas estruturas artísticas.

Apesar de ter como objetivo a extração dos ideogramas presentes nas obras literárias, não se pode deixar de lado o romance, isto é, a estrutura artística do romance em sua totalidade, pois estes não são menos ideológicos e sociológicos que os ideogramas. Por este motivo, Medviédev (1928/2012) ainda observa que uma obra literária não pode ser tomada isoladamente, ela é um elemento inseparável do meio literário e este, por sua vez, é inseparável do meio ideológico de uma determinada época e totalidade social. “A literatura, como qualquer outra ideologia, é social do começo ao fim.” (MEDVIÉDEV, 1928/2012, p. 73).

Na segunda parte do livro, denominada **Uma contribuição à história do método formal**, Medviédev (1928/2012) retoma a relevância do aspecto sociológico para o estudo das obras literárias e critica o posicionamento teórico do Formalismo,

---

<sup>58</sup> De acordo com a nota de rodapé presente no livro **O método formal nos estudos literários**, *raznotchínets* refere-se aos “[...] intelectuais de variada origem social, como aponta a etimologia da palavra, que preconizam uma mudança social drástica.” (MEDVIÉDEV, 1928/2012, p. 65).



o qual considera a obra literária como uma construção fechada e autossuficiente. Nesta abordagem teórica, a literatura não existe para despertar o sentimento ou emoção, ela é feita para os olhos, considerando a relevância do formal em detrimento do conteúdo e sentido.

Contrariando esta visão formalista, Medviédev (1928/2012), na terceira parte de sua obra, **O Método formal na poética**, comenta que, no campo das ciências das ideologias, é preciso saber delimitar o objeto de estudo para que este não perca suas ligações com outros objetos, observando, dessa forma, as relações sociais. Esta delimitação, portanto, deve ser flexível e dialética.

O pensador russo também cita o conceito que os formalistas apresentam sobre a linguagem poética, a qual está distante de ser dialetológica, uma vez que o Formalismo preocupa-se apenas com os elementos puramente linguísticos, o que cria uma dicotomia entre linguagem poética e prática.

Ao abordar a linguagem poética, Medviédev (1928/2012) critica a corrente teórica da Linguística de sua época, pois esta, assim como os formalistas, no campo da literatura, não considera os enunciados concretos e as funções socioideológicas destes, concebendo a língua como um sistema fechado. O Formalismo, diante desta concepção de língua, transfere para a construção poética as bases teóricas da Linguística.

Para Medviédev (1928/2012), o envoltório verbal da linguagem poética, com a influência da Linguística, passa a ser objetivo, fazendo com que o sentido ou seja totalmente eliminado ou se torne um material indiferente. Desta maneira, “a arte é reduzida a combinações formais vazias, cujo objetivo é puramente psicotécnico: tornar algo perceptível, não importando o que e como.” (MEDVIÉDEV, 1928/2012, p. 149).

Fizemos até o momento um resgate da visão de Medviédev (1928/2012) sobre as características do Formalismo para termos noção de como esta corrente teórica concebia a literatura, verificando, assim, onde reside a crítica do intelectual do Círculo Bakhtiniano a respeito dos formalistas. Medviédev (1928/2012), ao ser contra o estudo exclusivamente formal de uma obra literária, abre a discussão sobre a existência da avaliação social nos enunciados concretos, isto é, a presença da ideologia. É neste momento que Medviédev (1928/2012) faz a conexão entre os conceitos de entonação e ideologia.

Segundo Medviédev (1928/2012), a avaliação social é responsável por reunir o material da palavra com o seu sentido. Há, portanto, o estabelecimento da ligação entre o sentido e o signo, eliminando, desta maneira, a concepção de que a palavra é totalmente arbitrária e técnica. Não se pode, nesta perspectiva, conceber o seu significado considerando-o apenas correspondente a “palavra de dicionário”, a qual é tomada isoladamente. O sentido, portanto, está atrelado a quem o enuncia e as condições sociais e históricas. Para ficar mais claro, consideremos o exemplo dado por Medviédev (1928/2012) sobre dois grupos sociais inimigos que possuem a sua disposição um mesmo material linguístico. Em posse deste conteúdo “as mesmas palavras terão entonações profundamente diferentes; nas mesmas construções gramaticais gerais, elas serão inseridas em combinações semânticas e estilísticas profundamente diferentes.” (MEDVIÉDEV, 1928/2012, p. 187).

Diante desta constatação, observamos que as escolhas lexicais, as combinações entre as palavras, a localização dos enunciados concretos e o grupo social que produz estes enunciados estão relacionados aos valores que estas palavras carregam, refletindo, assim, a atmosfera axiológica e a orientação avaliativa do meio ideológico.

A palavra torna-se um material do enunciado apenas como expressão da avaliação social. Por isso, a palavra entra no enunciado não a partir do dicionário, mas a partir da vida, passando de um enunciado a outros. A palavra passa de uma totalidade para outra sem esquecer o seu caminho. Ela entra no enunciado como uma palavra da comunicação, saturada de tarefas concretas dessa comunicação: históricas e imediatas. (MEDVIÉDEV, 1928/2012, p. 185).

No campo da literatura, concluímos que, para Medviédev (1928/2012), o poeta não pauta suas escolhas (fonéticas, gramaticais, lexicais) em formas linguísticas, mas sim nos valores que estes elementos contem. “Para o poeta, assim como para todo falante, a língua é um sistema de avaliações sociais; e quanto mais rico, complexo e diferenciado ele for, tanto mais essenciais e significativas serão as obras dessa língua.” (MEDVIÉDEV, 1928/2012, p. 186).

Dessa maneira, Medviédev (1928/2012) posiciona-se contrário aos fundamentos do Formalismo ao expor que o enunciado faz parte da comunicação social e que as palavras não podem ser consideradas neutras. Ao ignorar a avaliação social presente em uma obra literária, os formalistas estudam o seu objeto a partir de uma visão exclusivamente técnica.

Enfatizamos ainda que, apesar de o livro **MFEL** direcionar-se para uma crítica ao Formalismo, Medviédev (1928/2012) aponta que a teoria da avaliação social não se limita apenas a obra poética, ela estende-se a qualquer enunciado, conforme expressa o mencionado autor ao afirmar que “a teoria da avaliação social e do seu papel, tal qual desenvolvemos, estende-se a qualquer enunciado enquanto intervenção discursiva histórica, e não somente à obra poética.” (MEDVIÉDEV, 1928/2012, p.189).

É neste momento que se confirma a relevância do material produzido por Medviédev (1928/2012) no nosso trabalho, uma vez que os apontamentos feitos até o momento sobre ideologia e avaliação social podem também ser aplicados na análise que será realizada, mais adiante, do material selecionado por nós, uma vez que objetivamos analisar os posicionamentos axiológicos dos autores da **ISTOÉ** sobre as Manifestações de Junho de 2013.

Além da avaliação social, Medviédev (1928/2012) comentam sobre o gênero, expondo que este foi definido pelos formalistas “[...] como um agrupamento específico e constante de procedimentos com determinada dominante.” Mais uma vez, constatamos que a preocupação dos formalistas foca-se na estrutura, como se fosse possível limitar um gênero ao seu aspecto formal, desvinculando-o a sua função social.

No pensamento de Medviédev (1928/2012), o gênero possui uma dupla orientação na realidade. Primeiramente, a obra é direcionada para os ouvintes e os receptores, bem como para suas condições de percepção e de realização. Além disso, o gênero está orientado para a vida, estando em contato com os diferentes aspectos da realidade. Sobre a primeira orientação, Medviédev (1928/2012) afirma que

Na primeira orientação, a obra entra em um espaço e tempo real: para ser lida em voz alta ou em silêncio, ligada à igreja, ao palco, ou a teatro de variedades. Ela é uma parte das festividades ou simplesmente do lazer. Ela pressupõe um ou outro auditório de receptores ou leitores, esta ou aquela reação deles, esta ou aquela relação entre eles e o autor. A obra ocupa certo lugar na existência, está ligada ou próxima a alguma esfera ideológica. (MEDVIÉDEV, 1928/2012, p. 195).

Ao levantar este caráter dúbio do gênero, Medviédev (1928/2012) demonstra a relevância de se observar o entorno social ao se estudar um gênero, pois este não é produzido sem vínculo com os seus receptores, o enunciador tem

em mente o público que irá recebê-lo e diante disto ele molda o seu dizer e seleciona o conteúdo do seu enunciado com o intuito de atingir o seu objetivo comunicativo.

A partir da análise das obras do Círculo Bakhtiniano realizada até o momento, constatamos que tanto Bakhtin/Volochínov (1928/2012) quanto Medviédev (1928/2012) abordam a ideologia em correlação com áreas do conhecimento que vão além do estudo da linguagem. Os primeiros autores resgatam a teoria freudiana sobre a psicanálise, discutindo assim a presença da ideologia nos mecanismos psíquicos relacionados ao conteúdo do consciente e inconsciente. Já Medviédev (1928/2012) percorre o campo da literatura, vislumbrando que este pode reproduzir as relações ideológicas existentes na realidade, considerando, dessa maneira, que as palavras não são neutras, mas sim carregadas de avaliação social, ou seja, de ideologia. Estes diferentes direcionamentos não implicam em um afastamento dos fundamentos do Círculo Bakhtiniano, pelo contrário, eles ampliam o horizonte teórico destes intelectuais russos ao mostrar que a proposta de um estudo sociológico da linguagem deve ir além dos estudos exclusivamente linguísticos.

### 3.3 A IDEOLOGIA EM “MARXISMO E FILOSOFIA DA LINGUAGEM”

A obra **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na Ciência da Linguagem (doravante **MFL**) foi publicada em 1929 com a assinatura de Valentin Nicolaevich Volochínov, a qual, mais tarde, foi questionada, visto que se descobriu, de acordo com informações fornecidas por Jakobson (2014), no prefácio de **MFL**, que esta obra, assim como outras do período do final dos anos 20 e começo dos anos 30 (**O freudismo**, por exemplo), foram escritas por Bakhtin. Pelo fato de a autoria, no Círculo Bakhtiniano, ainda ser um ponto carregado de controvérsias, vamos, mais uma vez, adotar o nome dos dois autores, por ser esta a forma referenciada na tradução brasileira deste livro que tomamos como base para esta pesquisa.

Quanto a sua relevância teórica, esta obra é considerada primordial nos estudos do discurso, bem como na Filosofia da Linguagem. É em **MFL** que Bakhtin/Volochínov (1929/2014) criticam a concepção marxista de ideologia e empreendem uma discussão mais prolongada acerca do conceito de signo ideológico. Portanto, é

impossível abordarmos o conceito de ideologia para o Círculo Bakhtiniano sem mencionarmos **MFL**.

Em relação à estrutura de **MFL**, Bakhtin/Volochínov (1929/2014) destinam as duas primeiras partes do livro para tratarem, com mais afinco, sobre a filosofia da linguagem, a visão de superestrutura e infraestrutura de Marx, a relação entre discurso interior e exterior<sup>59</sup> e a enunciação. Percebemos, nestes tópicos, o conceito de ideologia diluído. Portanto, iremos nos concentrar neles. Para ilustrarmos a distribuição do conteúdo de **MFL**, o qual é composto por três partes e onze capítulos, segue, abaixo, a divisão deste livro.

**Quadro 7 – Marxismo e Filosofia da Linguagem (1929/2014)**

<b>Primeira Parte</b>	<b>A filosofia da linguagem e sua importância para o marxismo</b>
Capítulo 1	Estudo das Ideologias e Filosofia da Linguagem
Capítulo 2	Relação entre a Infra-estrutura e as Superestruturas
Capítulo 3	Filosofia da Linguagem e Psicologia Objetiva
<b>Segunda Parte</b>	<b>Para uma filosofia marxista da linguagem</b>
Capítulo 4	Duas orientações do pensamento filosófico linguístico
Capítulo 5	Língua, fala e enunciação
Capítulo 6	A interação verbal
Capítulo 7	Tema e significação na língua
<b>Terceira Parte</b>	<b>Para uma história das formas da enunciação nas construções sintáticas</b>
Capítulo 8	Teoria da enunciação e problemas sintáticos
Capítulo 9	O “Discurso de Outrem”
Capítulo 10	Discurso Indireto, discurso direto e suas variantes
Capítulo 11	Discurso Indireto livre em Francês, Alemão e Russo

**Fonte:** Elaborada pela autora

No capítulo **Estudo das ideologias e filosofia da linguagem**, Bakhtin/Volochínov (1929/2014) iniciam a discussão afirmando que as bases de uma teoria marxista da criação ideológica estão relacionadas aos problemas de filosofia da linguagem. Para os pensadores russos, o produto ideológico faz parte de uma realidade, seja ela natural ou social, possuindo um significado que se refere a algo fora de si mesmo. Sendo assim, podemos afirmar que “sem signos não existe ideologia.” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 1929/2014, p. 31).

Por signo ideológico, Bakhtin/Volochínov (1929/2014) não consideram apenas a palavra, embora esta seja de extrema relevância na comunicação social,

---

<sup>59</sup> As discussões sobre o discurso interior e o discurso exterior foram abordadas na obra **OF**.

para eles todo corpo físico, instrumento de produção e produto de consumo pode ser considerado signo ideológico. Segue, a seguir, um exemplo dado pelos autores sobre o signo ideológico.

Em si mesmo, um instrumento não possui um sentido preciso, mas apenas uma função: desempenhar este ou aquele papel na produção. E ele desempenha essa função sem refletir ou representar alguma coisa. Todavia, um instrumento pode ser convertido em signo ideológico: é o caso, por exemplo, da foice e do martelo como emblema da União Soviética. A foice e o martelo possuem, aqui, um sentido puramente ideológico. Todo instrumento de produção pode, da mesma forma, se revestir de um sentido ideológico: os instrumentos utilizados pelo homem pré-histórico eram cobertos de representações simbólicas e de ornamentos, isto é, de signos. (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 1929/2014, p. 31-32).

Ao abordar o signo de forma abrangente, sem especificar a natureza deste, ou seja, não o classificando apenas como verbal, Bakhtin/Volochínov (2014/1929) dão espaço para o estudo dos aspectos visuais e sonoros, ou seja, imagens, símbolos e sons. Sendo assim, verificamos, no exemplo do martelo e da foice, a relação existente entre os objetos e sua cultura. Estes materiais de produção, no Brasil, não apresentam o mesmo valor ideológico que possuem na Rússia, podendo ser considerados por muitos brasileiros apenas simples ferramentas. Tal fato explica, portanto, a dependência da construção de sentido com o contexto, em que o significado é estabelecido de acordo com os sujeitos envolvidos neste processo comunicativo.

No que concerne à pesquisa que será desenvolvida com as reportagens sobre as Manifestações de Junho de 2013, buscamos estabelecer a relação entre o conteúdo verbal e visual dos textos da **ISTOÉ**, trabalhando, desta maneira, com a dimensão verbo-visual de um enunciado. A respeito disto, Brait (2013) comenta que nesta abordagem

[...] tanto a linguagem verbal como a visual desempenham papel constitutivo na produção de sentidos, de efeitos de sentidos, não podendo ser separadas, sob pena de amputarmos uma parte do plano de expressão e, conseqüentemente, a compreensão das formas de produção de sentido desse enunciado, uma vez que ele se dá a ver/ler. (BRAIT, 2013, p. 44).

Sendo assim, diante desta citação, constatamos que a análise verbo-visual permite a realização do diálogo entre o texto verbal e o visual, onde ambos se complementam, construindo sentidos juntos. As imagens, nesta concepção, não

estão nas reportagens apenas para ilustrar as páginas da revista, elas apresentam um papel nestes textos, tendo valor ideológico. Gonçalves, Gonçalves e Guedes (2015) ainda reiteram a relevância deste estudo verbo-visual ao comentaram que

[...] por estarmos situados numa sociedade em que a imagem cada vez mais ganha espaço nas mais diferentes esferas discursivas, a consideração dos signos visuais e verbo-visuais na análise dialógica do discurso gera um ganho teórico e metodológico para os estudos bakhtinianos em razão de hoje sentirmos, na posição de estudiosos da linguagem vinculados a este horizonte de abordagem, a necessidade de compreender e analisar a produção, a recepção e a circulação dos sentidos presentes em linguagens que se hibridizam entre o linguístico e o imagético. (GONÇALVES; GONÇALVES; GUEDES, 2015, p. 179).

No que se refere à ideologia, esta, no conteúdo visual, manifesta-se por meio da seleção de imagens feitas para integrar-se com o texto escrito. Assim, devemos observar as cores, por exemplo, pois estas conseguem expressar sentimentos e sensações, já no caso de fotos, é relevante verificarmos o foco dado pela câmera, o enquadramento etc., verificando a partir da perspectiva que a imagem foi capturada o posicionamento ideológico do fotógrafo. Todos estes elementos são provenientes de um processo de escolha, em que esta não foi realizada aleatoriamente, mas sim feita com um propósito e carregada de juízo de valor.

Quanto à metodologia utilizada para se analisar a verbo-visualidade dos textos, esta ainda não apresenta uma abordagem definida. Portanto, as investigações realizadas nesta área pautam-se nas obras do Círculo Bakhtiniano<sup>60</sup>, as quais abordam “a teoria da linguagem em geral”.

É importante reafirmar que as sugestões teórico-metodológicas que sustentam essa perspectiva vêm da compreensão de que os estudos de Bakhtin e do Círculo constituem contribuições para uma teoria da linguagem em geral e não somente para uma teoria da linguagem verbal, quer oral ou escrita. (BRAIT, 2013, p. 44).

Retomando a discussão do primeiro capítulo de **MFL**, Bakhtin/Volochínov (1929/2014) ainda apontam que o signo ideológico não existe apenas como parte de

---

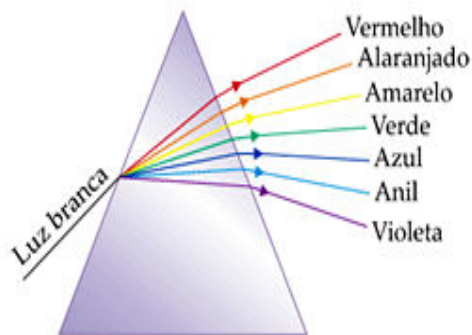
<sup>60</sup> Gonçalves *et al.* (2015) apontam que o reconhecimento de materiais de diferentes ordens semióticas como ideológicos também pode ser constatado em outros textos produzidos pelo Círculo Bakhtiniano, tais como: **Problemas da poética de Dostoiévski**, **Estética da criação verbal** e **O método formal nos estudos literários**.

uma realidade, materializado nela, ele também reflete e refrata outra realidade, podendo distorcê-la ou ser fiel a ela, isto irá depender da avaliação ideológica que um determinado grupo dá a este signo.

Um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico, etc. Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é, se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc.). O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. Tudo que é ideológico possui um valor semiótico. (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 1929/2014, p. 32-33).

Para melhor compreensão da teoria de refração dos signos, será aqui apresentada à metáfora da refração da luz, modelo utilizado em física óptica para demonstrar como a luz branca, ao atravessar um meio transparente, apresenta diferentes radiações.

**Figura 1 – Refração da Luz**



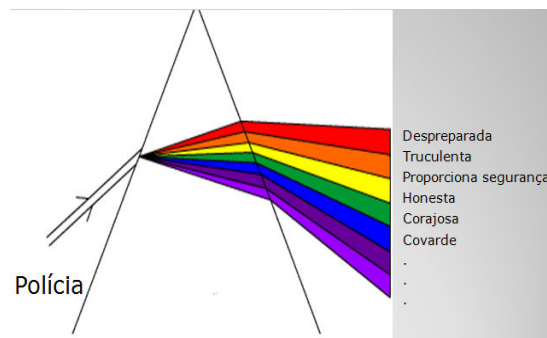
**Fonte:** <http://interna.coceducacao.com.br/ebook/pages/1675.htm>

O mesmo processo que acontece com a luz branca acontece com o signo ideológico, pois esta não reflete a luz branca tal como ela é, mas sim a refrata, apresentando diferentes feixes de luz. Ao substituímos a “luz branca” pela “realidade” observaremos que “o jogo dessas radiações, assim dissociadas, forma a ‘própria vida’ da palavra polivalente, bem como da linguagem em sua totalidade.” (TCHOUGOUNNIKOV, 2005, p. 23).



A seguir, demonstramos como ocorre a refração do signo ideológico, na perspectiva do Circulo Bakhtiniano. Utilizamos, como exemplo, o signo polícia, pois este será um dos signos ideológicos analisados no nosso *corpus*.

**Figura 2 – Refração do signo polícia**



**Fonte:** Elaborada pela autora

Como podemos constatar, na figura a acima, o signo polícia decompõem-se em várias significações, o que demonstra as diferentes interpretações que os grupos sociais fazem sobre este sujeito.

Neste primeiro capítulo, Bakhtin/Volochínov (1929/2014) ainda retomam a filosofia idealista e a visão psicologista da cultura para criticá-las, uma vez que estas abordagens situam a ideologia na consciência, transformando o estudo das ideologias no estudo da consciência e suas leis. Para o idealismo, a consciência está localizada em algum lugar acima da existência, em que esta a determina. No que se refere à abordagem do positivismo psicologista, a consciência é um conglomerado de reações psicofisiológicas.

Constatamos, assim, que estas vertentes possuem uma concepção de consciência isolada, sem relação com os aspectos sociais e históricos. Bakhtin/Volochínov (1929/2014), ao contrário, asseveram que a consciência individual não pode ser explicada a partir das leis biológicas e fisiológicas, como nós já mencionamos em **OF**, ela é oriunda do meio ideológico e social, sendo, portanto, socioideológica. Essa discussão será retomada no capítulo **Filosofia da Linguagem e psicologia objetiva**, em que os autores afirmam a necessidade de o marxismo desenvolver a psicologia verdadeiramente objetiva, distanciando-se, assim, das abordagens da psicologia subjetiva.

Outra crítica levantada por Bakhtin/Volochínov (1929/2014) refere-se ao fato de que a ideologia não pode derivar da consciência, não dependendo, dessa forma, da psicologia. Para os autores em questão, os fenômenos ideológicos estão relacionados às condições e formas da comunicação social.

A ideologia não pode derivar da consciência, como pretendem o idealismo e o positivismo psicologista. A consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de relações sociais. Os signos são o alimento da consciência individual, a matéria de seu desenvolvimento, e ela reflete sua lógica e suas leis. A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social. Se privarmos a consciência de seu conteúdo semiótico e ideológico, não sobra nada. A imagem, a palavra, o gesto significante, etc. constituem seu único abrigo. Fora desse material, há apenas o simples ato fisiológico, não esclarecido pela consciência, desprovido do sentido que os signos lhe conferem. (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 1929/2014, p. 35-36).

Esta citação demonstra que a consciência, quando vista pelo prisma da biologia e fisiologia, torna-se nada, uma vez que é o signo que dá forma e existência para a consciência. Logo, a comunicação é concebida como o meio de representar a materialização do signo.

Ainda sobre a comunicação, Bakhtin/Volochínov (1929/2014) dão destaque à linguagem, colocando-a como o material semiótico mais claro e completo. Nesta perspectiva, “a palavra é o fenômeno ideológico por excelência.” É por meio da palavra que as formas ideológicas da comunicação semiótica se revelam. Para Zandwais (2015), a palavra, na perspectiva de Bakhtin/Volochínov (1929/2014), é pensada por meio do modo como esta se inscreve na ordem histórico-simbólica, adquirindo valores e significados distintos em cada época, espaço social, modo de produção e espaço institucional. A palavra, desta forma, reflete e refrata a realidade, a qual é heterogênea e multifacetada. “Todo signo, portanto, está sujeito à avaliação. Todo signo possui uma função responsiva em relação às formas de ‘compreensão’ da ordem do real. E é essa função responsiva que o torna polissêmico por excelência.” (ZANDWAIS, 2015, p. 109).

Contudo, destacamos que, apesar de a palavra ser vista como o material semiótico que expressa à ideologia por excelência, ela, na perspectiva de Bakhtin/Volochínov (1929/2014), é um signo neutro, uma vez que só ganha significação e valor ideológico quando está inserida em um contexto de enunciação.

Ao estabelecer uma relação dialética entre a palavra e o signo ideológico, os autores buscam mostrar que a palavra pode funcionar sempre como um signo neutro enquanto língua abstrata, objeto de investigação da Filosofia, dos dicionários e dos estudos linguísticos não sociológicos. Enquanto objeto da práxis concreta, entretanto, está sempre carregada de valores. São justamente os valores aos quais ela se prende que nos permitem compreender sua função ideológica. Mas não se trata de entender a noção de valor de acordo com o que está posto pelo objetivismo abstrato, em Saussure, em que '[...] a língua não pode ser senão um sistema de valores puro' que coloca em jogo as ideias e os sons, ou seja, tudo o que se passa entre a imagem auditiva e o conceito nos limites da estrutura, delimitando assim, a condição de que os sujeitos são incapazes de fixar qualquer valor às palavras. Essas seriam alguma das principais razões que viriam a justificar por que a noção de valor tomada deste a ótica do objetivismo abstrato fica reduzida a uma relação opositiva, em que, por exemplo, 'x é o que y não é'. (ZANDWAIS, 2015, p. 109).

No tocante as bases da teoria marxista sobre a infraestrutura e superestrutura, Bakhtin/Volochínov (1929/2014) reservam o capítulo **A relação entre a infra-estrutura e as superestruturas** para esta discussão. Os já citados autores informam que um dos problemas fundamentais do marxismo é a maneira causal e mecanicista que esta concepção estabelece as relações entre a infraestrutura e as superestruturas, não apresentando, assim, uma dinâmica dialética.

De acordo com Bakhtin/Volochínov (1929/2014), a relação entre a infraestrutura e um fenômeno isolado qualquer, quando concebida de maneira casual e mecanicista faz com que a esfera ideológica apresente-se como um conjunto único e indivisível, em que os elementos constituintes desta esfera pareçam ser uma reação de uma transformação da infraestrutura. Sendo assim, não se aborda a maneira como a infraestrutura afeta ideologicamente a superestrutura e vice-versa.

Em relação à ligação entre infraestrutura e realidade, Bakhtin/Volochínov (1929/2014) questionam como o signo é determinado pela realidade e como esse reflete e refrata a realidade em transformação. Observamos, por meio destas indagações, a visão dialética da estrutura social, uma vez que os autores russos acreditam na capacidade de os signos ideológicos mostrarem as transformações da realidade, as quais ocorrem nas relações nem sempre harmônicas entre os grupos sociais. Sobre esta relação dialética entre a infraestrutura e a superestrutura, Zandwais (2015) comenta que

Sob a ótica de Marx, é preciso também salientar que, ao tratar da relação dialética entre super e infraestrutura, ele está investigando o modo como forças produtivas da sociedade (a classe proletária, os operários) entram em contradição com relações de produção, buscando romper com as relações jurídicas dominantes no seio da sociedade, para desagregar e rearranjar as condições infraestruturais (suas próprias condições materiais de vida), intervindo, de modo inevitável, na configuração superestrutural. (ZANDWAIS, 2015, p. 104).

Quanto à maneira como estas transformações da realidade são refletidas e refratas pelo signo, Bakhtin/Volochínov (1929/2014) atribuem este fato a “ubiquidade social” da palavra enquanto material propício para revelar os momentos de transição da sociedade. Por estar em todos os lugares, a palavra penetra em todas as relações que os indivíduos estabelecem entre si. Para Bakhtin/Volochínov (1929/2014),

As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É portanto claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem-formados. A palavra constitui o meio no qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudanças que ainda não tiveram tempo de adquirir uma nova qualidade ideológica, que ainda não tiveram tempo de engendrar uma forma ideológica nova e acabada (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 1929/2014, p. 42).

Bakhtin/Volochínov (1929/2014) ainda comentam sobre a psicologia do corpo social, expondo que esta não se localiza no “interior”, pelo contrário, ela é exteriorizada no ato, gesto e palavra. Esta psicologia do corpo social é considerada o meio ambiente inicial dos atos de fala, local em que se encontram as formas e os aspectos da criação ideológica.

A psicologia do corpo social é justamente o meio ambiente inicial dos atos de fala de toda espécie, e é neste elemento que acham submersas todas as formas e aspectos da criação ideológica ininterrupta: as conversas de corredor, as trocas de opinião no teatro e, no concerto, nas diferentes reuniões sociais, as trocas puramente fortuitas, o modo de reação verbal em face das realidades da vida e dos acontecimentos do dia-a-dia, o discurso interior e a consciência auto-referente, a regulamentação social, etc. (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 1929/2014, p. 43).

Já o capítulo **Filosofia da Linguagem e psicologia objetiva** aborda as relações entre a atividade mental e a exteriorização desta. Para Bakhtin/Volochínov (1929/2014), este processo de exteriorização da atividade mental só pode ser

realizado sob a forma de signo. A partir desta constatação, os autores russos concluem que todo fenômeno ideológico passa pelo psiquismo, sendo assim, “[...] todo signo ideológico exterior, qualquer que seja sua natureza, banha-se nos signos interiores, na consciência.” (BAKHTIN;VOLOCHÍNOV, 1929/2014, p. 58). Tal constatação corrobora para o problema da filosofia burguesa em delimitar a fronteira da psicologia e da ideologia.

Em segundo lugar, este questionamento da delimitação do psiquismo e do ideológico ainda esbarra com o conceito de “individual”, pois, comumente, encontra-se a relação de que o psiquismo é individual e a ideologia social. Segundo Bakhtin/Volochínov (1929/2014)

Esta concepção revela-se radicalmente falsa. “Social” está em correlação com “natural”: não se trata aí do indivíduo enquanto pessoa, mas do indivíduo biológico natural. O indivíduo enquanto detentor dos conteúdos de sua consciência, enquanto autor dos seus pensamentos, enquanto personalidade responsável por seus pensamentos e por seus desejos, apresenta-se como um fenômeno puramente socioideológico. Esta é a razão por que o conteúdo do psiquismo “individual” é, por natureza, tão social quanto a ideologia e, por sua vez, a própria etapa em que o indivíduo se conscientiza de sua individualidade e dos direitos que lhe pertencem é ideológica, histórica, e internamente condicionada por fatores sociológicos. Todo signo é social por natureza, tanto o exterior quanto o interior (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 1929/2014, p. 59).

Bakhtin/Volochínov (1929/2014) também afirmam que a vida do signo ideológico está atrelada a sua realização no psiquismo. Desta maneira, a atividade psíquica, conforme mencionamos, é uma passagem do interior para o exterior. Por outro lado, para o signo ideológico, este processo acontece de forma inversa. O signo ideológico, o qual se situa fora do organismo, penetra no mundo interior, lugar em que realiza sua natureza semiótica. Há, neste caso, uma interação dialética indissolúvel entre o psiquismo e a ideologia.

No capítulo seguinte, **Duas orientações do pensamento filosófico-linguístico**, Bakhtin/Volochínov (1929/2014) abordam as características de duas orientações da filosofia da linguagem, o subjetivismo idealista e o objetivismo abstrato. Como o nosso foco é mencionar o que este tópico expõe sobre ideologia, iremos apenas contextualizar estas duas vertentes, sem nos prendermos em detalhes.

A primeira tendência, o subjetivismo idealista, estuda o ato de fala de criação individual. A tarefa da linguística e/ ou filosofia da língua, nesta perspectiva,

é explicar o fato linguístico a partir de um ato proveniente do psiquismo individual ou, ainda, concentrar-se nas práticas da aquisição de uma língua. Um de seus mais notórios representantes é Wilhelm Humboldt.

No que se refere ao objetivismo abstrato, este tem como objeto de estudo o sistema linguístico, pautando-se nas formas fonéticas, gramaticais e lexicais da língua. A língua, nesta vertente, é isolada de sua exterioridade e individualidade. Estuda-se, a língua, portanto, como se esta fosse um “arco-íris imóvel”, passível de ser analisado, descrito e compreendido como um sistema com características únicas. Sendo assim, de acordo com Bakhtin/Volochínov (1929/2014), para o objetivismo abstrato, as leis linguísticas são arbitrárias, por conseguinte, são desprovidas de uma justificação natural ou ideológica. Um famoso teórico desta vertente é Ferdinand Saussure, conhecido por ser o “pai” do Estruturalismo Linguístico.

É nesta concepção arbitrária de língua que repousa a crítica de Bakhtin/Volochínov (1929/2014). Para os autores em questão, não se é possível pensar em ligações linguísticas sem relacioná-las aos valores ideológicos. Bakhtin/Volochínov (1929/2014) comentam que

A ideia de uma língua convencional, arbitrária, é característica de toda corrente racionalista, bem como o paralelo estabelecido entre o código linguístico e o código matemático. Ao espírito orientado para a matemática, dos racionalistas, o que interessa não é a relação do signo com a realidade por ele refletida ou com o indivíduo que o engendra, mas a relação de signo para signo no interior de um sistema fechado, e não obstante aceito e integrado. Em outras palavras, só lhes interessa a lógica interna do próprio sistema de signos, este é considerado, assim como na lógica, independentemente por completo das significações ideológicas. (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 1929/2014, p. 86).

Dando continuidade à crítica ao objetivismo abstrato, o capítulo **Língua, fala e enunciação** expõe os problemas desta abordagem teórica. Para Bakhtin/Volochínov (1929/2014), o locutor, ao contrário do que se acredita, não se importa como o sistema formal da língua, o qual se mostra sempre idêntico, o que lhe interessa é a forma linguística em um dado contexto.

Na realidade, o locutor serve-se da língua para suas necessidades enunciativas concretas (para o locutor, a construção da língua está orientada no sentido da enunciação da fala). Trata-se, para ele, de utilizar as formas normativas (admitamos, por enquanto, a legitimidade destas) num dado contexto concreto. Para ele, o centro de gravidade da língua não reside na conformidade à norma da forma utilizada, mas na nova

significação que essa forma adquire no contexto. O que importa não é o aspecto da forma linguística que, em qualquer caso em que esta é utilizada, permanece sempre idêntico. Não; para o locutor o que importa é aquilo que permite que a forma linguística figure num dado contexto, aquilo que a torna um signo adequado às condições de uma situação concreta dada. Para o locutor, a forma linguística não tem importância enquanto sinal estável e sempre igual a si mesmo, mas somente enquanto signo sempre variável e flexível. Este é o ponto de vista do locutor (BAKHTIN;VOLOCHÍNOV, 1929/2014, p. 95-96).

Além da forma linguística contextualizada, segundo Bakhtin/Volochínov (1929/2014), o locutor também leva em consideração o ponto de vista do seu receptor. Em vista disto, podemos afirmar, baseando-nos em Zandwais (2015), que todo enunciado é socialmente dirigido, sendo concebidos como resposta ao meio social.

Todo dizer, socialmente dirigido, é acompanhado por determinações históricas e por expressão ideológica, e as formas por meio das quais os sujeitos respondem ao dizer do outro são formas de respostas ao meio social, são expressões ideológicas dos modos como a consciência pode apreender a orem real nos horizontes históricos em que os sujeitos se situam. (ZANDWAIS, 2015, p. 112).

Nesta relação entre locutor e receptor não está em jogo um processo de identificação linguística, isto é, de designação de objetos e/ ou acontecimento, há, na verdade, a descodificação dos signos, tentando, dessa forma, compreendê-los inseridos em um contexto concreto preciso. Nesta perspectiva, os participantes deste processo comunicativo percebem o caráter de novidade do signo, não o concebendo apenas pela sua conformidade com a língua.

Neste ponto da discussão, Bakhtin/Volochínov (1929/2014) distinguem o “sinal” do “signo”. Para estes autores, o sinal possui conteúdo imutável, portanto, não reflete e nem refrata nada, apenas designa coisas ou acontecimentos. Já o signo, ao contrário do que Saussure postulou, apresenta mobilidade, ganhando significação quando inserido em um enunciado concreto.

A partir desta observação, Bakhtin/Volochínov (1929/2014) afirmam que o sinal é desprovido de valor linguístico, não pertencendo ao domínio da ideologia. O signo, em contrapartida, por estar associado ao contexto e carregar juízo de valor, além de ser considerado ideológico é visto como a maneira de se expressar esta ideologia.

Diante do que foi exposto, concluímos que Bakhtin/Volochínov (1929/2014) atribuem ao objetivismo abstrato o estudo do sinal, não do signo, uma vez que esta vertente separa a língua de seu conteúdo ideológico, o que “constitui um dos erros mais grosseiros do objetivismo abstrato.” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 1929/2014, p. 99).

Outro equívoco do objetivismo abstrato, segundo Bakhtin/Volochínov (1929/2014), refere-se ao fato desta corrente teórica ignorar a mudança do acento avaliativo da palavra, o qual se altera de acordo com o contexto, visto que a palavra, para a linguística, possui uma unicidade de significação. Tal pensamento vai contra a proposta de Bakhtin/Volochínov (1929/2014), uma vez que estes concebem a palavra como plurivalente, pois, dependendo do contexto, a mesma palavra pode apresentar significações distintas. Mostraremos, a seguir, como esta polissemia da palavra será analisada em nossa pesquisa. Para tal, pontuamos os possíveis significados que os termos “polícia” e “manifestante” podem adquirir, a partir do posicionamento axiológico de quem as anuncia.

**Quadro 8 – A polissemia dos signos “polícia” e “manifestante”**

<b>Polícia</b>	<b>Manifestante</b>
○ É violenta	○ É violento
○ É honesta	○ É honesto
○ É corrupta	○ É corrupto
○ É heroína	○ É herói
○ É vilã	○ É vilão
○ ...	○ ...

**Fonte:** Elaborado pela autora

Em vista disto, constatamos que o nosso objeto de estudo, as reportagens da revista **ISTOÉ** sobre as Manifestações de Junho de 2013, traz um dos posicionamentos axiológicos sobre os protestos. Portanto, a análise deste material, que contemplará, por exemplo, como a polícia e os manifestantes foram descritos, nos possibilitará identificar qual avaliação social os autores das reportagens selecionadas possui sobre este acontecimento histórico e sobre os sujeitos que estão envolvidos nestes eventos.

No capítulo **A Interação Verbal**, Bakhtin/Volochínov (1929/2014) retomam a discussão sobre a interação verbal entre locutor e receptor. Os autores



reiteram a questão de a palavra possuir duas faces, em que uma é determinada por quem a procede e a outra para quem ela se dirige.

Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor. (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 1929/2014, p. 117).

O locutor, na perspectiva de Bakhtin/Volochínov (1929/2014), não é o único dono da palavra, apesar de esta ter início em seu interior, antes de se tornar expressão, ela nunca deixa de ser social. A palavra, enquanto signo, “[...] é extraído pelo locutor de um estoque social de signos disponíveis, a própria realização deste signo social na enunciação concreta é inteiramente determinada pelas relações sociais.” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 1929/2014, p. 117).

Diante desta relação indissociável do locutor com o receptor e o social, Bakhtin/Volochínov (1929/2014) afirmam que a atividade mental de um indivíduo apresenta dois polos: a atividade mental do eu e a atividade mental do nós. A primeira atividade mental tende a se autoeliminar conforme se aproxima do seu limite, perdendo sua modelagem ideológica e grau de consciência, o que a torna próxima a reação fisiológica do animal. No que diz respeito à atividade mental do nós, esta é considerada uma atividade de diferenciação ideológica, a sua firmeza e a estabilidade da orientação social são proporcionais ao crescimento do grau de consciência. Assim, “[...] quanto mais forte, mais bem organizado e diferenciado for a coletividade no interior da qual o indivíduo se orienta, mais distinto e complexo será o seu mundo interior.” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 1929/2014, p. 119).

Para melhor compreensão deste conceito, Bakhtin/Volochínov (1929/2014) apresentam os diferentes graus e diferentes tipos de modelagem ideológica que a atividade mental do nós permite. No exemplo dado, sobre um homem faminto, Bakhtin/Volochínov (1929/2014) demonstram as distinções de graus e modelagem ideológica.

Para tal, os autores colocam este homem faminto em diferentes contextos. No primeiro deles, este indivíduo toma consciência de sua fome em um ambiente constituído por pessoas famintas que estão nesta situação ao acaso. Este

homem que se deu conta de sua fome apresenta uma atividade mental isolada, a qual tende para determinadas formas ideológicas, como a vergonha e resignação.

Por outro lado, se este homem pertencesse a uma coletividade, em que a fome não é proveniente do acaso, ela é uma realidade coletiva, sem vínculo material sólido entre estas pessoas, estes sujeitos apresentariam uma consciência mental diferente do primeiro caso, mostrando-se, na maioria das vezes, sentimento de resignação perante a adversidade, sendo desprovida de vergonha ou humilhação. Portanto, nestas condições,

[...] predominará uma consciência de fome feita de resignação, mas desprovida de sentimento de vergonha ou de humilhação: cada um dia a si próprio: “já que todos sofrem em silêncio, eu também o farei”. É sobre um tal terreno que se desenvolvem os sistemas filosóficos e religiosos fundados sobre o fatalismo e a resignação na adversidade. (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 1929/2014, p. 120).

Bakhtin/Volochínov (1929/2014) ainda exemplificam mostrando como seria a situação deste homem experienciando a fome em coletividade e unido por vínculos materiais objetivos com outras pessoas famintas, como no caso de operários no interior de uma usina. Neste contexto, estes indivíduos

[...] dominarão na atividade mental as tonalidades do protesto ativo e seguro de si mesmo, não haverá lugar para uma mentalidade resignada e submissa. É aí que se encontra o terreno mais favorável para um desenvolvimento nítido e ideologicamente bem-formado da atividade mental. (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 1929/2014, p. 120).

A título de contextualização, podemos mencionar as Manifestações de Junho de 2013, visto que estes protestos representaram um dos graus da atividade mental do nós e da modelagem ideológica. Estas pessoas que se mobilizaram e foram para as ruas em todo o país apresentaram uma mentalidade de luta frente as adversidades do país, tal fato evidencia uma atividade mental do nós em alto grau e ideologicamente orientada.

Diante dos exemplos dados, constatamos que a atividade mental do indivíduo, na visão de Bakhtin/Volochínov (1929/2014), é tanto uma expressão exterior quanto um território social. A consciência, por se tratar de um território social, ideológico e capaz de interagir na realidade, não pode ser concebida “fora de sua objetivação, de sua realização num material determinado (o gesto, a palavra, o grito) [...]” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 1929/2014, p. 122).

Na concepção de Bakhtin/Volochínov (1929/2014), a consciência ao ser expressa de forma material, por meio da palavra, símbolo, desenho, imagem, pintura etc., possui uma “força social imensa”. Sobre o poder social da consciência, Bakhtin/Volochínov (1929/2014) comentam

Enquanto a consciência permanece fechada na cabeça na cabeça do ser consciente, com uma expressão embrionária sob a forma de discurso interior, o seu estado é apenas de esboço, o seu raio de ação ainda limitado. Mas assim que passou por todas as etapas da objetivação social, que entrou no poderoso sistema da consciência torna-se uma força real, capaz mesmo de exercer em retorno uma ação sobre as bases econômicas da vida social. Certo, essa força materializa-se em organizações sociais determinadas, reforça-se por uma expressão ideológica sólida (a ciência, a arte, etc.) mas, mesmo sob a forma original confusa do pensamento que acaba de nascer, pode-se já falar de fato social e não de ato individual interior. (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 1929/2014, p. 122).

A partir deste ponto, Bakhtin/Volochínov (1929/2014), pautando-se no discurso interior e exterior da consciência, abordam a Ideologia do Cotidiano. Enfatizamos que a obra **MFL** fornece informações complementares sobre a ideologia do cotidiano e suas camadas, dialogando, assim com **OF**. Em primeiro lugar, Bakhtin/Volochínov (1929/2014) apontam que

A ideologia do cotidiano constitui o domínio da palavra interior e exterior desordenada e não fixada num sistema, que acompanha cada um dos nossos atos ou gestos e cada um dos nossos estados de consciência. Considerando a natureza sociológica da estrutura da expressão e da atividade mental, podemos dizer que a ideologia do cotidiano corresponde, no essencial, àquilo que se designa, na literatura marxista, sob o nome de “psicologia social” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 1929/2014, p. 123).

A ideologia do cotidiano, de acordo com Bakhtin/Volochínov (1929/2014), apresenta camadas, as quais estão relacionadas com a capacidade de o indivíduo exteriorizar o seu discurso interior, tornando-o exterior. O nível inferior da Ideologia do Cotidiano está relacionado aos pensamentos confusos e informes da atividade mental, os qual se apagam e acendem na alma do indivíduo tal como palavras fortuitas ou inúteis. Esta atividade mental, oriunda de uma situação fortuita não possui, na concepção de Bakhtin/ Volochínov (1929/2014), chance de ter força para ser uma ação durável no plano social.

Em contrapartida, os níveis superiores da Ideologia do Cotidiano, os quais estão em contato direto com os sistemas ideológicos, possuem substancialidade, responsabilidade e criatividade. Nestes níveis, a Ideologia do Cotidiano é mais

sensível e móvel que a Ideologia Oficial. Além disso, ainda é apta a causar mudanças na infraestrutura econômica.

Logo que aparecem, as novas forças sociais encontram sua primeira expressão e sua elaboração ideológica nesses níveis superiores da ideologia do cotidiano, antes que consigam invadir a arena da ideologia oficial constituída. É claro, no decorrer da luta, no curso do processo de infiltração progressiva nas instituições ideológicas (a imprensa, a literatura, a ciência), essas novas correntes da ideologia do cotidiano, por mais revolucionárias que sejam, submetem-se à influência dos sistemas ideológicos estabelecidos, e assimilam parcialmente as formas, práticas e abordagens ideológicas neles acumulados. (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 1929/2014, p. 125).

No capítulo denominado **Tema e significação na língua**, Bakhtin/Volochínov (1929/2014) discorrem sobre a presença do acento de valor ou apreciativo na palavra, a qual é expressa por meio da entoação expressiva. Os autores ainda enfatizam que, na maioria dos casos, esta entoação é determinada pela situação imediata e por circunstâncias efêmeras. Sendo assim, uma mesma palavra pode adquirir significações diversas dependendo do contexto em que ela é enunciada. Salientamos ainda que o estudo da entoação expressiva é de extrema relevância para o conceito de ideologia, uma vez que é por meio de acentos apreciativos que os indivíduos se posicionam axiologicamente, relevando, desta maneira, suas ideologias.

### 3.4 A IDEOLOGIA EM “PROBLEMAS DA POÉTICA DE DOSTOIÉVSKI”

**Problemas da Poética de Dostoiévski** (doravante **PPD**) de 1963 é a primeira obra importante do Círculo Bakhtiniano, de acordo com Stam (1992), a apresentar a assinatura de M. Bakhtin. Stam (1992) ainda enfatiza que esta obra foi publicada durante o exílio<sup>61</sup> do pensador russo.

No que concerne ao conteúdo abordado em **PPD**, na perspectiva de Stam (1992), este livro traz para o campo da literatura as ideias sobre interação verbal, as quais foram mencionadas em **MFL**. Constatamos, assim, mais uma vez, o constante diálogo de conteúdo existente entre as obras do Círculo Bakhtiniano. Ademais, a obra também demonstra a admiração que Bakhtin possuía pelos escritos literários

---

<sup>61</sup> Segundo Stam (1992), os “amigos de Bakhtin”, após uma resenha favorável sobre **PPD** feita por Antoly Lunatcharsky, conseguiram um exílio mais brando para o intelectual russo, o qual foi enviado para o Casaquistão, local em que trabalhou como guarda-livros.

de Dostoiévski, o qual, na ótica bakhtiniana, conseguia representar os conflitos ideológicos existentes na realidade. O romance de Dostoiévski, para Bakhtin, é considerado um grande exemplo de obra polifônica, visto que “[...] orquestra uma multiplicidade de vozes, distintas ou mesmo antitéticas.” (STAM, 1992, p. 37).

Ainda sobre o aspecto polifônico dos romances de Dostoiévski, Stam (1992) aponta que Bakhtin apresenta uma aceção democrática do personagem da ficção, em outras palavras, o intelectual russo defende que as ideias<sup>62</sup> do autor não podem se sobrepor às ideias das personagens. Diante disso, Dostoiévski serviu de referência para Bakhtin (1963/2013), pois sua estratégia

[...] não está em defender o poder dominador do argumento ou do discurso de um dos personagens, mas em catalisar a interação criativa dos discursos heteroglotas dos diferentes personagens. O que importa não é a correção de uma ideia, ou saber se o Dostoiévski da vida real realmente endossava uma determinada ideia, mas a troca dialógica entre personagens que são capazes de se comunicar sem perder sua individualidade. Para ele, a ideia não é uma formulação individual, com direitos permanentes de residência no interior da cabeça de uma pessoa. Ideias são, na realidade, eventos intersubjetivos elaborados no ponto de encontro dialógico entre as consciências. A arte de Dostoiévski consistia em forçar visões de mundo aparentemente incompatíveis a dirigirem-se umas às outras no espaço de um mesmo livro, resultando numa nova mistura de vozes, num novo diálogo. (STAM, 1992, p. 37).

Após esta breve contextualização do assunto abordado em **PPD**, elaboramos uma tabela com os tópicos do livro, observamos que não há divisões em partes ou capítulos. Apesar de ser uma obra densa, em termos de conteúdo, iremos contemplar apenas o tópico **A ideia em Dostoiévski** por este apresentar uma discussão sobre a ideologia nos romances de Dostoiévski.

### Quadro 9 – Problemas da poética de Dostoiévski (1963/2013)

O romance polifônico de Dostoiévski e seu enfoque na crítica literária
A personagem e seu enfoque pelo autor na obra de Dostoiévski
A ideia em Dostoiévski
Peculiaridades do gênero, do enredo e da composição das obras em Dostoiévski
O discurso em Dostoiévski
1. Tipos de discurso na prosa. O discurso dostoiévskiano
2. O discurso monológico do herói e o discurso narrativo nas novelas de Dostoiévski
3. O discurso do herói e o discurso do narrador nos romances de Dostoiévski
4. O diálogo em Dostoiévski
Adendo 1
Adendo 2

**Fonte:** Elaborado pela autora

<sup>62</sup> Bakhtin, em muitos momentos, em **PPD**, utiliza o termo “ideia” para se referir à “ideologia”.

Bakhtin (1963/2013), no capítulo **A ideia em Dostoiévski**, aborda o universo monológico e polifônico da ideologia na literatura. O pensador russo adota a perspectiva de que o romance monológico apresenta apenas um posicionamento ideológico, o do herói. Neste sentido, defende-se apenas uma ideia, criando, dessa maneira, a dualidade: falso e verdadeiro. Temos, assim, que as ideias do autor fundem-se com as do herói, não existindo, portanto, o pensamento do outro.

O universo monológico do artista desconhece o pensamento do outro, a ideia do outro como objeto de representação. Nesse universo, todo o ideológico se desintegra em duas categorias. Algumas ideias – ideias verdadeiras, significantes – se bastam à consciência do autor, procuram constituir-se em unidades puramente intelectual da cosmovisão; essas ideias não se representam, afirmam-se. Sua capacidade de afirmação encontra expressão objetiva no acento que lhes é imprimido, na posição especial que elas ocupam no conjunto de uma obra, na própria forma estilística-literária em que são enunciadas e em toda uma série de outros modos sumamente variados de enunciação de uma ideia como ideia significante, afirmada. Sempre a captamos no contexto de uma obra: a ideia afirmada sempre soa diferentemente da ideia não afirmada. Outros pensamentos e ideias – falsos ou indiferentes do ponto de vista do autor, que não se enquadram em sua cosmovisão – não se afirmam mas negam polemicamente ou perdem sua significação direta e se tornam simples elementos de caracterização, gestos intelectuais ou qualidades intelectuais mais permanentes do herói. (BAKHTIN, 1963/2013, p. 88-89).

Sobre o universo monológico, Bakhtin (1963/2013) ainda reitera que o monologismo no romance, reduz-se a unidade da consciência, como se esta fosse individual. Não há, desse modo, uma interação substantiva de consciências. Constatamos, nesta afirmação bakhtiniana, um diálogo teórico com as obras já mencionadas neste capítulo, **OF** e **MFL**, e com a obra **Questões de Literatura e de Estética: a teoria do Romance** (1975/2002)<sup>63</sup>, as quais também asseveram que a consciência não pode ser vista de forma isolada, pois ela é social.

No universo monológico, de acordo com Bakhtin (1963/2013), somente o autor é ideológico. Nesta perspectiva, suas ideias carregam a marca da sua individualidade. No que se refere às obras monológicas, estas possuem apenas um acento ideológico. Para Bakhtin (1963/2013), “somente a ideia que envereda pelos

---

<sup>63</sup> Nesta obra, Bakhtin (1975/2002) reitera que “O sujeito que fala no romance é um homem essencialmente social, historicamente concreto e definido e seu discurso é uma linguagem social (ainda que em embrião), e não um ‘dialeto individual’. O caráter individual, e os destinos individuais e o discurso individual são, por si mesmos, indiferentes para o romance” (BAKHTIN, 1975/2002, p. 135). Neste mesmo livro, ainda são retomados elementos do **MFEL**, quando Bakhtin expõe que o sujeito que fala no romance é um ideólogo e que suas palavras são um ideograma.

trilhos do ponto de vista do autor pode conservar sua significação sem destruir o caráter monoacentual da unidade da obra.” (BAKHTIN, 1963/2013, p. 94).

Diferentemente deste caráter monológico, as obras de Dostoiévski conseguem representar, na concepção de Bakhtin (1963/2013), a ideia do outro, conservando sua plenivalência e respeitando a distância existente entre a ideia do autor e a das personagens. Portanto, não há, em suas obras afirmações ou negações de ideias, visto que na criação de Dostoiévski “[...] o próprio autor tornou-se um grande artista da idéia.” (BAKHTIN, 1963/2013, p. 95).

No universo polifônico de Dostoiévski, a ideia não se encontra em uma consciência interindividual e intersubjetiva, pelo contrário, a ideia é vista como um acontecimento vivo e dialógico, constituída por uma interlocução de vozes, ou seja, estabelece uma conexão com as ideias dos outros.

A ideia, como considerava Dostoiévski-artista, não é uma formação psicológico-individual subjetiva com ‘sede permanente’ na cabeça do homem; não, a ideia é interindividual e intersubjetiva, a esfera da sua existência não é a consciência individual, mas a comunicação dialogada entre as consciências. A ideia é um acontecimento vivo, que irrompe no ponto de contato dialogado entre duas ou várias consciências. Nesse sentido, a ideia é semelhante ao discurso, com o qual forma uma unidade dialética. Com o discurso a ideia que ser ouvida, entendida e “respondida” por outras vozes e de outras posições. Como o discurso, a ideia é por natureza dialógica, ao passo que o monólogo é apenas uma forma convencional de composição de sua expressão [...] (BAKHTIN, 1963/2013, p. 98).

Esta capacidade de trazer para as suas obras as diversas vozes que permeiam a realidade é proveniente, segundo Bakhtin (1963/2013), do “dom genial” de Dostoiévski em auscultar o diálogo de sua época, captando nela as relações dialógicas entre as vozes. Assim, Dostoiévski conseguia auscultar tanto as vozes dominantes daquele período como também as vozes fracas, isto é, ideias não manifestadas inteiramente, ideias estas que ainda não tinham sido auscultadas por mais ninguém, exceto por ele. Assim sendo, o que Dostoiévski fez “[...] foi destruir a forma monológica fechada das ideias protótipos e incluí-las no grande diálogo de seus romances, onde elas começam a viver uma nova vida artística factual.” (BAKHTIN, 1963/2013, p. 102).

Por apresentar esta habilidade de auscultar as vozes que compunham a realidade, Dostoiévski, de acordo com o pensamento bakhtiniano, reunia as ideias e concepções do mundo ao seu redor e as introduziam em seus romances, os quais

retratavam as relações dialógicas e dialéticas destas vozes. Neste aspecto, as obras de Dostoiévski conseguiam reproduzir os conflitos ideológicos existentes na realidade, uma vez que o autor em questão não reproduzia apenas o seu posicionamento axiológico, como no universo monológico, mas também as ideias surdas e dispersas da sociedade, retratando, assim, as lutas ideológicas nela existentes.

Conforme abordamos, em **PPD**, Bakhtin (1963/2013) mostra sua admiração pela característica polifônica dos romances de Dostoiévski, demonstrando, portanto, a maneira democrática de as diferentes vozes ideológicas dialogarem e conviverem no universo literário, assim como acontece na realidade. No tópico seguinte, Bakhtin (1965/1999), mais uma vez, irá resgatar um de seus escritores favoritos, neste caso, Rabelais, para abordara carnavalização<sup>64</sup>, mostrando, novamente, como a literatura pode reproduzir as relações existentes na realidade.

### 3.5 A IDEOLOGIA EM “A CULTURA POPULAR NA IDADE MÉIDA E NO RENASCIMENTO: O CONTEXTO DE FRANÇOIS RABELAIS”

**A cultura popular na Idade Média e no Renascimento:** o contexto de François Rabelais (doravante **CPIMR**)<sup>65</sup> foi publicada em 1965 com a assinatura de M. Bakhtin. Na visão de Stam (1992), esta obra dá continuidade às ideias bakhtinianas sobre “carnavalização”, as quais foram retratadas em **PPD**.

Segundo Stam (1992), neste livro, Bakhtin (1999/1965) aborda os escritos de Rabelais, o qual, na ótica bakhtiniana, foi o menos compreendido e apreciado entre os escritores da Europa. Bakhtin (1999/1965) admirava a capacidade de o escritor francês ir contra as ideias da classe dominante de forma lúdica, acionando, para isso, a cultura popular carnavalesca.

---

<sup>64</sup> Sobre o termo “carnavalização”, Stam (1992) afirma que este é proveniente das festas populares denominadas de “carnavais”. O carnaval, no final da Idade Média e durante a Renascença “[...] desempenhou um papel simbólico fundamental na vida das pessoas. Durante o carnaval as pessoas penetravam brevemente na esfera da liberdade utópica. O carnaval representava muito mais, naquela época, do que a mera cessação do trabalho produtivo; representava uma cosmovisão alternativa caracterizada pelo questionamento lúdico da liberdade utópica.” (STAM, 1992, p. 43).

<sup>65</sup> Esta obra, conforme aponta Stam (1992), foi a tese apresentada por Bakhtin em 1940 e defendida por ele em 1946 e 1949. Sua tese dividiu a comunidade acadêmica de Moscou e resultou na negação do doutorado a Bakhtin. Somente após dezenove anos, o erudito trabalho de Bakhtin foi publicado em forma de livro, alcançando renome mundial.



Bakhtin vê Rabelais como uma espécie de rebelde literário, cuja vitalidade inexaurível se deve ao fato de ele nutrir a sua arte, em grande parte, na raiz principal da cultura popular do seu tempo. Rabelais transpõe para a literatura o espírito do carnaval, que nada mais é que “a própria vida ... transformada de acordo com um determinado modelo de ludismo, de brincadeira”. As imagens de Rabelais, para Bakhtin, têm uma natureza não oficial indestrutível: “nenhum dogma, nenhum autoritarismo, nenhuma seriedade tacanha pode coexistir com elas”. Bakhtin faz o inventário das várias manifestações populares que se contrapunham à cultura medieval oficial, eclesiástica e feudal: a festa stultorum (festa dos tolos), na qual os equivalentes medievais do Rei Momo reinavam sobre a desordem cômica, a Coena Cypriani (Ceia de Cipriano), na qual as Escrituras eram totalmente travestidas, dentro de um espírito carnavalesco, a paródia sacra, na qual liturgias católicas específicas eram parodiadas, o risus paschalis (riso da Páscoa), e a “festa do asno” (comemoração cômica da fuga de Maria para o Egito, com o asno como figura central). Em todos estes rituais festivos, a Igreja, uma das instituições mais poderosas da época, era ridicularizada e simbolicamente questionada. (STAM, 1992, p. 43-44).

Ainda sobre as características de Rabelais, Stam (1992) enfatiza que, na concepção bakhtiniana, é nos momentos de risos que a filosofia de Rabelais se torna mais evidente, visto que “em Rabelais, o riso assumiu o papel de uma nova consciência, uma consciência crítica, através da qual o dogmatismo e o fanatismo eram ridicularizados.” (STAM, 1992, p. 44).

Após este panorama do conteúdo de **CPIMR**, segue abaixo, um quadro com as divisões do livro, o qual é composto por sete capítulos. Como o nosso intuito não é o de nos aprofundarmos nos fundamentos da carnavalização, iremos nos focar no sétimo capítulo, no qual poderemos estabelecer um paralelo entre a cultura oficial medieval e a Ideologia Oficial, bem como entre a cultura popular e a Ideologia do Cotidiano.

**Quadro 10 – A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais (1965/1999)**

<b>Capítulo Primeiro</b>	Rabelais e a história do riso
<b>Capítulo Segundo</b>	O vocabulário da praça pública na obra de Rabelais
<b>Capítulo Terceiro</b>	As formas e imagens da festa popular na obra de Rabelais
<b>Capítulo Quarto</b>	O banquete em Rabelais
<b>Capítulo Quinto</b>	A imagem grotesca do corpo em Rabelais e suas fontes
<b>Capítulo Sexto</b>	O “baixo” material e corporal em Rabelais
<b>Capítulo Sétimo</b>	As imagens de Rabelais e a realidade do seu tempo

Fonte: Elaborada pela autora

Em **As imagens de Rabelais e a realidade do seu tempo**, Bakhtin (1965/1999) discute que os escritos de Rabelais souberam retratar a realidade de sua época, mostrando acontecimentos reais e pessoas vivas. O escritor francês, em

suas obras, também se interessava pela luta entre duas culturas: a popular e a oficial medieval.

É esta luta entre a cultura oficial medieval e a popular que nos é pertinente, visto que ao associá-las com a ideologia oficial e a do cotidiano, respectivamente, estamos abordando as possíveis maneiras de os indivíduos questionarem as ideias oficiais que predominam na vida real. Rabelais, de acordo com Bakhtin (1965/1999), mostrou-se contrário as ideias da classe dominante, sua tarefa essencial

[...] consistia em destruir o quadro oficial da época e dos seus acontecimentos, em lançar um olhar novo sobre eles, em iluminar a tragédia ou a comédia da época do ponto de vista do coro popular rindo na praça pública. Rabelais mobiliza todos os meios das imagens populares lúcidas para extirpar de todas as ideias relativas à sua época e aos seus acontecimentos, a mentira oficial, a seriedade limitada, ditadas pelos interesses das classes dominantes. Ele não crê na sua época, “naquilo que ela diz de si mesmo e no que ela imagina ser”, mas quer revelar o seu verdadeiro sentido para o povo crescente e imortal. (BAKHTIN, 1965/1999, p. 386).

Diante do exposto, constatamos, de acordo com o estudo de Bakhtin, que as obras de Rabelais mostram, no universo literário, a relação dialética entre a Ideologia Oficial e a do Cotidiano, a qual acontece na realidade. Salientamos, no entanto, que Bakhtin (1965/1999) não estabeleceu de forma clara esta conexão entre a cultura popular e a medieval oficial e a Ideologia do Cotidiano e a Ideologia Oficial, fizemos tal associação a partir das características similares existentes entre estes conceitos.

## 2.6 FAZENDO UM BALANÇO: PARTE 2

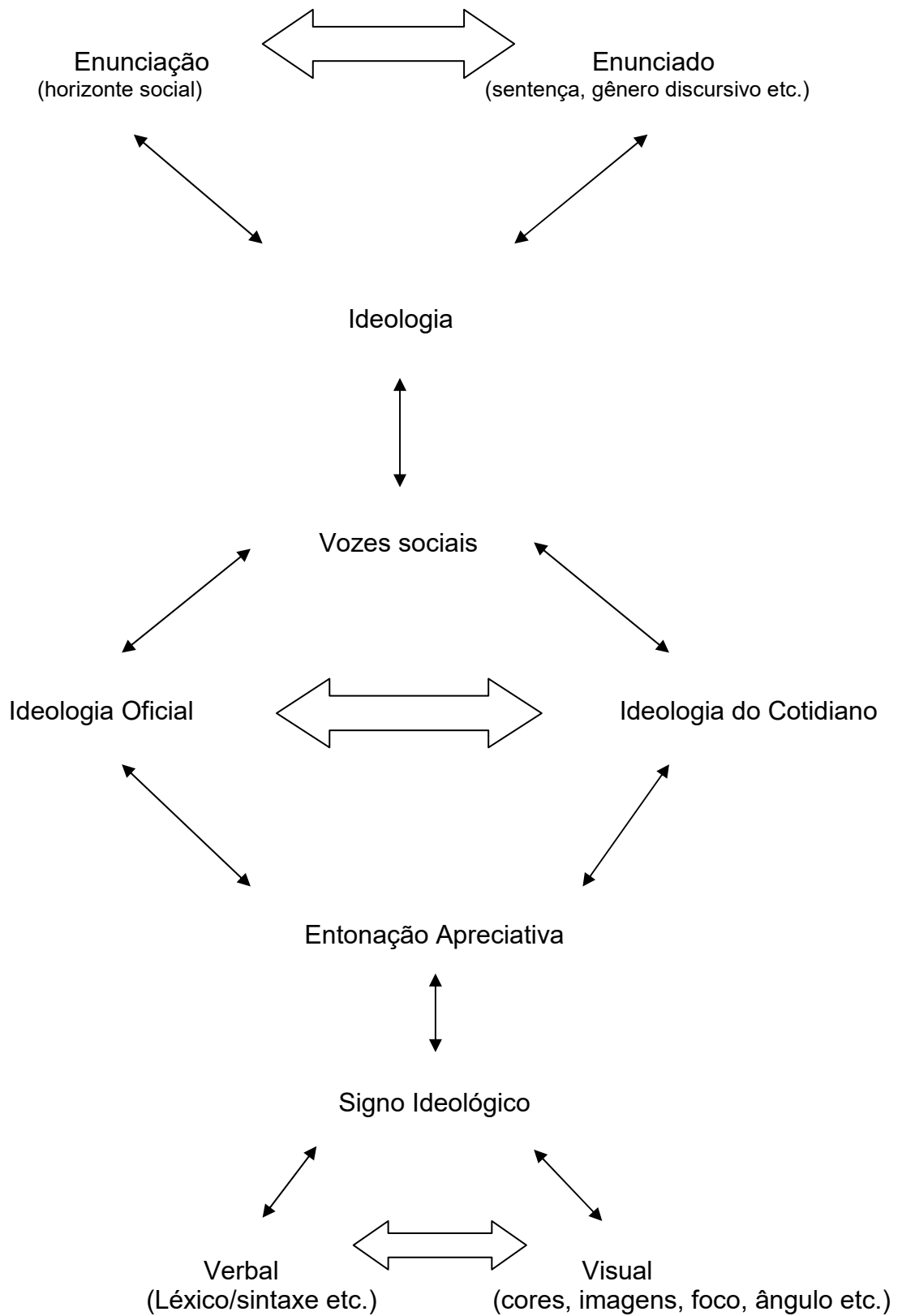
A discussão teórica feita neste capítulo nos possibilitou um aprofundamento do conceito de ideologia proposto por Volochínov, Medviédev e Bakhtin. Ao nos pautarmos nas obras produzidas por estes intelectuais, elaboramos um esquema metodológico com o intuito de mostrar os elementos que iremos observar na análise do nosso *corpus*. Portanto, reiteramos que a ideologia, para o Círculo Bakhtiniano, vai além de um conceito, podendo ser abordada também como uma categoria de análise.

Este esquema, ao buscar contemplar os fundamentos do termo ideologia, aborda deste o horizonte social e o enunciado<sup>66</sup>, partindo de uma macroanálise, até focar-se especificamente no conteúdo verbal e verbo-visual das reportagens. Este procedimento revela que o entorno social, com suas nuances históricas e ideológicas, contribui no processo de construção de sentido de um enunciado. Logo, o nosso objeto de análise jamais poderá ser estudado de maneira isolada e com viés exclusivamente linguístico.

---

<sup>66</sup> Segundo Brait e Melo (2005), o enunciado, na perspectiva do Círculo Bakhtiniano, distingue-se de frase, pois leva em consideração o contexto histórico, cultural e social que um determinado enunciado foi produzido, bem como os sujeitos e discursos envolvidos neste processo de comunicação.

**Figura 3 – Categoria de análise: Ideologia**



**Fonte:** Elaborado pela autora

Como podemos observar neste quadro, o horizonte social engloba a enunciação, a qual se refere ao conteúdo extraverbal. A relevância da exterioridade no estudo da linguagem está presente em todas as obras do Círculo Bakhtiniano aqui apresentadas, dentre as quais **MFEL**. Para este grupo de intelectuais tanto os mecanismos psicológicos quanto o universo literário, por exemplo, sofrem influência do contexto social, histórico e ideológico. Sendo assim, antes de analisarmos o conteúdo das reportagens da **ISTOÉ** sobre as Manifestações de Junho de 2013, devemos observar em que período histórico estes textos foram produzidos, quem os escreveu, em que meio de comunicação foram publicados e o público alvo. Já no enunciado, analisaremos as sentenças que compõe as reportagens escolhidas e as características deste gênero do discurso, focando-nos na função que este exerce na sociedade.

Após observarmos o horizonte social e o enunciado, tarefa que faremos no terceiro capítulo desta dissertação, verificaremos, no quarto capítulo, como a ideologia dos autores que escrevem na revista **ISTOÉ** se inscreve e se manifesta nas reportagens selecionadas. Para tal, iremos nos pautar na teoria de Bakhtin (1963/2013) sobre as vozes sociais.

Em **PPD**, o pensador russo explica que a realidade é permeada por várias vozes, as quais carregam diferentes valores ideológicos. Ao partirmos deste pressuposto, concluímos que, na concepção de Bakhtin (1963/2013), a realidade não é formada apenas por uma ideologia dominante, mas por diversificadas ideias que se relacionam de maneira dialética e nem sempre harmônica, como observamos em **CPIMR**, quando Bakhtin (1965/1999) menciona a luta entre a cultura oficial medieval e a popular nos romances de Rabelais. Podemos, assim, trazermos este universo literário para o mundo real ao mostrarmos os conflitos existentes entre a Ideologia Oficial e a Ideologia do Cotidiano.

Conforme vimos em **OF**, a Ideologia do Cotidiano apresenta certa mobilidade e surge nos encontros casuais e fortuitos, tendo como principal característica a relação dialética que estabelece com a Ideologia Oficial. No que se refere às reportagens da **ISTOÉ**, buscamos verificar a existência destes conflitos ideológicos nestes textos, ao expormos o posicionamento axiológico dos autores e o de outras vozes sobre as Manifestações de Junho de 2013.

Estes juízos de valor são percebidos, nestes enunciados, por meio da entonação apreciativa que é dada pelo autor. Neste momento, passamos a analisar

o signo que, segundo Bakhtin/Volochínov (1929/2014), é ideológico. No estudo em questão, embasamos-nos em **MFL**, no qual encontramos que o signo pode ser expresso tanto por meio de palavras, como em forma de imagens, sons, ferramentas de produção etc. Portanto, não iremos nos ater apenas no conteúdo verbal, mas também no conteúdo visual, tendo como pressuposto que tanto o texto verbal quanto o visual se complementam.

#### 4 AS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2013, A GRANDE MÍDIA E A REVISTA ISTOÉ

“De início, eram uns poucos, aos quais se juntaram centenas, depois formaram-se redes de milhares, depois ganharam o apoio de milhões, com suas vozes e sua busca interna de esperança [...]” (CASTELLS, 2013, p. 6)

Ao longo do mês de junho de 2013, ecoou em todos os lugares do Brasil o enunciado “O gigante acordou<sup>67</sup>”, fazendo alusão ao hino nacional<sup>68</sup> e a um país que, apesar de possuir uma população capaz de gerar mudanças sociais e políticas, encontrava-se em estado inerte perante os problemas que assolavam o povo. Os protestos, neste sentido, representaram o despertar desta população.

Neste cenário de descontentamento, as Manifestações de Junho de 2013 surpreenderam, principalmente pela sua capacidade de mobilizar várias cidades brasileiras e pessoas em protestos constituídos majoritariamente por jovens. Ademais, caracterizaram-se por apresentar um grande número de pautas, as quais versavam principalmente contra o aumento das tarifas do transporte público, corrupção, gastos abusivos com as obras preparatórias para a Copa do Mundo, dentre outras razões.

Estudiosos da área dos movimentos sociais<sup>69</sup>, tais como Fernandes e Roseno (2013), Sakamoto (2013) e Castells (2013), atribuem tamanha repercussão das Manifestações de Junho de 2013, bem como de outras ocorridas pelo mundo neste período, as quais serão comentadas mais adiante, à influência e ao poder que as mídias sociais (*Twitter*, *Facebook* etc.) exercem na vida das pessoas nos dias de

---

<sup>67</sup> Ruy (2014), diante do questionamento “O gigante acordou em junho de 2013?” responde que: “houve um exagero por parte de quem formulou essa palavra de ordem. Não: o gigante já estava acordado – despertar confirmado na eleição de outubro de 2002 quando Lula foi escolhido presidente da República, e nas eleições presidenciais seguintes, que confirmaram aquela opção. O gigante, desde então, este em pé e vigilante!” (RUY, 2014, online).

<sup>68</sup> A frase “O gigante acordou” nos remete ao trecho “Gigante pela própria natureza, és belo, és forte, impávido colosso, E o teu futuro espelha essa grandeza” do hino nacional. Percebemos, assim, que o “gigante”, ou seja, o “Brasil”, no contexto das Manifestações de Junho de 2013, acordou em relação aos problemas sociais que o acometem.

<sup>69</sup> Segundo Gohn (2014), a definição de “movimentos sociais” é muita ampla, podendo contemplar desde teorias construídas a partir de eixos culturais, que abordam o processo de construção de identidades como conceber os movimentos sociais a partir de uma perspectiva da mobilização política, na qual os cidadãos contestam a ordem vigente, reivindicando seus direitos em forma de protestos.

hoje. Sendo assim, a análise destes movimentos na atualidade requer uma revisão teórica do próprio entendimento do que vem a ser mobilização social no século XXI, visto que as manifestações que ocorreram pelo mundo a partir de 2011, nesta era de crise do capitalismo, diferenciaram-se dos protestos do passado, uma vez que estes não possuíam o efeito globalizado da contemporaneidade.

As mídias sociais, neste clima de tensão e indignação, funcionaram como aliadas no processo de organização e divulgação das manifestações, possibilitando a comunicação entre pessoas de diversas regiões do Brasil e de outros países, além de servirem como ferramenta para contestar as informações que a grande mídia divulgou sobre os acontecimentos dos protestos. Portanto, temos aqui representado, para adaptarmos aos termos que utilizamos no segundo capítulo desta dissertação, as constantes lutas ideológicas existentes na realidade, a qual é constituída por várias vozes sociais, sendo estas, muitas vezes, dissonantes.

A grande mídia, em face desta turbulência ideológica, percebeu a necessidade de adaptar a sua programação e o conteúdo divulgado para dar conta das inúmeras notícias que surgiam dia após dia sobre as manifestações e para se esquivar dos questionamentos feitos pelo povo e pelos manifestantes sobre as informações fornecidas a respeito dos protestos.

No que tange ao impacto causado pelas Manifestações de Junho de 2013, podemos dizer que estas ocasionaram mudanças históricas e sociais. Estes protestos mostraram ao povo brasileiro a sua força diante das autoridades políticas e a grande mídia, representando, assim, a relação dialética entre a Ideologia do Cotidiano, aqui vista como a voz da população e a Ideologia Oficial, proveniente, neste caso, do governo e dos meios de comunicação.

Diante deste cenário das Manifestações de Junho de 2013, optamos por dividir este capítulo em quatro partes. Na primeira, realizaremos um levantamento sobre as características das manifestações no século XXI, estabelecendo um paralelo com os movimentos sociais da década de 1960, período em que o estudo acadêmico desta área iniciou-se, segundo Gohn (2014). Logo após, abordaremos as principais manifestações ocorridas no mundo a partir do final de 2010. Posteriormente, iremos contemplar, detalhadamente, as Manifestações de Junho de 2013, verificando suas causas, pautas, características e repercussões. No quarto momento, discutiremos a posição da grande mídia neste contexto dos protestos, dando destaque a revista **ISTOÉ**, por esta trazer reportagens do nosso *corpus*.



#### 4.1 OS MOVIMENTOS SOCIAIS NO SÉCULO XXI

Conforme comentamos brevemente no tópico anterior, estudar os movimentos sociais no século XXI requer uma revisão teórica e metodológica da análise destes eventos. A sociedade, no mundo contemporâneo, não possui mais as limitações referentes à comunicação como outrora, nos dias de hoje, a tecnologia, junto com as mídias sociais, permite que as pessoas troquem informações mesmo estando distantes. Além disso, a atualidade se destaca pela sua crise política, a qual ora questiona as atitudes de seus representantes, ora tenta derrubar governos ditatoriais.

No que se refere ao estudo dos movimentos sociais, de acordo com Gohn (2014), este ganhou espaço, no universo acadêmico, a partir dos anos de 1960 em várias regiões do mundo ocidental. Para a já citada autora, tal visibilidade foi dada em decorrência da relevância que estes movimentos adquiriram para a sociedade, por se tratarem de fenômenos históricos concretos.

Na visão de Pinto (2014), antes dos anos de 1960, o mundo ocidental pós-guerra vivenciou um retraimento da relação da sociedade civil com o espaço público. As pessoas deixaram de ir às ruas exigir os seus direitos, passando, dessa forma, a dedicar-se aos afazeres domésticos, ao trabalho e à família. Viam-se, nesta acomodação generalizada, as ideias incutidas na população de que tudo estava bem, na Europa Ocidental, predominava-se o sentimento de bem-estar.

Esta calma, segundo Pinto (2014), começou a ser abalada na década de 1960, quando se iniciou uma forte reação contra este mundo idealizado construído pelos vencedores da Segunda Guerra Mundial. Este movimento de oposição apareceu, primeiramente, entre os jovens americanos e, posteriormente, entre os jovens europeus, para depois espalhar-se no mundo ocidental no final dos anos de 1960.

Na concepção de Pinto (2014), a primeira reação contrária a esta visão idealizada da sociedade ficou conhecida como Movimento Hippie nos EUA. Este grupo tinha como característica principal a recusa dos ideais do *American way of life*. Nesse sentido, os hippies pregavam um estilo de vida distante do individualismo, da moral vigente e do consumismo. Embora, fosse visto como um movimento de contestação da forma de vida americana, de acordo com Pinto (2014), o Movimento

Hippie não possuía cunho político, os sujeitos que partilhavam destes valores isolavam-se em comunidades, criando sua própria cultura.

Outro movimento social citado por Pinto (2014) refere-se ao Movimento Pacifista contra a Guerra do Vietnã. Para a já citada autora, novamente, tem-se o caso de manifestações sem interesse político ideológico. Este movimento pacifista tinha o intuito de contestar a morte de alguns jovens na guerra do Vietnã e de apresentar questões filosóficas sobre a paz.

Diferentemente dos dois casos citados, o movimento estudantil francês de maio de 1968, na concepção de Pinto (2014), apresentou cunho político e ideológico bem marcado, tendo em vista que se iniciou a partir da revolta de jovens franceses com as formas arcaicas das universidades do país. Estas manifestações estavam ligadas a grupos e partidos da esquerda marxista, pretendendo “[...] ser a liderança de uma aliança operária estudantil.” (PINTO, 2014, p. 134).

Mesmo sem os recursos tecnológicos da atualidade, o movimento estudantil francês, conforme aponta Pinto (2014), conseguiu espalhar-se pelo mundo, provocando ocupações de universidades e manifestações na rua em países europeus, nos Estados Unidos e na América Latina, inclusive no Brasil, durante o regime militar.

Ao ter como objeto de reflexão estes movimentos que aconteceram na década dos anos de 1960, Pinto (2014) afirma que este período

[...] caracterizou-se pela contestação, o mundo ocidental saiu diferente dela, e isto se deveu em grande parte ao movimento de opinião provocado por estas manifestações. Todavia, as novidades se expressavam no comportamento, nas formas de vida, no exercício da sexualidade. A política foi apenas bordejada com os movimentos pacifistas e, apesar dos enfrentamentos dos estudantes franceses, nada mudou significativamente na política europeia. (PINTO, 2014, p. 132).

Ao contrário dos movimentos dos anos de 1960, as manifestações registradas pelo mundo, sobretudo a partir de dezembro de 2010, destacam-se pelo seu caráter político, questionando o governo vigente. As revoluções dos países árabes, Espanha, Estados Unidos e Brasil possuíram particularidades em comuns, sobre as quais iremos discorrer com mais detalhes no próximo tópico. Contudo,

podemos adiantar que estas manifestações se enquadram nas cinco novidades<sup>70</sup> elencadas por Pinto (2014), quando esta se refere aos movimentos da Primavera Árabe, Espanha e Chile. Com o intuito de apresentá-las de maneira didática, iremos colocá-las em tópicos, como pode ser constatado a seguir, explicando-as de acordo com as ponderações feitas por Pinto (2014).

**1° Novidade:** na maioria destes movimentos, Pinto (2014) observou que não há grandes organizações políticas e partidárias. Neles são vistos grupos de pessoas insatisfeitas com o governo que se unem para reivindicar mudanças sociais, econômicas e políticas;

**2° Novidade:** Pinto (2014) ainda constatou a presença da internet e do celular como forma de organização das manifestações, o que possibilitou uma comunicação imediata e uma grande mobilização de pessoas em prol dos protestos;

**3° Novidade:** muitos destes movimentos, na visão de Pinto (2014), foram liderados por jovens, os quais nas últimas décadas estavam distantes da política;

**4° Novidade:** nestas manifestações, para Pinto (2014), o espaço público foi ocupado, tornando-se lugar de discussões e reivindicações;

**5° Novidade:** estes movimentos possuem grande visibilidade. Pinto (2014) comenta que há, nestas manifestações, um alastramento da luta, mesmo diante de forte repressão enfrentada por estes protestantes, conseguindo, assim, popularidade, adesão e provocar mudanças no governo.

Com o intuito de mostrarmos como estas novidades aconteceram nas manifestações ocorridas a partir de dezembro de 2010, iremos expor, no próximo tópico, os principais protestos que aconteceram neste período.

---

<sup>70</sup> Estas novidades, segundo Pinto (2014), referem-se às características que as manifestações ocorridas a partir do ano de 2011 apresentam.

## 4.2 OS PROTESTOS QUE ANTECEDERAM ÀS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2013: A PRIMAVERA ÁRABE, OS INDIGNADOS DA ESPANHA E O OCCUPY WALL STREET

Neste tópico, iremos contemplar, resumidamente, as manifestações ocorridas em alguns países árabes<sup>71</sup> (dando destaque à Tunísia e ao Egito), Espanha e Estados Unidos. Objetivamos, com isso, demonstrar como as cinco novidades propostas por Pinto (2014) se articulam nestas manifestações. Além disso, buscamos, por meio desta retomada histórica e social, verificar que estes movimentos, embora estejam separados geograficamente, estão interligados no que diz respeito à sua forma de organização e reivindicação. Conforme aponta Gohn (2014), o estudo dos movimentos sociais, na contemporaneidade, requer uma mudança no foco dos pesquisadores, os quais precisam voltar-se para análises globais e não mais locais.

Salientamos ainda que, mais adiante, ao retratarmos as Manifestações de Junho de 2013, constataremos que os eventos ocorridos no Brasil se assemelham aos protestos que aconteceram pelo mundo, sobretudo no que se refere à indignação e revolta contra a maneira política de administrar o país. Sobre este assunto, Rolnik (2013) comenta que nos países árabes, Espanha, Estados Unidos, assim como

[...] nas cidades brasileiras, os modelos de desenvolvimento e formas de fazer política estão em questão. De acordo com Leonardo Sakamoto, a "civilização representada por fuzis, colheitadeiras, motosserras, terno e paletó [...] mais cedo ou mais tarde terá de mudar". O velho modelo de república representativa como modelo único em praticamente todo o planeta, dá sinais claros de esgotamento. (ROLNIK, 2013, p. 18).

Temos, como exemplo deste descontentamento político, o caso do jovem vendedor de 26 anos, Mohamed Bouazizi, que entrou para a história do mundo árabe ao se autoimolar por fogo às 11h30 da manhã de dezembro de 2010 em frente a um prédio do governo da Tunísia. Segundo Castells (2013), a atitude de

---

<sup>71</sup> As manifestações ocorridas no oriente médio e no norte do continente africano ficaram conhecidas como Primavera Árabe. Estes movimentos tinham o intuito de combater governos ditatoriais e/ou reivindicar melhores condições sociais. Dentre os países que fizeram parte desta onda de protestos, os quais ainda repercutem nos dias de hoje, tem-se a Tunísia, Egito, Líbia, Argélia, Iêmen, Marrocos, Bahrein, Síria, Jordânia e Omã. Salientamos que a Tunísia, seguida do Egito, é a precursora da Primavera Árabe.

Mohamed foi gravada por seu primo e postada nas redes sociais como forma de demonstrar a revolta deste cidadão que estava cansado da humilhação de ter sua banca de frutas e verduras confiscadas pela polícia local por ele negar-se a pagar propina. Outros vendedores revoltados com esta situação protestaram na porta da prefeitura de Sidi Bouzid (cidade onde Mohamed morava), após a morte do rapaz.

O ato de Mohamed, conforme explica Castells (2013), desencadeou ainda outros suicídios simbólicos pelo país, estimulando à ira e a coragem da juventude, a qual, mais tarde, foi para as ruas, iniciando, assim, a Revolução da Tunísia<sup>72</sup>. Após quatro semanas, estes protestos, que se iniciaram no final de dezembro de 2010 e continuaram em janeiro de 2011, conseguiram derrubar o governo de Ben Ali.

As conquistas da Tunísia e o seu poder de mobilização, influenciou o Egito a ir para as ruas. Para Castells (2013), as manifestações deste país, as quais se iniciaram no dia 25 de janeiro de 2011, foram oriundas de opressões, injustiças, pobreza, desemprego, sexismo e brutalidade policial. Em 18 dias de protestos, o último faraó foi destronado.

Esta luta do povo egípcio, como salienta Castells (2013), nasceu no Movimento da Juventude no dia 6 de abril com a criação de um grupo no *Facebook*, o qual conseguiu atrair 70 mil seguidores. Com a ajuda das mídias sociais, ativistas pertencentes a este grupo conseguiram ocupar, no dia 25 de janeiro de 2011, a praça Tahrir no Cairo. Segundo Castells (2013), esta ocupação serviu como inspiração para o movimento *Occupy Wall Street* dos Estados Unidos.

Diante do exposto, até o momento, percebemos que estes movimentos, apesar de locais, estavam conectados entre si, servindo de inspiração uns para os outros. A respeito disso, Castells (2013) assevera que

[...] a verdadeira centelha que deflagrou a revolução egípcia, incitando protestos numa escala sem precedentes, inspirou-se na revolução tunisiana, que acrescentou essa esperança a indignação provocada pela insuportável brutalidade. A revolução egípcia foi dramatizada, seguindo o exemplo tunisiano, por uma série de autoimolações (seis no total) em protestos contra o aumento do preço da comida, que deixara muitas pessoas com fome. (CASTELLS, 2013, p. 38).

---

<sup>72</sup> A Revolução da Tunísia foi também denominada “Revolução de Jasmin”. De acordo com Aquino (2011), “[...] o nome escolhido foi dessa flor branca perfumada porque ela é símbolo da Tunísia, e porque para eles significa pureza e a doçura de viver na tolerância”.

De acordo com Castells (2013), seguindo o exemplo das revoluções tunisiana e egípcia, outros países árabes se rebelaram, instituindo-se, assim, o Dia da Fúria. Segundo o já citado autor, manifestações foram registradas no dia 7 de janeiro na Argélia; 12 de janeiro no Líbano, 14 de janeiro na Jordânia, 17 de janeiro na Mauritânia, no Sudão e em Omã; 27 de janeiro no Iêmen, 14 de fevereiro no Bahrein; 17 de fevereiro na Líbia; 18 de fevereiro no Kuwait; 20 de fevereiro no Marrocos; 26 de fevereiro no Saara Ocidental; 11 de março na Arábia Saudita e 18 de março na Síria.

Estes numerosos protestos, ocorridos no mundo árabe, na visão de Castells (2013), não surtiram muitos efeitos, somente na Arábia Saudita, Líbano, Kuwait e Emirados Árabes Unidos, coisas pouco relevantes aconteceram, nos demais países o processo fracassou. Os resquícios destes movimentos ainda estão presentes nos dias de hoje em alguns destes locais, tendo como exemplo disto a Síria, que sofre atualmente com uma guerra civil entre grupos extremistas e o exército sírio.

Além dos países árabes, protestos também foram registrados na Europa. A Espanha, em maio de 2011, também protagonizou manifestações. Na concepção de Castells (2013), a crise europeia foi a percussora destes protestos. Assim como no Egito, na Espanha foi criado um grupo no *Facebook*, denominado "Plataforma de Coordenação de Grupos Pró-Mobilização Cidadã", o qual, posteriormente, evoluiu para um grupo de debates no *Facebook*, conhecido como Democracia Real Ya.

Castells (2013) ainda relata que os espanhóis, nas mídias sociais, convocaram a população a se manifestar nas ruas no dia 15 de maio<sup>73</sup>, data que antecedia as eleições municipais. Neste protesto, manifestantes, a maioria jovens, segundo Pinto (2014), apresentaram o seguinte *slogan* "Democracia Real Ya! Ocupe as ruas. Não somos mercadorias nas mãos de políticos e banqueiros." Este protesto foi seguido por outros, os quais também foram divulgados via *Facebook*, *Twitter* etc. Salientamos que além das ruas, os manifestantes também ocuparam, em um dos protestos, a praça Puerta Del Sol, em Madri.

No que se refere às consequências destas manifestações, Castells (2013) aponta que nenhuma das propostas dos manifestantes foi transformada em política.

---

<sup>73</sup> As manifestações da Espanha ficaram conhecidas como "Movimento 15-M" em referência a sua data de início, 15 de maio.

Contudo, as manifestações que aconteceram na Espanha quase destruíram o partido PSoe (Partido Socialista Obrero Español). Na visão de Castells (2013), a principal mudança aconteceu na mentalidade dos cidadãos espanhóis.

Outra manifestação de cunho político do ano de 2011 foi o *Occupy Wall Street* nos Estados Unidos. Novamente, as causas destes protestos foram motivadas pela situação econômica do país, o qual enfrentava, nas palavras de Castells (2013), um naufrágio no mercado imobiliário. Diante desta crise, a revista de crítica cultural, **Adbusters**, convocou, em seu *blog*, uma ocupação no dia 17 de setembro de 2011, tendo como exemplo a ocupação de Tahrir. A chamada dizia "#occupywallstreet. Você está pronto para um momento Tahrir? No dia 17 de setembro, invada *Lower Manhattan*, monte barracas, cozinhas, barricadas pacíficas e ocupe *Wall Street*."

Após esta manifestação, constituída majoritariamente por jovens, outras foram registradas. No que se refere às consequências destes protestos, Castells (2013) relata que, devido à falta de apoio a um partido político específico, este movimento não apresentou uma mudança direta em sua ação. Todavia, foram criadas diversas campanhas que conseguiram corrigir algumas práticas injustas, dentre elas, temos como exemplos: as campanhas de moradia<sup>74</sup> e o dia da transferência bancária<sup>75</sup>.

Constatamos, mediante o relato das manifestações ocorridas pelo mundo, que as cinco novidades propostas por Pinto (2014) estão presentes em cada protesto abordado neste tópico. Mais adiante, após discorrermos sobre as Manifestações de Junho de 2013, iremos, de maneira resumida, demonstrar como estas novidades aparecem nestes movimentos sociais em um quadro que elaboramos no término do próximo tópico.

A seguir, ao abordarmos as Manifestações de Junho de 2013, procuraremos constatar se estas características se aplicam nos protestos brasileiros.

---

<sup>74</sup> Um exemplo da Campanha de Moradia realizada nos Estados Unidos, conforme relata Castells (2013), ocorreu no dia 6 de dezembro, quando "[...] grupos de pessoas 'ocuparam' casas de famílias despejadas em muitas áreas do país com a finalidade de pressionar os credores a oferecer modificações nas condições de empréstimos, com reduções substanciais." (CASTELLS, 2013, p. 121).

<sup>75</sup> O dia da transferência bancária, de acordo com Castells (2013), teve o intuito de "[...] estimular os indivíduos e instituições a se livrar de grandes bancos nacionais de Wall Street, transferindo suas contas para instituições financeiras e cooperativas de créditos em fins lucrativos e de âmbito local." (CASTELLS, 2013, p. 121).

Ademais, podemos afirmar que o Brasil se espelhou nas manifestações que vinham acontecendo pelo mundo desde 2011. Observamos esta ligação ao analisarmos os cartazes das Manifestações de Junho de 2013, os quais, muitas vezes, fazem alusão a eventos ocorridos, por exemplo, nos países árabes, como na mensagem “E ainda nem é primavera”.

**Figura 4 – E ainda nem é primavera**



Fonte: <https://www.pinterest.com/pin/236298311671533364/>

#### 4.3 “O GIGANTE ACORDOU”: AS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2013

O Brasil, em junho de 2013, encontrava-se inserido neste contexto de protestos que aconteciam pelo mundo, tendo uma população que, embora tivesse organizado movimentos sociais a partir dos anos 90, estes não ganharam tamanha visibilidade midiática, como as Manifestações de Junho de 2013, Caras Pintadas de 1992 e Diretas Já de 1984. A corrupção, problema que aflige o país desde o período colonial, a falta de investimento em saúde e educação, dentre outros problemas econômicos e sociais, fizeram parte das reivindicações das Manifestações de Junho de 2013. Portanto, tínhamos, no país, apenas protestos locais e a vaga lembrança de movimentos ocorridos no passado. Nesse sentido, as Manifestações de Junho de 2013 não abalaram somente as estruturas físicas e políticas do país, mas trouxeram à tona a história de um povo que já havia sobrevivido a uma Ditadura Militar e a um presidente, cujo mandato foi caçado com a ajuda da luta popular. Sobre esta recordação histórica, Nogueira (2013) comenta que “os acontecimentos que se desenrolaram sob nossos olhos na telinha e nas mídias sociais principalmente a partir de junho de 2013 pareciam um *déjà vu* de mobilizações políticas anteriores.” (NOGUEIRA, 2013, p. 28).



Estas lutas populares do passado deram uma trégua, pairando, no Brasil, um clima de dormência que só foi fortemente abalado pelas Manifestações de Junho de 2013, as quais, em apenas um mês, fizeram com que a grande mídia, a população, os cientistas políticos e outros estudiosos da área parassem para pensar nos efeitos destes protestos na sociedade brasileira. Sobre o impacto destes protestos, Vainer (2013) aponta que

Governantes, políticos de todos os partidos, imprensa, cronistas políticos e até mesmo cientistas sociais foram pegos de surpresa pelas manifestações de massa que mudaram a face e o cotidiano de nossas cidades em junho. Pela rapidez com que se espraíram, pelas multidões que mobilizaram, pela diversidade de temas e problemas postos pelos manifestantes, elas evocam os grandes e raros momentos da história em que mudanças e rupturas que pareciam inimagináveis até a véspera se impõem à agenda política da sociedade e, em alguns casos, acabam transformando em possibilidade algumas mudanças sociais e políticas que pareciam inalcançáveis. (VAINER, 2013, p. 62).

Destacamos, entretanto, que, apesar de terem atingido grandes proporções, as Manifestações de Junho de 2013 iniciaram-se timidamente, no dia 6 de junho, com um protesto do Movimento Passe Livre (MPL)<sup>76</sup> em São Paulo, conforme esclarece Fernandes e Roseno (2013). Nesta data, aproximadamente 150 manifestantes do MPL concentraram-se em frente à prefeitura de São Paulo a favor do passe livre e contrários ao aumento das passagens dos transportes públicos.

Nos dias seguintes, como veremos mais adiante, os protestos foram ganhando força ao adquirir mais adeptos. No que se refere às pautas destas manifestações, percebemos que a população brasileira não se incomodou somente com o aumento das passagens do transporte público. Na verdade, este motivo funcionou apenas como o precursor dos protestos, o povo, na concepção de Leitão (2013), estava insatisfeito com outros problemas sociais, tais como:

- a) Ineficiência de gestão pública, corrupção, nepotismo, malversação do dinheiro público;
- b) Insegurança, crime organizado, desaparecimento das polícias militares, falta de políticas públicas para combate às drogas;

---

<sup>76</sup> Segundo informações fornecidas pela comissão do Movimento Passe Livre (2013), o MPL não se iniciou em São Paulo nas Manifestações de Junho de 2013. Ele se originou em Salvador em 2013, em protestos que se estenderam no mês de agosto daquele ano, os quais ficaram conhecidos como a Revolta do Buzu. Após estes eventos, outras manifestações contra o aumento do transporte público foram registradas, mas em outros locais, tais como: Florianópolis (2004), Vitória (2006), Teresinha (2011), Aracaju e Natal (2012), Porto Alegre e Goiânia (início de 2013).

- c) Deficiência na oferta da saúde pública, falta de profissionais médicos nas periferias e municípios distantes dos grandes centros, hospitais sem as mínimas condições de atendimento;
- d) Investimentos públicos insuficientes para atender as demandas educacionais do país, baixa remuneração dos professores, métodos de ensino ultrapassados, carência de condições materiais nas escolas das regiões pobres;
- e) Falta de investimento em transporte público de qualidade, indefinição de uma política de mobilidade urbana que permita uma melhor qualidade de vida aos brasileiros, falta de vias expressas e corredores exclusivos de transportes públicos nas grandes cidades. (LEITÃO, 2013, p. 50-51).

Esta insatisfação generalizada resultou nas conhecidas Manifestações de Junho de 2013. Para melhor entendimento, elaboramos, a seguir, um quadro, pautando-nos nas informações fornecidas por Fernandes e Roseno (2013) sobre os eventos ocorridos nestes protestos.

**Quadro 11 – Os acontecimentos das Manifestações de Junho de 2013**

6 de junho de 2013 (quinta-feira)	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Em torno de 150 manifestantes do MPL se reuniram em frente à Prefeitura da cidade de São Paulo pedindo o passe livre e sendo contrários ao aumento das passagens do transporte público.</li> </ul>
7 de junho de 2013 (sexta-feira)	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Cerca de 5 mil manifestantes se reuniram no Largo da Batata na saída da Estação do Metrô Pinheiros (linha 4 – Amarela). Em número bem maior, estes cidadãos, assim como no dia anterior, também protestavam contra o valor do aumento da passagem;</li> <li>○ Neste dia, os manifestantes bloquearam uma das maiores vias de acesso de São Paulo, o que ocasionou a intervenção da polícia, a qual utilizou <i>spray</i> de pimenta, balas de borracha, bombas de gás lacrimogêneo e de efeito moral.</li> </ul>
10 de junho de 2013 (segunda-feira)	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Os protestos contra o aumento da tarifa de ônibus iniciam-se no Rio de Janeiro;</li> <li>○ Por volta de 300 manifestantes se concentraram nas escadarias da Câmara Municipal, na Cinelândia. Estas pessoas, posteriormente, seguiram para as avenidas principais do Rio de Janeiro, entrando, inclusive, em confronto com a polícia.</li> </ul>
11 de junho de 2013 (terça-feira)	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Mais de 12 mil pessoas comparecem, em São Paulo, as manifestações que iniciaram na rua da Consolação;</li> <li>○ Quando os manifestantes chegaram no terminal de ônibus Parque Dom Pedro II, o protesto até então pacífico, tornou-se violento. A Tropa de Choque, na tentativa de impedir a invasão do local, fez uso de balas de borracha, bombas de gás lacrimogênio e efeito moral;</li> <li>○ Grupos extremistas iniciaram uma série de atos de vandalismo, o que intensificou a reação da polícia.</li> </ul>
13 de junho de 2013 (quinta-feira)	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ As manifestações, neste dia, foram realizadas em Natal, Porto Alegre, Santarém, Maceió, Rio de Janeiro, Sorocaba e São Paulo;</li> <li>○ Alguns meios de comunicação rotularam os manifestantes como</li> </ul>

	<p>vilões, já outros criticavam as ações violentas da polícia;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Nesta dada cerca de 5 mil pessoas se reuniram, em São Paulo, para protestar;</li> <li>○ No confronto entre a polícia e os manifestantes, sete jornalistas foram feridos. Dentre eles a repórter da Folha de São Paulo Juliana Vallone, a qual foi atingida no olho direito por um tiro de borracha, ficando ferida gravemente.</li> </ul>
17 de junho de 2013 (segunda-feira)	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Os manifestantes, após os confrontos violentos, passaram a exibir cartazes pedindo paz;</li> <li>○ Nos dias que se seguem, as manifestações começaram a se destacar pela diversidade de pautas;</li> <li>○ A mídia passou a realizar cobertura em nível nacional. Os jornais de outros países também divulgaram notícias sobre as manifestações.</li> </ul>
18 de junho de 2013 (terça-feira)	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Neste dia, registraram-se protestos em mais de 15 estados brasileiros;</li> <li>○ Na Praça da Sé, em São Paulo, 50 mil pessoas se reuniram em direção à Avenida Paulista. Novamente, houve confusão entre manifestantes e policiais;</li> <li>○ A presidente Dilma Rousseff fez um pronunciamento em cadeia nacional dizendo “Hoje, o Brasil acordou mais forte”.</li> </ul>
19 de junho de 2013 (quarta-feira)	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ No Rio de Janeiro, foi divulgada a notícia da redução da tarifa dos transportes públicos;</li> <li>○ Nos próximos dias, esta mesma conquista chegaria em São Paulo.</li> </ul>
20 de junho de 2013 (quinta-feira)	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Os protestos atingiram mais de 120 cidades brasileiras, tendo como adeptos cerca de 1,5 milhão de pessoas, as quais portavam em faixas e cartazes dezenas de reivindicações;</li> <li>○ Os manifestantes queimaram bandeiras de partidos políticos.</li> </ul>
Após 20 de junho de 2013	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ No dia 21 de junho, a presidente Dilma Rousseff fez um novo pronunciamento, declarando que “As manifestações desta semana trouxeram importantes lições”;</li> <li>○ Neste discurso, a presidente abordou a necessidade de se elaborar um plano de mobilidade urbana e reformas nos setores de educação e saúde;</li> <li>○ Nos próximos dias, ocorreram vários protestos pelo país;</li> <li>○ Tornou-se comum a paralisação de estradas feita por caminhoneiros;</li> <li>○ No dia 25 de junho a PEC-37 foi derrubada;</li> <li>○ O presidente Renan Calheiros apresentou várias pautas para serem discutidas no mês de julho;</li> <li>○ As férias dos deputados foram suspensas.</li> </ul>

**Fonte:** Elaborado pela autora

Ao observarmos o quadro acima, fica claro o aumento considerável no número de pessoas e cidades que participaram das manifestações. No dia 6 de junho de 2013, havia apenas 150 pessoas do MPL protestando em São Paulo, já na semana seguinte (11 de junho de 2013), este número saltou para 12 mil

manifestantes no mesmo local. No que se refere às cidades que registraram manifestações, constatamos que um movimento iniciado em São Paulo expandiu-se, em menos de um mês, para aproximadamente 120 cidades brasileiras.

Em face de tamanha repercussão, percebemos que as mídias sociais contribuíram para este amplo recrutamento de participantes em todo o país. Na visão de Fernandes e Roseno (2013), foi surpreendente a utilização destas ferramentas tecnológicas durante as Manifestações de Junho de 2013, tendo em vista que antes se pensava que nas redes sociais debatiam-se somente sobre temas comuns, tais como, música, política, religião, sexo, culinária, futebol etc. Nesse sentido, não se imaginava que este espaço cibernético também pudesse ser utilizado como um meio de se pressionar o governo e iniciar uma reforma política. A respeito disso, Sakamoto (2013) comenta que

Essas tecnologias de comunicação não são apenas ferramentas de descrição, mas sim de construção e reconstrução da realidade. Quando alguém atua através de uma dessas redes, não está simplesmente reportando, mas também inventando, articulando, mudando. Isto, aos poucos, altera também a maneira de se fazer política e as formas de participação social. (SAKAMOTO, 2013, p. 170).

Neste contexto, o *Facebook*, *Twitter* etc. foram utilizados como ferramenta para a comunicação entre os manifestantes, servindo como meio para se articular ideias, datas e locais. Na visão de Fernandes e Roseno (2013), neste ambiente, as informações se propagam rapidamente e se espalham facilmente, tornando-se imprevisível e incontrolável. Nos cartazes abaixo, podemos constatar como as redes sociais estiveram presentes nas ruas.

**Figura 5** – As redes sociais e as Manifestações de Junho de 2013



Fonte: revista **ISTOÉ**, n. 2275, jun 2013. p. 78-79.

A título de contextualização deste fenômeno de comunicação *online*, Fernandes e Roseno (2013) mencionam o caso de um estudante que, com um simples convite nas redes sociais, conseguiu convocar mais de 15 mil pessoas em Brasília, promovendo, em 4 dias, um evento político.

Um estudante de 17 anos de idade, chamado Jimmy Carreiro Lima, convidou 1.400 pessoas de uma rede social para participarem de um protesto contra a corrupção do sistema público. Em três dias, o convite eletrônico havia alcançado 200 mil pessoas. Em 17 de junho de 2013, 15 mil pessoas se reuniram em Brasília; o dia marcou a ocupação da Esplanada dos Ministérios e manifestantes subiram a rampa do Congresso Nacional. A presidenta Dilma Rousseff anunciou que receberia Jimmy. (FERNANDES; ROSENO, 2013, p. 28).

Enfatizamos ainda que as redes sociais não serviram apenas como forma de convocação, elas também foram aliadas na divulgação de informações sobre os eventos ocorridos nestas manifestações, por meio da mídia alternativa, a qual, muitas vezes, questionou as informações veiculadas pela grande mídia. Vemos aqui o conflito ideológico entre a Ideologia do Cotidiano e a Ideologia Oficial, representadas, respectivamente, pela mídia alternativa e a grande mídia.

Segundo Fernandes e Roseno (2013), o uso constante de produções amadoras de fotos e filmes feitos pelos manifestantes nos protestos, possibilitou que as mídias alternativas usassem as informações produzidas em tempo real por pessoas que estavam efetivamente participando destes eventos. Este conteúdo, de caráter independente, postado na *internet*, ganhou a atenção dos telespectadores de todo o Brasil, obtendo audiência semelhante aos grandes canais da TV aberta brasileira. Sobre este assunto, Fernandes e Roseno (2013) citam o exemplo de uma destas redes alternativas, a Mídia NINJA (Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação), expondo que ela

[...] é um grupo com cerca de 100 pessoas, que sem cortes e sem edição, transmite ao vivo as manifestações populares por todo o território nacional pela internet. Não sendo ligada a qualquer partido político ou empresa de comunicação, ela age independentemente, misturando realismo jornalístico com denúncia. A autoria é coletiva e os equipamentos vão desde microcâmeras Go Pro, até carrinhos de supermercado adaptados com filmadoras. A popularidade do grupo é respeitada, atualmente possui mais de 149 mil fãs no *Facebook*, 15 mil seguidores no *Twitter* e milhares de pessoas assistiram suas produções. A audiência é tamanha que emissoras como Globo, Record e Bandeirantes disputaram a atenção de telespectadores como a Mídia Ninja. (FERNANDES; ROSENO, 2013, p. 53).

Diante destas múltiplas ferramentas de divulgação, a grande mídia, viu-se, em alguns momentos, questionada quanto à abordagem que estava dando aos acontecimentos das manifestações. Na concepção de Lima (2013), por meio da análise dos cartazes presentes nos protestos, é possível inferir que os jovens manifestantes se consideravam “sem voz pública”. Neste sentido, a grande mídia, vendo que estava perdendo o apoio público<sup>77</sup>, mudou drasticamente seu posicionamento ideológico. Abaixo, seguem alguns cartazes que contestaram a grande mídia brasileira.

**Figura 6 –** Cartazes contra a grande mídia brasileira nas Manifestações de Junho de 2013



**Fonte:**

<http://www.jornalopcao.com.br/posts/ultimas-noticias/manifestantes-que-sairam-as-ruas-nesta-5-feira-cobram-cobertura-imparcial-da-midia>



**Fonte:**

<http://www.sedufsm.org.br/index.php?secao=noticias&id=2542>

Podemos dizer que, em um primeiro momento, o fato de o Brasil estar sediando, no mês de junho, um grande evento da área futebolística, a Copa das Confederações, contribuiu para que a grande mídia fosse contra os protestos. Afinal, neste período, o mundo estava voltado para os acontecimentos do Brasil, e não era interessante para o país ganhar destaque nas páginas internacionais devido às

---

<sup>77</sup> Salientamos que, apesar de as Manifestações de junho de 2013 contarem com o apoio de uma grande parcela da população brasileira, Nogueira (2013) afirma que havia também os discursos mais conservadores, os quais diziam que os jovens brasileiros tinham se tornado “[...] massa de manobra nas mãos de opositores brasileiros.” (NOGUEIRA, 2013, p. 30).

manifestações. A respeito deste assunto, Fernandes e Roseno (2013) comentam que

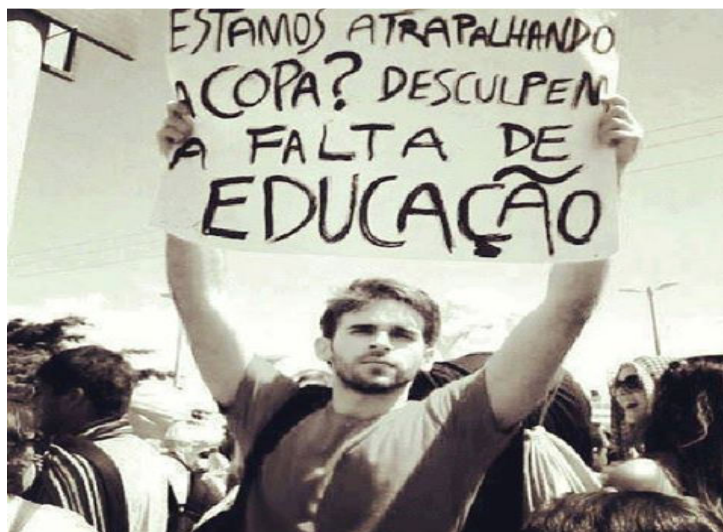
No início, os comentaristas de futebol de algumas emissoras ficaram irritados, alegando que a festa brasileira seria manchada com os protestos ao redor dos estádios. Mas depois que as manifestações tomaram vulto e uma parte da imprensa foi reprimida, os mesmo comentaristas renderam-se aos protestos. Ex- jogadores de futebol deram novas declarações se retratando. (FERNANDES; ROSENO, 2013, p. 55).

No que se refere ao foco dado pela grande mídia, Vainer (2013) assevera que

[...] a repressão brutal e a rapidez com que a mídia e governos tentaram amedrontar e encurralar os movimentos deveu-se, ao menos em parte significativa, à preocupação em impedir que jovens irresponsáveis e “vândalos” manchassem a imagem do Brasil num momento em que os olhos do mundo estariam postos sobre o país, devido à Copa das Confederações. “Porrada neles”. A grande mídia deu o tom, e o ministro da Justiça compareceu ao telejornal da principal rede de televisão para colocar a Força Nacional à disposição de governos estaduais e municipais. (VAINER, 2013, p.65).

Os manifestantes debatiam as críticas feitas pela grande mídia utilizando cartazes que davam voz e visibilidade a eles. Temos como exemplo destas respostas a mensagem: “Estamos atrapalhando a copa? Desculpem a falta de educação”, o qual se encontra a seguir. Neste enunciado, percebemos que há uma ambiguidade com a palavra “educação”, que pode se referir a um comportamento inadequado ou a falta de investimento na área educacional. Entretanto, este duplo sentido é desfeito quando levamos em consideração o momento da enunciação. Por estar inserido em uma manifestação que tem como uma das pautas a falta de investimento com a educação do país e o alto gasto com as obras preparatórias com a Copa do Mundo, podemos interpretar que o sentido que se pretende passar é que os manifestantes estão “atrapalhando” a Copa, devido à escassez de recursos financeiros do governo para a área educacional.

**Figura 7** – “Estamos atrapalhando a copa? Desculpem a falta de educação”



Fonte: <http://sonhosfazem-mal.tumblr.com/?route=%2F>

Diante deste ato responsivo dos manifestantes perante a crítica negativa da grande mídia sobre os protestos, verificamos que há, no exemplo dado por nós, a presença da teoria proposta pelo Círculo Bakhtiniano sobre o fato de o enunciador pautar-se em seu interlocutor na enunciação. A partir do momento em que os meios de comunicação começaram a ser reprimidos pelos manifestantes e pelo povo brasileiro, estes jornais, revistas, programas televisivos etc., passaram a rever o seu posicionamento ideológico sobre os eventos. Sobre isso, Secco (2013) afirma que

Acompanhando seu mercado, a direita midiática se viu forçada a apoiar os manifestantes – mas com sua própria pauta. Por isso, o decisivo não foi a violência, tão natural contra trabalhadores organizados, e sim sua apropriação pela imprensa. (SECCO, 2013, p.128).

Outro fator que contribuiu para a imagem negativa que a mídia criou das Manifestações de Junho de 2013 refere-se à violência que permeou estes protestos, tanto por parte dos policiais<sup>78</sup> quanto dos manifestantes. No quadro 11, mostramos

---

<sup>78</sup> Em relação aos policiais, segundo Cardia (1997), foi realizado um estudo pelo jornal Folha de S. Paulo em janeiro de 1996 com o intuito de identificar a imagem que os cidadãos de São Paulo e Rio de Janeiro tinham da polícia. Neste levantamento, constatou-se que, nestas cidades, 61% da população associava a polícia a uma imagem negativa, considerando que ela era ineficiente, despreparada, corrupta, violenta, não proporcionava segurança etc. Apesar de este estudo ter sido realizado há 9 anos, constatamos que a imagem que as pessoas têm da polícia, atualmente, não se diferencia do passado, confirmaremos esta informação no quarta capítulo, durante a análise do nosso



que, no dia 7 de junho de 2013, a polícia fez uso da força, a fim de se evitar o bloqueio dos manifestantes em uma das maiores vias de acesso a São Paulo. Nesta data, foram utilizados *spray* de pimenta, balas de borracha, dentre outros mecanismos, para coibir a ação dos protestantes. Ações como esta se intensificaram mais quando grupos extremistas, denominados *Black Blocs*<sup>79</sup>, começaram a praticar atos de vandalismo durante os protestos.

A grande mídia, diante desta violência ocasionada por policiais e grupos extremistas, passou a divulgar informações e imagens destes conflitos em suas manchetes. A cobertura dos eventos, bem como a interpretação dada pela grande mídia foram capazes de criar heróis e vilões, a partir do foco<sup>80</sup> dado em suas notícias, o qual, na maioria das vezes, pautou-se no vandalismo das manifestações, pouco divulgando sobre as pautas dos protestos.

Ademais, a violência não atingiu apenas manifestantes e policiais, jornalistas, repórteres e cinegrafistas também foram vítimas destes confrontos. De acordo com o quadro 11, no dia 13 de junho, a jornalista Juliana Vallone foi atingida por uma bala de borracha no olho direito, ficando gravemente ferida. Tal acontecimento corroborou para que a grande mídia, agora também vítima dos policiais, vilanizasse a atitude dos PMs nos protestos. Na perspectiva de Secco (2013), “o ataque a jornalistas” contribuiu para a solidariedade ao movimento.

Em meio a este ambiente conturbado, começou-se a notar, nos protestos, cartazes pedindo paz. Segundo Fernandes e Roseno (2013), durante os conflitos, muitos manifestantes pacíficos sentavam-se no chão para se destacar daqueles que eram violentos. Pessoas famosas participaram de campanhas fotográficas e televisivas em sinal de apoio as manifestações e contrários a violência policial e de grupos extremistas.

---

*corpus*. Portanto, na Ideologia do Cotidiano, predomina-se a ideia de que os policiais causam, muitas vezes, medo.

<sup>79</sup> De acordo com Montenegro (2013), os *Black blocs* surgiram nos anos de 1980 na Alemanha em movimentos de contra-cultura e em defesa dos squats. Originalmente, a tática de protestos *Black blocs* pode ou não ser violenta e apresenta alvos específicos, como agências bancárias. Segundo a já citada autora, os *Black Blocs* são caracterizados pela presença de jovens vestidos de preto e mascarados que andam no meio de protestos. Os adeptos a este grupo portam bandeiras negras ou símbolos anarquistas, quebram vidraças e entram em conflito com policiais.

<sup>80</sup> Este foco que é dado pelos meios de comunicação, nos termos do Círculo Bakhtiniano, diz respeito à entonação que se dá aos enunciados, expressando, conseqüentemente, a ideologia presente nos discursos produzidos.

Destacamos também que as Manifestações de Junho de 2013 foram caracterizadas pelo seu apartidarismo. Segundo Secco (2013), em uma pesquisa feita pela Folha de S. Paulo, no dia 17 de junho em São Paulo, 84% das pessoas que participaram dos protestos afirmaram não ter preferência partidária<sup>81</sup>. Constatamos, diante deste dado, que estas manifestações não lutavam contra um partido político específico, mas sim contra um sistema político mal elaborado e conduzido. Podemos constatar este apartidarismo na mensagem da manifestante na figura 8.

**Figura 8** – “Direita? Esquerda? Eu quero é ir para frente<sup>82</sup>”



**Fonte:** <http://noticias.uol.com.br/album/2015/04/12/veja-fotos-dos-cartazes-do-protesto-de-12-de-abril.htm>

Em relação às reivindicações, as Manifestações de Junho de 2013 apresentaram diversas pautas e manifestantes de vários perfis. O que antes se iniciou favorável ao passe livre, passou a ser também contra os projetos PEC 37<sup>83</sup> e Cura Gay<sup>84</sup>, os gastos exorbitantes com as obras para a Copa do Mundo de 2014.

---

<sup>81</sup> Na época das Manifestações de Junho de 2013, o Brasil era governado pela presidente Dilma Rousseff (PT), a qual estava em seu primeiro mandato.

<sup>82</sup> Segundo Sakai (2010), “os termos ‘Direita e Esquerda’ são opostos e são utilizados para apontar a oposição acentuada entre duas ideologias e entre os movimentos que divide o universo, eminentemente conflitual, do pensamento e das ações políticas. (SAKAI, 2010, p. 38)

<sup>83</sup> De acordo com o site da Câmara dos Deputados (2013), a PEC-37 é uma proposta da Emenda a Constituição, proposta pelo deputado Lourival Mendes (PTdoB-MA) que atribui somente às polícias Federal e Civil a competência para a investigação criminal. Este projeto foi rejeitado, no plenário no dia 25/06/2013 por 430 votos.

<sup>84</sup> Segundo o site da Câmara dos deputados (2013), o projeto Cura Gay, criado pelo deputado João Campos (PSDB-GO), tinha como proposta sustar os efeitos da resolução do Conselho Federal de Psicologia (CFP) que proíbe os psicólogos de prestar serviços direcionados à cura da homossexualidade. Além disso, outro artigo desta resolução proíbe que estes profissionais classifiquem publicamente que a homossexualidade é uma desordem psíquica. Este projeto foi arquivado pela Câmara dos Deputados no dia 02/07/2013.

Estas múltiplas reivindicações puderam ser observadas nos cartazes dos protestos, como pode ser visto nos exemplos a seguir:

**Figura 9** – As pautas das Manifestações de Junho de 2013



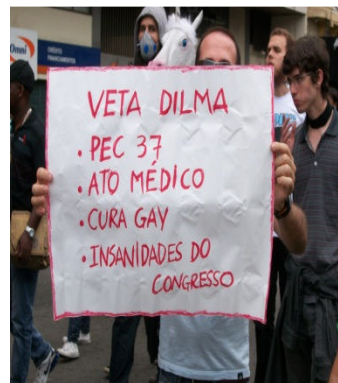
**Fonte:**

<http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2013/06/19/forca-nacional-nao-entende-ingles-e-deixa-cartaz-de-protesto-entrar-no-castelao.htm>



**Fonte:**

<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/06/ato-contra-cura-gay-termina-de-forma-pacifica-no-centro-do-rio.html>



**Fonte:**

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Protestos\\_no\\_Brasil\\_em\\_2013](https://pt.wikipedia.org/wiki/Protestos_no_Brasil_em_2013)



**Fonte:**

<http://blogdonavarro2010.blogspot.com.br/2013/07/cartazes-das-manifestacoes-desmentem.html>

No que se refere às conquistas alcançadas por estas manifestações, muitas cidades conseguiram a redução da tarifa dos transportes públicos, dentre elas: São Paulo e Rio de Janeiro. Em 25 de junho, a PEC-37 foi derrubada e o projeto Cura gay foi arquivado. Além disso, a presidente da república, Dilma Rousseff, fez um pronunciamento anunciando um plano de mobilidade urbana e reformas no setor de educação e saúde.

Perante o levantamento realizado sobre como se configuraram as Manifestações de Junho de 2013 e os protestos ocorridos pelo mundo a partir de dezembro de 2010, consideramos pertinente elaborarmos um quadro demonstrando como as 5 novidades propostas por Pinto (2014) se articularam nos movimentos sociais mencionados neste capítulo.

**Quadro 12 – As cinco novidades nas manifestações do século XIX**

	<b>Tunísia</b>	<b>Egito</b>	<b>Espanha</b>	<b>Estados Unidos</b>	<b>Brasil</b>
<b>1° Apartidarismo</b>	O povo era contra as políticas do país e queria derrubar o governo ditador de Ben Ali.	A população estava insatisfeita com os problemas sociais e econômicos do país e queria acabar com o governo ditador do último faraó.	A população estava indignada com a crise do país. O povo era contra a forma de governar dos políticos. Além disso, os manifestantes quase destruíram o partido político Psoe	Os manifestantes não apoiavam nenhum partido e estavam revoltados com a crise econômica que o país enfrentava, principalmente no ramo imobiliário.	Não houve a utilização de bandeiras partidárias nas manifestações
<b>2° Presença das Mídias sociais e internet</b>	Vídeo postado no <i>youtube</i> com a autoimolação de Mohamed Bouazizi	Os protestos nasceram com a criação de um grupo no Facebook	Os protestos começaram a partir da criação de um grupo no Facebook.	As manifestações se iniciaram a partir de uma convocação feita no blog da revista <b>Adbusters</b> .	Convocações realizadas nas redes sociais, bem como a distribuição de fotos e vídeos dos protestos
<b>3° Liderados por jovens</b>	Os jovens, em solidariedade a Bouazizi, foram as ruas protestar	Luta do Movimento da Juventude	A maioria dos manifestantes que ocuparam as ruas era de jovens	Jovens ocuparam as ruas de New York	Jovens convocaram a população para participar dos protestos nas redes sociais
<b>4° Ocupação de espaços públicos</b>	Em um dos protestos, jovens ocuparam a frente da prefeitura de Sidi Bouzid	Ocupação da praça Tahrir, no Cairo	Ocupação de ruas e da praça Puerta Del Sol, em Madri	Invasão de Lower Manhattan	Ocupação de importantes avenidas, como a Av. Paulista em SP e locais políticos, como o Congresso Nacional
<b>5° Grande visibilidade</b>	Os protestos na Tunísia serviram como referência, por exemplo, para o Egito	Influenciou o movimento Occupy Wall Street dos EUA	Vários protestos aconteceram no país	Foram registradas várias manifestações pelo país.	Manifestações foram registradas em todas as regiões do Brasil

**Fonte:** Elaborado pela autora

#### 4.4 A GRANDE MÍDIA E SUAS ESTRATÉGIAS COMUNICATIVAS

No tópico anterior, discorremos sobre as Manifestações de Junho de 2013, abordando, para isso, suas causas, pautas, acontecimentos relevantes e conquistas. Por objetivarmos a análise de como estes protestos foram retratados discursivamente na revista **ISTOÉ**, iremos, agora, contemplar as estratégias utilizadas pela grande mídia para transmitir informação ao seu público.

Antes de abordarmos os mecanismos discursivos usados pelos meios de comunicação, enfatizamos que, historicamente, a grande mídia, na perspectiva de Volanin (s/d), tem como característica a criminalização dos movimentos sociais, por estes irem aquém dos interesses de grupos que detém o poder. Diante disto, buscamos também verificar se a **ISTOÉ** se enquadra neste perfil.

Conforme discorremos no segundo capítulo desta dissertação, na concepção do Círculo Bakhtiniano, o signo não é neutro, portanto, possui posicionamento ideológico. Ao tomarmos tal afirmação como pressuposto teórico, consideraremos também que a grande mídia, detentora do poder de informar, utilizando-se para isso o signo, seja ele em forma de palavras, imagens ou fotos, também é destituída de neutralidade, embora, muitas vezes, defenda que sua única função é a de relatar os fatos ocorridos.

Este ato de representar os eventos da realidade, como discutimos nesta pesquisa, segundo os intelectuais do Círculo Bakhtiniano, não pode ser concebido como um reflexo, mas sim uma refração, carregada, assim, de valorações, as quais são provenientes da interpretação feita por este enunciador sobre esta realidade.

Devido ao seu caráter ideológico, devemos considerar que o ato de informar traz consigo escolhas de seu locutor, visto que, em uma reportagem, por exemplo, busca-se mais do que contar um acontecimento, objetiva-se também causar um efeito de sentido no receptor, o qual, por meio do que lê pode experimentar revolta, solidariedade, tristeza, alegria etc. Sobre estas escolhas, Charaudeau (2006) comenta que

Comunicar, informar, tudo é escolha. Não somente escolha de conteúdos a transmitir, não somente escolha das formas adequadas para estar de acordo com as normas do bem falar e ter clareza, mas escolha de efeitos de sentido para influenciar o outro, isto é, no fim das contas, escolha de estratégias discursivas. (CHARAUDEAU, 2006, p. 39).

Por se tratar de uma escolha, constatamos, dessa maneira, que a informação possui, conforme denomina Charaudeau (2006), um “tratamento” por parte daquele quem a enuncia. Este tratamento, ao trazermos para a teoria do Círculo Bakhtiniano, assemelha-se à entonação, uma vez que, em ambos, o locutor seleciona o que irá dizer e como irá fazê-lo. Sobre o “tratamento da informação”, Charaudeau (2006) considera que este

[...] é a maneira de fazer, o modo pelo qual o sujeito informador decide transpor em linguagem (e também iconicamente, caso possa recorrer à imagem) os fatos selecionados, em função do alvo predeterminado, com o efeito que escolheu produzir. (CHARAUDEAU, 2006, p. 38).

Mediante o exposto, constatamos que a grande mídia, como assevera Barbosa (2003), tem o poder de criar “mocinhos e bandidos, heróis e derrotados”. Tal fato, na perspectiva do Círculo Bakhtiniano, acontece devido à pluralidade do signo ideológico. A título de contextualização, verificamos nas manchetes do jornal **Folha de S. Paulo**, expostas a seguir, as diferentes interpretações e focos que foram dados sobre as Manifestações de Junho de 2013.

**Figura 10 – A Folha de S. Paulo e as Manifestações de Junho de 2013**



Fonte:

<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/dias-depois-dilma-despencou-27-pontos-os-petistas-estao-em-panico-todo-mundo-quer-tudo-ao-mesmo-tempo-e-agora-e-as-esquerdas-tentam-tomar-de-volta-as-ruas-que-ja-nao-lhes-pertencem/>



Fonte:

<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/dias-depois-dilma-despencou-27-pontos-os-petistas-estao-em-panico-todo-mundo-quer-tudo-ao-mesmo-tempo-e-agora-e-as-esquerdas-tentam-tomar-de-volta-as-ruas-que-ja-nao-lhes-pertencem/>

Observamos, por meio destes dois exemplos, que, apesar de estes retratarem um mesmo evento, ou seja, os protestos que aconteceram no mês de junho, estes acontecimentos foram abordados de acordo com as intenções do autor<sup>85</sup>. No primeiro caso, os manifestantes foram vistos como vândalos, já na segunda notícia, tem-se como destaque a violência policial, sendo os manifestantes, neste caso, vítimas desta agressão.

Em um levantamento feito pela Silva (2014) sobre a cobertura dada pelos jornais **O Estado de S. Paulo**, **Folha de S. Paulo** e **O Globo** sobre as Manifestações de Junho de 2013 constatou-se que os manifestantes são os atores mais caracterizados em termos positivos ou negativos, já os policiais/ autoridades somente se sobressaíram com menções positivas durante a eclosão<sup>86</sup> dos protestos. Todavia, o ataque a jornalistas, bem como o aumento da violência, fez com que este caráter positivo dos policiais não se destacasse mais até o fim dos protestos. Tal fato corrobora com o que já discutimos no início deste capítulo sobre a mudança drástica no posicionamento da grande mídia a respeito das Manifestações de Junho de 2013.

Tendo como pressuposto o fato de o conteúdo midiático, assim como qualquer enunciado, ser carregado de posicionamentos axiológicos, iremos, no quarto capítulo desta dissertação, analisar as reportagens da revista **ISTOÉ** sobre as Manifestações de Junho de 2013 com o intuito de verificarmos, por meio da entonação dada nos textos (verbal e visual), como os manifestantes, policiais e políticos foram retratados ideologicamente neste material.

Contudo, um estudo pautado na perspectiva do Círculo Bakhtiniano não se limita apenas a análise dos aspectos linguísticos. Por este motivo, consideramos ser relevante discorrermos sobre as características da revista **ISTOÉ**, uma vez que as reportagens produzidas neste meio de comunicação, embora sejam escritas por autores diferentes, pertencem a um mesmo editorial, devendo, portanto, seguir regras. Sobre este aspecto, Barbosa (2003) salienta que

---

<sup>85</sup> Enfatizamos que, apesar de ser o responsável pela elaboração do texto, o jornalista, aqui visto como o autor, não expressa o seu posicionamento ideológico autonomamente, uma vez que, de acordo com Barbosa (2003), “[...] o jornalista não pode falar como quiser, pois tem de se submeter a certas regras internas e externas da instituição midiática.” (BARBOSA, 2003, p. 113).

<sup>86</sup> De acordo com Silva (2014), a fase da eclosão caracterizou-se pelo “[...] início da série de protestos que repercutiria em uma onda de manifestações nacionais.” (SILVA, 2014, p. 11).

[...] o jornalista deve operar com as restrições impostas pelas normas de editoração e pelos gêneros discursivos da prática midiática, os quais incidem sobre o conteúdo temático – o que dizer – e sobre a organização textual – como dizer. (BARBOSA, 2003, p. 113).

Diante das considerações feitas acima, iremos expor, no próximo tópico, algumas informações sobre a **ISTOÉ**, as quais foram retiradas do site da própria editora desta revista, a editora3 no Mídia Kit. O nosso intuito, ao fornecermos estes dados, é o de mostrar, primeiramente, o propósito comunicativo desta revista e, em segundo lugar, o perfil de seu leitor. Ao abordarmos o público alvo nos embasaremos no princípio dialógico do Círculo Bakhtiniano, o qual pressupõe que o locutor produz seu enunciado pensando no seu interlocutor<sup>87</sup>.

#### 4.5 A REVISTA ISTOÉ

A revista **ISTOÉ** está no mercado há mais de 35 anos, sendo um dos veículos de comunicação mais influentes do país. Este meio de comunicação afirma não estar atrelado a nenhum partido político, ou seja, apresenta uma linha editorial independente. No que diz respeito à divisão interna da revista, esta apresenta, ao todo, sete seções: Entrevista; Cartas; Istoé.com.br; Semana; Brasil Confidencial; Ricardo Boechat e Gente.

No que concerne à circulação e aos leitores deste meio de comunicação, segundo dados fornecidos pelo IVC em 2014, a revista **ISTOÉ** apresenta 1.941.425 leitores distribuídos em todos os estados do Brasil, tendo o maior número de adeptos na região sudeste (65%) e o menor índice no norte (3%), conforme pode ser visto a seguir.

---

<sup>87</sup> Salientamos aqui que, segundo Charaudeau (2006), embora a mídia tenha em mente o seu possível público alvo, é difícil determinar com exatidão o perfil de seu leitor. Para Charaudeau (2006) “é claro que há pesquisas que tentam definir perfis de leitores, ouvintes e telespectadores, que cada organismo de informação faz escolhas quanto ao alvo em função de opiniões políticas, de classes sociais, de faixas etárias, de locais de residência (cidade/campo), de profissões, mas não deixam de ser hipóteses a respeito do público, que é heterogêneo e instável.” (CHARAUDEAU, 2006, p. 79).



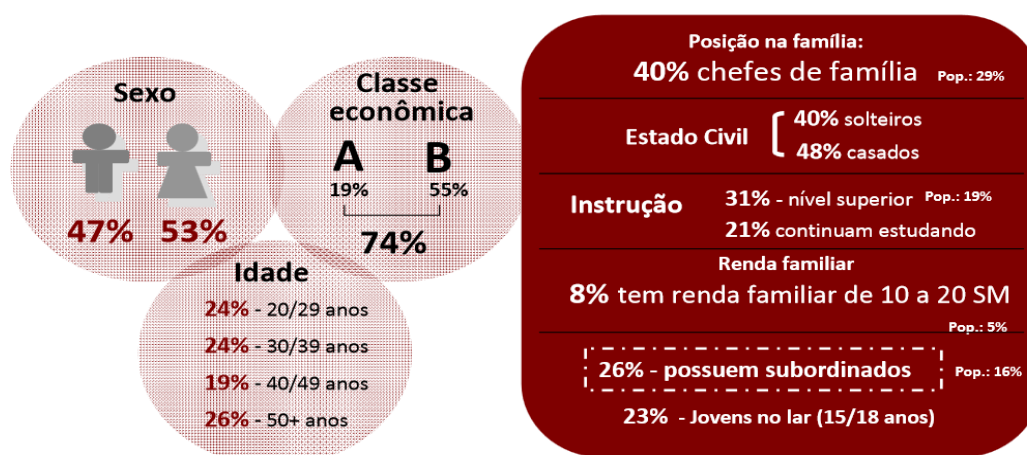
Figura 11 – Circulação da revista ISTOÉ



Fonte: IVC - August/2014

Em relação ao gênero e perfil socioeconômico destes leitores, 53% são do sexo masculino e 74% são das classes A e B, ou seja, classe alta e média, sendo que 31% destas pessoas possuem nível superior completo e 21% continuam estudando. Quanto à faixa etária, a circulação desta revista predomina entre pessoas de 20 a 39 anos. Segue, abaixo, informações referentes ao perfil dos leitores da **ISTOÉ**.

Figura 12 – Perfil dos leitores da ISTOÉ



Fonte: Ipsos Estudos Marplan/EGM, 13 Mercados (janeiro a dezembro/2013). Filtro: Leem revista.

Ao associarmos as informações sobre o público alvo da revista **ISTOÉ** com o perfil dos manifestantes, percebemos que estes se coincidem. De acordo com informações trazidas por Fernandes e Roseno (2013), as quais estão em destaque no quadro abaixo, 46% dos manifestantes tinham entre 15 e 39 anos, 61% possuíam ensino superior completo e 84% pertenciam à classe A e B.

**Quadro 13 – Perfil dos manifestantes das Manifestações de Junho de 2013**

IDADE		ESCOLARIDADE		RENDA	
50 anos ou mais	31%	Superior completo até doutorado	<b>61%</b>	Classe A	<b>29%</b>
40 a 49 anos	22%	Superior incompleto	23%	Classe B	<b>55%</b>
30 a 39 anos	<b>21%</b>	Médio completo	13%	Classe C/D/E	16%
15 a 29 anos	<b>25%</b>	Outros	3%		

**Fonte:** FERNANDES, E; ROSENO, R.F. **Protesta Brasil:** das redes sociais às manifestações de rua, São Paulo: Prata editora, 2013, p. 40. Grifo nosso.

A semelhança no perfil do público alvo da **ISTOÉ** com os participantes das manifestações no faz inferir que muitos leitores desta revista frequentaram ou eram simpatizantes das Manifestações de Junho de 2013. Assim sendo, seria pertinente para a **ISTOÉ** apoiar os protestos, visto que esta, como toda empresa, visa o lucro, tendo, assim, que atingir os interesses de seu público.

No que diz respeito às preferências deste público, Ipsos Estudos Marplan/EGM (2013) constatou que 93% dos leitores da revista **ISTOÉ** se interessam por atualidades e notícias do momento. Este dado explica o grande número de reportagens sobre as Manifestações de Junho de 2013, as quais foram publicadas na revista **ISTOÉ** no mesmo mês destes protestos.

Após este breve levantamento sobre o perfil do público leitor da revista **ISTOÉ**, trataremos, no próximo capítulo, da análise do nosso *corpus* e do resultado a que chegamos com este estudo.

### 3.6 FAZENDO UM BALANÇO: PARTE 3

O estudo das Manifestações de Junho de 2013, bem como do horizonte social que permeou estes acontecimentos nos permitiu constatar que os protestos ocorridos no Brasil no mês da Copa das Confederações não foram isolados, outros

países também tinham passado ou estavam enfrentando momentos semelhantes de indignação e revolta popular.

Neste contexto de reivindicações nas ruas, não poderíamos deixar de focalizar o papel da grande mídia perante as inúmeras informações que circulavam dia após dia. Diante disto, selecionamos a **ISTOÉ** e suas reportagens a fim de apresentarmos a nossa interpretação, a partir da análise da enunciação e do enunciado, a respeito do posicionamento ideológico dos autores desta revista sobre as Manifestações de Junho de 2013.

Sendo assim, após termos discorrido sobre o contexto histórico, social e ideológico destes protestos, o qual, para a Análise Dialógica do Discurso, apresenta tanta relevância quanto o estudo do aspecto linguístico, iremos, no quarto capítulo, ater-nos ao enunciado, observando a entonação dada ao conteúdo verbal e verbo-visual destas reportagens.

## 5 A IDEOLOGIA DA REVISTA ISTOÉ FRENTE ÀS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2013

“A gente quer ter voz ativa.  
No nosso destino mandar  
[...]  
A gente vai contra a corrente.  
Até não poder resistir [...]”  
(RODA VIVA, CHICO BUARQUE, 1967)

Neste capítulo, procederemos à análise das reportagens da revista **ISTOÉ** sobre as Manifestações de Junho de 2013. Para possibilitarmos este estudo, iremos, primeiramente, explicitar o tipo de pesquisa que realizaremos, bem como as características e peculiaridades do nosso *corpus* e os procedimentos metodológicos que adotaremos para analisá-lo. Após este levantamento, iremos ainda discorrer sobre o gênero do discurso reportagem, expondo como este é constituído estruturalmente e, principalmente, o seu papel social. Por fim, no último tópico, iniciaremos a análise de como a revista **ISTOÉ** se posiciona ideologicamente frente às Manifestações de Junho de 2013, verificando como esta entoa sobre os atores sociais que, direta e indiretamente, participaram desta enunciação, no caso, os manifestantes, a polícia<sup>88</sup> e a classe política brasileira.

### 5.1 TIPO DE PESQUISA

Neste tópico, discutiremos sobre os procedimentos metodológicos adotados na análise do nosso *corpus*. Porém, antes de detalharmos esse processo, salientamos que este trabalho insere-se no campo da Linguística Aplicada Crítica (doravante LAC), por estudar a língua não somente em seus aspectos estruturais, mas também em sua prática social. Para conseguir dar aplicabilidade social ao seu estudo, o linguista aplicado não pode estar alheio aos acontecimentos da comunidade em que vive, assim como não deve fazer ciência apenas direcionada para uma camada específica de cientistas. Nesta perspectiva, acreditamos que o nosso estudo deve voltar-se para a população em geral.

---

<sup>88</sup> Dentre as diversas categorias da polícia, iremos nos referir somente à Polícia Militar e à Tropa de Choque, visto que as reportagens mencionam somente estes setores da polícia.

Outra característica da LAC que se coaduna com a nossa proposta diz respeito ao fato de recorreremos a outras áreas do saber para darmos conta do nosso objeto de análise. Na concepção da LAC, não é possível abarcar o fenômeno social linguístico apenas tendo como base os fundamentos da Linguística Teórica<sup>89</sup>. Sendo assim, de acordo com Moita Lopes (2009), compreender estas manifestações da linguagem, no mundo atual, exige componentes teóricos de outros campos do conhecimento. Aqui, por exemplo, pautamo-nos, em alguns momentos, na história, quando explicamos os movimentos sociais que ocorreram pelo mundo, também fizemos alusão à teoria da comunicação, ao abordarmos o papel e o poder da grande mídia na sociedade e, neste capítulo, iremos nos apoiar nos estudos sobre as fotografias, os quais contribuirão nas análises do conteúdo visual do nosso *corpus*. Portanto, o diálogo da LAC com outras áreas garante seu caráter “nômade” e “mestiço”, conforme denomina Fabrício (2006).

Em suma, nossa abordagem se distanciará da Linguística Teórica, a qual concebe a língua como um sistema fechado e imutável. Conforme aponta Bakhtin (1952-1953 /2011a)

A língua como sistema possui, evidentemente, um rico arsenal de recursos linguísticos – lexicais, morfológicos e sintáticos – para exprimir a posição emocionalmente valorativa do falante, mas todos esses recursos enquanto recursos da língua são absolutamente neutros em relação a qualquer avaliação real determinada. A palavra “benzinho” – hipocorística tanto pelo significado do radical quanto pelo sufixo – em si mesma, como unidade da língua, é tão neutra quanto a palavra “longe”. Ela é apenas um recurso linguístico para uma possível expressão da relação emocionalmente valorativa com a realidade, no entanto não se refere a nenhuma realidade determinada; essa referência, isto é, esse real juízo de valor, só pode ser realizado pelo falante em seu enunciado concreto (BAKHTIN, 1952-1953/2011a, p. 290).

No que se refere à natureza de nossa pesquisa, esta é de cunho descritivo, visto que irá demonstrar, no conteúdo verbo-visual, como a ideologia se apresenta nas reportagens selecionadas sobre as Manifestações de Junho de 2013

---

<sup>89</sup> Na visão de Rajagopalan (2006), “[...] os linguistas ditos ‘teóricos’ pouco se preocuparam com problemas concretos relativos à linguagem. Em nome da cientificidade, suas teorias passaram a ser cada vez mais abstratas, formais e distantes das realidades vividas por cidadãos comuns” (RAJAGOPALAN, 2006, p. 154)

da revista **ISTOÉ**. Desta forma, escolhemos tal abordagem por esta apresentar caráter interpretativo.

Enfatizamos que a interpretação, nesta pesquisa, irá nos acompanhar em todo o processo de análise, uma vez que, tendo como referência a perspectiva do Círculo Bakhtiniano sobre a ideologia, bem como em estudiosos da grande mídia, como Charaudeau (2006) e em outros teóricos que apresentamos no decorrer desta dissertação, iremos fazer a nossa leitura sobre os elementos que compõem a enunciação e o enunciado do nosso objeto de estudo. Portanto, não nos caberia aqui trabalharmos com o material selecionado usando métodos exclusivamente estatísticos, já que a complexidade do fenômeno estudado vai além das explicações numéricas, necessitando que se estabeleça uma conexão entre sujeitos e aspectos socio-históricos e ideológicos.

Destacamos ainda que esta pesquisa irá adotar o método desenvolvido pela Análise Dialógica do Discurso, a qual, de acordo com Brait (2012b), propõe a “indissolúvel relação existente entre língua, linguagens, história e sujeitos” (BRAIT, 2012b, p.84). Ainda sobre a ADD, Brait (2012b) comenta que esta perspectiva teórica e analítica tem uma origem diferenciada das demais tendências da Análise do Discurso, uma vez que não foi elaborada formalmente pelo Círculo Bakhtiniano, o que contribui para que a ADD não possua a historicidade consagrada da Análise do Discurso Francesa ou anglo-saxã (Análise do Discurso Crítica). Sobre sua metodologia, Brait (2012b) destaca os seguintes aspectos que a Análise Dialógica do Discurso considera em seu estudo:

a) o reconhecimento da multiplicidade de discursos que constituem um texto ou um conjunto de textos e que se modificam, alteram ou subvertem suas relações, por força da mudança de esfera de circulação; b) as relações dialógicas como objeto de uma disciplina interdisciplinar, denominado por Bakhtin metalinguística ou translíngua, e que hoje pode ser tomado como embrião da análise/teoria dialógica do discurso; c) o pressuposto teórico-metodológico de que as relações dialógicas se estabelecem a partir de um ponto de vista assumido por um sujeito; d) as consequências teórico-metodológicas de que as relações dialógicas não são dadas, não estando, portanto, jamais prontas e acabadas num determinado objeto de pesquisa, mas sempre estabelecidas a partir de um ponto de vista; e) o papel das linguagens e dos sujeitos na construção dos sentidos; f) a concepção de texto como assinatura de um sujeito, individual ou coletivo, que mobiliza discursos históricos, sociais e culturais para construí-lo e construir-se. (BRAIT, 2012b, p. 84-85).

Os fundamentos mencionados nesta citação irão nos acompanhar em nosso procedimento de análise, sobretudo o pressuposto de que as relações dialógicas são estabelecidas tendo como princípio o ponto de vista de um sujeito, o qual é expresso pela entonação, pois por meio desta constatação iremos conseguir dar conta das ideologias presentes nas reportagens que escolhemos.

Ainda sobre a citação anterior, vale destacar que os tópicos elencados por Brait (2012b) se pautam na proposta do estudo metalinguístico ou translinguístico de Bakhtin, termos que podem ser encontrados nos textos **Problemas da Poética de Dostoiévski e O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas**.

Segundo Paula (2013), em **PPD**, Bakhtin (1963/2013), no capítulo denominado **O discurso em Dostoiévski**, propõe uma “análise/teoria dialógica do discurso”. Além disso, o pensador russo também afirma que as pesquisas metalinguísticas não ignoram a Linguística, apenas não se limitam a ela, visto que procuram compreender as relações dialógicas existentes no discurso. Para tal detecção, é necessário verificar as relações extralinguísticas, procedimento que não é feito pela Linguística na concepção bakhtiniana. No exemplo a seguir, Bakhtin (1963/2013) mostra como se dá esta relação dialógica nos estudos metalinguísticos.

“A vida é boa.” “A vida não é boa.” Estamos diante de dois juízos revestidos de determinada forma lógica e um conteúdo concreto-semântico (juízos filosóficos acerca do valor da vida) definido. Entre estes juízos há certa relação lógica: um é a negação do outro. Mas entre eles não há nem pode haver quaisquer relações dialógicas, eles não discutem absolutamente entre si (embora possam propiciar matéria concreta e fundamento lógico para a discussão). Esses dois juízos devem materializar-se para que possa surgir relação dialógica entre eles ou tratamento dialógico deles. Assim, esses dois juízos, como uma tese e uma antítese, podem unir-se num enunciado de um sujeito, que expresse a posição dialética uma deste em relação a um dado problema. Nesse caso não surgem relações dialógicas. Mas se esses dois juízos forem divididos entre dois enunciados de dois sujeitos diferentes, então surgirão entre eles relações dialógicas. (BAKHTIN, 1963/2013, p. 209-210).

Ainda sobre o dialogismo, Bakhtin (1963/2013) explica que

Para se tornarem dialógicas, as relações lógicas e concreto-semânticas devem, como já dissemos, materializar-se, ou seja, devem passar a outro campo da existência, devem tornar-se discurso, ou seja, enunciado, e ganhar autor, criador de dado enunciado cuja posição ela expressa. (BAKHTIN, 1963/2013, p. 210).

Em **O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas**, Bakhtin (1959-1961/2011c) reitera a relevância do diálogo entre os textos e o contexto. Sobre este assunto, Brait (2012a) expõe que

Ali onde a Linguística vai encontrar significado, conjunto de potencialidades previstos na língua, por exemplo, a Metalinguística vai se defrontar com sentidos dependendo da situação, dos contextos, dos sujeitos produtores e receptores, das esferas de comunicação, dos discursos em confronto, das relações dialógicas. Nessa direção, sinaliza para a perspectiva metodológica que deve reger o estudo do enunciado, cuja natureza não se confunde com uma unidade de nível superior às demais estudadas pela Linguística (fonema, morfema, frase), implicando, irremediavelmente, sujeitos, juízo de valor, compreensão responsiva. (BRAIT, 2012a, p. 17).

Em face destes fundamentos da Translinguística<sup>90</sup>, justificamos a nossa preocupação em, no terceiro capítulo, demonstrarmos o horizonte social (enunciação) que permeou as Manifestações de Junho de 2013. Segundo Brait (2012a), na perspectiva da ADD, um estudo que exclui o ponto de vista interno ou o externo destrói o aspecto dialógico constitutivo da linguagem.

Após este levantamento do método utilizado pela ADD, iremos, no próximo tópico, mostrar a constituição do nosso *corpus*, bem como os critérios adotados para a seleção do nosso material de estudo.

## 5.2 A CONSTITUIÇÃO DO CORPUS

Em relação ao *corpus* da nossa pesquisa, este é constituído por cinco reportagens da **ISTOÉ**, cujo tema, na verbo-visualidade, versa sobre as Manifestações de Junho de 2013. Estes textos estão disponíveis na edição especial da revista impressa, denominada **A voz das ruas**. Salientamos, entretanto que a versão *online*<sup>91</sup> da **ISTOÉ** também apresenta as mesmas reportagens, porém estas e as fotografias que as compõem estão organizadas em ordem diferente. Por este motivo, optamos pela versão impressa, por ser a disponível para assinantes.

---

<sup>90</sup> Optamos pela utilização do nome “Translinguística” por este, em sua construção morfológica, trazer a ideia de algo que vai além da linguística, por meio do prefixo “trans”. Já no termo “Metalinguística”, o prefixo “meta”, pode causar confusão ao ser compreendido como uma reflexão sobre a linguística, assim como ocorre com o vocábulo “metalinguagem”, o qual significa uma reflexão da própria linguagem.

<sup>91</sup> As reportagens selecionadas podem ser encontradas, na versão online, no site a qual pode ser acessada por meio do site [http://www.istoe.com.br/revista/indice-de-materias/748\\_HOJE+VOCE+E+QUEM+MANDA](http://www.istoe.com.br/revista/indice-de-materias/748_HOJE+VOCE+E+QUEM+MANDA).



Selecionamos a **ISTOÉ** em detrimento de outras do mesmo segmento, tais como a revista **Veja**, devido ao seu maior número de reportagens que contemplaram exclusivamente as Manifestações de Junho de 2013. A **Veja**, por exemplo, assim como a **ISTOÉ**, lançou, no mês de junho, duas edições retratando os protestos, contendo as seguintes capas.

**Figura 13** – Capas da revista **Veja** sobre as Manifestações de Junho de 2013



**Fonte:** Capa da revista publicada no dia 19/06/2013 da edição 2326.



**Fonte:** Capa da revista publicada no dia 26/06/2013 da edição 2327.

**Figura 14** – Capas da revista **ISTOÉ** sobre as Manifestações de Junho de 2013



**Fonte:** Capa da revista publicada no dia 19/06/2013 da edição 2274.



**Fonte:** Capa da revista publicada no dia 21/06/2013 da edição 2275.

Ao estabelecermos uma comparação entre o conteúdo abordado por estas revistas, concluímos, primeiramente, que a edição especial da **ISTOÉ** apresentou uma cobertura maior, em número de reportagens. Elaboramos, a seguir, este levantamento.

**Quadro 14** – Quantidade de reportagens sobre as Manifestações de Junho de 2013 na ISTOÉ e Veja<sup>92</sup>

<b>ISTOÉ</b>	<b>VEJA</b>
<p style="text-align: center;"><b><u>EDIÇÃO 2274</u></b></p> <p style="text-align: center;"><b>Data de publicação: 19/06/2013</b></p> <p><b>Reportagem:</b> Do sonho ao vandalismo</p>	<p style="text-align: center;"><b><u>EDIÇÃO 2326</u></b></p> <p style="text-align: center;"><b>Data de publicação: 19/06/2013</b></p> <p><b>Reportagem:</b> A razão de tanta fúria</p>
<p style="text-align: center;"><b><u>EDIÇÃO 2275</u></b></p> <p style="text-align: center;"><b>Data de publicação: 21/06/2013</b></p> <p><b>Reportagens:</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Apesar de vocês</li> <li>2. Padrão FIFA</li> <li>3. O retrato da covardia</li> <li>4. O grande Líder</li> <li>5. Falou, tá falado</li> </ol> <p>Total de páginas: 38</p>	<p style="text-align: center;"><b><u>EDIÇÃO 2327</u></b></p> <p style="text-align: center;"><b>Data de publicação: 26/06/2013</b></p> <p><b>Reportagens:</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Os setes dias que ... mudaram o Brasil</li> <li>2. Uma vitória parcial</li> <li>3. Um chute na Copa</li> <li>4. Os organizadores do caos</li> </ol> <p>Total de páginas: 18</p>

**Fonte:** Elaborado pela autora

<sup>92</sup> A título de informação, de acordo com Proença (2015), a revista ISTOÉ “[...] foi formada por um grupo dissidente da Veja, em 1976. Por questões internas da redação e edição, Mino Carta funda a revista com um grupo de fotógrafos e jornalistas, com intuito de explicar os acontecimentos de perto.” (PROENÇA, 2015, p. 6).

Ademais, ao observarmos o foco dado pelas reportagens destas revistas, verificamos que a **ISTOÉ** não retratou apenas a violência e as conquistas dos protestos, ela também abordou a influência das mídias sociais nestes movimentos e a participação ativa dos jovens nas ruas, o que contrastou com o foco essencialmente político dado pela revista **Veja**.

No que se refere à seleção do nosso *corpus*, nós o limitamos aos textos contidos na edição especial sobre as Manifestações de Junho de 2013, totalizando, assim, cinco reportagens, conforme está apresentado no quadro a seguir. Adotamos como critério de escolha do nosso material de análise o tema abordado por ele tanto no conteúdo verbal quanto no verbo-visual. Portanto, todas as reportagens que selecionamos para análise contemplaram, na verbo-visualidade, as Manifestações de Junho de 2013.

Optamos apenas pelas reportagens da edição especial (n°2275), devido ao fato de termos a intenção de mostrar o caráter dialógico da linguagem, visto que, embora as reportagens tenham sido escritas por diferentes autores, elas apresentam características semelhantes, sobretudo em relação ao posicionamento ideológico dos jornalistas sobre os manifestantes, policiais e políticos. Em segundo lugar, optamos por esta edição em virtude de estas reportagens terem sido publicadas no dia 21 de junho de 2013, período mais próximo do fim dos protestos. Portanto estes já haviam se difundido pelo país e suas pautas já tinham se diversificado.

**Quadro 15 – Corpus da pesquisa**

<b>Título</b>	<b>Autor(es)</b>
Falou, tá falado	Sérgio Pardellas
Apesar de vocês	Nathalia Ziemkiewicz
O grande líder	Mariana Queiroz Barbosa
O retrato da covardia	Laura Daudén
Padrão Fifa	Natália Mestre

**Fonte:** Elaborado pela autora

Enfatizamos que a edição especial da **ISTOÉ**, denominada **Voz das ruas** contém, além das cinco reportagens que iremos analisar, mais três. Todavia, estas não foram selecionadas em decorrência do assunto abordado, pois este, no conteúdo verbo-visual, fugia do tema central, as Manifestações de Junho de 2013.

Portanto, não incluímos em nosso *corpus* as reportagens **A nova visão do Planalto** e **Eles não sabem para onde ir**, por estas, no conteúdo verbo-visual, não terem abordado as manifestações, somente os políticos. Já a reportagem **A disciplina no uso de armas menos letais** aborda, de maneira geral, o uso de armas como sprays de pimenta e balas de borracha para conter manifestantes, tendo como exemplo, não como foco, as Manifestações de Junho de 2013.

Quanto a nossa escolha pelo gênero do discurso reportagem, esta se pautou no seu papel social, visto que a reportagem, dentre os gêneros jornalísticos, é a que mais apresenta o posicionamento axiológico do autor.

### 5.3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

No que se refere aos procedimentos de análise, este estudo busca identificar de que maneira o conteúdo verbal e verbo-visual expressam, materialmente, a ideologia contida nas reportagens a respeito das Manifestações de Junho de 2013. Todavia, conforme já explicamos, nossa análise não irá pautar-se apenas na descrição do gênero discursivo, visto que, na perspectiva do Círculo Bakhtiniano, o contexto socio-histórico contribui para a construção de sentido de um enunciado. Sobre este assunto, Bakhtin/Volochínov (s/d) asseveram que

Na vida, o discurso verbal é claramente não auto-suficiente. Ele nasce de uma situação pragmática extraverbal e mantém a conexão mais próxima possível com esta situação. Além disso, tal discurso é diretamente vinculado à vida em si e não pode ser divorciado dela sem perder sua significação (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, s/d, p. 6)

Esta contextualização já foi realizada no capítulo anterior, no qual abordamos as Manifestações de Junho de 2013 e os protestos ocorridos em outros países. Portanto, reservamos este capítulo para a análise do enunciado, abarcando, primeiramente, as características formais e o papel social do gênero discursivo reportagem e, posteriormente, concentrando-nos nos enunciados, palavras e imagens contidas nas reportagens.

Conforme demonstramos no final do segundo capítulo, no quadro denominado, “Categoria de análise: ideologia”, objetivamos averiguar as vozes heterogêneas e, muitas vezes, dissonantes, que permeiam a realidade. Nesse sentido, as reportagens do nosso *corpus* não apresentam somente a voz dos

autores, mas também a voz do dono da revista, as vozes da rua etc., havendo, assim, um diálogo entre elas.

Em relação à nossa categoria de análise, a ideologia, esta será expressa por meio da entonação dada aos enunciados verbo-visuais e pelas vozes sociais contidas nas reportagens, conforme a discussão feita por Bakhtin (2013/1963) em **PPD**. Para fins didáticos, iremos dividir o nosso procedimento analítico em duas partes, a análise do conteúdo verbal e, posteriormente, do verbo-visual. Antes, porém, iremos fazer uma síntese do conteúdo abordado por ela. Logo após, separaremos a nossa análise verbal, verificando os juízos de valor presentes no título, olho, *lead* e corpo do texto. Para tal, observaremos as escolhas lexicais (adjetivos e substantivos) e/ou sintáticas do autor quando este se refere aos manifestantes, policiais e políticos. Portanto, destacaremos alguns enunciados destas reportagens para mostrarmos como os autores entoam sobre estes sujeitos, a reportagem na íntegra constará apenas nos anexos.

Posteriormente, analisaremos o conteúdo verbo-visual, utilizando como critério de escolha a foto<sup>93</sup> que sintetiza (foto síntese)<sup>94</sup> a reportagem, as demais fotografias estarão disponíveis no anexo deste trabalho. Observaremos, nas imagens analisadas, como a ideologia se manifesta nas fotografias<sup>95</sup> das reportagens. Sendo assim, tomaremos como pressuposto o fato de que o ato de fotografar não é neutro, ele é carregado de intencionalidades e escolhas. A entonação, nas fotos, portanto, é expressa por meio do foco, ângulo, coloração do ambiente e enquadramento dado pelo fotógrafo.

Quanto às legendas contidas nas fotos, consideramos que estas ajudam a ampliar os sentidos das imagens, trazendo a interpretação do autor. No

---

<sup>93</sup> Enfatizamos que as fotos que compõem estas reportagens foram feitas por um fotógrafo, portanto, deste já antecipamos que todas as reportagens que serão analisadas apresentam a voz do fotógrafo, pois este, ao captar os eventos, está se posicionando axiologicamente. Já os autores das reportagens e a própria revista ISTOÉ, ao selecionarem as fotos de um determinado fotógrafo também se posicionam ideologicamente.

<sup>94</sup> A foto síntese pode ser composta por mais de uma foto, uma vez que ela pode ser constituída por uma sequência fotográfica ou por uma sequência de história fotográfica (*Picture stories*).

<sup>95</sup> Não compartilhamos, neste estudo, do posicionamento defendido por Bakhtin (1952-1953/ 2011a), o qual diz que “a fotografia propriamente dita também só oferece material para cotejo, e nela não vemos a nós mesmos mas tão somente o nosso reflexo sem autor; é verdade que esse reflexo já não reproduz a expressão do outro fictício, ou seja, é mais puro que o reflexo no espelho, no entanto é percebido de forma aleatória, artificial, e não expressa nossa diretriz volitivo-emocional no acontecimento da existência [...]” (BAKHTIN, 1952-1953/2011a, p. 32)

fotojornalismo, o texto verbal, segundo Sousa (2002), tem várias funções, dentre as quais:

- Chamar a atenção para a fotografia ou para alguns dos seus elementos (o texto pode, em certas circunstâncias, ser redundante em relação à imagem);
- Complementar informativamente a fotografia, inclusivamente devido à incapacidade que a imagem possui de mostrar conceitos abstractos;
- Ancorar o significado da fotografia (denotar a foto), direccionando o leitor para aquilo que a fotografia representa;
- Conotar a fotografia, abrindo o leque de significações possíveis; orientar o leitor para os significados que se pretendem atribuir à fotografia;
- Analisar, interpretar e/ou comentar a fotografia e/ou o seu conteúdo. (SOUSA, 2002, p. 76-77).

Antes, porém, de começarmos estas etapas, iremos abordar, brevemente, no tópico seguinte, as características do gênero discursivo reportagem, para, logo após, darmos início a análise das cinco reportagens, as quais serão apresentadas conforme a ordem que aparecem na revista.

#### 5.4 O GÊNERO DO DISCURSO REPORTAGEM DE REVISTA

Para Bakhtin (2011a), a língua é efetuada em forma de enunciados concretos e únicos, que se organizam de maneira “relativamente estáveis”, dando origem aos gêneros do discurso. Este caráter “relativamente estável” dos enunciados mostra que os gêneros do discurso são ricos e diversificados, sendo capazes de se modificarem de acordo com o tempo e a localização, discordando, assim, da concepção de que estes apresentam estruturas formais imutáveis. Sobre esta heterogeneidade dos gêneros do discurso, Bakhtin (1952-1953/2011a) assevera que

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo. (BAKHTIN, 1952-1953/2011a, p. 262).

Além disso, segundo o pensador russo, o termo “gênero do discurso” remete ao fato de os gêneros estarem em constante interação com o mundo e com o homem, distanciando-se da visão de texto como o “dono” do sentido. Sendo assim, a abordagem de Bakhtin estuda os gêneros a partir do propósito

comunicativo deste e não apenas pelas suas particularidades linguísticas. Bakhtin (1952-1953/2011a) ainda enfatiza que todo gênero do discurso traz o elemento valorativo.

No que se refere à ação social do gênero jornalístico, o qual engloba tanto a notícia quanto a reportagem, Silva (2012) destaca que alguns estudiosos o consideram como o “Quarto Poder”, tamanha a influência que este exerce na vida das pessoas, ditando, por exemplo, o certo e o errado. Silva (2012) ainda comenta que, além de ter o objetivo de informar, o gênero reportagem apresenta de forma mais acentuada o ângulo pessoal, abordando, desta maneira, um determinado assunto a partir de um olhar específico, ou seja, um posicionamento ideológico.

A respeito das distinções entre o gênero notícia e reportagem, trouxemos, a seguir, uma tabela proposta por Tresca (2007), em que Chaparro (1998) apresenta alguns gêneros jornalísticos, expondo suas características, modalidades e modo de escrita.

**Quadro 16 – Os gêneros jornalísticos**

ESTILO	ATITUDE	GÊNEROS	MODALIDADES	MODO DE ESCRITA
Informativo (1º nível)	Informação  Relatar	1. Notícia; 2. Reportagem objetiva.	- reportagem de acontecimento;  - reportagem de ação;  - reportagem de citações;  - reportagem de seguimento;	Narração  Descrição (fatos)
Informativo (2º nível)	Interpretação  analisar	3. Reportagem interpretativa; 4. Crônica.		Exposição (fatos e razões)
Editorializante	Opinião  Persuadir	5. Artigo ou comentário.	- editorial;  - suelto;  - coluna (artigo	Argumentações (razões e ideias)

			assinado); - crítica; - tribuna livre (cartas).	
--	--	--	--	--

Fonte: CHAPARRO (1998 apud TRESCA, 2007, p. 5).

Ao focarmos no gênero reportagem, observamos que Chaparro (1998) o divide em reportagem objetiva<sup>96</sup> e reportagem interpretativa. A primeira, na visão do autor em questão, narra e descreve acontecimentos, já a segunda, possui propriedades próximas do nosso *corpus*, uma vez que expõe os fatos e razões de um determinado evento. Nesse aspecto, as reportagens que nós iremos analisar são consideradas interpretativas, tendo o estilo informativo do 2º nível, assim como a crônica. Por outro lado, elas distanciam-se da notícia que, de acordo com a tabela, apenas relata informações<sup>97</sup>.

Ainda sobre a reportagem, Kindermann (2003) expõe que

No Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo, o verbete reportagem define este gênero como sendo a essência de um jornal, diferindo da notícia pelo conteúdo, extensão e profundidade. A notícia descreve o fato, e, no máximo, seus efeitos e consequências. Já a reportagem parte da notícia, desenvolvendo-a numa sequência investigativa. Apura as origens dos fatos, razões e efeitos. A notícia não esgota o fato, enquanto que a reportagem abre debate sobre o acontecimento, desdobra-o em seus aspectos mais importantes e divide-o, quando se justifica, em retrancas diferentes que poderão ser agrupadas em uma ou mais páginas. (KINDERMANN, 2003, p. 356).

Diante do que discutimos até o momento, é possível verificarmos que não existe um consenso no que diz respeito às características do gênero reportagem.

<sup>96</sup> Na nossa concepção, não existe reportagem objetiva, mas sim reportagens que pretendem ser objetivas.

<sup>97</sup> Apesar de estudiosos do gênero jornalístico apontarem que o gênero notícia apenas relata um fato, sem apresentar um ponto de vista sobre o assunto, consideramos que não existe neutralidade neste gênero, primeiramente porque assumimos a concepção teórica do Círculo Bakhtiniano, a qual concebe os enunciados como ideológicos. Em segundo lugar, devido ao fato de ser possível fazer escolhas no simples ato de informar sobre um acontecimento, pois pode-se ocultar um determinado dado ou ainda enfatizá-lo, gerando, desta forma, significações distintas. O mesmo ocorre com as imagens estampadas nas notícias, as quais, assim como nas reportagens, foram selecionadas a partir das intenções comunicativas do enunciador. Portanto, esta objetividade que tanto se diz sobre a notícia não deixa de ser apenas “aparente”. Como bem aponta o **Manual de Redação do jornal Folha de S. Paulo** (2012) “não existe objetividade em jornalismo. Ao escolher um assunto, redigir um texto e editá-lo, o jornalismo toma decisões em larga medida subjetivas, influenciadas por suas posições pessoais, hábitos e emoções.” (FOLHA DE S. PAULO, 2010 apud VIANNA, 2014, p. 67).



Enquanto Chaparro (1998) a divide em dois, a objetiva e interpretativa, dando a elas modalidades distintas, o **Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo**, aborda somente a reportagem como uma extensão da notícia apresentando caráter investigativo.

Para acrescentar, ainda encontramos a divisão feita por Coimbra (1993), o qual se pautou em Guimarães (1990). Para os autores em questão, a reportagem pode ser concebida a partir de três tipologias: a dissertativa, a narrativa e a descritiva, sendo que cada uma delas apresenta as peculiaridades típicas destas tipologias.

Para não nos estendermos nesta discussão, convém ressaltarmos que as reportagens que constituem o nosso *corpus*, se considerarmos a abordagem de Coimbra (1993), enquadram-se como dissertativas, visto que buscam explicar e expor uma ideia, usando para isso argumentações persuasivas.

Um dos elementos usados para tentar convencer o leitor, segundo Coimbra (1993), diz respeito às declarações dos entrevistados, visto que

[...] se relacionam, claramente, com as do autor do texto. A relação declaração do entrevistado – declaração do autor do texto é, nos três casos, uma relação de confirmação de uma por outra, ou melhor de uma exemplificação desta por aquela. (COIMBRA, 1993, p. 23).

Este recurso de trazer a voz do outro para o texto será constatado, com frequência, nas reportagens que analisaremos. Diante desta característica composicional, destacamos que ao selecionar o dizer de outro sujeito, o autor também revela suas intenções e posicionamentos ideológicos, pois, como apontou Coimbra (1993), estas declarações se relacionam com o que está sendo discutido na reportagem.

No tocante às partes que constituem uma reportagem, podemos estabelecer um paralelo com a notícia, pois ambas, apresentam estruturas semelhantes. Para melhor visualização, trouxemos, a seguir, uma das reportagens que iremos analisar para demonstrarmos como ela se apresenta em termos estruturais. Posteriormente, iremos explicar cada um destes componentes.

Figura 15 – Estrutura do gênero discursivo reportagem



Fonte: revista ISTOÉ, n. 2275, jun 2013. p. 67

Conforme mostramos neste exemplo, este gênero pode ser dividido em: manchete<sup>98</sup> ou título; olho, lead e corpo do texto. Segundo Vieira (2013),

a) manchete, que tem o objetivo de resumir a reportagem e, ao mesmo tempo, de atrair a atenção do leitor para o texto; b) olho, que é constituído de um texto mais explicativo que o título principal e garante a leitura da reportagem, pois seu texto é sempre interessante e chamativo; c) lead, que é um resumo, em geral presente no início da reportagem; d) corpo do texto, que é a parte da reportagem em que se desenvolve o assunto, apresentando detalhes do fato principal. É o corpo da reportagem que acrescenta informações, trazendo desdobramentos da história (VIEIRA, 2013, p. 112).

Salientamos, entretanto, que, apesar de a reportagem, assim como outros gêneros do discurso, possuir uma estrutura pré-estabelecida, esta não é rígida, o

<sup>98</sup> Apesar de Vieira (2013) ter usado a denominação manchete/título, neste estudo, por se tratar de reportagens, iremos utilizar apenas a nomenclatura título.

que comprova, como já comentamos neste tópico, o caráter “relativamente estável dos gêneros do discurso”, proposto por Bakhtin (1952-1953/2011a). Esta afirmação será constatada mais adiante, na nossa análise, visto que algumas reportagens do nosso *corpus* fogem do padrão que mostramos aqui.

Outro aspecto recorrente em reportagens é a utilização de fotografias, com o intuito de “retratar a realidade” de maneira fidedigna, como se, ao capturar um evento, o fotógrafo estivesse levando para o papel aquele acontecimento que não foi possível ser presenciado pelo receptor. Entretanto, estudiosos advertem sobre esta “falsa objetividade” das lentes da máquina fotográfica. Flusser (2002), a este respeito, declara

O caráter aparentemente não-simbólico, objetivo, das imagens técnicas faz com que seu observador as olhe como se fossem janelas, e não imagens. O observador confia nas imagens técnicas tanto quanto confia em seus próprios olhos. Quando critica as imagens técnicas (se é que as critica), não o faz enquanto imagens, mas enquanto visões do mundo. Essa atitude do observador em face das imagens técnicas caracteriza a situação atual, onde tais imagens se preparam para eliminar textos. Algo que apresenta consequências altamente perigosas. (FLUSSER, 2002, p. 14).

Na verdade, a fotografia, assim como o texto verbal, é proveniente de um processo de escolhas, nas quais o fotógrafo irá se pautar ao capturar uma imagem em detrimento de outra. Portanto, não se pode conceber este ato como uma pura decodificação da realidade, uma vez que há, neste processo, a intervenção e criação humana. Na concepção de Flusser (2002), “o fotógrafo “escolhe”, dentre as categorias disponíveis, as que lhe parecem mais convenientes. Neste sentido, o aparelho funciona em função da intenção do fotógrafo.” (FLUSSER, 2002, p. 31).

Sendo assim, as imagens que compõem as reportagens, aqui analisadas, não são neutras, mas sim marcadamente ideológicas, ou seja, carregadas de interpretações e juízos de valor de quem as produziu. Ademais, estas fotos fazem parte de uma cadeia de interesses, os quais vão além da vontade do fotógrafo. Para Flusser (2002):

[...] por trás da intenção do aparelho fotográfico há intenções de outros aparelhos. O aparelho fotográfico é produto do aparelho da indústria fotográfica, que é produto do aparelho do parque industrial, que é produto do aparelho socioeconômico e assim por diante. Através de toda essa hierarquia de aparelhos, corre uma única e gigantesca intenção, que se manifesta no *output* do aparelho fotográfico: fazer com que os aparelhos

programem a sociedade para um comportamento propício ao constante aperfeiçoamento dos aparelhos. (FLUSSER, 2002, p. 42).

Nesta citação, Flusser (2002) comenta que o fotógrafo não tem total autonomia ao captar uma imagem, pois este está inserido em um aparelho socioeconômico que o influencia a retratar fatos que despertem o interesse, por exemplo, de determinada empresa de comunicação. Nesse sentido, a título de contextualização, vamos imaginar um fotógrafo que, ao buscar por imagens, concentre sua atenção nos casos mais dramáticos, os quais transmitam dor e sofrimento humanos, por ter sido solicitado a retratar tais cenas para despertar no público alvo sentimentos de solidariedade, revolta etc<sup>99</sup>. Portanto, neste caso, só serão capturados pelas lentes do fotógrafo-jornalista os eventos que se enquadram no perfil do que lhe foi solicitado.

O uso de fotografias no campo do jornalismo com o intuito de transmitir informação é denominado por Sousa (2002) de fotojornalismo, o que se distingue do ato de fotografar com propósitos expositivos ou lúdicos. Ao considerarmos o material visual do nosso *corpus*, podemos classificá-lo no termo dado pelo autor em questão. Assim sendo, precisamos compreender que

Os fotojornalistas trabalham com base numa linguagem de instantes, numa linguagem do instante, procurando condensar num ou em vários instantes, “congelados” nas imagens fotográficas, toda a essência de um acontecimento e o seu significado. Portanto, o foto-repórter tem de discernir a ocasião em que os elementos representativos que observa adquirem um posicionamento tal que permitirão ao observador atribuir claramente à mensagem fotográfica o sentido desejado pelo fotojornalista. (SOUSA, 2002, p. 10).

Sousa (2002) ainda assevera que

Quando poderosas, as imagens fotográficas conseguem evocar o acontecimento representado (ou as pessoas) e sua atmosfera. Uma imagem fotojornalística, para ter sucesso, geralmente precisa de juntar a força noticiosa à força visual. Só assim consegue, no contexto da imprensa, juntar uma impressão da realidade a uma impressão da verdade (VILCHES, 1987 apud SOUSA, 2002, p. 9-10).

---

<sup>99</sup> Este interesse que a grande mídia tem de retratar situações dramáticas, com o intuito de causar comoção e dar audiência pode ser visto no filme **O abutre** (*Nightcrawler*) de Dan Gilroy. Contudo, neste longa metragem, ao invés de se abordar a busca de um fotógrafo, mostra-se a “caça” de um cinegrafista por cenas trágicas.

Diante desta relevância da imagem fotográfica no gênero discursivo jornalístico, iremos, por meio da análise do verbo-visual, buscar identificar como as fotos das reportagens do nosso *corpus* se articulam semanticamente com o conteúdo verbal, confirmando e ampliando os sentidos do texto verbal.

## 5.5 ANÁLISE DOS POSICIONAMENTOS IDEOLÓGICOS SOBRE AS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2013

Para organizarmos nossa análise, subdividiremos esta seção em cinco tópicos, cada um deles correspondendo a uma reportagem da **ISTOÉ** sobre as Manifestações de Junho de 2013, as quais escolhemos para constituir o nosso *corpus*.

### 5.5.1 Reportagem 1: Falou, tá falado

A reportagem **Falou, tá falado**, escrita por Sérgio Pardellas<sup>100</sup>, inicia a série da edição especial da **ISTOÉ**, denominada **A voz das ruas**. Neste texto, Pardellas discorre a respeito do papel exercido pelas mídias sociais nos protestos ocorridos no Brasil, faz um comparativo com os movimentos sociais que aconteceram no país no passado, expõe o caráter apartidário dos protestos e relata a atitude dos políticos frente a esta mobilização nacional.

#### 5.5.1.1 Análise dos elementos verbais da reportagem

Procuraremos analisar, neste tópico, qual o posicionamento ideológico de Pardellas em relação às Manifestações de Junho de 2013. Para isso, iremos nos ater nas vozes sociais que se encontram nesta reportagem e nas entonações dadas pelo autor, quando este se refere aos manifestantes, policiais e políticos no conteúdo verbal.

---

<sup>100</sup> Editor político da revista **ISTOÉ**, de acordo com informações fornecidas por ele em seu Twitter, na página <https://twitter.com/sergiopardellas?lang=pt>.

### 5.5.1.1.1 O título

Ao observarmos o título da reportagem **Falou, tá falado**, constatamos que este expressa o poder que o povo brasileiro ganhou durante as Manifestações de Junho de 2013. A população, na orientação avaliativa de Pardellas, deixou de ser inerte e passou a apresentar uma postura questionadora e socialmente ativa, ganhando poder e visibilidade política, a partir do momento que começou a ser escutada por seus governantes, os quais não ousaram mais ignorar as exigências do brasileiro.

Outro aspecto relevante que encontramos no título diz respeito a sua intertextualidade com a música **Apesar de você** de Chico Buarque, disposta a seguir.

Hoje você é quem manda  
**Falou, tá falado**  
 Não tem discussão  
 A minha gente hoje anda  
 Falando de lado  
 E olhando pro chão, viu  
 Você que inventou esse estado  
 E inventou de inventar  
 Toda a escuridão  
 Você que inventou o pecado  
 Esqueceu-se de inventar  
 O perdão

Apesar de você  
 Amanhã há de ser  
 Outro dia  
 Eu pergunto a você  
 Onde vai se esconder  
 Da enorme euforia  
 Como vai proibir  
 Quando o galo insistir  
 Em cantar  
 Água nova brotando  
 E a gente se amando  
 Sem parar

Quando chegar o momento  
 Esse meu sofrimento  
 Vou cobrar com juro, juro  
 Todo esse amor reprimido  
 Esse grito contido  
 Este samba no escuro  
 Você que inventou a tristeza  
 Ora, tenha a fineza

De desinventar  
 Você vai pagar e é dobrado  
 Cada lágrima rolada  
 Nesse meu penar

Apesar de você  
 Amanhã há de ser  
 Outro dia  
 Inda pago pra ver  
 O jardim florescer  
 Qual você não queria  
 Você vai se amargar  
 Vendo o dia raiar  
 Sem lhe pedir licença  
 E eu vou morrer de rir  
 Que esse dia há de vir  
 Antes do que você pensa

Apesar de você  
 Amanhã há de ser  
 Outro dia  
 Você vai ter que ver  
 A manhã renascer  
 E esbanjar poesia  
 Como vai se explicar  
 Vendo o céu clarear  
 De repente, impunemente  
 Como vai abafar  
 Nosso coro a cantar  
 Na sua frente

Apesar de você  
 Amanhã há de ser  
 Outro dia  
 Você vai se dar mal  
 Etc. e tal

Ao associarmos esta canção com o momento histórico em que ela foi composta, verificamos que esta foi escrita com o intuito de criticar e se referir, nas entrelinhas, ao período da Ditadura Militar, momento em que o Brasil era governado por militares repressores que não aceitavam a presença de opositores ao governo, fazendo-os sofrer torturas, exilando-os ou mesmo matando-os. Assim sendo, ao interpretarmos o trecho “Falou, tá falado” da música, o qual se encontra no segundo verso em destaque, inferimos que, na época da Ditadura Militar, as ordens dadas pelos militares deveriam ser cumpridas sem questionamentos por parte da população.

Por outro lado, este mesmo enunciado extraído da música, quando inserido em outro momento histórico e político, ganha nova significação. Esta relação dialógica entre a canção de Chico Buarque e a reportagem **Falou, tá falado**, mostra-nos que, no posicionamento axiológico de Pardellas, o poder que antes se concentrava nas mãos dos militares, durante a ditadura, e, nas mãos dos políticos, na atualidade, passou para a população, quem diz e determina o que deve ser feito em prol do Brasil, a partir de agora, é o povo.

Diante deste resgate socio-histórico, denominado pelo Círculo Bakhtiniano de elementos extralinguísticos, observamos que, na dimensão avaliativa de Pardellas, as manifestações são concebidas como geradoras de mudanças sociais e políticas e os manifestantes como agentes, os quais são capazes de transformar o país, saindo, dessa maneira, do velho regime de obedecer e aceitar as ordens do governo. Nessa perspectiva, a classe política deixa de ser vista como detentora do poder, uma vez que necessita “escutar” as reivindicações da população.

#### *5.5.1.1.2 O olho*

Antes de iniciarmos a análise do olho da reportagem, destacamos que este se divide em três partes, o que se diferencia das características estruturais geralmente encontradas neste gênero discursivo. Cada um destes fragmentos ocupa duas páginas da reportagem, visto que estão escritos em letras grandes e em posição de destaque. A seguir, colocamos estes enunciados conforme eles se apresentam na revista.

**Enunciado 1:** “Os rostos jovens e as vozes firmes se multiplicaram, ...” (p. 44-45)

**Enunciado 2:** “... cresceram e assustaram o que agora é o antigo poder, ...” (p. 46-47)

**Enunciado 3:** “... que conheceu uma nova ordem: as ruas mandam!” (p. 48-49)

Interpretamos estes enunciados como uma tentativa de simbolizar o crescimento e o poder das Manifestações de Junho de 2013. Na primeira parte, verificamos que Pardellas almeja, por meio de suas escolhas semânticas axiológicas, abordar o perfil dos manifestantes, descrevendo-os como “rostos jovens” e “vozes firmes”. Além disso, expõe que estas pessoas se multiplicaram, ou seja, o número de adeptos ao movimento aumentou, o que lhe conferiu mais força.

No trecho seguinte, percebemos que a informação de destaque é a intimidação dos políticos, a qual, na entonação dada pelo repórter, demonstra que a classe política se “assustou” quando esta percebeu a magnitude dos protestos.

Por fim, na última parte, tem-se a ideia de que quem manda no país agora é o “povo”, pois este, conforme Pardellas marca ideologicamente, quando está descontente com as decisões políticas, vai para as “ruas” e lá ganha poder. Este sentido valorativamente construído por Pardellas estabelece uma relação dialógica com o título desta edição especial da **ISTOÉ, A voz das ruas**, visto que, tanto no ponto de vista da revista, quanto no do jornalista desta reportagem, a população, nas “ruas”, tem força e “voz”.

### 5. 5.1.1.3 *Lead e corpo da reportagem*

No *lead*, Pardellas se expressa valorativamente ao destacar que os protestos acontecidos em junho de 2013 jamais serão esquecidos. Além disso, encontramos também a retomada de outros movimentos sociais que aconteceram no país, tais como o “Diretas Já” e os “Caras Pintadas”, movimentos sociais que abordamos no terceiro capítulo desta dissertação. Esta volta ao passado foi um recurso encontrado para enfatizar a grandiosidade e o poder das Manifestações de



Junho de 2013, visto que, nos exemplos dados, a população conseguiu transformações políticas positivas. Vejamos como o autor constrói este parágrafo

**Enunciado 4:** “Junho de 2013 já fez história. É provável que, daqui a algumas décadas, brasileiros que tomaram as ruas do País no final do outono deste ano se reúnam num café, num boteco ou mais possivelmente na timeline de uma rede social para recordarem, cheios de orgulho, “daquele junho de 2013”. Quando se formaram multidões que, de um modo contraditório, pareciam gigantescas afirmações de individualidade. Com seus rostos únicos, bandeiras variadas, gritos independentes e gestos singulares. A completa expressão do novo. Daquilo que ninguém ousou prever e do futuro que ninguém assegurou adivinhar. Esses brasileiros se sentirão como a geração de 1968, que ainda cultiva as lembranças das heroicas passeatas contra a ditadura, como os manifestantes de 1984, que se emocionam com as imagens dos comícios das Diretas-já, e como os caras-pintadas de 1992, que decretaram o fim de um governo corrupto” (p. 50)

Neste enunciado, identificamos o posicionamento ideológico do autor em relação às Manifestações de Junho de 2013. Para ele, estes protestos entraram para a história do país, ou seja, modificaram as estruturas do Brasil e, por este motivo, merecem ser lembrados com “orgulho” por gerações futuras. Ademais, Pardellas, ao estabelecer um paralelo com as “heroicas passeatas contra a ditadura” está entoando que as Manifestações de Junho de 2013 podem ser concebidas também pelo prisma do heroísmo.

No que se refere aos manifestantes, estes sujeitos são, neste parágrafo, axiologicamente avaliados pela ótica de sua “individualidade”, uma vez que a “multidão<sup>101</sup>” que lotou as ruas do país, apesar de passar uma ideia de singularidade, destacou-se por sua diversidade de pautas e reivindicações. Tal interpretação pode ser confirmada pelos trechos “rostos únicos”, “bandeiras variadas” e “gestos singulares”.

Quanto ao conteúdo que compõe o corpo do texto, verificamos que os políticos são, a todo instante, apreciados valorativamente por Pardellas como se estivessem acuados diante de tamanha mobilização social. Sem saber como agir frente a estes protestos, na concepção do já citado autor, prefeitos de várias cidades do país começaram a atender as reivindicações da “rua”, por meio da redução do preço do transporte público. O enunciado em que estas informações podem ser constatadas encontra-se abaixo.

---

<sup>101</sup> Na concepção de Negri, citado por Szaniecki (2007), “a multidão não é nem encontro da identidade, nem pura exaltação das diferenças, mas é o reconhecimento de que, por trás de identidades e diferenças, pode existir ‘algo comum’” (NEGRI apud SZANIECKI, 2007, p. 112).

**Enunciado 5:** “Não se pode subestimar o que já aconteceu nem convém ignorar o que ainda possa vir. Nas duas últimas semanas, com suas diferentes tribos e interesses assumidamente difusos, jovens emergiram das redes sociais, conseguiram levar um milhão de pessoas às ruas, deixaram a classe política atordoada e fizeram com que prefeitos de 13 capitais e 65 cidades anunciassem a redução das tarifas de transporte público. A voz das ruas, que parecia anestesiada, se impôs.” (p. 50)

No enunciado 5, o autor, novamente, entoa de forma positiva as características dos manifestantes, destacando que estes pertencem a “diferentes tribos”, ou seja, possuem interesses diversos. Em contrapartida, ao se referir aos políticos, o autor se expressa valorativamente por meio do vocábulo “atordoado”, como se a classe política estivesse sem reação diante da espantosa mobilização social que se alastrou no Brasil.

Esta nova significação do signo ideológico “político” destoa do que é frequentemente difundido pela Ideologia Oficial, a qual considera a classe política detentora do poder de tomar decisões no país, visto que é ela quem elabora e aprova as leis no Brasil. Portanto, apesar de a revista **ISTOÉ** pertencer à Ideologia Oficial, esta, em suas reportagens, faz uso, estrategicamente, da voz da Ideologia do Cotidiano, com o intuito de ganhar maior adesão de seu público, visto que muitas pessoas, naquele momento, eram favoráveis as Manifestações de Junho de 2013.

Enfatizamos também que Pardellas, para sustentar o seu posicionamento axiológico sobre a população, ainda estabelece, no enunciado 5, um comparativo entre o povo brasileiro antes e durante o mês de junho. Nesta avaliação apreciativa, a população brasileira, no dizer do jornalista, encontrava-se “anestesiada”, ou seja, não estava “sentindo na pele” os problemas que a acometiam.

Pardellas continua se posicionamento valorativamente em relação aos manifestantes de maneira positiva no corpo do texto. No enunciado 6, o jornalista enaltece o caráter intimidador das manifestações, as quais fizeram os políticos voltarem atrás em suas decisões, ocasionando o “recuo” destes. Mais uma vez, Pardellas enfatiza que a população não está mais alienada, pois “acordou”.

**Enunciado 6:** “Os manifestantes transformaram as principais avenidas brasileiras em verdadeiros bulevares de liberdade de expressão. A nação acordou e, com o recuo dos governantes, descobriu que, sim, é possível provocar mudanças.” (p. 50)

Nesta reportagem também encontramos, em alguns momentos, as vozes de autoridades no assunto, as quais expressam os juízos de valor destes sujeitos sobre a classe política brasileira frente aos protestos. O jornalista se apropria destas vozes sociais para corroborar com seu posicionamento ideológico. O recurso de trazer citações diretas, como já discutimos, é muito utilizado neste gênero discursivo para dar credibilidade e suporte ao ponto de vista defendido pelo autor. A seguir, tem-se o enunciado em que Pardellas menciona a fala do diretor do Centro de Pesquisas e Análises de Comunicação (Cepac), Rubens Figueiredo.

**Enunciado 7:** “Trata-se da mais **expressiva, surpreendente e rápida** vitória popular de nossa história’, diz Rubens Figueiredo, diretor do centro de Pesquisas e Análises de Comunicação (Cepac). Ele explica: ‘Expressiva por forçar a **rendição dos titulares do Estado** mais importante do País e de uma das maiores cidades do mundo. Surpreendente porque nem o mais atento analista seria capaz de prever o que aconteceu. E rápida, pois, em poucos dias, a coisa se resolveu’.” (p. 50)

Embora o enunciado 7 não tenha sido escrito por Pardellas, este não deixa de expressar os juízos de valor do autor, uma vez que estas citações foram escolhidas por ele para compor sua reportagem. Além disso, ao compararmos a posição avaliativa do autor e de Rubens, averiguamos que são similares no que concerne aos protestos e aos políticos brasileiros. Na orientação avaliativa do pesquisador, as manifestações foram marcantes, já que os “titulares do Estado” cederam, rapidamente, diante de tanta pressão.

No enunciado 8, o qual sucede à fala de Rubens, percebemos que Pardellas resume o que foi dito pelo professor, acrescentando o signo ideológico “triumfo”, o qual qualifica as Manifestações de Junho de 2013 como uma vitória.

**Enunciado 8:** “A velocidade com que as demandas das ruas forçaram a recuada das autoridades foi um **triumfo**.” (p. 50)

O autor ainda comenta a recuada das autoridades, afirmando:

**Enunciado 9:** “Foi uma **vitória** e tanto para um movimento que, de início, era **menosprezado, difamado como partidário e brutalmente reprimido**.” (p. 50)

No enunciado 9, Pardellas, primeiramente, exalta as conquistas das Manifestações de Junho de 2013, entoando-as como uma “vitória”. Logo após, o autor mostra-se surpreso que um movimento social “menosprezado”, “difamado como partidário” e “brutalmente reprimido” tenha consigo por em práticas algumas de suas reivindicações. Pardellas não chega a nomear ou a se referir àqueles que cometeram tal injustiça, contudo, ao nos pautarmos no contexto de produção em que estas reportagens foram publicadas, podemos inferir que o autor está se dirigindo a grande mídia e a uma parcela da população. Vemos aqui, mais uma vez, o embate entre a Ideologia Oficial e a do Cotidiano e a relação dialógica existente entre elas, visto que os meios de comunicação, sendo considerados pertencentes à Ideologia Oficial, ao sofrerem a pressão da Ideologia do Cotidiano, representada principalmente pelos manifestantes, foram, aos poucos, revendo seus discursos e mudando seu posicionamento ideológico. Nesse sentido, as pessoas que participaram dos protestos deixaram de ser retratadas como violentas e passaram a ser vistas como pacíficas, pois, conforme discutimos no capítulo anterior, a grande mídia tenta basear-se em seu público alvo, dessa maneira, ao ser criticada pelos manifestantes, em um primeiro momento, por seu posicionamento contrário às manifestações, esta percebeu a necessidade de ser simpática com este movimento social.

Nesta reportagem, no enunciado 10, Pardellas também entoa sobre os policiais, os quais, em seu ponto de vista, promoveram um “show de violência”, com o consentimento de Geraldo Alckmin. Ao fazer uso do verbo “brindou”, o autor está ironicamente entoando que o governador de São Paulo comemorou a brutalidade dos policiais militares, visto que este signo costuma se referir às celebrações festivas. Neste caso, o evento a ser celebrado é um “show”, um espetáculo de violência cometida pela PM contra os manifestantes. A maneira como a polícia é apreciada, no campo semântico, mostra-nos o embate entre a Ideologia Oficial e do Cotidiano, visto que, de acordo com a Ideologia Oficial, os policiais promovem a segurança pública, conforme o artigo 144 da Constituição Federal de 1988. Sendo assim, novamente, a **ISTOÉ** faz uso estrategicamente da Ideologia do Cotidiano. Entretanto, nesta reportagem, a dimensão avaliativa que se tem da polícia é a de que esta é violenta com a população, portanto, não está assegurando a proteção da mesma, mas sim a agredindo. Tal embate ideológico só é possível devido ao fato de

os signos ideológicos, como aponta o Círculo Bakhtiniano, não serem neutros, tendo em vista que revelam diferentes posições axiológicas sobre o objeto apreciado.

**Enunciado 10:** “O show de violência policial com que o governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, brindou as manifestações de protestos da quinta-feira 13 serviu como impulso decisivo para que o protesto ganhasse adesões e força.” (p. 50)

Ao longo da reportagem, Pardellas recorre à voz que vem dos manifestantes, ou seja, “à voz das ruas”. Para mostrar sua posição avaliativa, ele transcreve uma das mensagens encontradas nas faixas das Manifestações de Junho de 2013, a qual se encontra no enunciado 11. O enunciado selecionado entoa que os políticos são “incompetentes”. Verificamos ainda que neste cartaz os manifestantes estão pedindo a “intervenção militar”, como se a volta dela fosse solucionar os problemas do país. Pardellas, apesar de considerar a classe política “incompetente”, não compartilha do posicionamento axiológico de que o Brasil necessita ser governado por militares novamente, uma vez que afirma que esta faixa é uma “imagem preocupante”. Constatamos assim, o conflito ideológico entre estas duas vozes sociais, uma vez que Pardellas, claramente, mostra-se contrário ao posicionamento valorativo construído no enunciado deste cartaz<sup>102</sup>.

**Enunciado 11:** “A crise de representatividade dos partidos é uma resposta, em grande parte, a episódios recentes em que seus próprios líderes expõem a falta de compromisso com programas e bandeiras, necessários para o bom jogo político. E abre brechas para imagens preocupantes. Em Brasília, na semana passada, surgiu uma faixa que dizia: ‘Chega de políticos incompetentes! Intervenção militar já!’” (p. 54)

Além de “incompetente”, segundo a orientação avaliativa do enunciador, a qual se encontra no próximo fragmento 12, a política nacional, antes dos protestos, era “estática” e “engessada” entre o PT e PSDB. Tal afirmação nos faz inferir que, na apreciação avaliativa do autor, estas diferenças partidárias se atenuaram, pois os manifestantes não criticaram apenas um partido, mas todos. Sendo assim, a classe política brasileira percebeu a necessidade de se movimentar e fazer algo em prol das reivindicações.

---

<sup>102</sup> Para uma análise mais detalhada de cartazes das Manifestações de Junho de 2013 consultar Brait e Dugnani (2014).

**Enunciado 12:** “A política nacional que parecia estática, engessada no embate entre PT e PSDB, se moveu.” (p. 56)

Por fim, Pardellas, mais uma vez, posiciona-se ideologicamente sobre os políticos ao considerar, no enunciado 13, seus “discursos desconectados” durante as manifestações. O autor diz que será perigoso, da parte deles, manter esta falta de coerência dos discursos nas eleições, o que podemos interpretar como um alerta, pois, segundo este ponto de vista, a população já não aguenta mais a falta de competência e as mentiras dos políticos, quem manda agora é o povo.

**Enunciado 13:** “Será uma imprudência entrar num processo político sem ter em mente o que ocorreu nas últimas semanas. No ano eleitoral de 2014 não caberão mais discursos desconectados como os que foram entoados na última semana.” (p. 56)

Após abordamos o conteúdo verbal, partiremos agora para a análise da verbo-visualidade da reportagem, observando que tanto as imagens quanto as legendas expressam o posicionamento ideológico do autor. Pretendemos constatar como as fotos contidas nesta reportagem se articularem, ideologicamente, com o texto escrito e expressam valorativamente o posicionamento do jornalista sobre os manifestantes.

#### 5.5.1.2 Análise da verbo-visualidade da reportagem

Esta reportagem é composta, ao todo, por 13 imagens e suas respectivas legendas. Apesar de fornecer um rico material verbo-visual, analisaremos aqui apenas três fotografias, pois, conforme explicamos nos procedimentos metodológicos, iremos nos pautar na foto síntese da reportagem, a qual, neste caso, é composta por uma sequência fotográfica trazida nas três primeiras páginas da matéria.

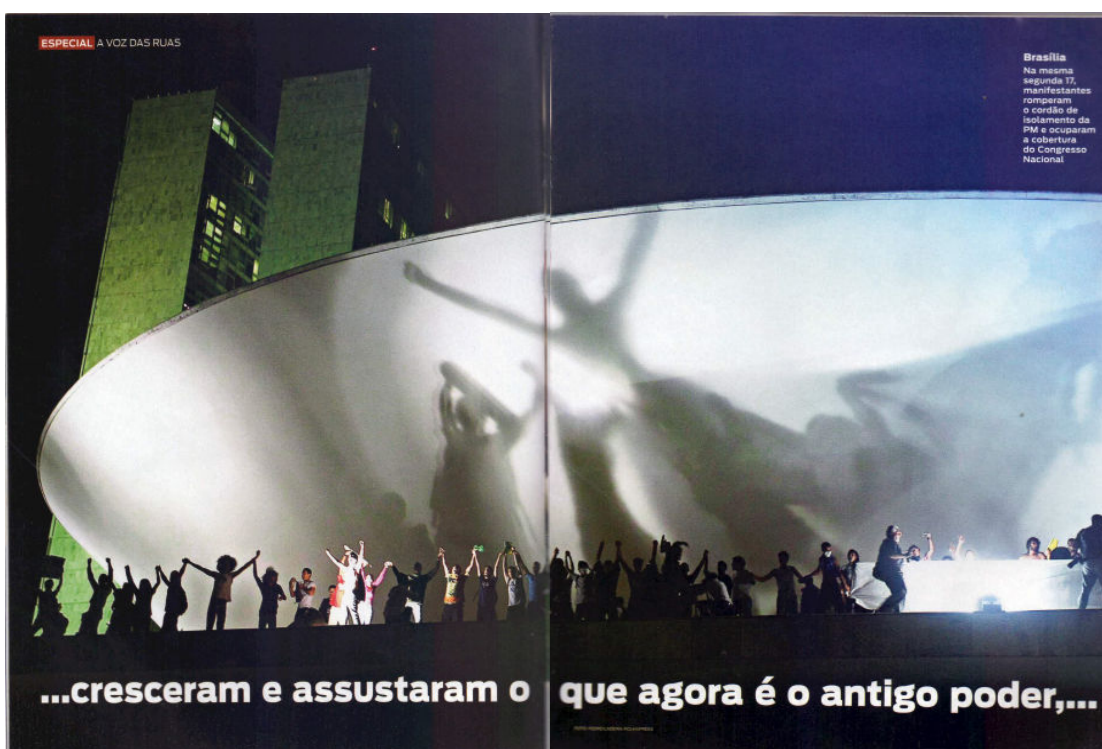
Figura 16 - Fotografia 1 da reportagem “Falou, tá falado”



Fonte: revista ISTOÉ, n. 2275, jun 2013. p. 44-45.

Fotojornalista: Nico Nemer.

Figura 17 - Fotografia 2 da reportagem “Falou, tá falado”



Fonte: revista ISTOÉ, n. 2275, jun 2013. p. 46-47.

Fotojornalista: Pedro Ladeira

**Figura 18 - Fotografia 3 da reportagem “Falou, tá falado”**



**Fonte:** revista ISTOÉ, n. 2275, jun 2013. p. 48-49.

**Fotojornalista:** Felipe Dana

Salientamos, primeiramente, que estas imagens se articulam com o título e olho da reportagem, pois estão constituindo o plano de fundo deste conteúdo verbal. Além disso, destacamos que essas três fotos foram capturadas no mesmo dia, em cidades diferentes. Tal informação é resgatada, pelos comentários presentes nas legendas de cada fotografia, as quais colocam os nomes das capitais em letras maiúsculas. Observe o conteúdo de cada uma das legendas, a seguir:

**Quadro 17 – Legendas da reportagem “Falou, tá falado”**

Legenda 1	Legenda 2	Legenda 3
<ul style="list-style-type: none"> <li>• SÃO PAULO</li> </ul> <p>Na Ponte Estalada, novo cartão-postal da cidade, o ápice da manifestação que reuniu 65 mil pessoas na segunda-feira 17.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• BRASÍLIA</li> </ul> <p>Na mesma segunda 17, manifestantes romperam o cordão de isolamento da PM e ocuparam a cobertura do Congresso Nacional.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• RIO DE JANEIRO</li> </ul> <p>100 mil pessoas caminham em paz pelo Centro na noite da segunda 17. Contra a corrupção, os gastos na Copa e o reajuste nas tarifas de ônibus, os cariocas tomaram a avenida Rio Branco e a Candelária.</p>

**Fonte:** Elaborada pela autora



Além de nomear as cidades, estas legendas ainda trazem dados que complementam semanticamente a foto, visto que somente as imagens não seriam capazes de nos fornecer tais informações. No primeiro enunciado, por exemplo, há o nome da ponte, a quantidade de pessoas e o dia. Na segunda legenda, por sua vez, tem-se a descrição dos acontecimentos ao expor que “[...] manifestantes romperam o cordão de isolamento da PM [...]”, encontramos ainda, assim como no primeiro caso, o nome do local, Congresso Nacional, e o dia em que este fato ocorreu. Por fim, na última legenda, constatamos, mais uma vez, a quantidade de manifestantes, data, nomes das ruas e a ação das pessoas. Enfatizamos que, esta última legenda relata ainda que os protestos são “[...] Contra a corrupção, os gastos na Copa e o reajuste nas tarifas de ônibus [...]”.

A partir desta descrição das legendas, constatamos que, no fotojornalismo, é necessário que se concilie fotografias e textos. Na concepção de Sousa (2002), o conteúdo verbal orienta para a construção de sentido, sendo assim:

Para informar, o fotojornalismo recorre à conciliação de fotografias e textos. Quando se fala de fotojornalismo não se fala exclusivamente de fotografia. A fotografia é ontogenicamente incapaz de oferecer determinadas informações, daí que tenha de ser complementada com textos que orientem a construção de sentido para a mensagem. Por exemplo, a imagem não consegue mostrar conceitos abstratos, como o de “inflação”. Pode-se sugerir o conceito, fotografando, por exemplo, etiquetas de preços. Mas, em todo caso, o conceito que essa imagem procuraria transmitir só seria claramente entendido através de um texto complementar. As fotografias de uma guerra, se o texto não ancorar o seu significado, podem ser símbolos de qualquer guerra e não representações de um momento particular de uma guerra em particular. (SOUSA, 2002, p. 9).

Portanto, as três imagens contidas no início da reportagem **Falou, tá falado** necessitam tanto da presença da legenda quanto do olho, caso contrário poderiam ser associadas com qualquer manifestação e o observador, diante destas imagens, não seria capaz de identificar as causas destes protestos. O papel da legenda, como já explicamos, é o de trazer dados extras, os quais, apesar de terem a intenção de dar o efeito de objetividade, são carregados de posicionamento ideológico, uma vez que se procura, por meio do conteúdo verbo-visual, construir, no leitor, uma interpretação destas fotografias. A seguir, mostraremos uma das possíveis leituras que esta articulação entre o texto verbal e o visual nos sugere.

Para dar suporte a nossa interpretação, iremos nos pautar também nos fragmentos do olho, visto que estes acompanham as fotografias. Nas duas primeiras páginas da reportagem, o autor estampa uma foto (fotografia 13) que tem como foco os rostos de alguns participantes dos protestos, ao ver a face destes manifestantes também conseguimos visualizar que eles estão com a boca em movimento, o que sugere que estas pessoas estão gritando algo, fazendo alusão ao texto verbal quando este diz “vozes firmes”. Nesta mesma foto, tem-se, no lado direito, em tamanho grande (ocupando quase toda a imagem), um rapaz em pé, em nível superior de altura, segurando nas duas mãos, em frente ao seu corpo, a bandeira do Brasil.

A opção do fotógrafo por este foco, o qual nos permite ver facilmente a face de alguns participantes do protesto de São Paulo e o jovem com a bandeira nas mãos, coaduna-se com o sentido valorativamente construído contido no olho desta reportagem, que pretende, como já analisamos, entoar sobre o perfil destes manifestantes, expondo que estes possuem “rostos jovens” e são “nacionalistas”.

Constatamos, diante disso, que tanto o texto verbal quanto o verbo-visual compartilham do mesmo posicionamento ideológico em relação aos manifestantes. Para compreender a relevância do foco, na captura de imagens, é necessário ter em mente que

O ser humano é fisiologicamente incapaz de prestar atenção simultânea a todos os estímulos de uma estrutura complexa, como o são a generalidade das fotografias. Assim, apenas alguns desses estímulos conseguem ser abarcados pela atenção num determinado momento. O fotojornalismo deve, deste modo, privilegiar sempre uma zona da imagem que funcione claramente como foco de atenção, e que deve ser, obviamente, o motivo principal. (SOUSA, 2002, p. 84).

Em segundo plano, a entonação dada pelo fotógrafo faz com que a nossa atenção se volte para alguns manifestantes com os braços levantados, como se estes sujeitos estivessem reivindicando algo, e para outros indivíduos segurando a bandeira do Brasil, transmitindo, avaliativamente, assim, o sentimento de amor ao país. Também notamos alguns cartazes<sup>103</sup>, o que nos mostra o caráter reivindicatório deste movimento social.

---

<sup>103</sup> Segundo Brait e Dugnani (2014), “[...] o cartaz é a principal arma utilizada para esclarecer o objetivo da manifestação [...]” (BRAIT; DUGNANI, 2014, p. 119), além disso, “[...] o cartaz expõe a fala, o dizer desse corpo sujeito [...]” (BRAIT; DUGNANI, 2014, p. 119). Portanto, ao mostrar, na

Na fotografia 14, o conteúdo verbal nos indica que, na dimensão avaliativa de Pardellas, estes jovens conseguiram dominar o “antigo poder”. Para isto, Pardellas utiliza uma foto que retrata alguns manifestantes de mãos dadas e braços erguidos na cobertura do Congresso Nacional, após, de acordo com informações fornecidas pela legenda, terem rompido o bloqueio da PM. O ato de estar com as mãos dadas nos traz a posição axiológica de que os manifestantes eram unidos, já os braços erguidos carrega um tom de vitória. Sendo assim, podemos inferir que o povo, quando unido, alcança seus objetivos. Neste caso, os manifestantes conseguiram assustar os políticos ao se unir, o que é retratado, na foto, pela transposição do bloqueio da Polícia Militar<sup>104</sup> e a chegada dos participantes em um dos locais que simbolizam o poder do governo.

Por fim, a fotografia 15 constrói, valorativamente, a ideia de que as Manifestações de Junho de 2013 apresentaram uma grande quantidade de manifestantes. Para contribuir com este posicionamento ideológico, Pardellas seleciona uma imagem em que as duas ruas do Rio de Janeiro estão cobertas de pessoas. Ao analisarmos esta fotografia junto com o conteúdo verbal, o qual entoa que “as ruas mandam”, constatamos que o acento apreciativo desta foto nos revela a capacidade de o povo mudar o Brasil, impondo, a partir de então, as suas leis.

Para ser capaz de mostrar a magnitude e o poder das Manifestações de Junho de 2013, o fotógrafo utilizou como recurso o enquadramento denominado “plano picado”, o qual, de acordo com Sousa (2002), captura a imagem de cima para baixo, buscando, assim, dar uma dimensão da quantidade numerosa de pessoas que estavam nas ruas do Rio de Janeiro no dia 17.

#### 4.5.2 Reportagem 2: Apesar de vocês

Na reportagem **Apesar de vocês**, Nathalia Ziemkiewicz<sup>105</sup> discorre sobre a presença de uma minoria violenta entre os manifestantes, os “vândalos”. Para a

---

fotografia, os cartazes dos manifestantes, o fotojornalista tem a intenção de expor os objetivos dos protestos e de dar voz aos sujeitos.

<sup>104</sup> Segundo a Constituição Federal de 1988, art. 144, §5, “às policias militares cabem a polícia ostensiva e a prevenção da ordem pública.”

<sup>105</sup> Jornalista, já publicou na revista ISTOÉ, Época, Marie Claire, Claudia, Nova etc. Estas informações foram fornecidas por Ziemkiewicz no blog, o qual pode ser acessado na página <http://napimentaria.com.br/tag/nathalia-ziemkiewicz/>.

autora, esta atitude de depredação do patrimônio público e privado, bem como a violência, não tirou a legitimidade das manifestações. Ziemkiewicz também critica o comportamento dos policiais diante de um grupo pequeno de “arruaceiros”, visto que de “repressora” a polícia passou a ser “omissa”. Esta crítica feita aos policiais é contra o que é difundido pela Ideologia Oficial, a qual afirma, como já mencionamos, que a polícia serve para defender a população dos malfeitores.

#### 5.5.2.1 Análise dos elementos verbais da reportagem

Após esta síntese sobre o conteúdo da reportagem, mostraremos e analisaremos os enunciados desta matéria que entoam sobre os manifestantes<sup>106</sup> e policiais. Portanto, como já havíamos estabelecido nos procedimentos de análise, começaremos pelo conteúdo verbal.

##### 5.5.2.1.1 O título

O título **Apesar de vocês** também estabelece uma relação dialógica com a música **Apesar de você** do Chico Buarque e, conseqüentemente, com a reportagem **Falou, tá falado**, a qual dá abertura a esta edição especial da revista **ISTOÉ**.

No tocante à relação existente entre a canção e a reportagem, observamos que a autora substitui o “você” do nome da música, que, no contexto da ditadura, refere-se aos militares, pelo “vocês”, que são valorados axiologicamente, por Ziemkiewicz, como as pessoas que cometeram atos de violência nos protestos.

A autora, neste título, ao dialogar com a música **Apesar de você**, apresenta o posicionamento ideológico que, mesmo com a presença de “oportunistas”, “baderneiros” e “ladrões” neste movimento social, as Manifestações de Junho de 2013 conseguirão mudar o país.

---

<sup>106</sup> Enquadraremos, nesta reportagem, “os vândalos” como a minoria violenta dos manifestantes. Apesar de a autora não classificá-los como manifestantes, optamos por analisar o posicionamento axiológico da autores sobre este grupo de vândalos por considerarmos que estes sujeitos também participaram das Manifestações de Junho de 2013.

### 5.5.2.1.2 O Olho

O olho, no caso desta reportagem, permite-nos confirmar a quem a autora se refere quando faz uso do pronome “vocês” no título, uma vez que, logo em seguida, ela apresenta um enunciado que se inicia com os signos marcadamente ideológicos “oportunistas”, “baderneiros” e “ladrões”. Todavia, até este momento, a autora não atribui um referente a estes indivíduos, apenas os caracterizou. Esta informação só será encontrada, com mais detalhes, no *lead* e no corpo da reportagem. Por hora, vamos nos ater no olho, que se encontra a seguir:

**Enunciado 1:** “Oportunistas, baderneiros e ladrões se infiltram no legítimo movimento para tirar vantagens ilícitas. Devem ser contidos.” (p. 67)

As palavras em destaque mostram os juízos de valor da autora sobre o “grupo violento” que participou das manifestações, o qual, no posicionamento axiológico dela, não pode ser confundido com os manifestantes, uma vez que está “infiltrado” neste “legítimo movimento”. As escolhas semânticas axiológicas, dadas pela autora a respeito deste “grupo violento” nos permite interpretar que ela é contrária ao comportamento deste, entoando que este é “oportunista”, pois quer se aproveitar das mobilizações do povo para benefício próprio, é “baderneiro”, uma vez que causa destruição por onde passa e é “ladrão”, visto que saqueia estabelecimentos públicos e privados. Portanto, age para conseguir “tirar vantagens ilícitas”, contrárias à lei.

### 5.5.2.1.3 Lead e corpo do texto

No enunciado 2, no *lead*, a autora inicia a reportagem valorando que as manifestações são compostas por uma “imensa maioria de manifestantes pacíficos”. Já o “bando pequeno”, nome dado aos causadores da destruição, está “misturado” entre os manifestantes, mas não faz parte dos movimentos. Tal acento apreciativo pode ser constatado a seguir:

**Enunciado 2:** “Nos movimentos que ganharam as ruas nos últimos dias, a imensa maioria era de manifestantes pacíficos que empunhavam com palavras de ordem e pregavam ‘sem violência’.

Mas **bandos pequenos**, dispostos a promover a **quebradeira** e o **vandalismo** por onde passavam, **misturaram-se a eles**. Na quinta-feira 20, nem o belo Palácio do Itamaraty, em Brasília, uma das obras-primas do arquiteto Oscar Niemeyer, foi poupado. **Baderneiros** ocuparam as rampas, lançaram objetos contra a fachada de vidro do palácio, fizeram fogueiras, subiram na escultura meteoro, de Bruno Giogi, e pressionaram para entrar. Quase 30 pessoas ficaram feridas. **Cenas de brutalidade de minorias** como essa se repetiram por todo o País. A cidade do Rio de Janeiro contabiliza os prejuízos após o protesto que reuniu 100 mil na segunda-feira 17 nas proximidades da Assembléia Legislativa. Um **grupelho de mascarados** alvejou a construção centenária com pedras e bombas caseiras, deixando um rastro de destruição avaliado em R\$2 milhões. No dia seguinte, São Paulo foi alvo da **ação de vândalos e ladrões** que tentaram depredar a prefeitura, picharam o prédio histórico do Theatro Municipal e saquearam lojas. Nas grandes manifestações pelo Brasil na quinta-feira 20, ônibus, agências bancárias e prédios públicos foram destruídos em várias capitais. Dezenas de pessoas foram atendidas em hospitais. Mais impactante que as caminhadas ordeiras, as cenas de confronto, fogo e depredação, sempre no fim de **atos com tom pacífico**, correram o mundo. **Apesar dos arruaceiros**, porém, não é essa a imagem que vai ficar dos protestos, mas sim do **repúdio dos manifestantes a minoria violenta**. No centro de São Paulo, por exemplo, a **ala pacífica** chegou a formar um cordão humano para **proteger os policiais** que guardavam a prefeitura de **vândalos**.” (p. 67)

Ainda no enunciado 2, verificamos que a autora entoa sobre os manifestantes, a minoria violenta e os policiais. Em todo o fragmento selecionado, percebemos a orientação avaliativa do enunciador por meio da atribuição de características negativas as pessoas que promoveram a violência durante os protestos. Sendo assim, a jornalista seleciona os substantivos “baderneiros”, “vândalos”, “ladrões”, “arruaceiros” e “grupelho de mascarados” como acento apreciativo sobre o grupo violento. Em relação aos manifestantes, estes, de acordo com o posicionamento axiológico da autora, são vistos como uma “ala pacífica”. Quanto à polícia, verificamos que, na posição avaliativa de Ziemkiewicz, esta é indefesa e ameaçada pelo “bando violento”. Tal afirmação pode ser constatada no último período deste enunciado, quando Ziemkiewicz comenta que, em São Paulo, uma ala pacífica de manifestantes tentou “proteger os policiais que guardavam a prefeitura de vândalos”.

No corpo do texto, a autora irá dar destaque ao comportamento da PM diante destes atos de vandalismo. A entonação dada por Ziemkiewicz sobre a atitude dos policiais nos permite inferir que ela culpa a polícia por não ter tido uma atitude incisiva perante as depredações e vandalismos. Esta interpretação pode ser comprovada nos enunciados 3, 4 e 5:

**Enunciado 3:** “O problema é que, nos episódios recentes no Brasil, os policiais demoraram a agir, dentro do respeito à legislação, contra esses arruaceiros.” (p. 68)

**Enunciado 4:** “Para o professor de história da Universidade Federal do Rio de Janeiro Francisco Carlos Teixeira, um dos maiores problemas é o despreparo da polícia brasileira na mediação de conflitos. ‘Nos últimos acontecimentos, ela passou da brutalidade para a omissão, sem considerar o meio termo’, diz, lembrando a transição de conduta – das balas de borracha do início aos braços cruzados diante do quebra-quebra no centro de São Paulo. ‘Ambas as atitudes desmoralizam o Estado.’” (p. 68)

**Enunciado 5:** “Em vez de criar grupos de repressão, a polícia deveria formar agentes para a mediação de conflitos”, afirma. “Sair da postura reativa e partir para o diálogo”. (p. 68)

A análise destes enunciados permitiu detectarmos que, na orientação avaliativa de Ziemkiewicz, a polícia do estado de São Paulo não combateu como deveria a violência ocasionada pelos “arruaceiros” nas manifestações, como pode ser visto no enunciado 3. Para dar suporte ao seu posicionamento, bem como maior credibilidade a sua opinião, a autora em questão traz, no segundo fragmento, em forma de discurso direto, a voz de um professor de história da Universidade Federal do Rio de Janeiro, o qual entoa que a polícia foi “despreparada”, “bruta” e “omissa”, visto que esta não sabe mediar os conflitos enfrentados nas manifestações, agindo com brutalidade (ao usar “balas de borracha”), em alguns momentos, e passividade (“ficando com os braços cruzados”), em outros. Corroborando com esta posição axiológica, Ziemkiewicz, novamente, recorre à outra voz de autoridade, Robson Sávio, especialista em segurança pública. Sávio, no enunciado 5, condena o fato de a polícia criar grupos de “repressão”, vocábulo que nos remete a Ditadura Militar, o que dialoga com o título desta reportagem.

A maneira como a autora, o professor de história da UFRJ e Sávio entoam sobre a polícia mostra-nos a plurivalência do signo ideológico, o qual, na concepção do Círculo Bakhtiniano, assume diferentes representações de acordo com as interpretações feitas pelos grupos sociais.

Na reportagem em questão, estes três sujeitos se expressam avaliativamente contra o comportamento dos policiais, mas cada um enfatiza características distintas. Para Ziemkiewicz, a PM demorou a agir, já para o professor de história, ela foi “despreparada”, “bruta” e “omissa” e para Sávio, “repressora”. Portanto, ao trazer estas vozes, a autora está ampliando o seu posicionamento

sobre a atitude policial, visto que a PM além de não ter feito nada diante do vandalismo, também foi bruta e repressora com os manifestantes pacíficos.

Após a análise do conteúdo verbal, iremos apresentar como as fotos, presentes nesta reportagem dialogam com o discurso da autora e entoam sobre os manifestantes e policiais. As imagens são utilizadas aqui para confirmar e dar credibilidade ao que se está informando, portanto, o verbal e o visual precisam estar juntos para construir o sentido do texto.

#### 5.5.2.2 Análise da verbo-visualidade da reportagem

Antes de adentrarmos no conteúdo verbo-visual, salientamos que iremos analisar sete imagens. Destas, quatro foram colocadas antes do início da reportagem, como se estivessem anunciando o assunto que está por vir, e as outras três, aparecerão na terceira página desta mesma reportagem.

Enfatizamos ainda que as fotografias que analisaremos caracterizam-se, na concepção de Sousa (2002), como *spot news*, visto que são “[...] fotografias ‘únicas’ de acontecimentos ‘duros’ (*hard news*), frequentemente imprevistos” (SOUSA, 2002, p. 110)

Este conjunto de *spot news*, para Sousa (2002), pode desencadear uma história fotográfica, conhecida pelo termo “*Picture stories*”. Segundo Sousa (2002),

As histórias em fotografias são um gênero fotojornalístico em que uma série de imagens se integram num conjunto que procura constituir um relato compreensivo e desenvolvido de um tema. Nesse relato, as imagens devem mostrar as diversas facetas do assunto a que se reportam. (SOUSA, 2002, p. 127).

Antes, porém, de nos concentrarmos no conteúdo visual, iremos nos ater às legendas, as quais trazem informações sobre os locais em que os eventos foram capturados. Ademais, na percepção de Sousa (2002), este texto verbal ainda ancora o significado da fotografia, ou seja, direciona “[...] o leitor para aquilo que a fotografia representa” (SOUSA, 2002, p. 76). Sendo assim, podemos concluir que esta ancoragem expressa à interpretação, ou seja, o acento apreciativo que a autora dá às fotografias, a partir do momento que a repórter as nomeia como: Incêndio, invasão, ameaça, vandalismo, ataque, saque e destruição.



**Figura 19 - Fotografia 1 da reportagem “Apesar de vocês”**



**Fonte:** revista ISTOÉ, n. 2275, jun 2013. p. 66-67.

**Fotojornalistas:** Andre Dusek (Estadão), Fabio Braga, Leandro Moraes (FolhaPress) e Christophe Simon (AFP PHOTO).

A imagem que retrata o “incêndio” mostra um grupo de pessoas tentando se proteger do fogo, algumas aparecem correndo, como se estivessem fugindo das labaredas e outras caídas na porção de água presente no Palácio do Itamaraty. Na foto, não fica claro quem provocou o fogo, contudo o conteúdo verbal acusa os “baderneiros”. Ao selecionar esta imagem para compor sua reportagem, Ziemkiewicz entoa, por meio do incêndio e de pessoas tentando se proteger dele, o caos que este grupo de “vândalos” ocasionou durante os protestos.

Na segunda foto, denominada “invasão”, observamos jovens, muitos deles usando máscaras ou com os rostos cobertos por pedaços de pano, tentando invadir um local que, de acordo com o texto verbal, é o Palácio dos Bandeirantes. Há, nesta imagem, em destaque, um jovem mascarado se segurando nas grades, ele olha para trás como se estivesse procurando algo ou chamando alguém, as pessoas ali presentes estão voltadas para ele, o que nos dá a impressão de que este indivíduo está em posição de liderança. Nesta fotografia, Ziemkiewicz se posiciona axiologicamente ao mostrar, por meio das fotografias escolhidas, uma cena que representa a agressividade e a tentativa dos “baderneiros” de invadir locais públicos ou privados. Ademais, o fato de o fotojornalista ter mostrado os rostos mascarados traz a ideia de que estes sujeitos não tinham a intenção de ser reconhecidos, pois estavam cometendo atos ilícitos.

Na próxima imagem, chamada pela repórter de “ameaça”, os policiais são focalizados como se estivessem acuados diante do ataque que estão sofrendo. Tal fato mostra a outra face da PM, que na reportagem anterior, por exemplo, foi valorada como repressora ao promover um “show de violência” em São Paulo. Nesta foto, em contrapartida, Ziemkiewicz expressa axiologicamente, que os policiais foram ameaçados pelos “vândalos” durante os protestos, para isso, a autora seleciona uma imagem que mostra jovens violentos tentando invadir a prefeitura de uma cidade, enquanto os policiais tentam proteger a si próprios e o local. Pela postura corporal dos policiais, verificamos que, ao mesmo tempo em que eles atacam, utilizando para isso os cassetetes, eles também se defendem com os escudos. Por outro lado, os jovens mascarados tentam invadir o local. No plano de fundo, verificamos também a presença de repórteres e fotógrafos, os quais, de certa maneira, participaram das Manifestações de Junho de 2013, por meio de imagens e vídeos feitos dos protestos, o que se coaduna com as informações fornecidas no terceiro capítulo desta dissertação.

Na imagem nomeada “vandalismo”, percebemos, novamente, a presença do fogo, o qual, desta vez, segundo informações fornecidas pela legenda, aconteceu na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro em decorrência de bombas caseiras jogadas no local. Não é possível ver os rostos dos sujeitos envolvidos. Contudo, temos em primeiro plano um rapaz, com a face parcialmente coberta, os braços para cima, a boca aberta e os joelhos um pouco dobrados. Podemos interpretar esta posição corporal como se este indivíduo, no momento da captura da imagem, estivesse gritando e pulando com o intuito de atrair mais pessoas para o local. Ziemkiewicz, ao trazer para sua reportagem esta fotografia expressa sua dimensão avaliativa, visto que opta pela escolha de uma fotografia que retrata, novamente, a atitude destrutiva e violenta de alguns indivíduos durante as manifestações.

Já as três fotos, as quais podem ser vistas na figura 17, foram estampadas na página seguinte. Mesmo assim, elas ainda trazem à tona o comportamento dos “baderneiros” e continuam demonstrando, o acento valorativo de Ziemkiewicz sobre os eventos violentos das manifestações. Portanto, dão continuidade à história que está sendo contada, por meio das fotografias. No texto verbal, as legendas mostram, em letra maiúscula, os signos: “ataque, saque e destruição”, trazendo, como já comentamos anteriormente, o posicionamento axiológico da autora sobre os eventos retratados nas imagens.

Figura 20 - Figura 2 da reportagem “Apesar de vocês”



Fonte: revista ISTOÉ, n. 2275, jun 2013. p. 68.

Fotojornalistas: Christophe Simon (AFP PHOTO), Wesley Santos (AG. GLOBO) e Warley Lede (FOLHAPRESS).

A jornalista entoa valorativamente ao trazer, na primeira imagem (da fotografia 17), seu ponto de vista, quando denomina a foto de “ataque”. O fotojornalista, nesta imagem, focalizou uma moça, com o rosto coberto por uma máscara, prestes a lançar uma bomba caseira. Não é possível ver o alvo desta jovem. Além disso, a atmosfera do local é coberta pelo caos, uma vez que o lugar encontra-se com a presença de fumaça provocada por bombas. No que se refere à expressão axiológica da autora, esta busca mostrar a agressividade desta jovem. Pelas características das vestimentas desta mulher, conseguimos inferir que esta era integrante do grupo violento, pois estava utilizando uma máscara para cobrir sua face.

Quanto à segunda imagem, a qual foi chamada de “saque”, vemos rapazes chutando portas de estabelecimentos privados na tentativa de invadi-los para roubar produtos. Em primeiro plano, há um jovem atingindo uma porta de vidro, a qual já se encontra trincada. A imagem do rapaz está “escorrida”, termo usado por Sousa (2002), objetivando, dessa forma, dar movimento à ação, o que dá mais realismo para a foto. Esta foto mostra que, de acordo com o acento apreciativo de Ziemkiewicz, este grupo, além de violento, também era composto por “ladrões”.

A foto, cujo nome é “destruição”, mostra um rapaz quebrando os vidros de um ônibus. Ao captar esta imagem, o fotógrafo está entoando que os participantes da “minorias violentas” destruíram o patrimônio público, apenas como um ato de vandalismo.

Em suma, todas estas fotografias mostram grupos de pessoas, muitas delas usando máscaras, agindo com extrema violência. A focalização das imagens, a qual não é feita aleatoriamente, mostra-nos as intenções do fotógrafo de realçar o caos promovido por este grupo de “baderneiros”, bem como seu posicionamento ideológico em relação a estes indivíduos, os quais foram capturados pela máquina fotográfica em momentos que estavam realizando atitudes agressivas e ilícitas. Observamos também a atmosfera de violência que envolve estes eventos. Tal efeito foi conseguido em decorrência da coloração predominante de cores escuras nestas fotos. Para Sousa (2002)

A cor permite atrair a atenção, mas também é um agente conferidor de sentido, em função do contexto e da cultura. Por exemplo, se um fotojornalista pretende fazer uma feature photo em que exalte a alegria das crianças não deve procurar crianças vestidas de negro ou locais escuros, mas sim crianças vestidas com cores vivas e locais multicoloridos. (SOUSA, 2002, p. 90).

Diante dos apontamentos feitos neste tópico, constatamos que por meio de imagens também é possível se expressar axiologicamente, visto que o momento de captura dos eventos é feito por um sujeito que tem o poder de escolher o melhor ângulo, foco e coloração. Ademais, vimos que essas fotografias conseguiram retratar o conteúdo verbal desta reportagem, uma vez que mostraram exemplos de violência nos protestos, assim como a polícia sendo ameaçada por “vândalos”.

### 5.5.3 Reportagem 3: O grande líder: #vemprarua

A reportagem **O grande líder:#vemprarua**, escrita por Mariana Queiroz Barboza<sup>107</sup>, discorre sobre o papel das redes sociais nas Manifestações de Junho de 2013. Para Barboza, o *Facebook*, *Twitter*, *Youtube* etc. foram cruciais na divulgação de informações a respeito dos protestos, bem como nas convocações de novos participantes. Nos próximos tópicos, iremos mostrar as entonações expressivas dadas pela autora sobre os manifestantes e políticos.

#### 5.5.3.1 Análise dos elementos verbais da reportagem

Abordaremos a análise verbal desta reportagem, observando como a autora manifesta sua ideologia no título, olho, lead e corpo da reportagem.

##### 5.5.3.1.1 O título

A análise do título **O grande líder:#vemprarua** nos mostra que, na orientação avaliativa de Barboza, as redes sociais exerceram uma função de líder nos protestos, pois contribuíram, principalmente, para a ampliação no número de manifestantes. Além disso, Barboza posiciona-se ideologicamente favorável aos manifestantes. Podemos chegar a tal interpretação quando a autora traz a voz dos manifestantes, ao escrever no título a mensagem “#vemprarua” no título, visto que esta estrutura se circulou pelas redes sociais, sobretudo no *Facebook*, com o intuito de atrair pessoas para fazerem parte das manifestações.

Em relação ao perfil destes manifestantes, constatamos, implicitamente, que, no ponto de vista da autora, estes estão conectados no mundo virtual, visto que tiveram acesso às informações e convocações sobre os protestos, mediante a participação destes nas redes sociais.

---

<sup>107</sup> Trabalha, há 2 anos e 3 meses, como repórter *freelancer* da **ISTOÉ**. Anteriormente, foi repórter da editora abril, por 4 anos e 5 meses. Estas informações podem ser encontradas no linkedin da jornalista, na página <https://br.linkedin.com/pub/mariana-queiroz-barboza/3a/344/ba9>.

### 5.5.3.1.2 O olho

O olho desta reportagem nos mostra o posicionamento ideológico da autora sobre as Manifestações de Junho de 2013, as quais, na visão dela, alastraram-se no país. Em outras palavras, podemos dizer que estes protestos se espalharam pelo Brasil, passando por todas as regiões. O vocábulo que nos remete a tal produção de sentido é o verbo “varrer”, o qual transmite a ideia de percorrer a área de um local com o intuito de limpá-lo. Ademais, a autora ainda acentua axiologicamente que as manifestações são “passeatas gigantescas”, ou seja, destaca a magnitude deste movimento social, como pode ser visto no enunciado 1.

**Enunciado 1:** “A onda de protestos que varreu o Brasil nos últimos dias é resultado da força avassaladora das redes sociais, que semeiam ideias, arregimentam seguidores e convocam passeatas gigantescas.” (p. 79)

Após esta análise do olho, procuraremos expor como as entonações e as vozes sociais presentes no *lead* e no corpo do texto se referem aos signos ideológicos “manifestantes” e “políticos”.

### 5.5.3.1.3 Lead e corpo do texto

No *lead* desta reportagem, no enunciado 2, Barboza apresenta a sua posição avaliativa ao atribuir um perfil aos manifestantes, expondo que estes não reproduzem mais gritos de guerra em assembleias, tampouco planejam suas ações pautando-se em aparelhos partidários. Diante disto, verificamos que, segundo a dimensão axiológica da autora, as pessoas que participaram dos protestos não possuem vínculos políticos. Barboza também entoa sobre as Manifestações de Junho de 2013, expondo que estas, assim como outras da segunda década do século 21, avançaram de forma avassaladora nas redes sociais, ou seja, dominaram este espaço virtual.

**Enunciado 2:** “De todas as transformações desencadeadas pela internet nos últimos anos, talvez a mais extraordinária de todas esteja em curso neste exato momento. Se é verdade que todo grande movimento popular é resultado da força magnética de um líder, agora é possível afirmar que a onda de protestos se deve ao poder irresistível de um novo tipo de liderança. Os gritos de guerra não surgem mais em assembleias. As bandeiras não se submetem ao escrutínio de encontros às

escuras de jovens revolucionários. **As ações deixaram de ser planejadas em aparelhos partidários.** Na segunda década do século 21, os movimentos populares nascem, amadurecem e **avançam de forma avassaladora** no universo quase ilimitado das redes sociais.” (p. 78)

A autora, no corpo do texto, traz a voz de uma autoridade em temas políticos, a professora Maria do Socorro Braga. No enunciado 3, Braga expressa seu posicionamento ideológico, ao afirmar que as manifestações ocorridas no Brasil, no mês de junho de 2013, foram um “movimento horizontal”, tendo em vista que não houve hierarquias e nem lideranças. Portanto, todos os participantes estavam no mesmo patamar de poder, caracterizando-se, assim, um movimento “sem cara nem líder”.

**Enunciado 3:** “Diante de um **movimento horizontal, sem cara nem líder**, a internet passa a ser o principal meio de divulgação, porque é rápida, relativamente barata e produz bom retorno”, diz Maria do Socorro Braga, professora do Departamento de Ciência Política da Universidade de São Paulo. ‘Ela dá uma dinâmica à **democracia que os partidos não conseguem oferecer**’.” (p. 79)

Além disso, a professora também traz a sua dimensão avaliativa, ao proferir uma crítica ao sistema político brasileiro, quando assevera que este não consegue ser “democrático”. Sendo assim, no enunciado “Ela dá uma dinâmica à democracia que os partidos não conseguem oferecer”, na orientação avaliativa de Braga, na internet, a população consegue exercer a democracia, não havendo sobreposição de poder, o que não ocorre no governo brasileiro, o qual diz ser democrático, enquanto que, na verdade, não executa esta forma de governo, pois a população brasileira não é escutada da maneira pelos políticos.

Ainda a respeito dos governantes, Barboza, novamente, expressa seu acento apreciativo, como pode ser visto no enunciado 4, ao alertar que estes precisam estar atentos à organização política das redes sociais, caso contrário, estarão ameaçados de desaparecimento.

**Enunciado 4:** A dimensão das manifestações no Brasil mostra que a organização política nas redes sociais é provavelmente um caminho sem volta e **os governantes que não tiverem sensibilidade para detectar esse fenômeno serão condenados ao desaparecimento.** (p. 80)

Já no enunciado 5, a autora comenta, brevemente, sobre a atitude dos policiais, entoando que esta foi “violenta” e “repressiva”, fazendo, inclusive, menção, por meio do vocábulo “repressão”, ao período da Ditadura Militar<sup>108</sup>, estabelecendo, assim, um diálogo com as reportagens anteriores, visto que estas também mencionam este período histórico.

Com o intuito de dar mais credibilidade ao seu comentário, Barboza traz, no enunciado 5, a voz de meios de comunicação internacionais famosos, expondo como eles noticiaram as Manifestações de Junho de 2013. O **New York Times**, por exemplo, posicionou-se ideologicamente favorável aos manifestantes e contrário a classe política, quando destacou o comportamento agressivo da PM em uma foto que mostrava uma policial lançando spray de pimenta em um dos manifestantes. Além disso, este mesmo jornal trouxe uma reportagem, cujo título informava que os brasileiros estavam culpando os seus líderes, ou seja, os políticos.

**Enunciado 5:** “As imagens da violenta repressão da Polícia Militar no protesto da quinta-feira 13 correram o mundo com rapidez e pautaram a imprensa internacional (a foto de uma repórter atingida no olho por uma bala de borracha se tornou viral). O jornal americano ‘New York Times’ estampou na capa de sua edição da quarta-feira 19 a imagem de uma policial militar do Rio de Janeiro que lança spray de pimenta contra uma manifestante. A publicação também trouxe uma reportagem intitulada: ‘Protestos crescem enquanto brasileiros culpam os líderes’. O britânico ‘Independent’ publicou a mesma foto acompanhada de uma chamada irônica: ‘Te vejo no Rio?’. No jornal francês ‘Le monde’, a onda de protestos no País foi apresentada com destaque. No espanhol ‘El País’, a indignação dos brasileiros também esteve na capa.” (p. 81)

No próximo subtópico, iremos demonstrar como o conteúdo verbo-visual é apresentado nesta reportagem, assim como quais são os posicionamentos axiológicos expressos na fotografia e em sua legenda.

### 5.5.3.2 Análise da verbo-visualidade da reportagem

Escolhemos para a análise do conteúdo verbo-visual a foto síntese desta reportagem, a qual se encontra a seguir:

---

<sup>108</sup> Estamos, a todo instante, fazendo alusão ao período da Ditadura Militar, devido ao fato de as reportagens desta edição da ISTO mencionarem este momento frequentemente, por meio de músicas compostas nesta época, bem como por darem exemplos de movimentos sociais ocorridos durante o governo militar.



Figura 21 – Fotografia da reportagem “O grande líder:#vemprarua”



Fonte: revista ISTOÉ, n. 2275, jun 2013. p. 78-79.

Fotojornalista: Fábio Motta (Estadão)

Esta imagem, tirada no Rio de Janeiro, conforme informação fornecida pela legenda, ideologicamente que os manifestantes são unidos e que reconhecem o poder das redes sociais, inclusive considerando-se parte dela. Na legenda desta foto, a autora ainda destaca o poder de liderança da internet ao dizer “Manifestantes na avenida Rio Branco expressam **o poder de liderança da internet**”, associando-se com o título da reportagem, “O grande líder” que, como já comentamos, considera as redes sociais como líderes dos protestos ocorridos em junho de 2013.

No tocante aos elementos que compõem esta fotografia, observamos, em posição de destaque, uma grande faixa amarela (cor que chama a atenção), segurada por vários jovens, com a mensagem: “Somos a rede social!”. Uma das possíveis interpretações deste enunciado seria a de que os manifestantes se sentem representados pela rede social, uma vez que, por meio dela, adquiriram voz e força. Esta faixa, portanto, apresenta o que Sousa (2002) denomina de “foco de atenção”, pois é o motivo principal da fotografia. Posteriormente, ainda segundo o autor em questão, os estímulos do ser humano se voltam para os elementos que se

encontram em segundo plano, os quais, no caso da imagem analisada, são os cartazes e os rostos de alguns manifestantes. Sobre os focos secundários de atenção, Sousa (2002) discorre expondo que

A organização dos estímulos é uma das condicionantes da amplitude temporal, ou seja, do tempo durante o qual a atenção do observador é mobilizada para o foco de atenção. Só depois de atingir a saciedade perceptiva é que a atenção do sujeito vai atender a novos focos onde possa ir buscar novas informações. Estes focos secundários devem ser os restantes elementos que um fotógrafo deve procurar ordenar e hierarquizar numa fotografia para gerar um determinado sentido. Por exemplo, se o Presidente da República faz uma comunicação ao país, o fotógrafo deve privilegiar como motivo principal – e foco de atenção- o Presidente a discursar. Mas deve também mostrar na imagem os restantes elementos que possam contribuir para fazer passar uma determinada mensagem, como a bandeira portuguesa, símbolo nacional. Esses elementos devem funcionar com focos secundários de atenção. (SOUSA, 2002, p. 84).

No foco secundário, na foto que estamos analisando, há, novamente, a voz dos manifestantes, por meio de cartazes que estão localizados atrás da grande faixa, o que nos remete às reivindicações diversificadas destas manifestações, visto que, pelo foco e distância dada pelo fotógrafo, é possível ler as mensagens contidas neles. Ao selecionar esta imagem para compor sua reportagem, a autora também está se expressando ideologicamente e entoando que os manifestantes apresentavam diversas pautas, informação que não foi veiculada no seu texto verbal. Seguem, abaixo, as mensagens de alguns destes cartazes.

**Cartaz 1:** “Quem sabe faz a hora não espera acontecer.”

O cartaz 1 é constituído pela voz da música **Caminhando e cantando** escrita por Geraldo Vandré em 1968, composta, portanto, assim como a canção **Apesar de você**, no período da Ditadura Militar no Brasil. Não iremos nos concentrar na letra, pois queremos apenas destacar que o trecho selecionado pelo manifestante nos permite interpretar a necessidade de a população ter uma atitude diante dos problemas que enfrentava naquele ano, sem protelar.

**Cartaz 2:** “Vamos juntos escrever outra história!”

No cartaz 2, o manifestante expressa valorativamente a relevância de se unir em prol do país, mudando, dessa maneira, o rumo e a história do Brasil. Portanto, vemos aqui, tanto no cartaz 1 como no 2, os manifestantes sendo concebidos ideologicamente como agentes, capazes de causar transformações sociais.

**Cartaz 3:** “Eu te amo não me machuque”

Já no cartaz 3, foi preciso fazer um levantamento do contexto das Manifestações de Junho de 2013, para compreendê-lo. Sendo assim, recorreremos aos aspectos extralinguísticos, para interpretarmos que esta mensagem está sendo direcionada aos policiais, os quais foram construídos axiologicamente como violentos em alguns protestos. Dessa forma, tem-se, neste caso, um apelo antecedido por uma mensagem de “amor”, o que também acentua que o intuito dos manifestantes não era o de entrar em confronto com a PM.

**Cartaz 4:** “Quero ser hexa na saúde e na educação”

Já no cartaz 4, o locutor utiliza um termo recorrente durante o período da Copa do Mundo, a palavra “hexa”, tendo em vista que os brasileiros sonham com a sexta vitória da seleção nesta competição. Entretanto, na mensagem analisada, o “hexa”, apresenta um tom irônico, pois não está se referindo a esse título, mas sim à importância de melhorar a área da saúde e educação, ao invés de se preocupar com a performance da seleção brasileira na Copa.

#### **5.5.4 Reportagem 4: O retrato da covardia**

A reportagem **O retrato da covardia**, escrita por Laura Daudén, aborda a violência cometida por um grupo de policiais à universitária Gabriela Lacerda e ao seu namorado, Raul Longhini, na noite do dia 13 de junho. Esta matéria, assim como as demais, está carregada de palavras que expressam o juízo de valor da autora acerca dos acontecimentos das Manifestações de Junho de 2013.

#### 5.5.4.1 Análise dos elementos verbais da reportagem

Vejamos, no próximo tópico, como a autora entoa sobre a atitude dos policiais e manifestantes.

##### 5.5.4.1.1 O título

O primeiro exemplo do acento avaliativo de Daudén encontra-se no título **O retrato da covardia**. O termo “covardia”, como será constatado ao longo da reportagem, descreve a atitude violenta dos policiais contra os manifestantes, que se caracterizam por ser o elo mais fraco, uma vez que são desprovidos de armas de fogo, *sprays* de pimenta, cassetetes e balas de borracha.

##### 5.5.4.1.2 O olho

No olho desta reportagem, Daudén expõe que

**Enunciado 1:** “A estudante universitária Gabriela Lacerda conta como se tornou símbolo da **violência gratuita** da **Polícia Militar** de São Paulo.” (p. 86)

Por este enunciado, a autora expressa seu posicionamento axiológico ao afirmar que a atitude cometida pela Polícia Militar de São Paulo foi uma “violência gratuita”. Tais seleções lexicais, em outras palavras, significam que o ato foi praticado sem motivo, pois, de acordo com o relato de Gabriela Lacerda, os policiais estavam agindo com extrema violência e de maneira desnecessária.

##### 5.5.4.1.3 Lead e corpo do texto

No enunciado 2, o qual faz parte do *lead*, Daudén contextualiza o ocorrido dando informações sobre as vítimas, os agressores, o dia em que o fato aconteceu e o local. Além destes dados, encontramos também, nos trechos destacados, o posicionamento ideológico da autora sobre o comportamento violento da PM de São Paulo.

**Enunciado 2:** “Na noite da quinta-feira 13, a tropa de choque<sup>109</sup> da Polícia Militar não se intimidou diante das câmeras que filmavam e fotografavam o quinto grande protesto em São Paulo. Apesar da profusão de imagens e histórias de violação que emergiram naquela noite, uma cena conseguiu reunir, sozinha, o sentimento de assombro e vulnerabilidade diante da truculência da PM: é a que mostra a estudante universitária Gabriela Lacerda, 24 anos, e seu namorado, Raul Longhini, 20 anos, sendo covardemente agredidos por um policial em um bar da avenida Paulista, que horas antes havia sido palco de enfrentamentos entre policiais e manifestantes. A imagem foi estampada na capa da última edição da ISTOÉ, exatamente por simbolizar tudo o que o brasileiro não quer: a volta da repressão.” (p. 86)

Daudén recorre à palavra “truculência” para se referir à PM. Segundo a dimensão axiológica da autora, a situação vivenciada por Gabriela e Raul pode ser traduzida nos sentimentos de “assombro” e “vulnerabilidade”. O assombro pode ser interpretado como proveniente do “terror” sentido por quem presenciou ou viu as imagens daquela noite e a vulnerabilidade se caracteriza pelo fato de a autora ter a intenção de destacar que o casal não tinha condições de se defender do ataque, tendo em vista que ambos estavam, aparentemente, desprovidos de armas ou roupas próprias para combate. Ademais, Raul encontrava-se caído, o que diminui suas chances de defesa.

Este posicionamento da autora pode ser constatado quando ela diz que Gabriela e Raul foram “covardemente agredidos”. Diante destes acontecimentos, Daudén retoma o período conturbado que o Brasil enfrentou quando era governado por militares, acentuando valorativamente que a agressão dos jovens simbolizou a “volta da repressão”, período em que os brasileiros perderam o direito e liberdade de contestar, pois quando iam contra tais censuras eram brutalmente violentados.

No que diz respeito ao protesto que aconteceu no dia da agressão, Daudén expressa seu posicionamento ideológico ao considerá-lo “o quinto grande protesto”. Em outros termos, a autora procura enfatizar a grandiosidade destas manifestações, além de informar que este não foi o primeiro movimento social da cidade de São Paulo durante o mês de junho de 2013.

Os enunciados que serão analisados a partir de agora se encontram no corpo do texto. Antes de nos concentrarmos nos aspectos lexicais destes trechos,

---

<sup>109</sup> Segundo Stochero (2014), a tropa de choque foi “criada em maio de 2007 por uma lei sancionada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a Força é composta por PMs, policiais civis, bombeiros e peritos de todos os estados, que são voluntários e passam por um treinamento diferenciado antes de serem enviado para missões excepcionais e de caráter temporário” (STOCHERO, 2014, s/p). Dentre estas missões excepcionais, podemos mencionar manifestações.

observamos que eles mesclam tanto a narração, por parte da autora, sobre como Gabriel e Raul foram agredidos pela polícia, como também traz os relatos da própria vítima, a estudante universitária.

No segundo parágrafo da reportagem, o qual está no enunciado 3, Daudén expõe, brevemente, a história de vida de Gabriela, informando a cidade em que a jovem nasceu e quando se mudou para São Paulo. Embora este enunciado traga informações de cunho biográfico, a autora constrói e expõe sua dimensão avaliativa quando enfatiza o fato de a estudante tentar transformar o seu “drama”, ou seja, a agressão sofrida, em “justiça”. A autora ainda traz a voz de Gabriela, para expressar a indignação da jovem perante o acontecido, visto que a estudante está exigindo o “respeito” do Estado.

**Enunciado 3:** “A estudante universitária de rádio e tevê que nasceu em Macapá, no Amapá, e se mudou para São Paulo há três anos tenta, agora, transformar seu **drama** em **justiça**. ‘Temos uma chance de dar uma lição o Estado, de mostrar que ele tem de nos **respeitar**, assim como nós a ele. Não vou deixar assim’, diz.” (p. 87)

No enunciado 4, a autora comenta que não foi possível ter acesso ao nome de um dos policiais que cometeram os atos de violência. Ao trazer esta informação, Daudén expressa seu posicionamento axiológico em relação a três aspectos. O primeiro deles se refere ao fato de a jornalista enfatizar que a identificação no uniforme da polícia é “obrigatória”, portanto, o policial deveria estar com o seu nome estampado em sua roupa. Em segundo lugar, Daudén destaca que a PM pouco falou sobre a agressão, ou seja, “limitou-se” a dizer que o caso será apurado pela Corregedoria, dando-nos a impressão de que a Polícia Militar está protegendo o policial que apareceu nas imagens. Posteriormente, há, mais uma vez, uma crítica sutil à PM quando se diz que esta não se manifestou e nem abordou o fato de os policiais não estarem identificados, visto que esta prática só ocorre por medidas de segurança quando os policiais combatem o crime organizado, o que não era o caso, uma vez que os PMs estavam apenas acompanhando um “legítimo movimento social”.

**Enunciado 4:** “O policial que aparece nas imagens agredindo o casal não teve o nome revelado pela corporação e não portava a identificação **obrigatória** no uniforme. Questionada, a Polícia Militar **limitou-se** a afirmar que as denúncias de abuso serão apuradas pela Corregedoria. **Nada disseram** sobre o fato de o policial não estar identificado, prática que só é usada em combate ao crime organizado, para preservar o agente do Estado. **Não há motivos para essa ação quando a missão é acompanhar legítimos movimentos sociais.**” (p. 87)

No enunciado 5, Daudén, novamente, posiciona-se ideologicamente a favor de Gabriela ao dizer “Enquanto a justiça não vem”. Aqui, constatamos que, de acordo com o ponto de vista da autora, a estudante tem o direito de questionar, nos tribunais, a atitude do policial. Além do mais, ao escolher os vocábulos “enquanto” e “vem”, neste enunciado, Daudén entoa que o processo pode vir a ser demorado. Há ainda a voz de Gabriela sobre o dia da agressão em outras citações. O trecho da fala da jornalista Gabriela selecionada nos mostra que Daudén buscou enfatizar o caráter pacífico dos manifestantes, visto que de acordo com o relato da estudante, esta foi para o movimento “[...] sem motivo para brigar com ninguém”. Além disso, a jovem ainda comenta que participou das manifestações para ser vista por “eles”. Apesar de não ter mencionado anteriormente um sujeito que nos permitisse identificar a quem o pronome pessoal “eles” se refere, por meio do contexto sócio-histórico dos protestos, podemos inferir que este pronome está se referindo aos “políticos”/ governantes.

Após a primeira fala da universitária, ainda no enunciado 5, Daudén corrobora com o posicionamento axiológico de Gabriela e complementa entoando que “a manifestação foi violentamente barrada pela Tropa de Choque”. O signo “violentamente” emite o acento valorativo da autora, visto que esta palavra poderia ser facilmente omitida deste enunciado, contudo, haveria prejuízo no conteúdo que se pretende expressar ideologicamente. Após esta sentença, tem-se, mais uma vez, um trecho dito por Gabriela, no qual ela diz que a Praça Roosevelt estava parecida com um “campo de guerra”, tal valoração dá ênfase ao caos e à violência. A jovem continua seu relato comentando que “os policiais soltavam bombas” em quantidade “desnecessária”, além disso, as balas de borracha eram em “direção do rosto” em uma “distância curtíssima”. Para finalizar esta narração dos eventos, Gabriela afirma que estes fatos realmente aconteceram, pois ela estava lá e “presenciou tudo”, buscando, dessa forma, construir o sentido de “veracidade” das informações contadas.

Estas descrições da violência cometida pela PM contribuíram para dar ao leitor um cenário do que aconteceu naquela noite e para agravar a imagem negativa dos policiais. Daudén, no enunciado 5, após a citação de Gabriela, refere-se aos acontecimentos narrados pela estudante como uma “batalha”. Construindo, assim como a vítima, um sentido valorativo que remete o leitor a um campo de guerra.

**Enunciado 5: Enquanto a justiça não vem**, Gabriela elucida o que viu e sentiu naquela noite. Era a primeira vez que ela se juntava ao coro do MPL. ‘Eu utilizo o transporte público todos os dias e o aumento ia doer no meu bolso’, diz. ‘Fui de coração aberto, **sem motivo para brigar** com ninguém. Fui para gritar um pouco, para ver se **eles** olham para a gente.’ Ela conta que estava com o namorado e com um grupo de amigos quando a manifestação foi **violentamente barrada** pela Tropa de Choque. ‘A praça Roosevelt, no centro, parecia um **campo de guerra. Os policiais soltavam bombas** em uma quantidade **desnecessária** e disparavam balas de borracha na **direção do rosto**, a uma **distância curtíssima. Eu presenciei tudo.**’ Depois da **batalha** na altura da rua Maria Antônia, ela e o grupo seguiram para a avenida 9 de Julho até alcançarem a rua Rocha, na Bela Vista, onde ela mora. Ali aconteceu a primeira abordagem. ‘Havia quatro viaturas da Força Tática. Eles mandaram a gente parar e nos revistaram. Xingaram como se fôssemos vândalos.’” (p. 87)

No trecho seguinte, no enunciado 6, Daudén opta por utilizar o signo ideológico “ataque” para se referir ao confronto entre policiais e manifestantes. Reiteramos que a palavra “ataque” transmite a ideia de que um grupo está agredindo e o outro está sofrendo esta agressão, porque, geralmente, foi pego de surpresa, encontrando-se, assim, em desvantagem. No enunciado produzido por Gabriela, a estudante acentua apreciativamente, primeiramente, que foi participar das manifestações “sem motivo para brigar, o que dá ênfase ao caráter pacífico dos protestos. Em segundo lugar, a estudante diz que seu namorado tentou conversar com os policiais, reclamando da “truculência” destes, ou seja, da brutalidade e grosseria, a qual foi respondida com violência, uma vez que a PM começou a “bater” no rapaz. Tal trecho nos revela que, de acordo com o posicionamento ideológico da universitária, naquela noite não foi possível ter diálogo com os policiais. No último depoimento de Gabriela deste enunciado, a jovem destaca que a agressão policial continuou mesmo quando ela e o namorado estavam no chão, contribuindo, dessa maneira, para a construção da ideia da “covardia” policial. Diante deste relato, a autora conclui que os policiais só pararam a agressão quando perceberam que estavam rodeados por veículos de comunicação, o que nos permite inferir que se não houvesse testemunhas tão poderosas, capazes de fotografar e filmar o ocorrido, talvez a agressão pudesse ter continuado.



**Enunciado 6:** “Ao grito de ‘vergonha’ dado por alguém, começou o ataque. ‘Derrubaram copos das mesas com os cassetetes e mandaram que todos saíssem. Meu namorado foi para lá fora reclamar da truculência e pedir calma. O PM começou a bater’, diz. Durante a agressão, Raul tropeçou em uma grade de ferro que havia sido derrubada pelos próprios policiais e Gabriela, que havia sido agredida e ofendida por um policial que não aparece na imagem, caiu junto com ele. ‘O policial continuou batendo enquanto estávamos no chão’. E só parou depois de perceber que estava cercado por veículos de comunicação, que captaram tudo.” (p. 87)

Em suma, constatamos mediante a opção de Daudén por trazer, em vários momentos, a voz de Gabriela, que a autora se expressa valorativamente nestes enunciados, pois se mostra favorável a estudante e ao seu namorado e se posiciona ideologicamente contrária à atitude da PM e do Estado, visto que só traz declarações destes órgãos para criticar a postura destes diante da agressão sofrida pela estudante e Raul, como já mostramos nesta análise.

#### 5.5.4.2 Análise da verbo-visualidade da reportagem

A imagem que será analisada nesta reportagem encontra-se no início, junto com o título, como pode ser constatado a seguir:

**Figura 22 - Fotografia 1 da reportagem “O retrato da covardia”**



**Fonte:** revista ISTOÉ, n. 2275, jun 2013. p. 86.

**Fotojornalista:** Pedro Dias (AG. ISTOÉ) e Diego Zanchetta (Estadão).

Daudén expressa-se axiologicamente favorável à atitude de Gabriela e contra a PM ao trazer para sua reportagem uma imagem que mostra, em destaque, a vítima do ataque e sua expressão facial de revolta e indignação devido à agressão sofrida por ela e seu namorado durante uma manifestação na cidade de São Paulo. A cor da roupa, bem como o fundo da imagem é cinza, cor que, de acordo com Heller (2013), simboliza os sentimentos sombrios, algo terrível e cruel. Portanto, opõem-se às cores vibrantes e coloridas (amarelo, laranja, verde, azul) que trazem a sensação de alegria, amor, paz, harmonia etc.

Percebemos, na imagem central, que Gabriela posou para tirar esta foto, ou seja, não se tem aqui uma imagem capturada a partir de um fato que está acontecendo. Segundo Sousa (2002)

A questão da pose também é pertinente. Alguns fotojornalistas pedem aos sujeitos que retratam o favor de posarem, outros não. Com a pose pode ganhar-se em capacidade de se impor um sentido à imagem e em valor documental o que se perde em naturalidade. A decisão cabe ao fotojornalista, mas este também pode deixar isso ao critério do retratado (será identicamente revelador de sua personalidade) (SOUSA, 2002, p. 122).

Nesse sentido, na fotografia em questão, a presença da intervenção do fotógrafo é mais recorrente, tendo em vista que pode se levar em conta à iluminação, a vestimenta, a posição corporal e a expressão facial. Elementos que irão contribuir para a construção de sentido, assim como favorecer o posicionamento ideológico do fotógrafo. Este recurso de focalizar o rosto de uma pessoa é conhecido, no fotojornalismo como “retrato”. De acordo com Sousa (2002)

O retrato jornalístico existe, antes do mais, porque os leitores gostam de saber como são as pessoas que aparecem nas histórias. A difícil tarefa do fotojornalista ao retratar alguém consiste em procurar não apenas mostrar a faceta física exterior da pessoa ou do grupo em causa mas também evidenciar um traço da sua personalidade (individual ou coletiva, respectivamente). A expressão facial é sempre muito importante no retrato, já que é um dos primeiros elementos da comunicação humana. (SOUSA, 2002, p. 121).

Diante do que foi exposto nesta citação, ao considerarmos a imagem analisada, constatamos que esta quer dar ênfase na expressão facial de Gabriela, percebemos tal destaque na flecha que sai da imagem da estudante na capa da revista e direciona-se para o rosto da garota. Dessa forma, verificamos que, nessa

fotografia, o fotojornalista almeja apresentar ao observador quem é a jovem que foi agredida por policiais durante as manifestações. Ademais, a focalização em sua face nos revela o sentimento de injustiça e revolta da vítima, informação esta também presente no texto verbal, assemelha-se, assim, com o posicionamento axiológico defendido pelo texto verbal da reportagem.

Ao lado do retrato de Gabriela, encontra-se a capa da edição anterior da revista **ISTOÉ**, como pode ser vista, de forma ampliada, a seguir:

**Figura 23 – Fotografia 2 da reportagem “O retrato da covardia”**



Segundo a orientação avaliativa de Daudén, a foto que estampou a capa da edição anterior da **ISTOÉ** retrata, conforme expõe a legenda, “[...] apenas uma parte da agressão sofrida por Gabriela”. Portanto, esta fotografia, apesar de ser impactante, pois mostra uma cena de violência e vulnerabilidade, não conseguiu mostrar o quanto a estudante e o seu namorado sofreram naquela noite.

Além da foto, nesta capa, conseguimos também ler o seguinte enunciado “A volta da repressão”. Este conteúdo verbo-visual traz a voz e o posicionamento axiológico da **ISTOÉ**, os quais expressam que a revista considerou a atitude da PM repressiva, termo que nos remete, mais uma vez, à Ditadura Militar.

Em relação ao juízo de valor agregado ao signo ideológico “polícia”, nesta reportagem, verificamos que a PM é retratada axiologicamente como um órgão repressor, a qual agride os supostos “heróis” (manifestantes) que lutam por um país

mais digno. Este posicionamento ideológico negativo sobre a polícia e positiva no que diz respeito aos manifestantes se assemelha com a imagem que se criou sobre estes sujeitos durante a Ditadura Militar. Sobre isso, Paulo (2008) comenta que:

[...] no período militar a polícia assumiu um papel de destaque, como sendo violenta e injusta, sempre respondendo qualquer movimento de insatisfação ao governo com tiros e cacetadas. Claro que após os tais tempos difíceis, não foram poucos que ergueram a voz contra a tortura e repressão. Logo, o discurso “não a polícia” criou aspectos gigantescos que vigoraram (e pode ser que ainda estejam em voga) em meio à sociedade. Em contra ponto (*sic*), os que tiveram forças para gritar foram tidos como mártires, pessoas a serem lembradas pela História. Nesse contexto, a polícia era a vilã, ao passo que quem se opunha a ela era tido como Herói. (PAULO, 2008, p. 247-248).

Em consonância a esta vilanização da PM construída pela reportagem, a figura 20 traz, em primeiro plano, a atitude violenta da polícia ao mostrar uma barreira feita por Policiais Militares armados, portando cassetetes, capacetes, escudos e coletes à prova de balas e, na frente deste grupo de PMs, uma moça (Gabriela) que, ao ser agredida por um cassetete, vai em direção ao chão com outro rapaz (Raul). Em segundo plano, pode ser vista uma mulher dentro de um estabelecimento de porta de vidros, provavelmente tentando se proteger, assistindo a cena com rosto de espanto.

A composição desta foto, assim como o ângulo em que foi tirada, coaduna-se com o posicionamento ideológico da autora, a qual afirma que os policiais foram “covardes”. Além de protegida e armada, a polícia está em maior número. São, aproximadamente, três policiais agredindo duas pessoas desarmadas e em posição vulnerável, visto que elas estão caindo.

### 5.5.5 Reportagem 5: Padrão Fifa

A reportagem **Padrão Fifa**, escrita por Natália Mestre<sup>110</sup>, discorre sobre os gastos excessivos do governo com as obras preparatórias para a Copa do Mundo de 2014. Este custo elevado ocorreu para que os estádios alcançassem o padrão Fifa de qualidade. Tal preparação foi uma das principais críticas dos manifestantes durante as Manifestações de Junho de 2013. Portanto, nesta reportagem, a autora

---

<sup>110</sup> Tem 11 anos de experiência em jornalismo impresso, online e assessoria de imprensa, conforme pode ser encontrado no linkedin de Mestre, no site <https://br.linkedin.com/in/nataliamestre>.

entoará, principalmente, a respeito dos políticos, os quais foram responsáveis por esta má distribuição financeira.

#### 5.5.5.1 Análise dos elementos verbais da reportagem

No subtópicos seguintes, iremos constatar como a autora acentua apreciativamente sobre os manifestantes e os políticos, verificando quais recursos ela utiliza para dar credibilidade e força aos seus argumentos e posicionamento ideológico.

##### 5.5.5.1.1 O título

Para compreendermos o tom irônico dado por Mestre no título **Padrão Fifa**, é necessário resgatarmos elementos extralinguísticos, remetendo-nos, assim, aos protestos que aconteceram durante a Copa das Confederações e à voz dos manifestantes, os quais, frequentemente, exibiram cartazes contendo esta mensagem. No contexto das Manifestações de Junho de 2013, este enunciado foi entoado com o intuito de criticar o alto custo do Brasil com as obras preparatórias para a Copa do Mundo, visto que, de acordo com o governo, a Fifa, órgão responsável por esta competição esportiva, exigiu determinados padrões nos estádios em que os jogos iriam acontecer.

Este gasto excessivo do Brasil com um evento futebolístico, segundo o posicionamento axiológico da autora desta reportagem, não condiz com um país que apresenta desigualdades sociais grandes e baixa qualidade no serviço público. Nesse sentido, os manifestantes passaram a pedir o mesmo padrão de qualidade na saúde e educação, por exemplo, tendo em vista que são áreas que carecem de investimento.

Portanto, neste título, a autora mantém a ironia deste enunciado, fazendo, dessa maneira, uma crítica à classe política que não vê a saúde e educação como prioridades e se posiciona ideologicamente favorável à opinião dos manifestantes sobre o exagero com a preparação para a Copa do Mundo, a qual iria acontecer em 2014.

#### 5.5.5.1.2 O olho

No olho desta reportagem, o qual está no enunciado 1, Mestre traz informações que nos ajudam a compreender o tom irônico do título **Padrão Fifa**, uma vez que estabelece uma relação comparativa e apreciativa entre o valor exorbitante que se gastou com as obras preparatórias para a Copa do Mundo e o pouco que se investe no serviço público, como podemos verificar nos enunciados “custos excessivos das obras” e “baixa qualidade dos serviços públicos”, os quais se encontram a seguir.

**Enunciado 1:** “A Copa das Confederações vira alvo de manifestações pelo custo excessivo das obras diante da baixa qualidade dos serviços públicos do País.” (p. 91)

No próximo tópico, abordaremos como a autora defende o seu posicionamento axiológico sobre a atitude dos políticos e dos manifestantes no *lead* e no corpo do texto.

#### 5.5.5.1.3 Lead e corpo do texto

No *lead* desta reportagem, Mestre recorre às vozes dos manifestantes, por meio das mensagens encontradas em alguns cartazes, mostrando, dessa maneira, a dimensão avaliativa destas pessoas sobre os gastos com a Copa do Mundo. Conforme pode ser visto no enunciado 2.

**Enunciado 2:** “Em outubro de 2007, quando o Brasil foi confirmado como sede da Copa de 2014, o povo comemorou. Talvez não soubesse ao certo as consequências dessa decisão. Passados seis anos, o quadro é outro. As manifestações que tomaram conta do País nos últimos dias não pouparam a Copa do Mundo e a das Confederações. Por todos os lados, cartazes como “Copa é prioridade, Brasil?”, “Queremos escolas padrão Fifa”, “Da Copa eu abro mão, quero dinheiro para a saúde e a educação” deixaram claras duas questões. A primeira é que os custos elevados e muitas vezes superfaturados dos estádios e de outras obras relacionadas ao evento não têm a aprovação popular. Eles estão descontentes com os R\$ 28 bilhões investidos nos torneios (R\$8,5 bilhões só para os estádios). Esse valor supera o custo das últimas três Copas juntas.” (p. 91)

O questionamento, “Copa é prioridade, Brasil?”, leva-nos a refletir se o Brasil de fato pode gastar bilhões em estádios, por exemplo, enquanto a sua

população sofre por falta de qualidade nos serviços de saúde e educação. Já no enunciado, “Queremos escolas padrão Fifa”, o locutor direciona a sua crítica a precariedade na área educacional, expondo que o mesmo critério de exigência deveria ser adotado para este setor público. No terceiro cartaz, a mensagem “Da copa eu abro mão, quero dinheiro para a saúde e educação”, percebemos a necessidade de se priorizar os investimentos na saúde e educação, concebendo a Copa do Mundo como algo supérfluo. Temos, portanto, nestes acentos apreciativos dos manifestantes, o ponto de vista de Mestre, a qual, ao estabelecer uma relação dialógica com estes cartazes, expressa a sua dimensão avaliativa sobre a classe política brasileira, construindo a ideia de que os políticos não consideram os serviços públicos ofertados para o povo como uma prioridade.

No enunciado 3, a autora posiciona-se favorável às reivindicações dos manifestantes, ao concordar que os serviços públicos do Brasil são de “baixo nível”. Além disso, Mestre ainda entoa que o “selo de qualidade” exigido pela Fifa, deveria ser “corriqueiro no serviço público”. Podemos, diante desta afirmação, interpretarmos que, no ponto de vista da autora, os políticos não buscam ter um padrão de qualidade quando este serviço é voltado para a população.

**Enunciado 3:** “Na verdade, o que se revela nas manifestações é uma crítica ao **baixo nível dos serviços públicos** como educação e saúde. O padrão Fifa – que prevê estádios com instalações impecáveis, banheiros limpos, lugares marcados, monitores treinados, entre outras exigências para o bom atendimento aos espectadores – é visto como uma espécie de **selo de qualidade** por sua organização, segurança e conforto, algo que deveria ser **corriqueiro no serviço público**.” (p. 91)

Constatamos, nos próximos enunciados, que a autora, novamente, recorre a outras vozes para dar credibilidade a seus argumentos. A primeira citação, a qual se encontra no enunciado 4, foi proferida por Pedro Fassoni Arruba. Nela o professor posiciona-se axiologicamente ao afirmar que a atitude do povo em ir para as ruas é um “grito pela Justiça” e uma “revolta pelo mau uso do dinheiro público”. Portanto, os conflitos entre manifestantes e policiais, os quais Mestre nomeou de “embates”, justificam-se, visto que os manifestantes estão lutando para que este valor seja aplicado em setores voltados para o benefício do povo.

**Enunciado 4:** “Cidades-sede da Copa das Confederações têm assistido a sucessivos embates entre milhares de manifestantes e a polícia nas redondezas dos estádios nos dias de jogos. “É um **grito pela Justiça** de todos que foram expulsos das suas casas para a construção de novas obras para o torneio, somado ao sentimento de **revolta pelo mau uso do dinheiro público**”, explica Pedro Fassoni Arruda, professor de ciências políticas da Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo. Diante dos gastos astronômicos e das inúmeras necessidades do País, muitos questionam o retorno efetivo que os eventos trarão. (p. 91)

Já na citação de Heloisa Baldy Reis, no enunciado 5, Mestre opta por mostrar o trecho em que a professora se expressa valorativamente sobre os gastos com a Copa do Mundo. Reis, em sua fala, posiciona-se axiologicamente ao comentar que o dinheiro investido na Copa do Mundo pertence ao povo e que este investimento financeiro não irá trazer o “retorno esperado”. Por fim, a autora conclui a reportagem, com outro enunciado de Reis, o qual profetiza que a Copa não trará o seu “legado positivo”.

**Enunciado 5:** “O Brasileiro está percebendo que o **dinheiro que saiu do seu bolso** não terá o retorno esperado”, diz a professora Heloisa Baldy dos Reis, especialista em sociologia do esporte da Universidade de Campinas. ‘É a percepção de que **o tão prometido legado positivo da Copa não irá se confirmar**’”. (p. 91)

Após discorrermos sobre os juízos de valor de Mestre em relação aos manifestantes e aos políticos brasileiros, iremos observar como a ideologia da autora se manifesta na imagem escolhida por ela para compor sua reportagem.

#### 5.5.5.2 Análise da verbo-visualidade da reportagem

Observemos a imagem a seguir:

**Figura 24 - Fotografia 1 da reportagem “Padrão Fifa”**



Fonte: revista ISTOÉ, n. 2275, jun 2013. p. 91.

Fotojornalistas: Beto Barata (AFp PHOTO) e Augusto Dauster.



Na foto à esquerda, percebemos um grupo de manifestantes sendo barrados por policiais ao redor de um estádio de futebol. Esta imagem nos mostra que os protestos aconteceram durante os jogos da Copa das Confederações. Já a legenda busca destacar, em letras maiúsculas, o enunciado “povo na rua” e expor os motivos das manifestações, bem como o dia em que eles se iniciaram, conforme pode ser visto a seguir:

**Legenda: POVO NA RUA**

**Protesto contra os gastos com a Copa começou no sábado 15** e se espalhou pelas capitais onde há jogos.

Em relação aos elementos técnicos que compõem esta imagem, percebemos que o fato desta fotografia ter sido tirada no plano normal, termo utilizado por Sousa (2002) para se referir a tomada de imagem paralelamente à superfície, faz com que o observador tenha uma maior proximidade com o evento, ajudando-o a ver claramente a barreira feita pela polícia, uma vez que o fotógrafo buscou capturar a imagem no limite entre o grupo de manifestantes e o grupo de policiais. Neste enquadramento, podemos constatar a orientação avaliativa tanto da autora quanto do fotógrafo, visto que ambos querem mostrar que os manifestantes foram barrados, por policiais, nos arredores dos estádios em que os jogos das Copas das Confederações estavam acontecendo. Portanto, podemos interpretar que, naquele momento, a prioridade do Estado era garantir que as partidas de futebol acontecessem, não dando ouvidos às reivindicações da população.

Nas outras duas fotos, as quais se encontram no lado direito, é possível ver dois manifestantes posando para a câmera do fotojornalista, conforme o recorte feito a seguir:

**Figura 25 - Fotografia 2 da reportagem “Padrão Fifa”**



Nas imagens acima, o foco é dado nas mensagens dos cartazes e não nesses sujeitos. Na primeira foto, por exemplo, não é possível ver o rosto do rapaz. O fato de o fotojornalista ter dado foco aos cartazes revela que ele e os manifestantes compartilham do mesmo posicionamento ideológico, visto que o fotógrafo escolheu as reivindicações destes dois jovens para compor sua foto. Destacamos ainda que, na segunda fotografia, as cores predominantes são o azul e o verde, mesma coloração que compõe a bandeira brasileira, o que nos transmite o sentimento de nacionalismo deste movimento social. No que tange aos cartazes, seguem abaixo os enunciados destes:

**Cartaz 1:** “FIFA \$ MAFIA! Não no futebol moderno”

**Cartaz 2:** “BRASIL, vamos acordar, um professor vale mais que o Neymar!!”

Ao ter selecionado esta fotografia, a autora traz a voz destes dois participantes, posicionando-se axiologicamente favorável aos manifestantes e contrária à prioridade dada pelos políticos a Copa do Mundo de 2014. No primeiro enunciado, o cartaz 1, o manifestante entoa que a Fifa é uma máfia, ou seja, visa o dinheiro e o lucro. Já no cartaz 2, o manifestante orienta seu posicionamento avaliativo mostrando que os “professores” são mais importantes que o “Neymar”, ou seja, que o Brasil deveria valorizar os profissionais que trabalham na área educacional, ao invés de um jogador de futebol. Nestes dois enunciados, apesar de

não apresentarem uma crítica explícita, também condenam a atitude da classe política, uma vez que a decisão de aplicar o dinheiro na Copa e deixar para segundo plano o investimento em serviços públicos parte dos políticos.

Após esta análise da ideologia expressa no conteúdo verbo-visual das reportagens do nosso *corpus*, no próximo tópico, iremos sintetizar os dados encontrados neste estudo.

#### **5.6 Fazendo um balanço: parte 4**

A análise do nosso *corpus* em consonância com o aporte teórico adotado nesta pesquisa nos permitiu detectar, no conteúdo verbal e verbo-visual, a ideologia dos autores das reportagens selecionadas da revista **ISTOÉ**, sobre os sujeitos que participaram direta (manifestantes e políticos) ou indiretamente (no caso dos políticos) das Manifestações de Junho de 2013.

Conforme discutimos no terceiro capítulo dessa dissertação, a grande mídia passou a ser favorável às Manifestações de Junho de 2013 após as críticas dos manifestantes em relação ao foco dado pelos meios de comunicação nos atos de vandalismo dos protestos. Portanto, como discutiremos ao longo deste trabalho, a grande mídia pauta-se em seu público alvo, por questões mercadológicas, antes de publicar suas notícias. Dessa forma, seria ingênuo da nossa parte pensar que a **ISTOÉ** simpatizou com este movimento social, sem ter por detrás desta tomada de posição uma intencionalidade. Assim sendo, acreditamos que a revista **ISTOÉ** adotou este posicionamento axiológico favorável aos protestos por estar ciente do apoio popular que estas manifestações ganharam no decorrer do mês de junho, contando, inclusive, com a participação de pessoas do meio artístico. Ademais, não só os manifestantes foram alvos da PM, jornalistas, repórteres e cinegrafistas também sofreram agressões praticadas pela polícia, o que também corroborou para que a grande mídia enfatizasse a passividade das manifestações e a “truculência” dos policiais.

No que se refere ao posicionamento ideológico dos autores das reportagens sobre os sujeitos envolvidos nas Manifestações de Junho de 2013, constatamos que os jornalistas entoaram que a polícia, durante os protestos, foi

“violenta”, “despreparada”, “omissa”, “bruta”, “covarde” e “truculenta”. Não havendo, dessa maneira, nenhuma menção positiva à PM.

Em relação à classe política, também percebemos nas reportagens da **ISTOÉ** uma dimensão apreciativa negativa desses sujeitos, uma vez que os autores consideraram os políticos brasileiros “assustados” e “atordoados” frente à mobilização nacional do povo, coniventes com a violência que a PM cometeu contra os manifestantes e despreocupados com os problemas sociais e econômicos do Brasil. Observamos também que as reportagens não se referiram a um partido político específico, mas sim a todos, o que vai ao encontro com as características dos protestos, visto que, conforme comentamos no terceiro capítulo desta dissertação, as Manifestações de Junho de 2013 foram caracterizadas pelo seu apartidarismo.

Quanto aos manifestantes, estes sujeitos foram os únicos avaliados apreciativamente de forma positiva em todas as reportagens, com exceção dos *Black-blocs*. De acordo com a orientação axiológica dos jornalistas, os participantes dos protestos ganharam o poder de tomar as decisões políticas no Brasil. Ademais, apresentaram determinação e força durante as manifestações, mesmo quando tiveram que enfrentar a violência policial. Além disso, mostraram-se democráticos e pacíficos.

Constatamos, após a análise das reportagens da **ISTOÉ**, que a revista em questão opta por posicionar-se favorável a este movimento social, em virtude de seus interesses econômicos, visto que a grande mídia, durante os protestos foi muito criticada pelos manifestantes, no início, por apresentar uma orientação ideológica contrária à das Manifestações de Junho de 2013.

Tudo isso serviu para mostrar, em nossa análise, o caráter dialógico da linguagem, visto que as reportagens analisadas recorrem, a todo instante, a outras vozes sociais, utilizando-as para dar suporte ao posicionamento axiológico defendido pelo autor segundo sua orientação política. Salientamos ainda que uma voz social muito significativa nas cinco reportagens analisadas foi a de canções do período da Ditadura Militar, o que nos permite inferir que estes jornalistas associaram a violência cometida pelos policiais à repressão sofrida pelos brasileiros durante aquele momento turbulento.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo que realizamos no primeiro capítulo desta dissertação nos permitiu observar que o termo ideologia apresenta conotações e acepções distintas de acordo com o aporte teórico adotado, sobretudo na área da análise do discurso. Sendo assim, nesta dissertação, buscamos demonstrar, por meio da construção do arcabouço teórico do Círculo Bakhtiniano, qual a concepção destes intelectuais russos sobre o conceito de ideologia.

Este levantamento, o qual foi realizado no segundo capítulo, mostrou que, diferentemente dos conceitos de Marx, Pêcheux e Fairclough, para os membros do Círculo Bakhtiniano, a ideologia não possui caráter negativo. Ela é vista como um reflexo e refração da realidade, sendo expressa por meio do signo ideológico. Nesta perspectiva, distanciamos-nos da ideia de que a ideologia é uma inversão e mascaramento da realidade ou uma forma de dominação, pois, ao nos pautarmos no Círculo Bakhtiniano, consideramos a ideologia como as diferentes interpretações que os grupos sociais fazem sobre a realidade.

Dessa forma, ao levarmos os pressupostos do Círculo Bakhtiniano sobre ideologia para o nosso objeto de estudo, constatamos que as reportagens que analisamos da **ISTOÉ**, as quais abordaram as Manifestações de Junho de 2013, mostraram como os autores desta revista interpretaram esta mobilização social, bem como a atuação dos manifestantes, policiais e políticos no decorrer destes protestos. Nesse sentido, os fatos relatados nestas reportagens não foram um reflexo da realidade, mas sim uma refração desta, o que explica, como discutimos no terceiro capítulo, os diferentes posicionamentos ideológicos assumidos pela grande mídia ao longo das manifestações, fazendo com que os manifestantes, os quais, no início dos protestos foram retratados como vilões, passassem a ser vistos, posteriormente, como heróis e/ou vítimas.

Na nossa análise não foi possível constatar esta contradição de posicionamento axiológico. Contudo, observamos que, ao apreciar valorativamente os manifestantes como pacíficos, a polícia como violenta e os políticos recuados e alheios aos problemas do povo, os jornalistas da **ISTOÉ** estão levando em consideração o fato de a grande mídia ter sido muito criticada durante os protestos, quando esta enfatizou os atos de vandalismo de grupos extremistas. Dessa forma, percebemos aqui que a dimensão apreciativa dos autores da **ISTOÉ** não foi

construída somente pela interpretação que estes fizeram da realidade, mas também se fundamentou nos interesses mercadológicos e políticos da empresa de comunicação à que eles estão vinculados.

Em vista dos dados a que chegamos e em virtude da riqueza do nosso *corpus*, destacamos ainda que este dá abertura para futuras pesquisas. Pode-se, por exemplo, fazer uma análise apenas das fotografias nas reportagens, visto que este material está repleto de imagens sobre as Manifestações de Junho de 2013. É possível, também, nestas fotos, ater-se apenas às que trazem cartazes destes protestos. No conteúdo verbal, percebemos uma forte alusão das reportagens à Ditadura Militar, sobretudo nos títulos **Falou, tá falado** e **Apesar de vocês**, os quais trazem trechos de uma canção composta nesta época de censura. Diante desta intertextualidade, também poderia ser feita uma pesquisa sobre as relações dialógicas existentes entre as reportagens e as músicas deste período histórico. Mas tudo isso reservamos a um trabalho futuro.

## REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, L. Ideologia e aparelhos ideológicos de estado (Notas para uma investigação). In: ZIZEK, S. **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 105-142.
- AQUINO, A. L. **A revolução do jasmim**. 2011. Disponível em: <<http://andreaquinopolitica.blogspot.com.br/2011/02/revolucao-do-jasmim.html>>. Acesso em: 10 out. 2015.
- BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucited Editora, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. São Paulo: Hucited Editora, 2002.
- \_\_\_\_\_. A forma espacial do romance. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011a. p. 21-90.
- \_\_\_\_\_. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011b. p. 261-306.
- \_\_\_\_\_. O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011c. p. 307-335.
- \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011d.
- \_\_\_\_\_. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- \_\_\_\_\_. **O Freudismo: um esboço crítico**. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- BAKHTIN, M.; VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucited Editora, 2014.
- BARBOSA, P. L. N. O papel da imagem e da memória na escrita jornalística da história do tempo presente. In: GREGOLIN, M. R. **Discurso e mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003. p. 111-124.
- BARROS, D. L. P. Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso. In: BRAIT, B. **Bakhtin: dialogismo e construção do sentido**. Campinas: Editora da Unicamp, 2005. p. 25-36.
- BOMBONATO, P. G. P. Reflexões sobre ideologia em Pêcheux e Bakhtin: esboço de uma análise comparativa; In: **Arenas de Bakhtin – linguagem e vida**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008. p. 337-342.

BRAIT, B. Perspectiva dialógica. In: BRAIT, B.; SOUZA-E-SILVA, M. C. **Texto ou discurso?** São Paulo: Contexto, 2012a. p. 9-29.

\_\_\_\_\_. História e alcance teórico-metodológico. In: FIGARO, R. (Org.). **Comunicação e análise do discurso.** São Paulo: Contexto, 2012b. p. 79-98.

\_\_\_\_\_. Apresentação. In: **O método formal nos estudos literários:** introdução crítica a uma poética sociológica. São Paulo: Contexto, 2012c. p. 11-18.

\_\_\_\_\_. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 8, n.2, p. 43-66, jul./dez. 2013.

BRAIT, B.; DUGNANI, B. L. Em cartaz, a cara e o corpo da linguagem das ruas. In: BRAIT, B.; MAGALHÃES, A. S. (Orgs.). **Dialogismo:** teoria e(m) prática. São Paulo: Terracota Editora, 2014. p. 116-132.

BRAIT, B.; MELO, R. Enunciado/enunciado concreto/ enunciação. In: **Bakhtin:** conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005. p. 61-78.

BRANDÃO, H. N. **Introdução à análise do discurso.** Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

BRASIL. Câmara dos Deputados. Câmara arquiva projeto sobre tratamento da homossexualidade. **Câmara Notícias**, jul. 2013. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/DIREITOS-HUMANOS/446683-CAMARA-ARQUIVA-PROJETO-SOBRE-TRATAMENTO-DA-HOMOSSEXUALIDADE.html>>. Acesso em: 15 set. 2015.

\_\_\_\_\_. Câmara dos Deputados. Câmara rejeita PEC 37; texto será arquivado. **Câmara Notícias**, jun. 2013. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/POLITICA/446071-CAMARA-REJEITA-PEC-37;-TEXTO-SERA-ARQUIVADO.html>>. Acesso em: 15 set. 2015.

\_\_\_\_\_. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil:** promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm)>. Acesso em: 15 set. 2015.

CARDIA, N. O medo da polícia e as graves violações dos direitos humanos. **Revista Tempo Social**, USP (SP), v. 9, n. 1, 249-265, mai. 1997.

CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança:** movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias.** São Paulo: Contexto, 2006.

CHAUÍ, M. **O que é ideologia.** São Paulo: Brasiliense, 2008.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in Late Modernity.** Rethinking critical discourse analysis. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.



COIMBRA, O. **Texto da reportagem impressa**: um curso sobre sua estrutura. São Paulo: Editora Ática, 1993.

CONDE, D. C. Dois grandes períodos da concepção de Ideologia. **Working papers em Linguística**, UFSC, n. 3, p. 38-52. 1999.

COSTA, N. B. O primado da prática: uma quarta época para a análise do discurso. In: COSTA, N. B. (Org.). **Práticas discursivas**: exercícios analíticos. Campinas: Pontes, 2005. p. 17-48.

DUARTE, V. M. N. A reportagem e seus aspectos relevantes. 2015. Disponível em: <<http://www.portugues.com.br/redacao/a-reportagem-seus-aspectos-relevantes-.html>>. Acesso em: 9 out. 2015.

EAGLETON, T. **Ideology**: an introduction. New York: Verso, 1991.

FABRÍCIO, B. F. Linguística Aplicada como espaço de “desaprendizagem”: redescrições em curso. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 45-65.

FAIRCLOUGH, N. **Language and power**. New York: Longman, 1989.

\_\_\_\_\_. **Discurso e mudança social**. Tradução Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FARACO, C. A. A ideologia no/do Círculo de Bakhtin. In: PAULA, L.; STAFUZZA, G. (Orgs.). **Círculo de Bakhtin**: pensamento interacional. Campinas: Mercado de Letras, 2013. p. 167-182.

\_\_\_\_\_. **Linguagem & Diálogo**: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FERNANDES, E.; ROSENO, R. F. **Protesta Brasil**: das redes sociais às manifestações de rua. São Paulo: Prata Editora, 2013.

FLUSSER, V. **Filosofia da caixa preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Damará, 2002.

GARDINER, M. **The dialogic of critique**: M. M. Bakhtin and the theory of ideology. New York: Routledge, 2002.

GOHN, M. G. Teoria dos movimentos sociais na contemporaneidade. In: GOHN, M.G. (Org.). **Movimentos sociais na era global**. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 19-36.

GONÇALVES, L. E. Q.; GONÇALVES, J. B. C.; GUEDES, I. L. A perspectiva bakhtiniana para o estudo do signo ideológico em textos verbo-visuais: uma análise da capa da revista VEJA. **Comunicação e Sociedade**, v. 37, n. 2, p. 159-181. 2015.

GRILLO, S. V. C. O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin e o Círculo**. São Paulo: Contexto, 2015.

INDURSKY, F. A ideologia em Bakhtin e em Pêcheux: um estudo em contraponto. In: ZANDWAIS, A. **Mikhail Bakhtin**: contribuições para a filosofia da linguagem e estudos discursivos. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2005. p. 101-115.

KINDERMANN, C. A. O estudo dos gêneros do jornal: o caso da reportagem. In: ENCONTRO DO CELSUL, 5., 2003, Curitiba. **Anais...** Curitiba, Mídia Curitibana, 2003. p. 352-359.

LEITÃO, R. O gigante quis apenas dar um susto? In: SOUSA, C. M.; SOUZA, A. Z. (Orgs.). **Jornadas de junho**: repercussões e leituras. Campina Grande: EDUEPB, 2013. p. 50-52.

LIMA, V. A. Mídia, rebeldia urbana e crise de representação. In: MARICATO, E. *et al* (Orgs.). **Cidades rebeldes**: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo, 2013. p. 159-169.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Editora Ciências Humanas, 1979.

MEDVIÉDEV, P. N. **O método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica. São Paulo: Contexto, 2012.

MÍDIA KIT 2014. São Paulo. Disponível em: <[http://editora3.com.br/downloads/midiakit\\_istoe.pdf](http://editora3.com.br/downloads/midiakit_istoe.pdf)>. Acesso em: 27 dez. 2014.

MIOTELLO, V. Ideologia. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005. p. 167-176.

MOITA LOPES, L. P. Da aplicação da linguística à linguística aplicada indisciplinar. In: PEREIRA, R. C.; ROCA, P. (Orgs.). **Linguística Aplicada** – Um caminho com diferentes acessos. São Paulo: Editora Contexto, 2009. p. 11-24.

MONTENEGRO, C. Black Blocs cativam e assustam manifestantes mundo afora. **BBC Brasil**, Genebra, 08 out. 2013. Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/09/130822\\_black\\_block\\_protestos\\_m](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/09/130822_black_block_protestos_m)>. Acesso em: 10 out. 2015;

MOURA-VIEIRA, M. A. O freudismo: uma crítica à ideologia psiquiátrico-psicanalítica. IN: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin e o círculo**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 49-72.

NÃO começou em Salvador, não vai terminar em São Paulo. In: MARICATO, E. *et al* (Orgs.). **Cidades rebeldes**: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo, 2013. p. 21-31.

NOGUEIRA, S. G. A geração 2.0 “faz a hora”, vai às ruas e sacode o país. In: SOUSA, C. M.; SOUZA, A. Z. (Orgs.). **Jornadas de junho**: repercussões e leituras. Campina Grande: EDUEPB, 2013. p. 28-31.

**O ABUTRE**. Direção: Dan Gilroy. Roteiro: Dan Gilroy. Música: James Newton Howard. São Francisco, 2014.

OLIVEIRA, L. A. Gramsci. In: OLIVEIRA, L. A. (Org.). **Estudos do discurso**: perspectivas teóricas. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p. 17-44.

OLIVEIRA, L. A.; CARVALHO, M. A. B. Fairclough. In: OLIVEIRA, L. A. (Org.). **Estudos do discurso**: perspectivas teóricas. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p. 281-309.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Editora Pontes, 2010.

PAULA, L. Círculo de Bakhtin: uma análise dialógica de discurso. **Revista Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 21, n.1, p. 239-258, jan./jun. 2013.

PAULO, S. Bakhtin, ideologia e tropa de elite: a guerra também está presente nos signos polícia e bandido. In: CASSASSOLA, A. P.; STAHLHAUER, A. S. M. *et al.* (Orgs.). **Janelas Bakhtinianas** – Refrações, reflexões e rascunhos. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008. p. 243-252.

PÊCHEUX, M. A análise de discurso: três épocas (1983). In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 2010. p. 307-315.

PERUZO, C. M. K. Movimentos sociais, redes virtuais e mídia alternativa no junho em que o “gigante acordou”(?). **MATRIZES**, São Paulo, n. 2, p. 73-93, jul./dez. 2013.

PINTO, C. R. J. Movimentos sociais 2011: estamos frente a uma nova forma de fazer política? In: GOHN, M. G. (Org.). **Movimentos sociais na era global**. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 129-145.

PONZIO, A. A. **A revolução Bakhtiniana**: O pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea. São Paulo: Contexto, 2008.

PROENÇA, C. C. Fotografias do fotojornalismo no Brasil dos anos de 1970: aproximações e distanciamentos temáticos em Veja, Istoé, Time e Newsweek. In: XXVIII Simpósio Nacional de História, 2015, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis, 2015.

PUJOL, A. F. T.; ROCHA, F. G.; SAMPAIO, F. S. Manifestações populares no Brasil atual: sociedade civil em rede e reivindicações sobre o poder político. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE GEOGRÁTICA, 13, 2014, Barcelona. **Anais...** Barcelona: Universitat de Barcelona, 2014.

RAJAGOPALAN, K. Repensar o papel da linguística aplicada. In: MOITA LOPES, L.P. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 150-168.

RESENDE, V. M.; RAMALHO, V. **Análise de discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2009.

RESENDE, V.M.; RAMALHO, V. **Análise de Discurso (para a) Crítica: O texto como material de pesquisa**. Campinas: Pontes Editores, 2011.

ROLNIK, R. As vozes das ruas: as revoltas de junho e suas interpretações. In: MARICATO, E. *et al.* (Org.). **Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2013. p. 9-20.

RUY, J. C. O gigante acordou em junho de 2013? **Portal vermelho**, jun. 2014. Disponível em: <<http://www.vermelho.org.br/noticia/244111-1>>. Acesso em: 05 nov. 2015.

SAKAI, D.R.F. Significação na língua e tema e ideologia no discurso: o medo na esquerda e na direita do campo político. In: MIOTELLO, V. (Org.). **Fios Ideológicos**. São Carlos: Pedro&João Editores, 2010. p. 37-45.

SAKAMOTO, L. Em São Paulo, o Facebook e o Twitter foram às ruas. In: In: MARICATO, E. *et al.* (Org.) **Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2013. p. 170-180.

SECCO, L. As jornadas de junho. MARICATO, E. *et al.* (Org.). **Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2013. p.124-138.

SÉRIOT, P. **Volosinov e a filosofia da linguagem**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SILVA, P. S. **Vozes silenciadas**. São Paulo: Intervezes, 2014.

SILVA, T. S. O gênero discursivo reportagem de revista: um estudo de suas características e análise de exemplares da revista IstoÉ. **Soletas Revista**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 191-206. 2012.

SIMÕES, C. A. C. Mídia alternativa e grande imprensa: as manifestações de junho na ótica do Brasil de Fato e da Folha de S. Paulo. **Democratizar**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 1-16, ago./dez. 2013.

SOBRINHO, W.P. **Saiba mais sobre os caras-pintadas**. 2008. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2008/04/397259-saiba-mais-sobre-os-caras-pintadas.shtml> . Acesso em: 4 nov. 2015

SOUSA, J. P. **Fotojornalismo: uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Porto, 2002. Disponível em:

<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-fotojornalismo.pdf>. Acesso em: 20 out. 2015

SOUSA, L. M. M.; AZEVEDO, L. E. **O uso de mídias sociais nas empresas: adequação para cultura, identidade e públicos**. In: IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, 2010, Rio Branco, AC. **Anais eletrônicos...** Rio Branco, AC, 2010. Disponível em: <[http://static2.inovacaoedesign.com.br/artigos\\_cientificos/Midias-sociais-cultura-identidadeepublico.pdf](http://static2.inovacaoedesign.com.br/artigos_cientificos/Midias-sociais-cultura-identidadeepublico.pdf)>. Acesso em: 4 nov. 2015

SOUSA, C. M.; SOUZA, A. Z. (Org.). **Jornadas de junho: repercussões e leituras**. Campina Grande: EDUEPB, 2013.

STAM, R. **Bakhtin: da teoria literária à cultura de massa**. São Paulo: Editora Ática, 1992.

STOCHERO, T. **Governo cria tropa de choque de 10 mil homens para protestos na Copa**. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2014/01/governo-cria-tropa-de-choque-de-10-mil-homens-para-protestos-na-copa.html>>. Acesso em: 12 out. 2015.

SZABIECKI, B. **Estética da multidão**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

TCHOUGOUNNIKOV, S. Por uma arqueologia dos conceitos do Círculo de Bakhtin: Ideologema, signo ideológico, dialogismo. In: ZANDWAIS, A. (Org.). **Mikhail Bakhtin: contribuições para a filosofia da linguagem e estudos discursivos**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2005. p. 11-40.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**. Petrópolis: Vozes, 1999.

TRESCA, L. C. Gênero informativo no jornalismo impresso – O estado da arte no Brasil. In: INTERCOM – SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO; CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA 5., 2007, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2007. p. 1-12.

VAINER, C. Quando a cidade vai às ruas. In: MARICATO, E. *et al.* (Orgs.). **Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2013. p. 62-72.

VIANNA, R. O gênero jornalístico informativo pela perspectiva do Círculo Bakhtiniano. In: BRAIT, B.; MAGALHÃES, A. S. (Org.). **Dialogismo: teoria e(m) prática**. São Paulo: Terracota Editora, 2014. p. 54-74.

VIEIRA, R. O. **O discurso citado em reportagens sobre a greve dos professores estaduais do Ceará em 2011: uma análise bakhtiniana**. 142 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013. Disponível em: <<http://www.uece.br/posla/dmdocuments/RafaelleOliveiraVieira.pdf>>. Acesso em: 1 out. 2015.

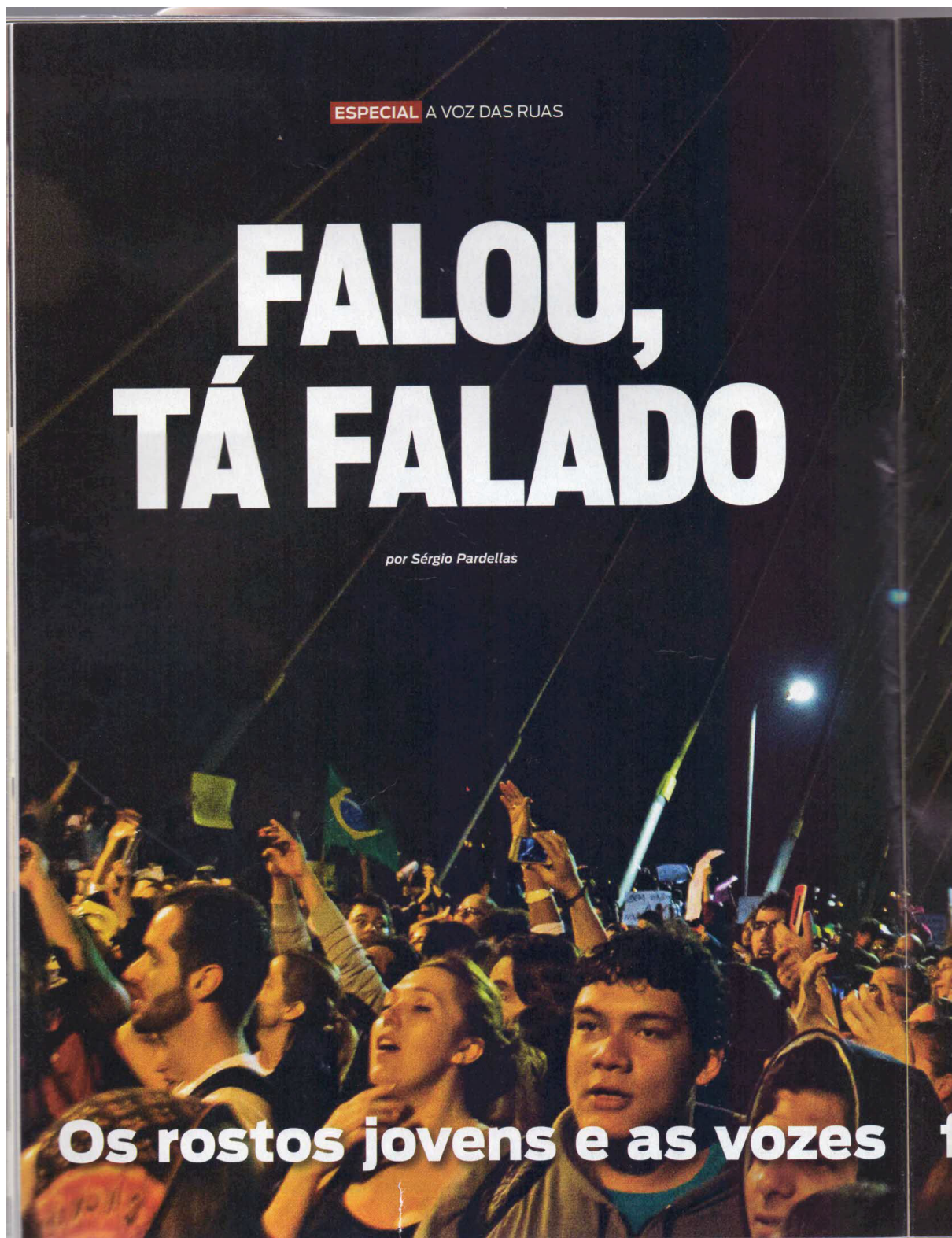
VOLANIN, L. **Poder e mídia**: a criminalização dos movimentos sociais no Brasil nas últimas trinta décadas. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/760-4.pdf>. Acesso em: 1 out. 2015.

WALSH, B. A noção de discurso na AD peuceutiana e na ACD de Fairclough e implicações nos diferentes modos de análise. **Raído**, Dourados, MS, v. 5, n. 9, p. 9-23, jan./jun. 2011.

ZANDWAIS, A. Bakhtin/Voloshinov: condições de produção de Marxismo e filosofia da linguagem. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin e o círculo**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 97-116.

## **ANEXOS**

ANEXO A



**ESPECIAL** A VOZ DAS RUAS

# FALOU, TÁ FALADO

por Sérgio Pardellas

Os rostos jovens e as vozes f



**São Paulo**

Na Ponte Estaiada, novo cartão-postal da cidade, o ápice da manifestação que reuniu 65 mil pessoas na segunda-feira 17

s firmes se multiplicaram,...

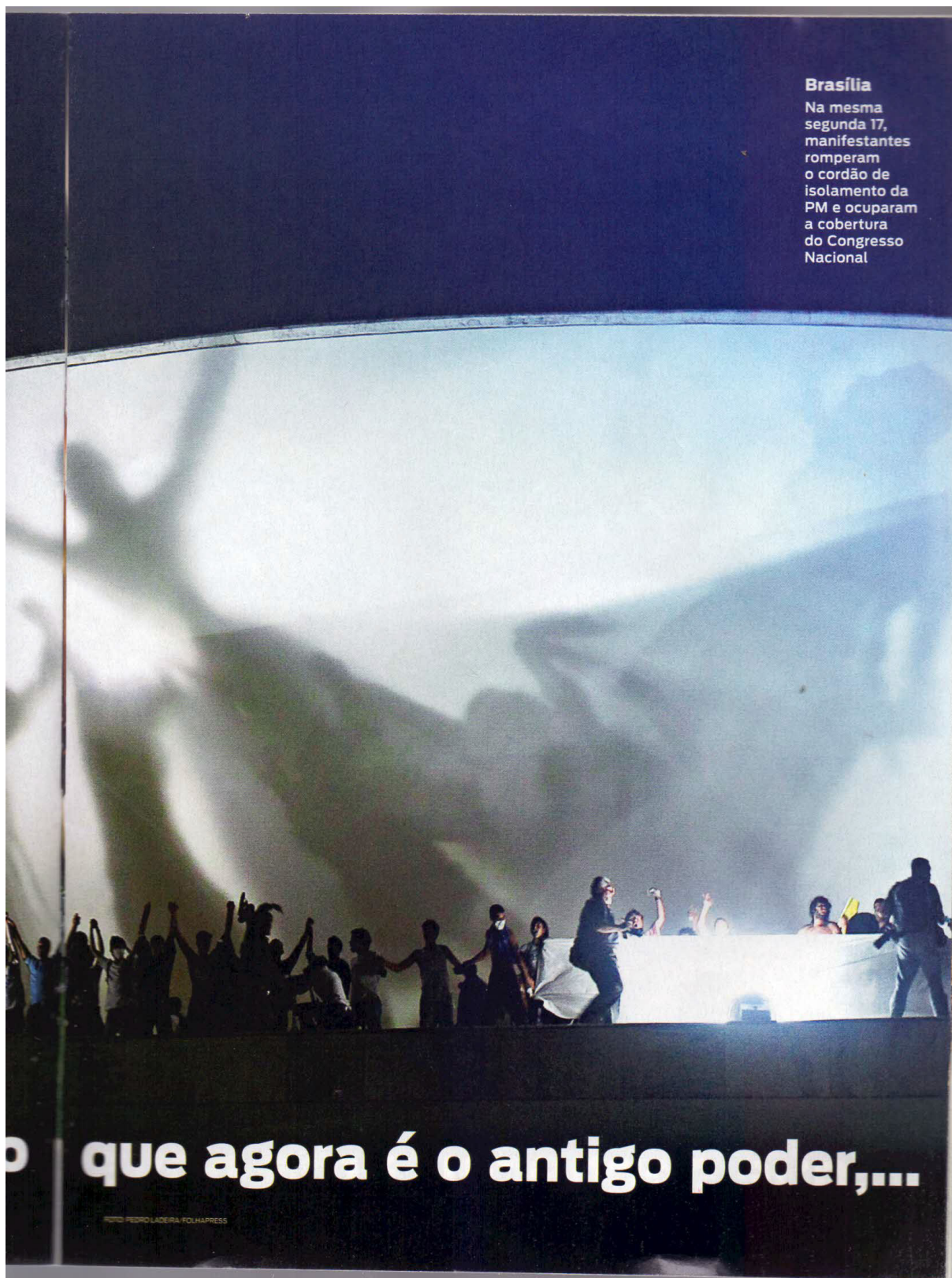
**ESPECIAL** A VOZ DAS RUAS



**...cresceram e assustaram o**

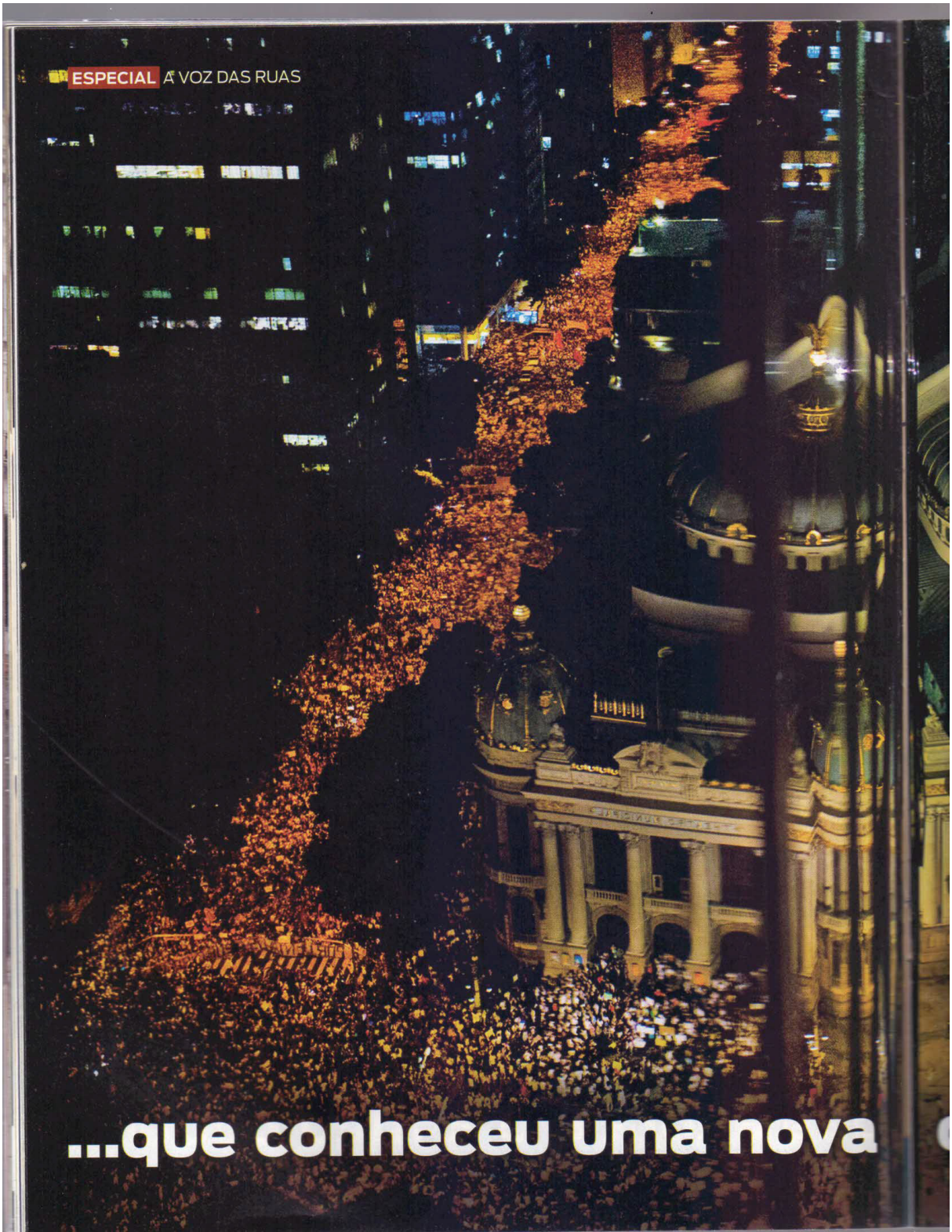
**Brasília**

Na mesma  
segunda 17,  
manifestantes  
romperam  
o cordão de  
isolamento da  
PM e ocuparam  
a cobertura  
do Congresso  
Nacional



o que agora é o antigo poder,...

FOTO: PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS



**ESPECIAL** A VOZ DAS RUAS

**...que conheceu uma nova**

**Rio de Janeiro**

100 mil pessoas caminham em paz pelo Centro na noite da segunda 17. Contra a corrupção, os gastos na Copa e o reajuste nas tarifas de ônibus, os cariocas tomaram a avenida Rio Branco e a Candelária

**a ordem: as ruas mandam!**

**ESPECIAL** A VOZ DAS RUAS


Junho de 2013 já fez história. É provável que, daqui a algumas décadas, brasileiros que tomaram as ruas do País no final do outono deste ano se reúnam num café, num boteco ou mais possivelmente na timeline de uma rede social para recordarem, cheios de orgulho, “daquele junho de 2013”. Quando se formaram multidões que, de um modo contraditório, pareciam gigantescas afirmações de individualidades. Com seus rostos únicos, bandeiras variadas, gritos independentes e gestos singulares. A completa expressão do novo. Daquilo que ninguém ousou prever e do futuro que ninguém assegurou adivinhar. Esses brasileiros se sentirão como a geração de 1968, que ainda cultiva as lembranças das heroicas passeatas contra a ditadura, como os manifestantes de 1984, que se emocionam com as imagens dos comícios das Diretas-já, e como os caras-pintadas de 1992, que decretaram o fim de um governo corrupto.

Não se pode subestimar o que já aconteceu nem convém ignorar o que ainda possa vir. Nas duas últimas semanas, com suas diferentes tribos e interesses assumidamente difusos, jovens emergiram das redes sociais, conseguiram levar mais de um milhão de pessoas às ruas, deixaram a classe política atordoada e fizeram com que prefeitos de 13 capitais e 65 cidades anunciassem a redução das tarifas de transporte público. A voz das ruas, que parecia anestesiada, se impôs. A opinião pública revelou sua força. Mesmo sem uma grande causa aglutinadora, fez reverberar por todos os cantos do País uma insatisfação latente que o poder institucionalizado desconhecia. Pelo menos 480 cidades participaram dos protestos. Os manifestantes transformaram as principais avenidas brasileiras em verdadeiros bulevares da liberdade de expressão. A nação acordou e, com o recuo dos governantes, descobriu que, sim, é possível provocar mudanças. Foi um daqueles momentos emblemáticos em que o povo mostra que as instâncias do poder constituído, de algum modo, descolaram-se de suas aspirações. “Trata-se da mais expressiva, surpreendente e rápida vitória popular de nossa história”, diz Rubens Figueiredo, diretor do Centro de Pesquisas e Análises de Comunicação (Cepac). Ele explica: “Expressiva por forçar a rendição dos titulares do Estado mais importante do País e de uma das maiores cidades do mundo. Surpreendente porque nem o mais atento analista seria capaz de prever o que aconteceu. E rápida, pois, em poucos dias, a coisa se resolveu”.

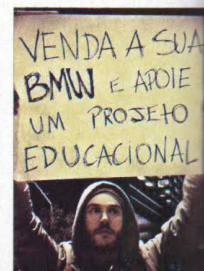
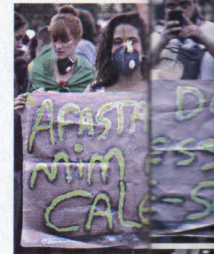
A velocidade com que as demandas das ruas forçaram a recuada das autoridades foi um triunfo. Apenas 13 dias depois da realização do primeiro ato na avenida Paulista, em São Paulo, contra o aumento das tarifas do transporte coletivo, convocado pelo Movimento Passe Livre

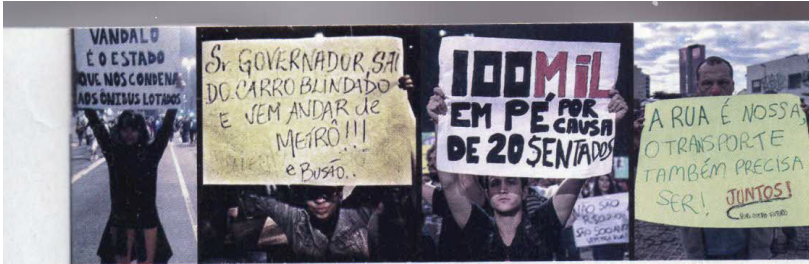
(MPL), o prefeito do Rio, Eduardo Paes (PMDB), o governador Sérgio Cabral (PMDB), o prefeito de São Paulo, Fernando Haddad (PT), e o governador paulista, Geraldo Alckmin (PSDB), anunciaram a completa revogação dos reajustes, tanto de ônibus urbanos como de metrô, trens metropolitanos e, no caso do Rio, das barcas. Em dezenas de cidades, administradores de todas as colorações partidárias se viram obrigados a seguir pelo mesmo caminho. Foi uma vitória e tanto para um movimento que, de início, era menosprezado, difamado como partidário e brutalmente reprimido. O show de violência po-

**CADA UM À SUA MANEIRA E COM SUA CALIGRAFIA, MANIFESTANTES LEVARAM PARA A CARTOLINA, COM HUMOR E INDIGNAÇÃO, AS MENSAGENS QUE JÁ NÃO CABIAM APENAS NO FACEBOOK**

licial com que o governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, brindou as manifestações de protesto da quinta-feira 13 serviu como impulso decisivo para que o protesto ganhasse adesões e força.

Os jovens, a maioria estudantes universitários, compõem o núcleo das manifestações. A eles, juntaram-se outros grupos, carregando todos os tipos de demandas e uma sensação de insatisfação generalizada. A diversidade de rostos indicou a pulverização de causas. Os manifestantes querem





**Mais do que R\$ 0,20**

A redução das tarifas de ônibus deu o mote para os primeiros atos. Com ela veio a discussão do modelo de transporte coletivo. E os veículos pararam para ver os cartazes passarem. Nas ruas ecoou a primeira vitória: passagens mais baratas



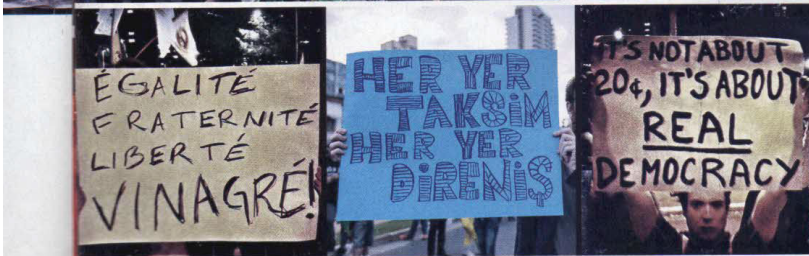
**A próxima causa**

Em meio à profusão de reivindicações, uma ganhou maior sentido de urgência: a votação da PEC-37, que restringe o poder de investigação do Ministério Público e dificulta o combate à corrupção. A voz das ruas manda dizer aos parlamentares: VOTEM NÃO! Vitória parcial, votação adiada.



**Como nossos pais**

A tinta no papel é fresca, mas as palavras remetem aos protestos de outras gerações. Refrões de velhas canções e gritos de guerra que desafiaram a ditadura foram encampados por quem nasceu bem depois dos anos de chumbo. E o hino nacional virou trilha sonora da "primavera brasileira"



**Made in Brazil**

Quando o mundo olha para você, é melhor se fazer entender. E, então, o português só não basta. Nas ruas brasileiras, em inglês, francês, alemão e até em turco (o outro idioma do momento na rede dos protestos), nossos jovens explicavam suas razões e conquistavam o apoio internacional



**O que você quer?**

Um enorme cardápio de pleitos foi aberto nas avenidas de todo o País. Carências, mazelas, desmandos, toda sorte de indignações foram temas das frases expostas. Pedidos em favor de melhor educação e saúde pública desfilavam lado a lado com ataques ao deputado Marco Feliciano



**A cara do movimento**

Novatos em manifestações políticas, os jovens de junho de 2013 expressaram seu repúdio à violência policial, rejeitaram os partidos e mostraram uma convicção: estavam começando a construir um novo Brasil

**ESPECIAL** A VOZ DAS RUAS

muito mais do que evitar um aumento de passagem. Eles sonham com um país melhor. Gritam contra a corrupção, contra os gastos públicos com a Copa do Mundo, contra a má qualidade de serviços públicos, contra a precariedade da saúde e da educação, contra a PEC 37 (projeto que busca tirar do Ministério Público o poder de investigação). Com essa demanda, por sinal, já vislumbram nova vitória. Escaldado com os protestos, o presidente da Câmara, Henrique Eduardo Alves (PMDB-RN), adiou a votação da PEC. Antes prevista para o dia 26, foi oportunamente transferida para a primeira semana de julho.

A atual onda de protestos é diferente em quase tudo das manifestações que o Brasil conheceu décadas atrás. O ex-líder estudantil Vladimir Palmeira, por exemplo, precisou dos centros acadêmicos politizados e dos sindicatos controlados pela esquerda para conseguir convocar,



**SENTIDO ÚNICO** Multidão de 30 mil pessoas fecha uma das pontes que ligam a ilha de Florianópolis ao continente na quinta-feira 20

em 1968, os manifestantes da Passeata dos 100 Mil, um dos marcos da luta contra a ditadura militar antes do AI-5. Era necessário promover pelo menos meia dúzia de passeatas até obter uma grande mobilização como aquela. Hoje, o local físico do manifesto são as redes sociais, sem fronteiras. Segundo a professora do Departamento de Pós-Graduação em Comunicação da Uerj, Alessandra

Aldé, não só o cenário político-social do Brasil mudou. "As redes sociais têm um papel importante nesse processo, porque permitem o envolvimento de pessoas que talvez não estariam engajadas politicamente. A troca de informação é muito mais intensa e permite chegar a outros grupos", diz ela. As passeatas não são mais embaladas por comícios, não há lideran-

**UM NOVO JEITO DE SE**

Anos 1960



Comícios

Uso de carros de som nas ruas para convocar e aglutinar manifestantes

Partidos políticos na linha de frente dos protestos

Lideranças bem definidas

Panfletos de convocação

Celebridades e artistas como expoentes

Havia uma causa central



**As conquistas do movimento**  
 A luta pela redução das tarifas de transporte público tomou o Brasil



**12** capitais reduziram as tarifas do transporte público ou barraram aumentos por conta dos protestos; Rio de Janeiro, São Paulo, Natal, João Pessoa, Curitiba, Recife, Cuiabá, Porto Alegre, Goiânia, Belo Horizonte, Campo Grande e Aracaju

Dezenas de municípios seguiram o mesmo caminho

**480**  
 Pelo menos cidades brasileiras tinham protestos organizados para os próximos dias

Quase **100** cidades registraram protestos só na quinta-feira 20. A maior manifestação aconteceu no Rio de Janeiro e reuniu, segundo a Polícia Militar, mais de 300 mil pessoas

A votação da PEC 37, que retira poder de investigação do Ministério Público, foi adiada após o descontentamento com a medida expressado por muitos manifestantes

ças com seus discursos inflamados sobre palanques ou ídolos mitológicos guiando pensamentos. Os fugazes gritos de guerra que surgem da multidão começam a ser cunhados no Twitter, no Facebook e no Instagram. Os procedimentos a serem adotados durante os protestos também são determinados pelas redes. Antes das manifestações das últimas semanas, a internet espalhou um manual para participantes nas ruas, com indicações sobre como "lidar com gás lacrimogêneo

e bombas". As redes também difundiram o mapa colaborativo da chamada "revolta do vinagre" – com locais de concentração em várias cidades e uma central de ajuda para participantes, informações sobre os pontos sem conflito potencial, rotas livres e socorro a feridos em confrontos. Os compartilhamentos impactaram potencialmente mais de 79 milhões de internautas.

O caráter apartidário é outra novidade dos protestos atuais. Há 30 anos não se viam manifestações de rua sem as bandeiras vermelhas do PT tremulando. Agora é tudo diferente, o que inquieta os políticos. Entre os manifestantes era possível ver cartazes que diziam "Nenhum partido me representa". Quem desfaldava bandeiras, mesmo de agremiações bastante vinculadas aos movimentos estudantis como PSOL, PSTU e PCO, acabava rechaçado pelos participantes. Na quinta-feira 20,

**SE MOBILIZAR E PROTESTAR**

Ano 2013

Sem líderes

Sem referências

Celebridades e artistas no meio da massa

Reivindicações múltiplas

Palavras de ordem rápidas disseminadas inicialmente pela internet

Movimentos independentes e apartidários

Utilização de megafone durante o protesto

Mensagens em redes sociais (celulares e foto digital)



FOTO: CHARLES GUERRA/AGÊNCIA RBS



na “manifestação da vitória”, na avenida Paulista, em São Paulo, estandartes petistas foram arrancados das mãos de militantes e rasgados. A determinação do presidente do PT, Rui Falcão, de levar seus correligionários à rua, após meses de abstinência forçada, quase degenerou em pancadaria. No Rio, bandeiras da CUT tiveram a mesma sorte.

A crise de representatividade dos partidos é uma resposta, em grande parte, a episódios recentes em que seus próprios líderes expõem a falta de compromisso com programas e bandeiras, necessários para o bom jogo político. E abre brecha para imagens preocupantes. Em Brasília, na semana passada, surgiu uma faixa que dizia: “Chega de políticos incompetentes! Intervenção militar já!” A mesma mensagem apareceu depois em São Paulo, assinada por militares aposentados que

fazem pregações autoritárias pelo País. A presença de grupos como esse – pequenos, mas barulhentos como os vândalos que espalharam violência pelas manifestações Brasil afora – revela uma face preocupante do movimento: a linha tênue do apartidarismo, que é positiva ao tentar evitar que os manifestantes virem massa de manobra das instituições, mas pode facilmente descambar para a manipulação por facções com interesses escusos. Os próprios líderes do MPL decidiram abandonar a passeata da quinta-feira em São Paulo e anunciaram na sexta que não convocariam novas manifestação, após identificarem a presença de infiltrados. “Militantes de extrema direita querem dar ares fascistas ao movimento”, afirmou o professor de história Lucas Oliveira, um

dos porta-vozes do MPL.

A diversidade de opiniões é encarada pelos manifestantes como virtude. A pedagoga Bernadete Franco foi para a passeata em São Paulo com o objetivo de protestar pela melhoria nas condições da educação no Brasil. “Dá uma felicidade ver essa gente toda aqui. São Paulo acordou e resolveu sair do Facebook para vir às ruas. O caráter difuso é nossa maior força”, disse Bernadete. A aposentada Estela Camargo, 60 anos, afirmou que protestava pelos altos impostos. “A gente paga educação e saúde duas vezes”, lamentou. “Para onde vai esse dinheiro?” Até estrangeiros resolveram se

## O QUE PENSAM OS QUE OCUPARAM AS RUAS NOS ANOS 1960



**ALFREDO SIRKIS,** deputado federal  
“É uma revolta difusa, com diversas reivindicações e uma predominante, a dos transportes. Por isso, é muito mais uma atitude que uma causa com foco. A horizontalidade é a força e a fraqueza do movimento.”



**CAETANO VELOSO,** cantor  
“Identifico-me com os manifestantes. Estão dando voz a sentimentos ainda inarticulados. Têm que nos fazer pensar. Relembro as passeatas dos anos 1960 e penso nos movimentos que se dão no mundo.”



**ÂNGELA LEAL,** atriz  
“Essa nova geração luta porque a liberdade está podre; luta contra a corrupção porque não dá para calar. Esses protestos já estavam fervilhando nas redes sociais e isso é a maior contribuição da internet.”



**EVA TODOR,** atriz  
“Não apoio as manifestações que estão acontecendo. Somos um País adiantado, pode-se protestar de outro jeito que não seja misturando povo com bandido, como está acontecendo. É muita baderna. Não estou de acordo.”



**FLAVIO TAVARES,** jornalista e escritor  
“Antes fazíamos manifestações contra o status quo e por liberdade. Hoje, jovens usam a liberdade para lutar contra o que herdamos da ditadura: o desprezo dos políticos pela política. O poder continua surdo.”



**CELEBRAÇÃO E TENSÃO** Líderes do MPL festejam redução da tarifa na quarta-feira 19 (à esq.). No dia seguinte, um jovem morreu em Ribeirão Preto e houve conflitos com militantes do PT em São Paulo

unir aos protestos. O gerente de marketing Batiste Denay, 25 anos, está no Brasil há um ano e meio e já se sente responsável por repetir aqui o que fazia na França, seu país de origem, quase todas as semanas: sair às ruas. "Nós, franceses, temos essa coisa de protestar. O mínimo que eu poderia fazer seria participar aqui também."

"A revolução contemporânea é a da incerteza", já definiu o filósofo francês Jean Baudrillard, um especialista em analisar o mundo interconectado que é a marca do século 21. E quando nesse tempo ainda surge algo com o signo inequívoco do novo, o destino é ainda mais imprevisível. Comparações com exemplos do passado são inúteis e talvez seja mais prudente olhar para o lado do que para o retrovisor. As redes sociais inspiraram o movimento

Occupy Wall Street e a chamada Primavera Árabe. Durante a revolta popular de 18 dias, ocorrida no Egito no começo de 2011, o Twitter e o Facebook facilitaram a organização de grandes manifestações, com seu epicentro na famosa Praça Tahrir, e funcionaram como plataforma para articular demandas políticas. Também há semelhanças visíveis com a efervescência popular na Praça Taksim, em Istambul, na Turquia. Aqui, como lá, os protestos atizados pelas redes sociais superaram em larga escala a fagulha

inicial que os provocou. Na Turquia, o estopim foi a ameaça de extinção pelo governo de um parque em Istambul. "Esses foram os motivos deflagradores dos protestos, mas não as causas", diz o sociólogo Demétrio Magnoli. "Em ambas as situações se confronta todo um sistema político, uma elite política inteira." No caso do Brasil, acredita Magnoli, tanto governo quanto oposição são alvo dos manifestantes. "É bom que ninguém se engane: o que os jovens estão dizendo é que as coisas não vão tão bem quanto estão dizendo para eles."

Para tentar explicar o que sacudiu o Brasil nos últimos dias, o professor do Instituto de Economia da UFRJ Luiz Carlos Delorme Prado recorre à figura do "efeito túnel" criada pelo economista Albert Hirschman, falecido no ano passado. Segundo Prado, era como se o Brasil estivesse num engarrafamento parado em duas pistas, estagnado desde a década de 1980.

## QUEM VIVEU O JUNHO DE 2013 SE SENTIRÁ COMO A GERAÇÃO DE 1968, QUE CULTIVA LEMBRANÇAS DAS PASSEATAS CONTRA A DITADURA

Como personalidades que lutaram contra a ditadura veem o movimento que tomou conta do País em 2013



**ÍTALA NANDI**, atriz  
"Estou feliz porque via o País numa mesmice diante de coisas graves na educação e na saúde, impostos altíssimos e nenhum retorno. É um absurdo os gastos para a Copa. Não tem mais como ser algo pontual."



**MILTON NASCIMENTO**, cantor  
"Ver a Cinelândia, a Praça da Sé e dezenas de outras cidades protestando foi incrível. Agora é hora de focar. Imagine milhões de pessoas exigindo a renúncia dos fichas-sujas e o fim das regalias parlamentares."



**NORMA BENGELL**, atriz  
"Essa manifestação é maravilhosa porque os jovens têm consciência do que acontece no Brasil. Essa consciência é consequência do que nós fizemos em 1968. Acho que as pessoas não vão se cansar de voltar às ruas."



**SILVIO TENDLER**, cineasta  
"Estou adorando essas manifestações, quero ver o povo na rua. A luta é por democracia, saúde, educação, contra essa ganância na Copa. Estou feliz com a compreensão de que as manifestações ampliam o debate."



**VLADIMIR PALMEIRA**, ex-deputado federal  
"O governo federal começou mal com as declarações do ministro Eduardo Cardozo, que se solidarizou com a PM do Alckmin, assim como o prefeito de São Paulo, Fernando Haddad. Eles têm de reconhecer o movimento de massa que está na rua."

**ESPECIAL** A VOZ DAS RUAS

## ÀS MÃES DAS PRAÇAS DE JUNHO

Além do levante nas ruas, alguma coisa acontece com nossos filhos adolescentes dentro de casa: nasce a geração Coca-Cola com Mentos

Juntei-me à multidão em São Paulo com uma credencial a mais: mãe de manifestante. Enquanto meu filho de 17 anos era parte da massa de protesto e percorria com amigos da escola dez quilômetros do Largo da Batata até a avenida Paulista, percebi que eu estava ali não só para ver um momento histórico. Tentava dissipar um misto de orgulho e apreensão. O prazer de ver um filho nascer como ser político coincidia com o receio de vê-lo no meio de um confronto com a PM. "Tô vivo. Já deu, né?", ele me respondeu por torpedo após meu quarto SMS para saber do seu paradeiro. Disfarcei: "É que também estou por aqui". Àquela altura, gritavam palavras de ordem como "O Brasil acordou". Na avenida Paulista, constatei que não estava sozinha nos meus temores. Uma menina com cartaz na mão escreveu: "Mãe, um dia você vai entender que eu vim pra cá por você também". Que alívio.

Todos se encontravam desesperançados com a má distribuição de renda e a falta de acesso aos bens de consumo e serviços públicos, mas permaneciam resignados, já que ninguém se movia. Uma das pistas começa, então, a andar e os que permanecem na outra, que não se movimentam, se frustram e passam a exigir o movimento daquela fila. "Nos últimos 15 anos houve uma grande melhoria na qualidade de vida de uma parcela da população tradicionalmente excluída", diz o economista. "A fila andou, mas a qualidade de vida de outros segmentos da população não melhorou proporcionalmente, porque a oferta e a qualidade dos serviços públicos não acompanharam." Hoje, segundo Prado, a percepção da população sobre os partidos políticos é de que eles não têm projetos que atendam às suas novas demandas. "O protesto não é fruto da miséria, mas do progresso insuficiente", diz ele.

Não nos encontramos nas ruas, mas houve um encontro maior depois do ato público.

Bonito enxergar a revolução particular que acontece dentro de muitas casas. De repente, surge a veia do ativismo em meninos que não viram o protesto dos cara-pintadas há 21 anos, nasceram longe dos anos de chumbo e pouco sabem sobre as mães da Praça de Maio. Tão bom quanto ir à manifestação é discutir com seu filho os bastidores do protesto, vê-lo exultante, abraçando causas, interessado em política, em ver o noticiário. Ele e milhares de jovens saíram mesmo do Facebook. "Pusemos Mentos na geração Coca-Cola", brincou ele, em alusão à bala de menta que reage explosivamente à Coca-Cola. Na noite da quarta-feira 19, após o anúncio da redução das tarifas de



Até quando durará o fôlego das ruas não se pode prever. Os protestos pararam o País, situação que, se perdurar, não ajudará evidentemente qualquer agenda por mais progresso e bem-estar da população. E esse é apenas um dos dilemas que se colocam daqui para a frente. É fundamental ainda que sejam coibidos com rigor os atos de vandalismo que a imensa maioria dos manifestantes não se cansa de condenar e que apavoram a nação. Uma mudança no modo de lidar com os anseios populares também se

**A POLÍTICA BRASILEIRA DEIXOU DE SER ALGO ESTÁTICO. SERÁ IMPOSSÍVEL, EM 2014, NÃO TER EM MENTE O QUE ACONTECEU NAS DUAS ÚLTIMAS SEMANAS**

ônibus, comemoramos a vitória com sorrisos cúmplices. Vi nos olhos dele o gosto de sentir-se parte do poder que emana do povo. "Olha os novos objetivos do movimento", avisou. Mostrou um post no Facebook que listava metas, como o "Não à PEC 37". O grau de interesse pelos assuntos do País subiu vertiginosamente. Assistimos ao noticiário e às análises na tevê. Às 7h da quinta-feira 20, o jornal impresso foi para dentro da mochila, coisa rara nessa geração.

Pensei nas mães da Praça de Maio, que até hoje protestam em nome de seus filhos desaparecidos na ditadura argentina. Imaginei o que elas pensavam quando seus filhos começaram a ir para as ruas. Mas é outra época. É fantástico fazer parte da legião de mães das praças de junho, todas as praças do Brasil repletas de multidões nesta chegada de inverno. Nasce a geração Coca-Cola com Mentos, e ainda nem chegamos na primavera.

Gisele Vitória

**ORGULHO E RECEIO** Nos atos paulistas, elas formaram o bloco do coração dividido

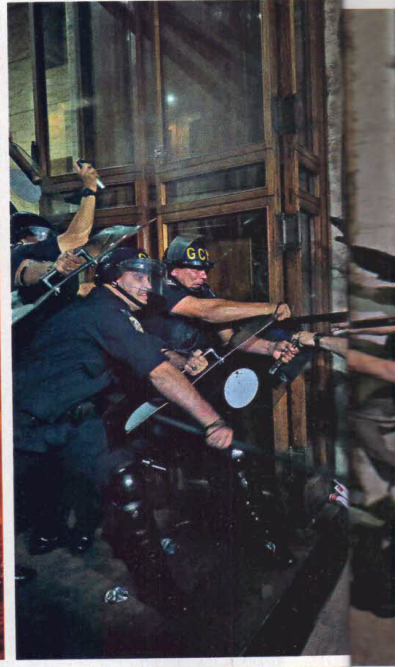
impõe. A política nacional que parecia estática, engessada no embafe entre PT e PSDB, se moveu. Agora ela precisará levar em conta que a rua se sente poderosa e decidida a fazer valer sua vontade. Será uma imprudência entrar num processo político sem ter em mente o que ocorreu nas últimas duas semanas. No ano eleitoral de 2014 não caberão mais discursos desconectados como os que foram entoados na última semana. Forçados a rever o aumento das passagens, autoridades disseram que, para reduzir tarifas, teriam de rever investimentos. Pois não entenderam nada: o grito da opinião pública foi justamente uma condenação das prioridades de gastos que seus governos vêm adotando. É necessário que todos

entendam: a capacidade de mobilização das redes sociais não tem limites e seu poder é transformador. Ali se expressa a insatisfação, se mobiliza e se constrói, em tempo real, a história moderna. ■

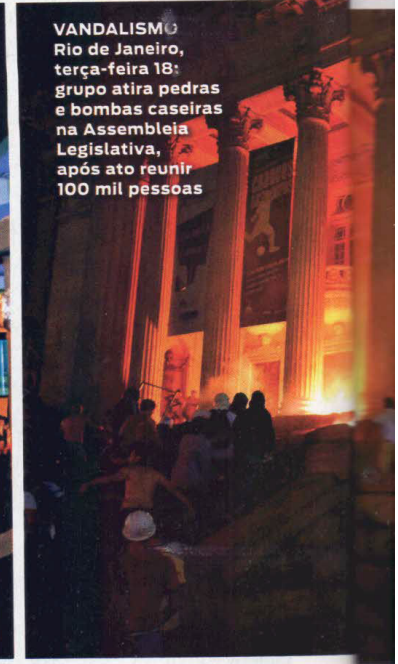
ANEXO B



**INCÊNDIO**  
Brasília,  
quinta-feira 20:  
baderneiros  
botam fogo e  
tentam invadir  
o Palácio do  
Itamaraty



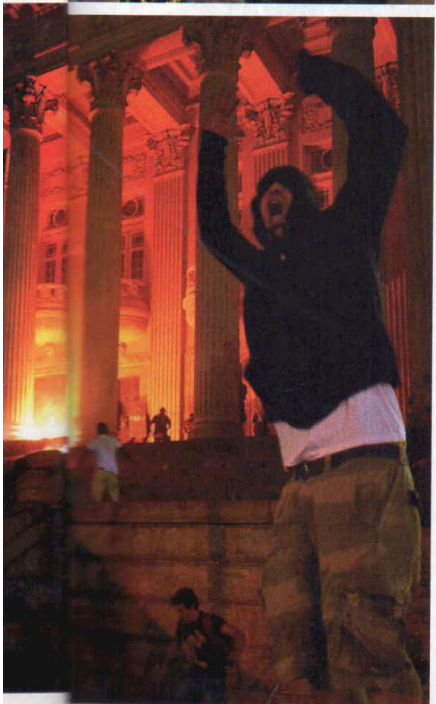
**INVASÃO**  
São Paulo,  
segunda-feira 17:  
vândalos tentam  
entrar no Palácio  
dos Bandeirantes,  
sede do governo  
do Estado



**VANDALISMO**  
Rio de Janeiro,  
terça-feira 18:  
grupo atira pedras  
e bombas caseiras  
na Assembleia  
Legislativa,  
após ato reunir  
100 mil pessoas



**AMEAÇA**  
São Paulo, terça-  
feira 18: jovens  
derrubam barreira  
e investem contra  
guarda civil na  
entrada da  
prefeitura



**ESPECIAL** A VOZ DAS RUAS

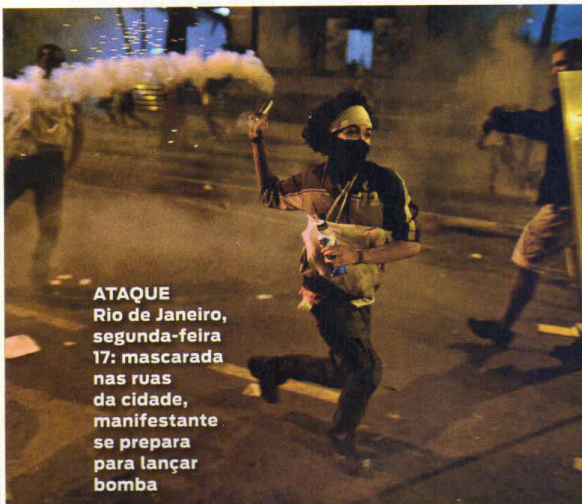
# APESAR DE VOCÊS

**Oportunistas, baderneiros e ladrões se infiltram no legítimo movimento social para tirar vantagens ilícitas. Precisam ser contidos**

*Nathalia Ziemkiewicz*

**N**os movimentos que ganharam as ruas nos últimos dias, a imensa maioria era de manifestantes pacíficos que empunhavam cartazes com palavras de ordem e pregavam “sem violência”. Mas bandos pequenos, dispostos a promover a quebraadeira e o vandalismo por onde passavam, misturaram-se a eles. Na quinta-feira 20, nem o belo Palácio do Itamaraty, em Brasília, uma das obras-primas do arquiteto Oscar Niemeyer, foi poupado. Baderneiros ocuparam as rampas, lançaram objetos contra a fachada de vidro do palácio, fizeram fogueiras, subiram na escultura meteoro, de Bruno Giorgi, e pressionaram para entrar. Quase 30 pessoas ficaram feridas. Cenas de brutalidade de minorias como essa se repetiram por todo o País. A cidade do Rio de Janeiro contabiliza os prejuízos após o protesto que reuniu 100 mil na segunda-feira 17 nas proximidades da Assembleia Legislativa. Um grupelho de mascarados alvejou a construção centenária com pedras e bombas caseiras, deixando um rastro de destruição avaliado em R\$ 2 milhões. No dia seguinte, São Paulo foi alvo da ação dos vândalos e ladrões que tentaram depredar a prefeitura, picharam o prédio histórico do Theatro Municipal e saquearam lojas. Nas grandes manifestações pelo Brasil na quinta-feira 20, ônibus, agências bancárias e prédios públicos foram destruídos em várias capitais. Dezenas de pessoas foram atendidas em hospitais. Mais impactantes que as caminhadas ordeiras, as cenas de confrontos, fogo e depredação, sempre no fim de atos com tom pacífico, correram o mundo. Apesar dos arruaceiros, porém, não é essa a imagem que vai ficar dos protestos, mas sim a do repúdio dos manifestantes à minoria violenta. No centro de São Paulo, por exemplo, a ala pacífica chegou a formar um cordão humano para proteger os policiais que guardavam a prefeitura dos vândalos.

As manifestações contra o aumento das tarifas de ônibus e metrô, que começaram diminutas em São Paulo há duas semanas, ganharam impulso e solidariedade de outros municípios após a ação truculenta da polícia paulista. A população da metrópole passou a aceitar conviver com passeatas quase diárias, que complicavam ainda mais o caótico

**ESPECIAL** A VOZ DAS RUAS

**ATAQUE**  
Rio de Janeiro,  
segunda-feira  
17: mascarada  
nas ruas  
da cidade,  
manifestante  
se prepara  
para lançar  
bomba



**SAQUE**  
São Paulo,  
terça-feira 18:  
menos de  
100 pessoas  
instalam  
o caos no  
Centro e  
dezenas  
de lojas são  
depredadas  
e saqueadas



**DESTRUIÇÃO**  
Porto Alegre,  
segunda-feira  
17: ônibus  
são alvo  
dos ataques  
de pessoas  
infiltradas  
no movimento  
pela melhoria  
do transporte  
público e  
redução  
da tarifa

trânsito, em nome de uma bandeira considerada justa. Mas nenhuma cidade brasileira irá aceitar a ação de grupos interessados apenas em instaurar a balbúrdia e espalhar o caos. A sociedade civilizada não permite isso. E incendiar ônibus e quebrar estações de metrô não interessa a quem efetivamente depende do transporte público. Cabe ao Movimento Passe Livre, catalisador das manifestações, ir além da burocrática declaração de que não consegue controlar a multidão e pensar numa estratégia para expurgar essas pessoas dos protestos.

Entre os vândalos, há de anarquistas a ladrões que se aproveitam do caos. Grupos de extrema esquerda ou direita que se infiltram com os objetivos mais escusos. Isso ocorre no mundo todo. Durante protestos no Egito, foram roubadas obras valiosíssimas do Museu do Cairo, por exemplo. O problema é que, nos episódios recentes no Brasil, os policiais demoraram a agir, dentro do respeito à legislação, contra esses arruaceiros. Eles eram facilmente identificáveis por intermédio de fotos e vídeos transmitidos pela internet e pela tevê. Para o professor de história da Universidade Federal do Rio de Janeiro Francisco Carlos Teixeira, um dos maiores problemas é o despreparo da polícia brasileira na mediação de conflitos. “Nos últimos acontecimentos, ela passou da brutalidade para a omissão, sem

## **A SOCIEDADE CIVILIZADA NÃO ACEITA CONVIVER COM VÂNDALOS CUJOS OBJETIVOS SÃO INCITAR A VIOLÊNCIA, DEPREDAR O PATRIMÔNIO PÚBLICO E ESPALHAR O CAOS**

considerar o meio-termo”, diz, lembrando a transição de conduta – das balas de borracha do início aos braços cruzados diante do quebra-quebra no centro de São Paulo. “Ambas as atitudes desmoralizam o Estado.”

Falta também planejamento, segundo o especialista em segurança pública Robson Sávio, professor de estudos sociopolíticos da Universidade Federal de Minas Gerais. Não basta aumentar o efetivo policial nas ruas. Medidas simples de prevenção evitariam prejuízos maiores. O serviço de inteligência poderia se antecipar às manifestações, indicando e preparando os locais que servirão como ponto de encontro ou passagem. No Carnaval, por exemplo, o Rio de Janeiro preserva as fachadas de prédios históricos com tapumes. Se for necessária a intervenção da Tropa de Choque, que ela imponha sua autoridade apenas batendo cassetetes em escudos, sem atirar bombas de gás lacrimogêneo ou balas de borracha de forma indiscriminada, o que contraria normas e procedimentos internacionais (*leia mais na pág. 86*). “Em vez de criar grupos de repressão, a polícia deveria formar agentes para a mediação de conflitos”, afirma. “Sair da postura reativa e partir para o diálogo.” Diálogo entre todas as forças policiais para alinhar os protocolos de ação e com as lideranças do movimento para identificar os criminosos, separando-os da massa pacífica. ■

FOTOS: CHRISTOPHE SIMON/AFP PHOTO; WESLEY SANTOS/AG. GLOBO; WARLEY LEITE/FOLHAPRESS

## ANEXO C

**ESPECIAL** A VOZ DAS RUAS



# O GRANDE LÍDER

#vempraru 

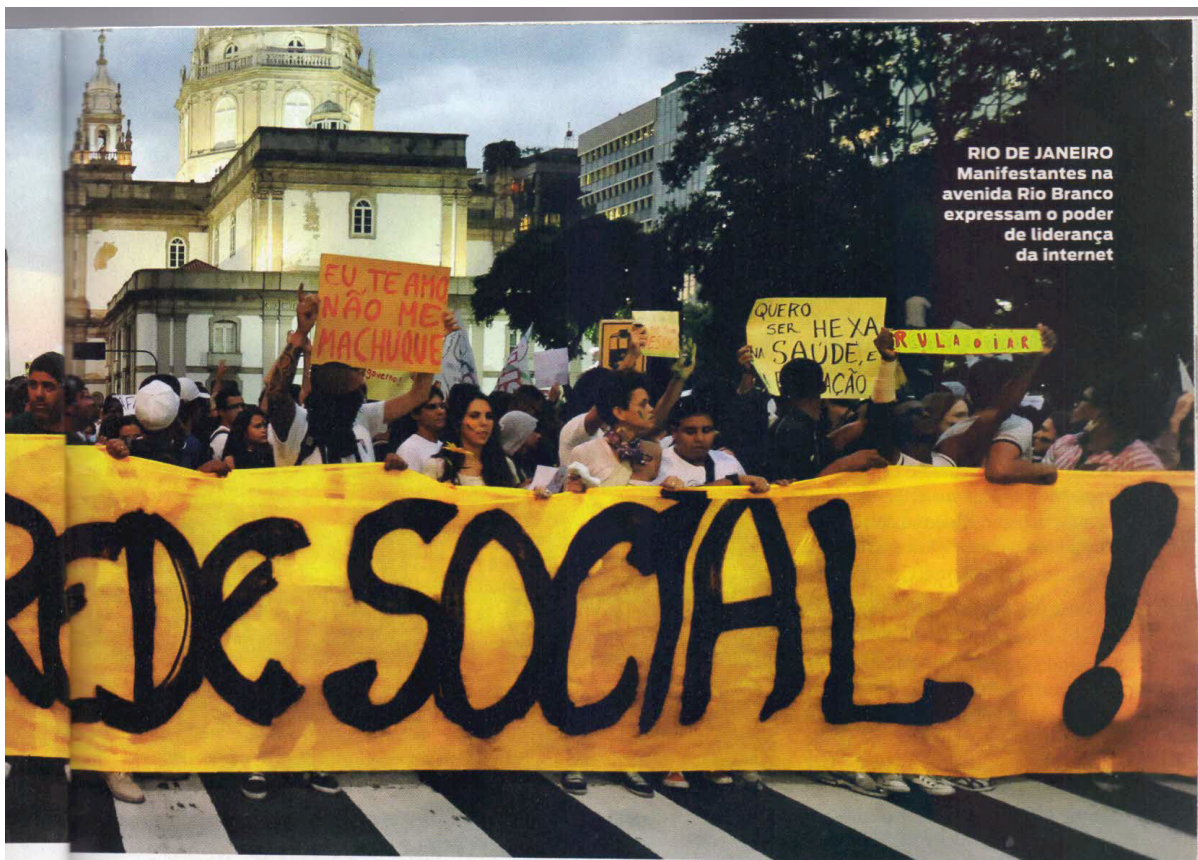
**Mariana Queiroz Barboza**

**D**e todas as transformações desencadeadas pela internet nos últimos anos, talvez a mais extraordinária de todas esteja em curso neste exato momento. Se é verdade que todo grande movimento popular é resultado da força magnética de um líder, agora é possível afirmar que a onda de protestos se deve ao poder irresistível de um novo tipo de liderança. Os gritos de guerra não surgem mais em assembleias. As bandeiras não se submetem ao escrutínio de encontros às escuras de jovens revolucionários. As ações deixaram de ser planejadas em aparelhos partidários. Na segunda década do século 21, os movimentos populares nascem, amadurecem e avançam de forma avassaladora no universo quase ilimitado das redes sociais. Os protagonistas da indignação atendem pelo nome de Facebook, Twitter, Tumblr, WhatsApp e YouTube, os canais de comunicação mais usados pelos manifestantes para plantar suas ideias, arregimentar seguidores e agendar passeatas e ondas de revolta que paralisaram o Brasil, especialmente na semana passada. A hashtag (símbolo

78 ISTO É 2275 26/6/2013

FOTOS: FABIO MOTTA/ESTADÃO CONTEÚDO; ISABELLE ANDRADE/BRAZIL PHOTO PRESS/FOLHAPRESS





**RIO DE JANEIRO**  
Manifestantes na  
avenida Rio Branco  
expressam o poder  
de liderança  
da internet



## A onda de protestos que varreu o Brasil nos últimos dias é resultado da força avassaladora das redes sociais, que semeiam ideias, arregimentam seguidores e convocam passeatas gigantescas

equivalente ao jogo da velha e que é usado para agregar conteúdo na internet) #VemPraRua se tornou febre nacional. Na noite da quinta-feira 20, depois de uma convocação massiva nas redes sociais, as ruas brasileiras receberam, em diversas cidades, mais de um milhão de manifestantes. "Diante de um movimento horizontal, sem cara nem líder,

**SÃO PAULO** Ato na terça-feira 18 teve dois milhões de convidados

a internet passa a ser o principal meio de divulgação, porque é rápida, relativamente barata e produz bom retorno", diz Maria do Socorro Braga, professora do Departamento de Ciência Política da Universidade de São Paulo. "Ela dá uma dinâmica à democracia que os partidos não conseguem oferecer." O mesmo já havia acontecido, nos últimos dois anos, durante a Primavera Árabe, o Ocupe Wall Street e as revoltas de Londres. "A internet é a soma de opiniões privadas

**ESPECIAL** A VOZ DAS RUAS

sem a união de uma temática pública”, afirma o sociólogo Fábio Gomes.

A dimensão das manifestações no Brasil mostra que a organização política nas redes sociais é provavelmente um caminho sem volta e os governantes que não tiverem sensibilidade para detectar esse fenômeno serão condenados ao desaparecimento. Um exemplo recente: o primeiro-ministro turco, Recep Tayyip Erdogan, culpou o Twitter pela série de protestos que tomou seu país no início do mês e ordenou a prisão de dezenas de ativistas sob a acusação de incitarem protestos pela rede social. Resultado: as manifestações só cresceram. Na Itália, o novato Movimento 5 Estrelas, liderado pelo comediante Beppe Grillo, surpreendeu ao receber um quarto dos votos nas eleições parlamentares, em fevereiro. O partido, que propõe uma forma de democracia direta via internet, usou as redes sociais para angariar simpatizantes e eleitores, num momento em que as filiações partidárias não param de cair. Grillo tem mais de um milhão de fãs no Facebook e no Twitter e seu blog é um dos mais lidos do país. No Brasil, o recado foi dado. Segundo pesquisa do Instituto Datafolha publicada na quarta-feira 19, as redes sociais são a instituição com mais prestígio entre os paulistanos (65%). Para 72% dos que responderam



## MUNDO SEM FRONTEIRAS Em Londres (acima) os brasileiros expressaram apoio e incluíram

à pesquisa, as redes têm mais influência na sociedade do que as Igrejas Católica (34%) e Universal (32%).

O primeiro estudo empírico que analisa os mecanismos por trás dos recrutamentos nas redes sociais foi conduzido por um grupo da Universidade de Oxford, no Reino Unido, e publicado no jornal “Scientific Reports”, em dezembro de 2011. Os pesquisadores examinaram o Twitter durante os protestos que tomaram 59 cidades na Espanha em maio daquele ano. A mobilização tinha por objetivo criticar a resposta política à crise financeira, o que posteriormente inspirou o Movimento Ocupe Wall Street, nos Estados Unidos. “Ao examinar o comportamento coletivo dos internautas, estabelecemos que a maioria das pessoas

é influenciada pelo que aqueles ao redor delas fazem”, concluiu a coordenadora do estudo, Sandra Gonzalez-Bailon. A pesquisa analisou o comportamento de 87.569 usuários e rastreou 581.750 mensagens sobre os protestos disparadas durante 30 dias. Sua equipe viu que, quando as pessoas recebem muitas mensagens convocando para atos num curto espaço de tempo, elas tendem a responder a isso como uma “aparente urgência” e se juntam ao movimento. “Isso cria recrutamentos explosivos que se traduzem numa cascata global com efeitos verdadeiramente dramáticos, como se viu na onda de ocupações que se seguiu”, diz Sandra. Em São Paulo, a cada minuto, quase 600 pessoas no Facebook foram convocadas para a manifestação



**FÁBRICA NO RIO DE JANEIRO (AO LADO) PRODUZ MÁSCARAS DE GUY FAWKES, ATIVISTA CONDENADO À MORTE APÓS TENTAR EXPLODIR O PARLAMENTO BRITÂNICO NO SÉC. 17. FOI RETRATADO NO FILME “V DE VINGANÇA” E VIROU SÍMBOLO DE LUTA NAS REDES SOCIAIS**

## ANEXO D

ESPECIAL A VOZ DAS RUAS



**ISTO É**  
A VOLTA DA REPRESSÃO

REGISTRO  
Imagem da capa de ISTO É reflete apenas uma parte da agressão sofrida por Gabriela

# O RETRATO DA COVARDIA

## A estudante universitária Gabriela Lacerda conta como se tornou símbolo da violência gratuita da Polícia Militar de São Paulo

Laura Daudén

**N**a noite da quinta-feira 13, a tropa de choque da Polícia Militar não se intimidou diante das câmeras que filmavam e fotografavam o quinto grande protesto em São Paulo. Apesar da profusão de imagens e histórias de violação que emergiram naquela noite, uma cena conseguiu reunir, sozinha, o sentimento de assombro e vulnerabilidade diante da truculência da PM: é a que mostra a estudante universitária Gabriela Lacerda, 24 anos, e seu namorado, Raul Longhini, 20 anos, sendo covardemente

agredidos por um policial em um bar da avenida Paulista, que horas antes havia sido palco de enfrentamento entre policiais e manifestantes. A imagem foi estampada na capa da última edição de ISTO É, exatamente por simbolizar tudo o que o brasileiro não quer: a volta da repressão.

FOTOS: PESSOAL/AL E FÉRE ASSOCIATED/GETTY IMAGES

A estudante universitária de rídeo e tevê que nasceu em Macapá, no Amapá, e se mudou para São Paulo há três anos, agora, transformar seu drama em justiça. "Temos uma chance de dar uma lição no Estado, de mostrar que ele tem de nos respeitar, assim como nós a ele. Não vou deixar assim", diz. No dia seguinte à agressão, ela e Raul registraram boletim de ocorrência e receberam orientações dos advogados que prestam assistência jurídica ao Movimento Passe Livre. "Eu processarei o Estado porque as agressões também aconteceram contra muitas outras pessoas que não têm as provas necessárias para identificar seus agressores. E eu tenho." O policial que aparece nas imagens agredindo o casal não teve o nome revelado pela corporação e não portava a identificação obrigatória no uniforme. Questionada, a Polícia Militar limitou-se a afirmar que as denúncias de abuso serão apuradas pelo Corregedoria. Nada disseram sobre o fato de o policial não estar identificado, prática que só é usada em combate ao crime organizado, para preservar o agente do Estado. Não há motivos para essa ação quando a missão é acompanhar legítimos movimentos sociais.

Enquanto a justiça não vem, Gabriela elucida o que viu e sentiu naquela noite. Era a primeira vez que ela se juntava ao

coro do MPL. "Eu utilizo o transporte público todos os dias e o aumento ia doer no meu bolso", diz. "Fui de coração aberto, sem motivo para brigar com ninguém. Fui para gritar um pouco, para ver se eles olham para a gente." Ela conta que estava com o namorado e com um grupo de amigos quando a manifestação foi violentamente barrada pela Tropa de Choque. "A praça Roosevelt, no centro, parecia um campo de

Eles mandaram a gente parar e nos revistaram. Xingaram como se fôssemos vândalos." O grupo então decidiu seguir para a Paulista. Depois de mais uma abordagem da PM, dessa vez em frente ao Masp, eles decidiram parar no bar Charme da Paulista. A manifestação havia terminado e a avenida já estava liberada quando os policiais chegaram. Ao grito de "vergonha" dado por alguém, começou o ataque. "Der-

rubaram os copos das mesas com os cassetes e mandaram que todos saíssem. Meu namorado foi lá fora reclamar da truculência e pedir calma. O PM começou a

## "TENHO AS PROVAS NECESSÁRIAS PARA IDENTIFICAR MEUS AGRESSORES E VOU PROCESSAR O ESTADO DE SÃO PAULO POR ISSO"

guerra. Os policiais soltavam bombas em uma quantidade desnecessária e disparavam balas de borracha na direção do rosto, a uma distância curtíssima. Eu presenciei tudo." Depois da botalha na altura da rua Maria Antônia, ela e o grupo seguiram para a avenida 9 de julho até alcançarem a rua Rocha, na Bela Vista, onde ela mora. Ali aconteceu a primeira abordagem. "Havia quatro viaturas da Força Tática,

bater", diz. Durante a agressão, Raul tropeçou em uma grade de ferro que havia sido derrubada pelos próprios policiais e Gabriela, que já havia sido agredida e ofendida por uma policial que não aparece na imagem, caiu junto com ele. "O policial continuou batendo enquanto estávamos no chão." E só parou depois de perceber que estava cercado por veículos de comunicação, que captaram tudo. ■



Camilla Vecchia



Mayana Nalva



Wagner Santisteban



Fernanda Rodrigues



Ingra Liberato



Thiago Amaral



Ygorrin Brusil



Yuel Sardenberg

## OLHO POR OLHO

Maquiados com olho roxo, atores e modelos participaram do protesto fotográfico "Dói em todos nós", do fotógrafo Yuel Sardenberg, em solidariedade à repórter da "Folha de S.Paulo" Giuliana Vallone (foto maior), atingida por uma bala de borracha no olho, na quinta-feira 13

## ANEXO E

ESPECIAL A VOZ DAS RUAS



**POVO NA RUA**  
Protesto contra os gastos com a Copa começou no sábado 15 e se espalhou pelas capitais onde há jogos



# PADRÃO FIFA

A Copa das Confederações vira alvo de manifestações pelo custo excessivo das obras diante da baixa qualidade dos serviços públicos do País

Natália Mestre

**E**m outubro de 2007, quando o Brasil foi confirmado como sede da Copa de 2014, o povo comemorou. Talvez não soubesse ao certo as consequências dessa decisão. Passados seis anos, o quadro é outro. As manifestações que tornaram conta do País nos últimos dias não pouparam a Copa do Mundo e a das Confederações. Por todos os lados, cartazes como "Copa é prioridade, Brasil?", "Queremos escolas padrão Fifa", "Da Copa eu abro mão, quero dinheiro para a saúde e a educação" deici-

ram claras duas questões. A primeira é que os custos elevados e muitas vezes superfaturados dos estádios e de outras obras relacionadas ao evento não têm a aprovação popular. Eles estão desconfortáveis com os R\$ 28 bilhões investidos nos torneios (R\$ 8,5 bilhões só para os estádios). Esse valor supera o

custo das últimas três Copas juntas.

A outra questão diz respeito ao chamado padrão Fifa. Na verdade, o que se revela nas manifestações é uma crítica ao baixo nível dos serviços públicos como educação e saúde. O padrão Fifa - que prevê estádios com instalações impecáveis, banheiros limpos, lugares marcados, monitores treinados, entre outras exigências para o bom atendimento aos espectadores - é visto como uma espécie de selo de qualidade por sua organização, segurança e conforto, algo que deveria ser corriqueiro no serviço público.

Cidades-sede da Copa das Confederações têm assistido a sucessivos embates entre milhares de manifestantes e a polícia nas redondezas dos estádios nos dias de jogo. "É um grito pela justiça de todos que foram expulsos das suas casas para a construção de novas obras para o torneio, somado ao sentimento de revolta

pelo mau uso do dinheiro público", explica Pedro Fassoni Arruda, professor de ciências políticas da Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo. Diante dos gastos astronômicos e das inúmeras necessidades do País, muitos questionam o retorno efetivo que os eventos trarão.

A julgar pelos primeiros números disponíveis, os críticos parecem ter razão. A abertura da Copa das Confederações em Brasília, no sábado 15, deu prejuízo ao governo do Distrito Federal. Foi gasto

o dobro do valor que o evento trouxe à cidade. Segundo a Secretária de Turismo do DF, a abertura do Mundial injetou na economia local R\$ 22 milhões com a movimentação da rede hoteleira, restaurantes e comércio,

mas custou quase R\$ 42 milhões aos cofres públicos. "O brasileiro está percebendo que o dinheiro que saiu do seu bolso não terá o retorno esperado", diz a professora Heloisa Baldy dos Reis, especialista em sociologia do esporte da Universidade de Campinas. "É a percepção de que o tão prometido legado positivo da Copa não irá se confirmar." ■



Parceiros:



PETROBRAS

60 anos